UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História Social

Ilana Waingort Novinsky

EDITH STEIN (1891-1942)
em busca da verdade em tempos sombrios
(versão corrigida)

São Paulo
2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História Social

Ilana Waingort Novinsky

EDITH STEIN (1891-1942)
em busca da verdade em tempos sombrios
(versão corrigida)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof^a Dr^a Maria Luiza Tucci Carneiro

Co-Orientador: Prof. Dr. Gilberto Safra

São Paulo

2011

A meu pai, Mauricio (in memoria)

A minha mãe, Anita

A minha filha, Ana

1. Edith Stein estudante em Göttingen, verão de 1913. (MAN p.23)

*“Eu vivo em tempos sombrios.
Uma linguagem sem malícia é sinal de
estupidez,
uma testa sem rugas é sinal de indiferença.
Aquele que ainda ri é porque ainda não
recebeu a terrível notícia.
(...)*

*Vocês, que vão emergir das ondas
em que nós perecemos, pensem,
quando falarem das nossas fraquezas,
nos tempos sombrios
de que vocês tiveram a sorte de escapar.*

*Nós existíamos através da luta de classes,
mudando mais seguidamente de países que de
sapatos, desesperados!
quando só havia injustiça e não havia revolta.*

*Nós sabemos:
o ódio contra a baixaza
também endurece os rostos!
A cólera contra a injustiça
faz a voz ficar rouca!
Infelizmente, nós,
que queríamos preparar o caminho para a
amizade,
não pudemos ser, nós mesmos, bons amigos.
Mas vocês, quando chegar o tempo
em que o homem seja amigo do homem,
pensem em nós
com um pouco de compreensão.”*

*Bertolt Brecht **

* Fragmento do poema *Aos que virão depois de nós*, de Bertold Brecht (1898-1956).
<http://outraspalavras.arteblog.com.br/263321/Aos-que-virao-depois-de-nos-de-Bertolt-Brecht-por-Vera-Lighia/>.

*“Quem és tu, doce luz, que me preenches
e iluminas a sombra de meu coração?
Como a mão de uma mãe, tu me conduzes
e, se tu me deixasses,
eu não saberia dar mais nenhum passo.
Tu és o espaço envolvendo meu ser
e o abrigando em ti.
Se tu o rejeitares,
ele escorregaria ao fundo do abismo do nada
de onde tu o tiraste para o elevar para a luz.
Tu, que me és mais próximo de mim que mim mesmo,
que me és mais interior que meu próprio coração,
e entretanto inacessível, inconcebível,
para além de teu nome,
Santo Espírito, eterno Amor!”*

*Edith Stein**

* STEIN, Edith, poema “Quem és tu, doce luz”, in *Malgré la nuit, pœsies completes*, édition bilingüe français/allemand, traduction e presentation de Cécilie Rastoin, Genève, Ad Solem, 2002, p.121.(Tradução de Ilana Novinsky. As próximas traduções serão abreviadas: Trad. I. N.).

SUMÁRIO

Resumo/Abstract

Agradecimentos

Siglas e abreviaturas

Introdução.....1

I – O Mundo de Edith Stein

1.1. Do mundo da segurança aos tempos sombrios.....51

1.2. Edith Stein diante do seu tempo.....55

II – Vivendo em Tempos Sombrios

2.1. ‘Percebendo as Batidas do Coração’.....73

2.2. Göttingen, Husserl e a fenomenologia.....95

2.3. A Vida Sentimental.....106

2.4. O Caminho para a Conversão.....109

2.5. 1933: Momento Decisivo.....120

2.6. Fecha-se o Cerco.....135

2.7. A Beatificação.....142

III – Perspectivas dos Estudos sobre Edith Stein.

3.1. Revisitando Edith Stein.....148

3.2. Diferentes Leituras.....158

IV – Em Busca da Verdade

4.1. Entre o Velar e o Revelar – o Idioma Pessoal.....178

4.2. Edith Stein, uma Abismal.....180

4.3. A Experiência Judaica.....183

4.4. Em Busca da Verdade.....186

4.5. ‘A Pequena Ester’.....201

4.6. Do Judaísmo ao Catolicismo.....204

4.7. A Experiência Mística e a Escolha da Vida Contemplativa.....209

Considerações Finais.....	215
Fontes.....	222
Iconografia.	225
Filmografia.....	228
Peças de Teatro.....	228
Sites.....	228
Bibliografia.....	230
 Anexos	
I - Principais Acontecimentos da Vida de Edith Stein.....	244
II - Genealogia de Edith Stein.....	248
III - Um Guia Aproximado do Mundo de Edith Stein.....	249
IV- Documento da Cruz Vermelha Holandesa sobre a morte de Edith Stein.....	250

RESUMO

O presente estudo procura compreender Edith Stein (1891-1942), personagem emblemática do século XX, através de uma perspectiva histórica, psicanalítica e de um método hermenêutico. De origem judaica, nascida em Breslau, Prússia, dedicou-se aos estudos filosóficos e ao magistério. Foi aluna de E. Husserl e realizou importantes investigações fenomenológicas, em várias áreas. Discriminada por ser mulher e judia, não pôde seguir uma carreira acadêmica, apesar de suas importantes contribuições teóricas. Converteu-se ao catolicismo tornando-se monja carmelita descalça. Foi presa pela polícia nazista e assassinada em Auschwitz, na câmara de gás, em 1942. Beatificada pelo Papa João Paulo II em 1998, tornou-se co-patrona da Europa. Neste trabalho busquei, através de seu idioma pessoal, as raízes que fecundaram o seu pensamento e a maneira como tentou responder às questões cruciais que a habitaram como mulher, filósofa, judia-católica, vivendo a tensão entre o judaísmo e o catolicismo. As principais fontes utilizadas foram sua autobiografia, cartas, obras e escritos diversos, assim como a literatura produzida sobre ela e sua época, além de material iconográfico.

Palavras-chave: Edith Stein; Psicanálise, Holocausto; Judeu Converso; Antissemitismo.

ABSTRACT

The focus of this research is to understand Edith Stein (1891-1942), an iconic XX century figure, using historical and psychoanalytical perspectives as well as an hermeneutical method. From Jewish origin, Stein was born in Breslau, Prussia, studied with E. Husserl and developed important phenomenological investigations, in education, womanhood, philosophy, theology and mystic. However could not be an academic because of discrimination against both women and Jews. Subsequently she converted to Catholicism and even became a Carmelite monk, neither of which was enough to escape persecution of the Nazis. She flew to Holland, but was arrested by the Gestapo, taken to Auschwitz concentration camp in 1942, where her life ended in a gas chamber. She was beatified by Pope John Paul II in 1998. This work examines the roots and influences of her theoretical contributions as well as the way she answered the fundamental human questions that she dealt with during her lifetime as a woman, a philosopher and a Christian-Jew. The main sources are Stein's autobiography, letters, writings and other literature dealing with her life and times.

Key words: Edith Stein, Psychoanalysis, Holocaust, Converted Jews, Anti-Semitism

AGRADECIMENTOS

O que podemos sem os que estão à nossa volta, com quem dialogamos, mesmo que em silêncio? Que nos alimentam e nos dão força, que nos dão sentido? Por isso, os agradecimentos são muitos:

À Profa. Maria Luiza Tucci Carneiro, que me acolheu nesta empreitada, sempre positiva e carinhosa, cujas sugestões tanto me ajudaram na elaboração deste trabalho.

Ao Prof. Gilberto Safra, que me apresentou a Edith Stein e me apoiou neste percurso. Um Mestre, cuja inteligência e sensibilidade permitem revelações.

À minha mãe, Anita Novinsky, pesquisadora e professora infatigável que me incentivou a fazer este trabalho e esteve sempre a meu lado.

À Profa. Angela Ales Bello, que com sua capacidade filosófica e pedagógica, que contribuiu desde o início deste meu percurso com Edith Stein e pelos caminhos fenomenológicos.

A Mario Miranda Filho que me conduziu pelos questionamentos filosóficos, mas principalmente por tantas trocas e amizade.

À minha filha Ana, dona do meu coração, sempre a meu lado.

À minha irmã Sonia, incansável e dedicada, sempre solidária.

À minha sobrinha Tania, por seu carinho e alegria de viver, e a todos da minha família.

À amiga de todas as horas que com sua sensibilidade e inteligência é uma presença e interlocutora em minha vida: Vera Lucia Marinho de Carvalho.

À Daniel França Stanchi, que tão bem desempenhou sua função de “AT de tese”!

Ao amigo Mogens Klein, sempre presente.

À Ronaldo Fontenelle pelo diálogo inteligente e alegre.

À Mike Boyington, Najla Kertzer e todos que me acompanharam nestes anos de estudo e pesquisa, me incentivando e apoiando, com informações, sugestões e tantas outras formas de estar perto.

Minha gratidão e meu coração!

Siglas e Abreviaturas

- (Trad.I.N.)** Tradução Ilana Novinsky
- MAN** Maria Amata Neyer – *La Beata Edith Stein – Suor Teresa Benedetta della Croce*, edizioni o.c.d., 1987.- Fotografias do “Arquivo Edith Stein” do Carmelo de Colônia.
- OCES** Obras Completas de Edith Stein – Vitoria, Madrid, Burgos, Editorial Monte Carmelo, Editorial de Espiritualidad, Ediciones El Carmen, 2007
- LJF** Stein, Edith – “Life in a Jewish Family – her unfished autobiographical account” in *The Collected Works of Edith Stein*, Vol. I Edited by L. Gelber and Romaeus Leuven. Translated by Josephine Koepfel, *Collected Works of Edith Stein*, Washington, D.C., ICS Publications, 1986
- DVFE** Stein, Edith – *Dalla Vita di una Famiglia Ebreica e altri Scritti Autobiografici*, Roma, Città Nuova, Edizioni OCD, 2007
- LRI** Stein, Edith – *Lettere a Roman Ingarden, 1917-1938*, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, Presentazione di Angela Ales Bello, traduzioni di Elio Costantini ed Erika Schulze Constantini, Revisione e integrazioni Ana Maria Pizzella, 2001.

INTRODUÇÃO

A partir de minha participação no Laboratório de Estudos sobre a Intolerância (LEI), da Universidade de São Paulo, e da criação e coordenação do Centro de Estudos Psicanalíticos sobre Intolerância (CEPI), ligado a este laboratório, em 2004, tenho voltado cada vez mais minha atenção para o estudo das questões ligadas à intolerância, do ponto de vista psicanalítico. Ao mesmo tempo, tenho acompanhado o trabalho do Prof. Dr. Gilberto Safra, que se dedica ao estudo da obra de Edith Stein e às suas contribuições críticas ao mundo contemporâneo. A leitura do trabalho de Edith Stein sobre *A Estrutura da Pessoa Humana*, e sua trajetória intelectual e espiritual, elaborada por Safra no Laboratório de Estudos sobre a Transicionalidade (LET), instigaram ainda mais minhas preocupações e interesses, como a questão feminina, a história política do século XX, a *Shoah*, o Holocausto - a crítica da modernidade, e a contribuição da crítica filosófica à compreensão do mundo contemporâneo. Por outro lado, a biografia de Edith Stein tocou-me profundamente, ao tentar compreender esta personagem emblemática, sua trajetória e escolhas. As inquietações que sua história de vida e ideias suscitam, transformaram-se em elementos estruturais desta tese.

Alguns autores em psicanálise costumam diferenciar o que seria um simples relato clínico da construção de um caso. O relato pode ter a finalidade de descrever algum aspecto da psicopatologia. A psiquiatria também faz isso. Mas o que é próprio da psicanálise é a construção do caso que começa quando o analista se depara com algo novo, algo que ele não esperava, que o surpreende, questiona, desafia. A construção do caso não corresponde a uma reprodução fotográfica da sessão, dos episódios, dos acontecimentos. Em *Construções em Análise*¹, Freud considera que o analista oferece ao paciente uma “construção” para tentar fazer contato com uma *verdade emocional*, e não com uma *verdade histórica*. Da mesma forma, a verdade da construção do caso tem a ver com a possibilidade de dar sentido à experiência do analista, àquilo que o interpela e que o interroga. Ao publicar sua construção de caso, o analista espera que o leitor possa incluir essa verdade no seu repertório clínico.

¹ FREUD, S. “Construções em análise” (1937), in *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas*

Lembrando destes comentários, pensei em desenvolver meu trabalho com Edith Stein como uma construção em análise, pois não se trata de uma reconstrução factual de sua vida, de sua obra e do seu legado, mas de tentar lidar com algo novo para mim, inesperado, que me surpreendeu, questionou, desafiou, assim como o analista que constrói, pensa e teoriza um caso. Sinto como se tivesse feito uma construção possível sobre Edith Stein, que faz sentido na medida em que traz uma verdade emocional, uma possível verdade histórica, através da qual procuro dar sentido à experiência que me interpelou, me interrogou.

Gadamer (1900-2002) considera que um texto jamais é objetificado pelo intérprete. O intérprete é afetado e encontrado pelo texto. A pessoa que interpreta não está enraizada em uma certeza metódica, mas na prontidão para ter uma experiência com o texto. Esta experiência é não objetificável e transforma o intérprete que esteve em contato com uma faceta da tradição, desvelando sentidos que emergem no presente. A experiência deixada por alguém do passado – no caso, um legado - passa a ser parte formadora de nossa história, somando-se à nossa experiência utilizada para a compreensão viva do texto. Portanto, para Gadamer esta experiência é fundamentalmente um encontro, gerando assim um acontecimento.

Uma pessoa que procura compreender um texto está preparada para que este lhe diga algo. Por isso uma mente preparada pela hermenêutica deve ser, desde o princípio, sensível à novidade do texto. Mas este tipo de sensibilidade não implica nem “neutralidade” na questão do objeto, nem anulação da personalidade dessa pessoa, mas a assimilação consciente dos significados prévios e dos preconceitos. O que importa é estar consciente da sua própria predisposição, para que o texto se possa apresentar em toda a sua novidade e conseguir, assim, afirmar a sua própria verdade, por oposição aos nossos sentidos.²

Edith, por seu estatuto intelectual e espiritual, impõe seriedade e respeito, instigando-nos a pensar no seu legado enquanto uma experiência em um passado não muito longínquo. Como ela mesma afirmou:

De regra, um encontro espiritual não é um mero encontro intelectual: há um contato interno e um desafio a enfrentar. O contato se caracteriza por opostos: prazeroso ou desprazeroso, a atitude correspondente como aceitação ou rejeição, em sua forma

² GADAMER, H. G. *Truth and Method*, 2nd, revised ed., Translation revised by Joel Weinsheimer and Donald G. Marshall, New York: Continuum, 2004, p. 253.

mais elevada como amor ou ódio. Quando um ser encontrado é uma pessoa, então a aceitação e rejeição toma a forma de amor e ódio.³

Por outro lado, a História também sempre fez parte da minha perspectiva, influenciada pelo trabalho de pesquisa realizado por Anita Novinsky, sobre a Inquisição Ibérica e os cristãos-novos no Brasil Colonial. Foi em contato com a rica documentação inquisitorial que fui instigada a pensar meu projeto de Mestrado em Antropologia Social, época em que já procurava desenvolver um trabalho interdisciplinar, de abordagem histórica através da Antropologia. Tive também a oportunidade de entrar em contato com diferentes autores que buscavam, através da psicanálise, aprofundar seus estudos históricos, antes mesmo de me decidir pela formação na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e a me dedicar ao trabalho clínico, a partir de 1984.

Com a retomada de meus contatos com o mundo acadêmico em 2004, surgiu o interesse e a oportunidade de desenvolver este trabalho sobre Edith Stein, seu tempo e sua trajetória intelectual e espiritual. Desta forma aproximei-me novamente da abordagem histórica, agora instrumentalizada pela minha formação psicanalítica orientada pela perspectiva desenvolvida por Gilberto Safra. Além disso, desde 1995 participo do grupo de estudos de filosofia sob a orientação de Mario Miranda Filho, docente da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, o que me tem permitido ampliar minhas leituras filosóficas e melhor compreender suas indagações. Surgiu assim um trabalho interdisciplinar que pretende ampliar a compreensão e permitir uma aproximação com a pessoa de Edith Stein, dialogando com a História e a Psicanálise.

Eis aqui uma mulher cuja vida nos apresenta um percurso complexo e dramático, provocando muitas questões. Uma “mulher múltipla” em todos os sentidos: *Edith*, para sua família; *Doutora Stein*, na Universidade de Göttingen, quando aluna de filosofia de Edmund Husserl; *Edith Stein* enquanto militante feminista; *Irmã Teresa Benedita da Cruz*, após sua conversão e ingresso no Carmelo; *número 44.074*, como judia deportada pelos nazistas para o campo de

³ STEIN, E. *Act and Potency*, 1931, Apud RAMEAU, P. O.C.D., Editor's Preface, *EDITH STEIN, Self Portrait in Letters, 1916-1942, Translated by Josephine Koepfel*, O.C.D., ICS Publications, Institute of Carmelite Studies, Washington, D.C., 1993, p. ix.

concentração de Auschwitz; *Santa Tereza Benedita da Cruz*, após ter sido canonizada pela Igreja Católica.⁴

Edith Stein viveu no centro dos acontecimentos históricos cruciais que marcaram a primeira metade do século XX. Foi uma intelectual profundamente voltada para as questões de seu tempo, tendo se dedicado à filosofia, à política, à pedagogia, a questões feministas, à teologia, à mística. Fez parte de um grupo pouco conhecido: de judeus convertidos ao catolicismo e que tiveram suas vidas interrompidas pela “Solução Final” idealizada pelos nazistas, indissociável do destino do povo judeu e da sua história. Sua trajetória nos permite interessantes paralelos com o fenômeno da conversão forçada dos judeus ao catolicismo na Península Ibérica durante a época moderna (séculos XVI – XVIII) ⁵, quando o desrespeito pelo “outro” e/ou pela “diferença” alcançou seu clímax com o Tribunal do Santo Ofício da Inquisição, criado especificamente para perseguir e punir os cristãos-novos - judeus convertidos à força ao catolicismo - e seus descendentes, sob a suspeita de infidelidade à Igreja.

Os descendentes dos “convertidos” em Portugal no século XVI foram perseguidos e punidos até a oitava ou nona geração, enquanto que os judeus, convertidos ou não, sob o regime nazista, em pleno século XX, foram exterminados durante a Solução Final. A fobia judaica que se apoderou das sociedades portuguesas e espanholas nos séculos XVI, XVII e XVIII possibilita, com cinco séculos de distância, surpreendentes paralelos com o nacional-socialismo alemão no século XX.

Tanto o Inquisidor como Goëbels – influente ‘ministro da propaganda e do povo’ de Hitler - decidiam “quem era judeu”. O que pesou na decisão sobre a execução de Edith Stein, não foi nem sua trajetória de vida, nem sua mensagem filosófica – mas sua origem judaica. O gás Zitron selou sua vida por ela ser judia, apesar de ter se convertido, por convicção religiosa, e ser uma cristã fervorosa e monja carmelita. Tanto os “conversos” espanhóis e portugueses quanto Edith Stein podiam proclamar mil vezes suas convicções cristãs, mas não podiam apagar o estigma de sua origem, registrado oficialmente nos livros inquisitoriais e na Gestapo.

⁴ Moix, Y. *Mort et vie d'Edith Stein*, Paris, Bernard Grasset, 2007.

⁵ NOVINSKY, A. *“Inquisição e Nazismo, Reflexões e Paralelos”*, Curso de Pós-Graduação, História Social, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, 2008.

Os rumos políticos de uma Alemanha, totalitária, nacionalista, racista e antissemita, selaram o destino de Edith Stein. Seu exemplo nos leva a refletir, dentre outros aspectos, sobre como os judeus, mesmos convertidos fiéis à religião oficial, e fiéis à pátria, foram um elemento vulnerável ao sabor dos fanatismos e que, em pleno século XX, foram considerados um povo “sem direitos” e “sem cidadania”.

A vida de Edith Stein transcorreu em tempos sombrios, tumultuados por fanatismos e fundamentalismos, inserindo-se no âmago de uma das maiores catástrofes da história da humanidade: a Shoah, o Holocausto. Neste contexto, a ideologia totalitária e nacionalista, responsável pela eclosão da Segunda Grande Guerra que custou a vida de milhões de seres humanos, reveste-se de uma extraordinária atualidade, com a persistência de uma mentalidade antissemita e autoritária neste século XXI.

Estes dois momentos da história – dos tempos inquisitoriais e dos tempos totalitários - nos falam da especificidade do fenômeno judaico perante o poder, totalitário e racista, para quem a identidade judaica é impossível de ser transformada por uma conversão, seja forçada seja espontânea e consciente. O judeu nasce e morre judeu, e sofre todas as implicações disso, como nos comprovam os documentos produzidos pela Inquisição Ibérica e pelo Terceiro Reich.

Edith Stein: “*judia, filósofa, carmelita, mártir, que traz em sua intensa vida uma síntese dramática de nosso século*”⁶, assim a descreveu o Papa João Paulo II, após ter sido santificada pela Igreja Católica em 11 de outubro de 1998. Sua história é singular, por se tratar de uma judia convertida, exterminada pelos nazistas e santificada pela Igreja. Vemos aqui como a questão da identidade social, do ponto de vista do poder, foi atribuída pela origem, no caso, do grupo religioso de nascimento. Constata-se que o espaço de liberdade deixado ao ser humano pelo poder é descrito como uma questão de consciência, mas inúmeras vezes ao longo da História manipulado de acordo com seus interesses.

Por que Edith Stein?

Em seu estudo sobre a vida e a obra de Hannah Arendt, Lafer assinala:

⁶ MARTINS, A. C.C. e FIGUEIREDO, M. A. P.C (Org.) “Papa João Paulo II - Primeira Homília – Festa da Beatificação”, 1 de maio de 1987, in *Em nome de Deus, em nome da Igreja, em nome da Humanidade*, textos extraídos do Jornal *L'Osservatore Romano*, Bauru, Coleção Essência, Edusc, 1998.

Existem personalidades cuja vida da mente nos fascina, mas cuja existência, no mundo intersubjetivo e visível das aparências, no qual vivemos, suscita pouco interesse”, como Kant, por exemplo.

“Outras figuras intelectuais chamam a nossa atenção para o que pode haver de fecundo na interação criativa do pensamento com a ação.”⁷

A vida de Edith Stein tem sido escrita e repensada desde o final da Segunda Guerra Mundial, quando surgiu a sua primeira biografia. Avaliada como original e importante, tem despertado muito interesse, por varias razões. Uma das dimensões desse interesse reside na maneira pela qual, na condição de judia e prussiana, atravessou e interagiu com as catástrofes políticas, os desastres morais e os surpreendentes desenvolvimentos filosóficos e científicos no século XX, fez parte de uma das mais importantes gerações do cenário cultural do mundo ocidental e acabou por ser santificada pela Igreja Católica.

O Papa João Paulo II havia sido um leitor de Edith Stein em sua juventude, e também teve sua vida forjada pelos mesmos acontecimentos dramáticos. Interessado em aproximar a Igreja Católica e a filosofia moderna, além de sua simpatia pelas Carmelitas, declarou-a uma mártir da Igreja, apressando assim sua canonização. Sem dúvida, foi o fato de ser judia que levou Edith Stein à morte no campo de concentração nazista. Considerando-se a consternação provocada no meio judaico ao declará-la uma mártir cristã, o Papa admitiu que Edith morrera tanto como uma fiel filha de Israel quanto como uma mártir da Igreja.

Antes e após a sua canonização, estudiosos centraram sua atenção em sua experiência e escritos religiosos, com tendências a interpretações hagiográficas de sua vida⁸, não se interessando tanto por suas contribuições intelectuais e por sua complexa biografia. A canonização de Edith Stein deveria ter aumentado o interesse por ela, mas isto não ocorreu como esperado, devido aos limites da própria hagiografia, criticados com veemência por John Henry Newman – de quem Stein traduziu algumas obras - há mais de um século, por fixar-se em ensinar lições espirituais em que a própria vida é vista como de importância secundária e, portanto, apresentada de forma fragmentária e não histórica. Ao subordinar o desenvolvimento da vida à instrução espiritual, o trabalho hagiográfico termina por

⁷ LAFER, C. ‘Hannah Arendt: vida e obra’, Posfácio, in: ARENDT, H. – *Homens em Tempos Sombrios*, São Paulo, Cia de Bolso, 2010, p. 294.

⁸ GREENE, D.K. “In search of Edith Stein – Beyond Hagiography”, in BERKMAN, J.A. (Ed.) *Contemplating Edith Stein*, 2006, Notre Dame, University of Notre Dame Press, pp.48-58.

eliminar as tensões que levam ao crescimento. As críticas de Newman refletiam suas próprias preocupações oriundas do século XIX, mas compreendia também os limites da hagiografia para a mente moderna. Como o propósito da hagiografia é ensinar a virtude, a vida do santo é importante apenas por conter esta virtude, perdendo em vitalidade, tornando-se unidimensional e monocromática. Enfim, sem relação com a condição humana, não inspira, não desafia, nem educa, o que a leva a falhar quanto aos seus próprios objetivos.

A hagiografia parte da afirmação da santidade, sendo a vida compreendida como a ilustração desta afirmação. No caso de Edith Stein, sua vida é apresentada através das lentes do sofrimento e da redenção, e de uma busca que a prepara para sacrificar-se pelo povo Judeu. Sua canonização como mártir confirma seu destino pré-determinado, tornando difíceis outras interpretações.

A tradição hagiográfica, com seu propósito didático e interpretação “ahistórica”, fracassa em capturar a vida de Edith Stein, e uma biografia de gênero humanístico pode contribuir muito para iluminá-la, como nos diz Greene⁹, ao explorar o seu desenvolvimento subjetivo, além do teleológico, e selecionar, entre muitos fatos, aqueles que não foram plenamente considerados.

Meu interesse por Edith Stein, sua vida e obra, surgiu também da possibilidade de abertura que nos permite, ampliando as fronteiras do nosso pensar. Após intensa pesquisa e análise da historiografia sobre Stein chegamos a alguns campos até então ignorados. Como contribuição de sua obra cumpre citar: a abertura da questão científica para a questão da fé e da experiência religiosa, e que esteve fora, por exemplo, do campo psicanalítico, por muito tempo. Devemos lembrar de sua pesquisa sobre a questão da empatia, tão importante também para a atividade psicoterapêutica e psicanalítica; sua investigação sobre a natureza da pessoa humana, a causalidade e motivação; a posição do indivíduo em relação com a comunidade, sociedade e Estado; sobre a mulher e o gênero, sobre a teoria educacional e a pedagogia, entre outros.

Seus ensaios feministas - porta-vozes do pensamento feminista cristão do início do século XX - fornecem ainda hoje ideias instigantes para avaliarmos a posição da mulher no século XXI. Sua autobiografia inacabada, *Aus dem Leben einer jüdische Familie* (*A Vida de uma Família Judia*) demonstra seu incansável

⁹ GREENE, D.K. *Op.Cit.*, p.51.

comprometimento com a liberdade e igualdade humanas. Seu tratado *Endliches und ewiges Sein* (*Ser Finito e Ser Eterno*) faz uma síntese, reconhecida pela crítica, entre a teologia de São Tomás de Aquino e a filosofia secular fenomenológica. Sua *Kreuzeswissenschaft: Studien über Johannes a Cruce* (*Ciência da Cruz: Estudos sobre São João da Cruz*) oferece uma análise penetrante do seu objeto.¹⁰

Versada em mais de cinco línguas, Edith Stein fez traduções de trabalhos não só do Cardeal John Henry Newman, como de Tomás de Aquino. Sua abundante correspondência, intelectualmente rica, traz muitas reflexões filosóficas e atesta sua paixão pela filosofia e pelo diálogo. Foi também uma professora brilhante e cuidadosa, conselheira em instituições acadêmicas católicas e conferencista em diversos países europeus.

Apesar de todo este percurso seus trabalhos somente começaram a ser traduzidos recentemente, e nas últimas duas décadas estudiosos têm se dedicado a publicá-los em alemão, italiano, inglês, espanhol e português, entre outros. Até a década de 1980, os estudiosos sem fluência no idioma alemão tinham acesso limitado ao pensamento de Edith Stein. Em 1986, começaram as traduções sistemáticas para o inglês, sob os auspícios do Institute for Carmelite Studies (ICS) em Washington, D.C., e hoje toda a sua obra se encontra traduzida para o inglês, italiano e espanhol. Temos notícia de que está sendo também traduzida para o português. Em 1990 a Irmã Mary Catherine Baseheart, SCN, professora de filosofia na Spalding University, fundou ali o *Edith Stein Center for Study and Research*, em Louisville, Kentucky, cujo trabalho tem tido continuidade sob a direção de John R. Wilcox, também professor de filosofia nesta universidade. Inspirados por Edith Stein e portando seu nome, surgiram escolas, centros comunitários além de centros religiosos, tanto nos Estados Unidos quanto na Holanda, Alemanha, Espanha, França, entre outros.

Edith Stein deixou um legado precioso. Seus trabalhos e conferências na Alemanha e fora dela influenciaram tanto os seus contemporâneos, quanto os intelectuais de hoje, e não apenas no campo da filosofia e da fenomenologia, mas também do *Woman' Studies*, na Pedagogia e mais recentemente na Psicologia e na Psicanálise.

¹⁰ STEIN, E. *Obras Completas Edith Stein*, vol. I, pp.151-489; vol. III, pp.589-1095; vol. V, pp.185-441. Para as Obras Completas de Edith Stein em seus cinco volumes em espanhol será utilizada a sigla: OCES.

Edith era uma pessoa com uma mente intrépida e original, de grande integridade moral, cujo caráter, escolhas de vida e trabalhos acadêmicos revelam também as limitações e falhas de qualquer vida humana. Aberta às experiências da vida, o projeto filosófico de Husserl e da fenomenologia lhe caíram perfeitamente bem: a inquietação e o questionamento sobre o vivido, sobre o real e a verdade.

Ao nos aproximarmos de Edith Stein não é possível separar a contribuição intelectual da sua vivência existencial e espiritual, pois se corre o risco de se perder a ligação profunda existente entre a sua filosofia e a sua vida. Assim, optei em transitar pelo seu percurso discutindo as diferentes questões que foram se apresentando para ela e para mim.

São vários os níveis pelos quais podemos abordar o ser humano - o da vida emotiva, intelectual e espiritual, havendo entre eles sempre uma continuidade. Para alguns pensadores, a filosofia é um elemento existencial muito forte, enquanto que para outros se trata de um jogo intelectual que permite certo distanciamento. A meu ver a proposta de uma interpretação da realidade ou a adesão a uma ou outra corrente filosófica depende também da complexidade da própria personalidade, além de uma série de circunstâncias que orientam em uma direção mais que em outra.

Encontramos em Edith Stein um estilo feminino da pesquisa filosófica que não refuta as regras da tradição intelectual ocidental, mas demonstra não poder prescindir da dimensão vital e de querer reconduzir o todo à unidade, com uma tensão voltada à harmonia das partes na tentativa de alcançar a totalidade.¹¹

O seu pensamento também pode ser explorado para uma clarificação da dimensão religiosa. Deste ponto de vista ela se encontra implicada em uma questão crucial para a cultura e a religião da civilização ocidental, entre Jerusalém e Atenas; e na atormentada relação entre judaísmo e cristianismo, sendo motivo tanto de espanto quanto vista como lugar de reconciliação, no que nos deteremos adiante.

Quando se fala de filosofia ou se diz de alguém que é um filósofo se associa a isso uma série de complexos argumentos, até ininteligíveis a muitas pessoas comuns. Homens e mulheres que os representam parecem provir de um mundo de teorias e princípios abstratos que pouco têm a ver com os acontecimentos da vida cotidiana. No entanto, os verdadeiros filósofos e a própria filosofia nada têm a ver

¹¹ BELLO, A. A. *A Fenomenologia do Ser Humano*, Bauru, Edusc, 2000.

com essa opinião lamentavelmente muito comum. Sem dúvida alguma, a filosofia é uma “ciência” e como tal não é imediatamente acessível àquele que se interessa por ela; por outro lado, sem dúvida, a filosofia é uma “paixão” que toma a pessoa não apenas intelectualmente, mas também em seu coração e a lança constantemente na busca da verdade. Aqui se encontra o centro de toda filosofia e de cada filósofo ou filósofa: na busca insaciável da Verdade. Neste sentido podemos dizer que Edith Stein foi uma grande filósofa. Esta busca incansável ocupou toda a sua vida e a entrega incondicional a essa Verdade lhe deu sentido e conteúdo próprios.

Edith Stein se desenvolveu desde sua juventude em estreita ligação com a filosofia, interpretada como ciência e como paixão. Seus primeiros estudos científicos germanísticos, históricos, e psicológicos, na Universidade de Breslau, depois de dois anos deram lugar a uma dedicação quase exclusiva aos temas filosóficos. Tornou-se uma especialista no método fenomenológico e o manejava com capacidade admirável. Sua tese de doutoramento “*Sobre o problema da empatia*” reflete o domínio que tinha do método idealizado por Husserl. Neste trabalho investiga a essência dos atos empáticos e a constituição interior do indivíduo psicofísico.

Depois de seu doutoramento, dedicou-se à aplicação do método fenomenológico às questões psicológicas e da filosofia social, colaborando ativamente com o *Anuário de filosofia e investigações fenomenológicas*. Nesta revista da escola filosófica fundada por Husserl, Edith publicou trabalhos importantes de caráter estritamente fenomenológico¹².

Trabalhou como assistente de seu mestre Husserl por dois anos e depois de sua conversão ao catolicismo exerceu a docência - que lhe era negada na universidade, por ser mulher, sem ser ainda religiosa - no Liceu do Convento Dominicano de Santa Madalena, em Speyer, onde permaneceu por quase nove anos. Este período de trabalho como professora foi marcado por uma série de conferências e publicações cujos temas foram a mulher (*Os Fundamentos da Educação da Mulher*; *O Ethos da Profissão Feminina*), a educação (*Sobre a Ideia de*

¹² São eles: “Contribuições à Fundamentação Filosófica da Psicologia e das Ciências do Espírito”, “Causalidade Psíquica”, “Indivíduo e Comunidade” e “Uma Investigação sobre o Estado”, publicados pela primeira vez em *Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung*, entre 1922 e 1925. Ver OCES, vol. II.

Educação) e a pedagogia (*Os Tipos de Psicologia e sua Importância para a Pedagogia*)¹³.

Nesta época começou a trabalhar, paralelamente, a obra e pensamento de São Tomás de Aquino. O primeiro resultado destes estudos foi uma análise comparativa - enfatizando os pontos de convergência e divergência entre *A fenomenologia de Husserl e a filosofia de São Tomás de Aquino*. Fez então uma tradução das *Quaestiones Disputatae de Veritate*, de São Tomás, obra única em seu gênero, que apresenta a doutrina de São Tomás com uma linguagem e do ponto de vista fenomenológicos. A obra principal deste período – e de todo o seu fazer filosófico – é um trabalho concebido originalmente como tese de habilitação para docência: *Ser Finito e Ser Eterno. Ensaio de Acesso ao Sentido do Ser*, escrito quando tinha 40 anos e publicado apenas em 1950, oito anos após a sua morte. No prefácio desta obra, escreveu:

Este livro foi escrito por uma iniciante para iniciantes. Em uma idade em que outros podem com segurança chamar-se professores, a autora foi compelida a iniciar tudo novamente. Tendo se formado intelectualmente na escola de Edmund Husserl, tem usado o método fenomenológico em diversos tratados filosóficos publicados no *Jahrbuch* de Husserl. Seu nome ficou assim conhecido em um momento em que parou de trabalhar no campo da filosofia, em um momento em que nada estava mais longe de sua mente do que o pensar em qualquer atividade pública. Encontrou o caminho para Cristo e sua igreja e estava preocupada com a tarefa de tirar as consequências práticas desta nova posição alcançada.¹⁴

Na introdução das *Obras Completas de Edith Stein*, traduzidas para o espanhol, Francisco Javier Sancho Fermín assim resume a importância de algumas de suas contribuições:

De modo sistemático, alguns dos elementos paradigmáticos que Edith nos oferece como incitação à mudança de nossa sociedade e de busca da autêntica humanização, seriam:

- recuperação da dignidade inalienável de todo ser humano em si mesmo – e não no que faz ou tem; neste sentido, Edith nos previne frente aos grandes perigos desumanizadores de nossa sociedade (pragmatismo, ativismo, eficientismo...), dirigindo nosso olhar atento para o essencial.
- importância central da formação e da educação – como meio necessário para conduzir o homem para a realização e plenitude; todo sistema educacional que não

¹³ Todos estes trabalhos, publicados originalmente em diversas revistas e periódicos, foram reunidos nas suas *Obras Completas*, publicadas em alemão e espanhol. Algumas foram também publicadas em italiano e português. Ver Bibliografia.

¹⁴ STEIN, E. *Finite and Eternal Being: An Attempt at an Ascent to the Meaning of Being*, Translated by K. F. Reinhardt, Washington, DC, ICS Publications, 2002. p. XXVII. (Trad. de I. N.)

leva em conta o desenvolvimento integral da pessoa (espiritual, anímica, corporal) conduz à despersonalização. Por isso a insistência steiniana em tomar como ponto de partida uma compreensão mais completa possível do ser humano.

- bases orientadoras para um feminismo cristão – mesmo que Edith Stein não tenha desenvolvido uma teologia completa sobre a mulher, oferece uma série de pontos indiscutíveis para recuperar o autêntico valor da mulher em todos os níveis. Oferece uma pauta para um correto posicionamento do problema a partir da elaboração de uma antropologia teológica diferencial.

- passo em direção ao aspecto experiencial da religião: a insistência e proposta steiniana de uma espiritualidade eucarística e litúrgica, pretende superar o ritualismo da religião, convidando a um encontro experiencial com o mistério, que é o que verdadeiramente transforma e configura a vida do crente. Edith Stein quer aproximar a mística de todo o crente, convencida de que a vocação de todo ser humano é a união com Deus e o descobrimento do autêntico sentido da vida.¹⁵

Não nos propomos a traçar novamente uma biografia de Edith Stein, - o que já foi empreendido por vários estudiosos da autora - mas antes delimitar uma vida de várias facetas, evidenciando certos acontecimentos que tiveram lugar entre seu nascimento em 1891 e sua morte em 1942, a fim de responder à seguinte questão: quem foi Edith Stein?

Como afirmou H. Arendt:

Uma biografia definitiva, ao estilo inglês, conta-se entre os gêneros mais admiráveis da historiografia. Extensa, meticulosamente documentada, densamente anotada e generosamente entremeada de citações, geralmente aparece em dois grandes volumes e conta mais, e mais vividamente sobre o período histórico em questão do que todos os livros de história mais importantes. Pois, ao contrário de outras biografias, a história não é aí tratada como o inevitável pano de fundo do tempo de vida de uma pessoa famosa; é antes como se a luz incolor do tempo histórico fosse atravessada e refratada pelo prisma de um grande caráter, de modo que no espectro resultante se obtém uma unidade completa da vida e do mundo. Talvez por isso tenha se tornado o gênero clássico para as vidas de grandes estadistas, mas permaneceu impróprio para aqueles cujo principal interesse reside na história de vida, ou para as vidas de artistas, escritores e de modo geral, homens ou mulheres cujo gênio os obrigou a manter o mundo a uma certa distância, e cuja significação reside principalmente em suas obras, artefatos que acrescentaram ao mundo, e não no papel que nele desempenharam.¹⁶

Edith Stein nos interessou e nos intrigou tanto pela sua história de vida quanto pelas suas obras. Mas além dos aspectos mencionados chamou minha atenção sua conversão, do Judaísmo para o Catolicismo, e a maneira como levou esta adesão religiosa às últimas consequências, tornando-se monja carmelita, em tempos de perseguição e de morte para sua família, assim como para milhões de judeus da

¹⁵ FERMÍN, F. J. S. Introducción General, Parte I, "Edith Stein, Formadora Integral de la Persona", in: OCES, vol.IV, p.44. (Trad. I. N.)

¹⁶ ARENDT, H. *Homens em Tempos Sombrios*, São Paulo, Cia de Bolso, 2010, p.41.

Europa. Este aspecto nos aproximou de Edith, na tentativa de compreender sua busca e de dar respostas às questões que a moveram como mulher, judia-católica e filósofa.

A partir das observações feitas, enfatizamos nossos objetivos:

- de compreendê-la enquanto personagem inserida no contexto de seu tempo, procurando reconstituir o processo de elaboração das questões que a tornaram emblemática.
- compreender sua trajetória e suas inquietações, assim como as situações que a levaram à conversão e à opção por uma vida monástica;
- reconstituir a gênese do seu pensamento, e a maneira como tentou responder às questões que a inquietavam, reconstituindo sua rede de relações, pessoais e intelectuais.

Perspectiva Teórica e Metodológica

Trata-se aqui de um trabalho que parte da perspectiva histórica e social da primeira metade do século XX na Europa, e em particular na Alemanha, detendo-se em Edith Stein como uma personagem emblemática de seu tempo. Usando como fontes seus escritos autobiográficos, cartas, e outros documentos que nos falam de suas relações, ideias e sentimentos assim como sobre os variados aspectos de sua vida. Trata-se de estudo interdisciplinar, que se insere tanto no campo da História Social como da Psicanálise, e dialoga com ambos. Como assinala Anne Levallois (1935-2006), antropóloga e psicanalista francesa:

Para o biógrafo, a interpretação consiste em relacionar e contextualizar os documentos de que dispõe, a fim de reconstruir a 'bricolagem' da qual é feita o indivíduo, sempre múltiplo sob uma aparente unidade, sem esquecer que a complexidade do vivo excede sempre o que podemos teorizar e que a pessoa humana não é uma exceção disso.¹⁷

O período histórico em que viveu Edith Stein nos deixou uma triste herança: as duas Grandes Guerras Mundiais e a *Shoah*, temas que têm instigado numerosos e importantes pensadores a respeito desta experiência terrível, em seus mais

¹⁷ LEVALLOIS, A. *Une Psychanalyste Dans l'Histoire*, Paris, Campagne Première, 2007, p. 215. (Trad. de I. N.).

diversos aspectos, o que será discutido mais detalhadamente no primeiro capítulo. Dentre estes estudiosos podemos citar Giorgio Agamben, filósofo italiano, que desenvolve uma profunda reflexão sobre as questões suscitadas pela experiência da *Shoah*. Em um de seus livros, intitulado *Quel che resta di Auschwitz – L'Archivio e Il Testimone*, inicia nos advertindo :

Graças a uma série de pesquisas sempre mais amplas e rigorosas (...) o problema das circunstâncias históricas (materiais, técnicas, burocráticas, jurídicas...) em que aconteceu o extermínio dos judeus foi suficientemente esclarecido. Pesquisas posteriores podem colocar nova luz em aspectos singulares, mas pode-se considerar que temos já o quadro de conjunto. Bem diversa é a situação no que diz respeito ao significado ético e político do extermínio, ou também quanto à compreensão humana do que aconteceu – isto é, em última análise, à sua atualidade.¹⁸

De acordo com a própria Edith, não se trata aqui apenas de um problema ético, mas para além da ética, na medida em que estamos falando de barbárie, ou seja: a *Shoah* é um problema humano, de desumanização do homem. Por sua participação política ativa e também por seu testemunho, Edith atuou resistindo à barbárie, situação na qual ocorre a perda do lugar da pessoa humana, desalojada de seu ser como ator, como agente, psicológico e político. A destituição é tão profunda que se perde a possibilidade de ação, como podemos observar na dificuldade de reação entre as populações perseguidas.

Edith foi testemunha de seu tempo, da barbárie, e na profunda compreensão e lucidez do que acontecia, não deixou de agir, com as armas de que dispunha como intelectual, ensinando as meninas e professoras sobre o mundo em que viviam, e incentivando as mulheres a votarem, participando da vida social e política. Expôs suas ideias ao escrever sua autobiografia, ao manifestar sua indignação em carta para o Papa em 1933 e também através de seus textos filosóficos, nos quais nos apresenta as condições do existir humano. Apesar da sua trajetória interrompida, deixou-nos suas ideias como legado: cabe a nós colocá-las em prática visando um mundo melhor, mais tolerante.

História e Psicanálise: Biografia e Testemunho

¹⁸ AGAMBEN, G. *Quel Che Resta di Auschwitz- L'Archivio e Il Testimone*, Turim, Bollati Boringhieri Editori, 2007. (Trad. de I. N.).

Durante muito tempo, as autobiografias, como a que escreveu Edith Stein, foram vistas pelos historiadores como impossíveis de serem utilizadas como fontes de estudos, por serem consideradas parciais e subjetivas. Atualmente, constatamos uma retomada da importância dada ao testemunho na escrita da história contemporânea. Isto se deve à ideia que o pensamento ocidental forjou do indivíduo e da sua responsabilidade com relação a seus próprios atos, cada um devendo responder por suas ações e pelos fatos aos quais está ligado, perante si mesmo e os outros.

Esta exigência moral, característica da subjetividade no mundo contemporâneo, radicalizou-se após Auschwitz, cabendo ao ato de testemunhar um lugar insubstituível no estabelecimento da verdade histórica, na medida em que confronta a humanidade com a sua “parte maldita”, a qual não tem mais o direito de ignorar, chamando assim a atenção para aspectos antes negligenciados da natureza humana.

A crença no valor absoluto e inviolável do ser humano foi o fundamento sobre o qual se construiu o mundo do indivíduo moderno, até que os regimes totalitários, nazista e stalinista, vieram demonstrar sua fragilidade. A ideia de família humana, que surgiu progressivamente na história da sociedade ocidental, foi então destruída. Este acontecimento, antes impensável, revelado pelo testemunho daqueles que puderam sobreviver, fez desabar a representação que o Ocidente tinha construído de si mesmo. Ao atacar a noção de espécie humana, o regime nazista, em particular, demonstrou que os valores que acreditávamos definitivamente inscritos na História podiam ser destroçados pelos golpes das paixões que recusam todas as ideias fundadoras do universalismo da razão.

A experiência dos campos de concentração, seja do regime nazista, seja do stalinista, acabou com todas as certezas sobre o homem como ser de razão. A barbárie da qual a razão não nos preservou, seja dos deuses, seja das ideologias, abalou definitivamente as consciências, deixando aos humanos a responsabilidade de sua humanidade e liberdade.

Os sobreviventes dos campos de concentração nazistas foram forçados pela necessidade vital de tornar conhecida a monstruosidade, o “inimaginável” e encurralados pela impossibilidade de ter palavras para o dizer. O testemunho de Primo Levi, (1919-1987), sobrevivente dos campos de concentração, entre outros, mostra todo o seu peso, ao recusar a qualificar como humanas as práticas nazistas:

No ódio nazista - escreve em 1976 - não há nada de racional: é um ódio que não está em nós, que é estrangeiro ao homem, é um fruto venenoso saído da funesta cepa do fascismo. (...) Nós não podemos compreendê-lo; mas nós podemos e devemos saber de onde ele saiu (...). Se compreendê-lo é impossível, conhecê-lo é necessário.¹⁹

A questão do testemunho da *Shoah* tem sido discutida por muitos autores, como S. Felman, que elaborou a noção da *Shoah* como “evento sem testemunho”, no duplo sentido de que é impossível testemunhar tanto de dentro – porque não se pode testemunhar após a morte, - quanto de fora – porque o de fora, o *outsider*, está excluído por definição do evento.²⁰ A *Shoah* como é barbárie não pode ser testemunhada, pois não tem rosto humano, está para fora da humanidade, e conspira contra ela.

Na atualidade, o ‘negacionismo’ nos conduz a insistir que a psicanálise, na sua prática, pode revelar os efeitos dos acontecimentos históricos que marcaram a história do indivíduo e de seus descendentes. Deste ponto de vista, a subversão ‘negacionista’ da verdade histórica, como uma crença entre outras, é um ataque contra o que constitui os sujeitos. É importante poder mostrar o interesse do pensamento psicanalítico na formulação de alguns aspectos enigmáticos das posições dos atores do extermínio, vítimas ou carrascos, em todas as suas formas. Poder falar da violência da História através da escrita, quando possível, é poder se situar para além do trauma histórico. Edith Stein através de seus escritos nos fala de seu tempo, como uma vítima desses tempos sombrios. Através de seus escritos continuamos a ouvi-la.

A *Shoah*, por outro lado, tem representado um desafio também aos historiadores, que têm discutido mais a fundo a relação entre historiografia e memória, distinção esta que vem sendo superada. Pierre Vidal-Naquet²¹ afirma que a tensão entre história e memória não deve ser dissolvida, mas integrada na história do crime nazista. Já um dos eminentes historiadores da *Shoah*, Friedländer, diz que

¹⁹ LEVI, P. *Si C'Est un Homme*, Paris, Julliard, 1990, p.221.(Trad. I.N.)

²⁰ FELMAN, S. À l'Âge du Témoignage : Shoah de C. Lanzman, in AA.VV., *Au Sujet de Shoah*, Berlin, Paris, 1990 ; Apud AGAMBEN, G. - *Quel Che Resta di Auschwitz*, Turim, Bollati Boringhieri, 2007, pp.32-33.

²¹ VIDAL-NAQUET, P. *Les Assassins de la mémoire "Um Eichmann de papier" et autres essais sur le revisionisme*, Paris, La Decouverte, 1987.

*“para nós uma espécie de distanciamento puramente científico do passado,(...) permanece uma ilusão epistemológica e psicológica.”*²²

Para Seligmann Silva “a historiografia sobre Auschwitz e a sua meta-reflexão têm nos ensinado a impossibilidade de se segmentar radicalmente os campos da história e da memória”, além de seu caráter paradigmático que desencadeou uma revisão crítica da historiografia positivista do século XIX.²³

Os intensos debates em torno da historiografia da *Shoah* demonstram a impossibilidade de separação entre história e memória. Por outro lado, história e memória só existem na medida em que podemos reinscrever os traços deixados pelo passado. Através do recurso às câmaras de gás os nazistas eliminaram os traços de seus crimes.

Estudos Psico-Biográficos: A Psico-História

Desde o início, a psicanálise suscitou interesse e aceitação no que diz respeito aos estudos psico-biográficos. Apenas três anos após a publicação de S. Freud sobre Leonardo da Vinci (1910), o historiador americano P. Smith, especialista na Reforma, publicou no *American Journal of Psychology*,²⁴ um estudo sobre Martinho Lutero. Neste artigo, Smith procurava aplicar as descobertas e hipóteses de Freud na compreensão das fontes pessoais da teologia de Martinho Lutero. Concentrando-se nos problemas centrais da relação da personalidade de Lutero e seu pensamento, o autor procurou analisar sua “obsessão pelo diabo” e “a parte desempenhada em seu desenvolvimento pela ideia de ‘concupiscência’”. Foi ignorado ou criticado por parte dos historiadores europeus, franceses e alemães, mas muito apreciado pelos americanos. Com a imigração de muitos europeus para os Estados Unidos a partir de 1933, intensificou-se e ampliou-se o interesse acadêmico e popular pela aplicação das ideias de Freud à biografia, assim como pela troca com pesquisadores de outras áreas como a Antropologia e a Psicologia Social.

²² FRIEDLÄNDER, S. (Org.) *Probing the limits of representation. Nazism and the final solution*, Cambridge, Mass./London, Harvard University Press, 1992.

²³ SELIGMANN SILVA, M. *Auschwitz: História e Memória*, In Pro-Posições, Vol. I, n. 5, Julho 2000, p. 80.

²⁴ SMITH, P. “Luther’s early development in the light of psycho-analysis”, in: *American Journal of Psychology*, 24, pp. 360-377.

A trajetória dos estudos históricos biográficos, segundo Marc Bloch, um dos fundadores da importante revista francesa *Annales*, implica no estudo teórico dos fenômenos psicológicos como indispensáveis ao progresso da história: “Os *atos históricos são, em essência, atos psicológicos*”, escreveu Bloch em *Apologia da História*.

É, portanto, em outros fatos psicológicos que encontram normalmente seus antecedentes; sem dúvida os destinos humanos se inserem no mundo físico e sofrem a sua carga. Lá mesmo, entretanto, onde a intrusão destas forças exteriores parece mais brutal, sua ação se exerce orientada pelo homem e seu espírito.²⁵

Junto com Lucien Febvre, Marc Bloch interessava-se, entretanto, por um homem abstrato na medida em que para eles, o universo mental, afetivo, é o do grupo e da cultura ao qual ele pertence. Seu método estava voltado para a longa duração das mutações profundas e não mais para o tempo das biografias dos grandes personagens e dos acontecimentos marcantes, como até então. Em 1961, Georges Duby em um texto manifesto, que ilustra a influência exercida pelas ciências sociais e psicológicas entre os historiadores desde o início do século XX, denomina-a de “história das mentalidades”.

Este movimento prosseguiu com o estruturalismo, fortemente influenciado pela etnologia de Claude Lévi-Strauss e, na França, pela psicanálise de Jacques Lacan, que via o homem como efeito dos sistemas simbólicos constitutivos da sociedade, e cuja origem seria a proibição do incesto. As regras inconscientes do parentesco e a preeminência do axioma lacaniano, “o *inconsciente é estruturado como uma linguagem*” produziram a ordem humana e constituiriam os paradigmas de todos os sistemas de poder. Nesta lógica tratava-se de analisar as forças pelas quais os indivíduos se moviam, para atingir as estruturas inconscientes que eram a base de sua existência. O estruturalismo deixava ao homem a liberdade de ter consciência de sua sujeição, intrinsecamente ligada à sua condição humana, mas lhe interditava a possibilidade de se pensar como autor da história, retirando-lhe toda a sua participação na invenção. A biografia consequentemente, nessa época, não despertava o interesse dos historiadores.

²⁵ BLOCH, M. *Apologia da História, ou o ofício do historiador*, Tradução de André Telles, Rio de Janeiro, Zahar, 2002.

Neste contexto, a psicanálise entrou em cena novamente, na França, quando em 1974, numa obra dirigida por Jacques Le Goff e Pierre Nora, “*Fazer a história*”²⁶, apresentou-se a ‘nova história’; e duas contribuições se referiam explicitamente à psicanálise: a de Michel de Certeau e a de Alain Besançon. As duas pretendiam se situar em continuidade com Freud, mas mostraram-se muito problemáticas. Os trabalhos de Michel de Certeau são interessantes, na medida em que tentou construir noções próprias à história, não se satisfazendo com a simples transferência de vocabulário da psicanálise.²⁷

Alain Besançon, que dominou o efêmero movimento da psico-história na França, no seu artigo “*O inconsciente*”, mantém um tom freudiano, retomando a noção de complexo de Édipo, em que via a estrutura fantasmática organizadora da psique humana. Propõe neste artigo instaurar uma ‘história psicanalítica’ que tomava como modelo o método e o material do psicanalista, mas a leitura que fez do psiquismo era muito pobre, e acabava por encobrir a realidade que pretendia revelar.

Também vale a pena citar o trabalho de Alphonse Dupront, que em um artigo intitulado “*A história depois de Freud*”, de 1969, evocava uma similitude entre a posição do historiador e a do psicanalista:

Sobretudo por seu exemplo, ele ensina. O exemplo do clínico que observa, sabe ouvir e escutar, receber e em seguida, devolver. Não um método, mas uma atitude, e quem diz atitude diz posição e disciplina espiritual. A psicanálise põe em presença.²⁸

Dupront seguia uma linha fortemente junguiana, usando o conceito de inconsciente coletivo, segundo o qual se transmitem conteúdos, os arquétipos, enquanto que Besançon, que se pretendia estritamente freudiano, concebia o inconsciente como uma estrutura imanente à natureza humana, fora da história. Mas estes estudos levaram a um impasse, sofrendo a crítica do próprio Michel de Certeau quanto ao uso indiscriminado do vocabulário freudiano que acabava tendo uso decorativo, com o fim apenas de encobrir o que o historiador não conseguia

²⁶ LE GOFF, J. e NORA, P.(org.) *História: Novos Problemas*, Tradução de Théo Santiago, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.

²⁷ CERTEAU, M. *Histoire et Psychanalyse entre Science et Fiction*, Paris, Gallimard, 2002.

²⁸ DUPRONT, A. “L’histoire après Freud”, in : *Revue Del’Enseignement Supérieur*, 1969, n. 44-45, p. 28. (Trad.I.N.)

explicar. Alain Besançon, por sua vez, acabou renegando seu trabalho anterior, afastando-se da psicanálise.

Nos anos 1980, o gênero biográfico voltou com força entre os historiadores franceses, correspondendo a uma mudança profunda na sua maneira de colocar a questão do indivíduo na história. Depois de uma história global, na qual o indivíduo não era senão um elemento do coletivo, uma “história em migalhas” na qual se encontrava - como produto das estruturas - o autor da história volta à cena.

Em 1982, Pierre Bourdieu colocou em questão a ‘ilusão biográfica’, um gênero que passava dos etnólogos aos sociólogos e colocava em questão “*a visão da vida como existência dotada de sentido, no duplo sentido de significação e direção*”. Suas conclusões contribuíram com noções essenciais que permitiram sair dos impasses do estruturalismo e evitar as do subjetivismo. Introduziu a noção de *trajetória*, como uma série de “*posições sucessivas ocupadas por um mesmo agente (ou um grupo) em um espaço em devir, e submetido a incessantes transformações*”. A partir daí define os acontecimentos biográficos “*como localizações e deslocamentos no espaço social*”.

A construção deste espaço social para ele é uma operação anterior ao que chama de “superfície social da personalidade designada pelo nome próprio”, isto é:

(...) o conjunto das posições simultaneamente ocupadas em um dado momento do tempo por uma individualidade biológica socialmente instituída, agindo como suporte de um conjunto de atributos e de atribuições próprias que lhe permitem intervir como agente eficiente, em campos diferentes.²⁹

Junto com esta noção de espaço social em construção, Bourdieu concebe o indivíduo em sua singularidade, o *habitus*, definido como “*o social incorporado e, portanto individualizado*”, acrescentando que o seu interesse era superar “*a oposição absurda construída cientificamente entre indivíduo e sociedade*”, e com o interesse também de descartar a alternativa entre a consciência e a inconsciência.³⁰

Seguiu-se a reação crítica da escola dos *Annales*, assumindo os limites da história quantitativa e colocando em questão os paradigmas emprestados do marxismo e dos diferentes estruturalismos. Procurava-se agora um ‘*novo método*’,

²⁹ BOURDIEU, P. – « L’illusion biographique » in : *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 62-63, juin Paris, 1986, pp. 69-72. (Trad.I.N.)

³⁰ BOURDIEU, P. – *Choses Dites*, Paris, Minuit, 1987, p. 43.

com referência explícita ao movimento italiano da micro-história, abrindo-se para ‘*novas alianças*’.³¹

Giovanni Levi (1938), um eminente representante italiano da micro-história, listou as principais interrogações metodológicas colocadas pela biografia, incluindo as de Bourdieu, dando novamente ao gênero biográfico e à biografia histórica sua legitimidade:

Não podemos negar que existe um estilo próprio de cada época, um habitus, resultante de experiências comuns e repetidas, assim como em cada época existe um estilo próprio de um grupo. Mas existe também, para cada indivíduo, um espaço de liberdade significativo que tem sua origem precisamente nas incoerências dos confins sociais e que dá origem à mudança social (...). A especificidade das ações de cada indivíduo não pode ser considerada como indiferente ou sem pertinência.³²

Outros historiadores, como Pierre Levillain, demonstraram seu interesse pela biografia histórica. Consagraram a esta questão um trabalho abundantemente documentado, lembraram as relações que a história manteve com a biografia, notando que fora largamente vilipendiada na França durante muitos anos, mas que desde os anos 1980 voltara a ser novamente considerada. Para ele, esta nova perspectiva da relação entre indivíduo e sociedade que marca o fim da época estruturalista, relançava a questão da psico-história:

É preciso, naturalmente, colocar o indivíduo metodológico sob o olhar da psico-história; quer dizer, nas relações entre psicologia, psicanálise e história.³³

Mas esta renovação do interesse pela biografia lhe parecia revelar também razões de outra ordem e devia ser recolocada no contexto mais amplo das descobertas recentes da genética, através da qual sabemos hoje que não apenas cada homem é diferente de todos os homens vivos, mas que cada homem vivo é diferente de todos os homens do passado e de todos os homens do futuro. Concluindo seu trabalho, Levillain afirma que a biografia histórica, hoje reabilitada,

(...) não tem por vocação esgotar o absoluto do ‘eu’ de um personagem, como pretendeu e ainda pretende. E se o simbólico de seus fatos e gestos pode servir de representação da história coletiva através de um homem, como um retrato, ela não

³¹ *Annales, ESC*, n.2, 1988.

³² LEVI, G. – “Les usages de la biographie”, in : *Histoire et Sciences Sociales, Un Tournant Critique, Annales ESC*, nov-déc 1989, Paris, pp. 1325-1336. (Trad.I.N.)

³³ LEVILLAIN, P. “Les protagonistes: la biographie”, in Rémond, R., (ed.), *Pour une histoire politique*, Paris, Seuil, 1988, p. 121-159. (Trad. I.N.)

esgota a diversidade humana (...). Não pode também criar tipos. Ela é o melhor meio, por outro lado, para mostrar as ligações entre o passado e o presente, memória e projeto, indivíduo e sociedade, e de experimentar o tempo como prova da vida. Seu método, assim como seu sucesso, vem da insinuação da singularidade das ciências humanas que por muito tempo não soube como lidar com isso. A biografia é o lugar por excelência da condição humana na sua diversidade e ela não isola o homem de seus diferentes nem o exalta.³⁴

Por outro lado, é preciso assinalar o pouco interesse que os psicanalistas tiveram inicialmente pela história, pela disciplina histórica, assim como pelo ponto de vista histórico na psicanálise. Atualmente, entretanto, vemos novamente retornar a necessidade de se considerar a dimensão 'histórica' de cada ser humano. Os traços deixados nos indivíduos, por exemplo, pelos traumatismos da História e sua transmissão às outras gerações levaram a pesquisa psicanalítica a tentar buscar através de que processos a história se inscreve nos indivíduos e se transmite inconscientemente. Surgiram assim vários estudos psicanalíticos sobre e com os sobreviventes da *Shoah*, com relação a diferentes aspectos.³⁵

As pistas abertas pela psicanálise contemporânea não constroem o estudo biográfico a se fecharem em uma sistematização do 'aparelho psíquico'. Permitem, ao contrário, afinar a perspectiva histórica levando em conta o jogo complexo de interrelações que existe entre os seus determinantes e ele próprio, ao mesmo tempo membro de uma comunidade humana, com suas regras, instituições, e do espaço subjetivo de sua apropriação, demonstrando também esta 'produção incessante' que constituem as comunidades.

Uma das razões do sucesso da biografia histórica hoje parece apoiar-se no fato de que o nosso conceito de homem mudou. Não acreditamos mais no progresso da História e não pensamos mais que ela deve se realizar e fazer surgir o homem reconciliado consigo mesmo e com seu mundo. Desapareceu assim o modelo universal de homem, abstrato, tocado pela razão, se impondo a toda a humanidade. No lugar do homem racionalmente pensado, agora vemos surgir o interesse por homens concretos, por indivíduos singulares. Não se trata mais de pensar o homem em sua generalidade, mas de se abrir para a diversidade humana e, portanto, de

³⁴ LEVILLAN, P. "Les protagonistes: la biographie", in: Rémond, R., (Ed.), *Pour Une Histoire Politique*, Paris, Seuil, 1988, pp. 121-159, aqui pp. 158-9. (Trad.I.N.)

³⁵ FRIEDLÄNDER, S. (Ed.) *Probing The Limits of Representation: Nazism and the Final Solution*, Introduction by S. Friedlander, Harvard University Press, 1992; FELMAN, SHOSHANA and LAUB, Dori, *Testimony: Crises of Witnessing in Literature, Psychoanalysis and History*, Routledge, 1991, entre outros.

explicitar a parte de liberdade de que cada um dispõe. Não pensamos mais em um ser humano abstrato, mas sobre as condições e os modos de elaboração desta complexidade que chamamos de pessoa humana. Neste momento, História e Psicanálise se (re)encontram.

Hoje a psicanálise penetrou na psicologia, na pedagogia, e em outros campos científicos e tem sua parte também na renovação da biografia histórica. Assim, o interesse dos historiadores pela pessoa e pela variabilidade de suas formas em função da estrutura das sociedades faz parte de uma sensibilidade pelo espaço subjetivo de reflexão e de interrogação que a psicanálise ajudou a desenvolver e transformar.

Também não podemos falar de biografia e de psicanálise sem evocar a parte pessoal do estudioso quando se faz biógrafo. É ele, com efeito que, além de sua fidelidade ao documento, dá vida ao texto, ao arquivo, pela leitura que faz. E mesmo sendo sua metodologia rigorosa, é sua sensibilidade que transparece em seu estilo e faz existir a pessoa que ele recria.

A biografia é sem dúvida um meio privilegiado para penetrar numa época, e a psicanálise pode, a nosso ver, ajudar o historiador a refinar seus instrumentos e a tomar consciência de que, ao escrever uma biografia, também ele está em questão.

Assim, a própria Edith Stein dizia em 1933:

Se o conhecimento é uma captação espiritual de um ente, é lícito dizer que conhecemos o modo de ser próprio de um homem: este modo de ser se mostra através das múltiplas formas de expressão nas quais o 'interior' se 'exterioriza' e nós compreendemos esta linguagem (...). O modo de ser próprio de uma pessoa se expressa em formas que podem seguir existindo separadas dela: em sua letra, no estilo que se reflete em suas cartas ou em outras manifestações literárias, em todas as suas obras, e também nos efeitos que produziram em outros homens.

E continua:

Recolher estas fontes e restos, do modo mais completo possível é o trabalho preliminar do historiador. Sua tarefa principal é compreendê-los: penetrar na individualidade por meio da linguagem desses signos (...). Em seguida vem a missão ulterior de pôr ao alcance de outros a individualidade que se captou. Não se pode lograr este fim dando à individualidade uma denominação universal ou enumerando muitas características suas (por sua vez captadas de modo universal), ou tampouco vendo-a como a intersecção de diferentes tipos. Tudo isso são apenas instrumentos que talvez tenham que ser usados. Mas o importante na hora de permitir a alguém que capte uma individualidade quando não se pode proporcionar um encontro vivo, é **assinalar o caminho pelo qual alcançou a meta**. Para que se possa executar o ato de compreender se deve relatar traços especialmente eloquentes e sobretudo,

sempre que possível, oferecer expressões originais da pessoa em questão. Conseguir executar isto reside a arte da exposição, na qual as tarefas do historiador e do artista coincidem em boa parte assim como a arte da interpretação, isto é, a reflexão acerca de expressões pessoais, que é comum a ambos.³⁶ (grifos meus)

Psicanálise e História: A Intersubjetividade e o Espaço Potencial

A psicanálise abriu as pistas para a compreensão do homem enquanto ser histórico, mas hoje o espaço que a prática psicanalítica toma como investigação é muito mais amplo que o concebido originalmente por Freud.

Do ponto de vista da psicanálise, podemos acompanhar a partir de Freud o desenvolvimento de estudos que ficaram conhecidos como psicanálise aplicada ou da clínica extensa. Exemplo - entre os historiadores que se utilizaram de conceitos e teorias psicanalíticas em seus estudos biográficos, entre os franceses - são Michel de Certeau e Alain Besançon, já citados. Entre os norte-americanos, a psico-história gozou sempre de muita popularidade, e podemos citar os estudos de Erick Erikson³⁷, entre muitos outros. Este tipo de estudo, entretanto, foi muito criticado pelos psicanalistas, europeus principalmente, por não implicar a utilização do método psicanalítico em suas investigações, caracterizado pela análise da transferência, e por retirarem a teoria psicanalítica e seus conceitos do contexto em que foram forjados e tinham o seu sentido.

Mais tarde, entretanto, com o desenvolvimento das teorias psicanalíticas intersubjetivas, principalmente com Jacques Lacan e Donald Woods Winnicott, a psicanálise pôde ampliar seu olhar e pesquisa para um campo mais amplo, para além dos consultórios, para espaços públicos, utilizando o método psicanalítico.

A partir destes autores, ganha importância na psicanálise o conceito de intersubjetividade, ou seja, que todo fenômeno humano implica um outro, o que permite investigar qualquer fenômeno cultural psicanaliticamente. O objeto cultural passa a ser visto como passível de intervenção psicanalítica porque é memória e presença de um outro.

Lacan³⁸ centralizou sua clínica no discurso que se caracteriza por ser sempre para um outro, não importa em que contexto, permitindo assim investigar a partir de

³⁶ STEIN, E. "Estructura de la persona humana", in: OCES, Vol. IV, pp. 583-84. (Trad. I. N.)

³⁷ ERIKSON, E. *Young Man Luther, a Study of Psychoanalysis and History*, New York, Norton, 1958.

³⁸ LACAN, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1998.

onde o discurso é produzido e a transferência através do método psicanalítico, fora do consultório, em todo tipo de produção cultural.

Winnicott³⁹ deu um passo a mais, e foi além da intersubjetividade, reposicionando em seus trabalhos a própria constituição do *Self* pela importância dada ao entre, elemento fundamental no processo, e que denominou de “espaço potencial”. Trata-se de uma experiência que pode ser narrada ou representada, mas em que o discurso não dá conta dela, pois encontra-se para além dele.

Winnicott colocou assim a ênfase de sua clínica no “espaço potencial”, que pode ocorrer quando, em um determinado ponto do processo maturacional, a criança pode alcançá-lo. Isto se dá através da expansão da ilusão, como expressão da subjetividade na externalidade, e quando abandona o objeto transicional que terá por herdeiro o espaço potencial, determinado não pelas características sensoriais do meio ambiente mas por ser oferta, implicando, portanto, sempre na presença do outro. Para Winnicott, a originalidade nasce da tradição, o que quer dizer que compreende o homem como enraizado nela, mas que só se realiza quando pode reposicionar esta mesma tradição.

O entre, para Winnicott, constitui o que acontece para além da subjetividade de cada um. O ocorrido constitui, surpreende e revela. O espaço potencial é um espaço de experiência que é sempre compartilhada, mesmo que se dê em silêncio, podendo ocorrer em qualquer lugar. A clínica se amplia assim para além do consultório, desde que possa ocorrer esta abertura fundamental. A partir desta posição inúmeras investigações vêm sendo feitas em escolas, comunidades indígenas, nas ruas, além dos consultórios, permitindo a interação com outros campos das Ciências Humanas, como a Antropologia, a Pedagogia e a História.

Gilberto Safra, partindo da teoria do amadurecimento de Winnicott, e de outros autores, filósofos e literatos, onde se destacam as ideias de Edith Stein, nos mostra a importância de abordar a singularidade do ser humano. Propõe uma *hermenêutica do idioma pessoal*, a maneira pela qual a singularidade do ser humano aparece no seu modo de ser, em seus gestos, em sua linguagem e em seu estilo pessoal.

Para Safra,

(...) se tomarmos um texto qualquer e investigarmos a maneira como se articulam os argumentos da sua organização, perceberemos que ele é sempre uma resposta à pergunta de alguém. Por meio de seu texto, o autor posiciona-se frente ao Outro. Embora o texto tenha uma composição que lhe dá unidade, há sempre inúmeros

³⁹ WINNICOTT, D. W. *O Brincar e a Realidade*, Rio de Janeiro, Imago, 1975.

outros presentes. Há os que estão explicitamente presentes, por meio das citações feitas pelo autor, mas há também a presença dos anônimos não citados no texto. O mesmo fenômeno acontece na interioridade de alguém. Nossos pensamentos, nossa fala, nosso gesto, sempre acontecem em diálogo com o Outro.⁴⁰

Para este autor, o gesto de uma pessoa no mundo é significado tanto pelo passado quanto pela expectativa do futuro que, por si mesmo, pelas suas características, ressignifica futuro e passado. Nessa postura hermenêutica, o momento presente precisa ser compreendido frente a esses dois referentes fundamentais. Na dimensão do passado até um ponto X da trajetória de uma pessoa, está a dimensão do significado, dado pelas qualidades das experiências vividas. E a dimensão do futuro relaciona-se à questão do sentido. O que significa também afirmar que o gesto do momento é sustentado por um significado do passado e pelo sentido do futuro.

Há o acontecimento constitutivo, que se dá no estabelecimento do si mesmo e que, à medida que se caminha em direção ao fim, ocorre uma desconstrução do si mesmo. Isto ocorre no percurso da vida de uma pessoa, o que significa que cada vez mais o caminho exige que o indivíduo possa estar ancorado não na dimensão representacional de si mesmo, mas na dimensão experiencial de si mesmo, na questão ontológica.

O conceito de ôntico, ontológico e ontologia foram discutidos inicialmente por Martin Heidegger (1889-1976), e por Edith Stein, alunos de Husserl e Emmanuel Lévinas (1906-1995), aluno de Heidegger, entre outros. O registro ôntico diz respeito aos acontecimentos da vida de uma pessoa ao longo do tempo, enquanto a sua condição originária lhe revela os fundamentos de si mesmo através do registro ontológico. O ser humano é, portanto, um ente que se move entre estes dois registros, cujo cerne é uma questão e uma pré-compreensão sobre o ser. Por outro lado, a condição humana leva o homem a tentar responder a esta pergunta fundamental por meio da construção de ontologias. Cada um de nós possui uma ontologia pessoal, formulada na nossa tentativa de responder à questão sobre o ser que nos habita e constitui. E todo o nosso modo ôntico de ser, como nos apresentamos, é implicitamente uma resposta à questão do sentido de nosso ser.

Nesta perspectiva, o homem na sua estrutura ontológica é possibilidade de compreensão, portanto essencialmente originária no seu ser. Não se trata de um

⁴⁰ SAFRA, G. *Hermenêutica na Situação Clínica: O Desvelar da Singularidade pelo Idioma Pessoal*, São Paulo, Edições Sobornost, 2006, p. 94.

desenvolvimento mental ou psíquico, é anterior a ele. O funcionamento mental é fruto sempre de experiências ônticas. A mente se desenvolve a partir das fraturas da experiência pessoal. Ser um ente que compreende significa que o homem, desde sempre, questiona-se e está desperto para o ser, a procura de sentidos. O que dá ao ser humano a capacidade de questionar-se sobre o seu ser e de se projetar na existência, mas também o coloca, desde sempre, aberto à consciência da experiência da dor e do sofrimento. Mas, diferentemente dos animais, o homem coloca o seu sofrimento em questão, buscando o seu sentido, de modo que o sofrimento lhe fala sobre a verdade sobre a existência humana.

Podemos a partir daí dizer que o homem é transcendência, ou seja, que está em si e também para além de si mesmo, de duas maneiras: em relação a si mesmo e ao Outro. Tanto o que sou como o Outro está sempre para além da possibilidade de percepção e apreensão. Além disso, o ser humano é originariamente sempre aberto a um Outro. Como consequência de sua transcendência, está sempre sendo atravessado pelo inédito, visitado por algo estranho a si mesmo que lhe chega da sua própria interioridade e dos que estão à sua frente.

O ser aparece ao homem como doação. Por não possuir o ser a pessoa vive no horizonte da instabilidade entre o ser e o não-ser. O homem está sempre em devir, ou seja, cada passo de sua existência implica um continuo de acontecimentos, de nascimentos e mortes, vividos a cada momento. O ser humano é caminho, devir, peregrinação, em decorrência da precariedade de sua existência e por acontecer entre o ser e o não-ser. Segundo Edith Stein:

Quando me volto para o ser, este se manifesta tal como é em si mesmo, um duplo rosto: o do ser e do não-ser. O 'eu sou' não resiste ao olhar. O que eu sou é sempre outro; e como o ser e o movimento espiritual não estão separados, pois sou em um e no outro, meu ser também é sempre diferente; o ser de um instante atrás passou e cedeu seu lugar ao ser do agora. O ser, do qual sou consciente enquanto é meu próprio ser, não é separado da temporalidade. Enquanto ser atual, quer dizer, enquanto ser presente, real, puntiforme, é um agora entre o que já não é e o que ainda não é.⁴¹

Fontes

⁴¹ STEIN, E. - *Ser Finito y Ser Eterno. Ensayo de una Ascensión al Sentido del Ser*, México, Fondo de Cultura Económica, 1994, Apud SAFRA, G., *Op. Cit.*, p. 106.(Trad.I.N.)

Para redigir este estudo procuramos pelos manuscritos⁴² das obras e cartas de Edith Stein que, em sua maior parte, encontram-se no *Arquivo Edith Stein* em Colônia. Este acervo deve-se ao fato de Edith ter entrado na comunidade de Colônia no dia 14 de outubro de 1933 levando consigo uma grande biblioteca e uma série de trabalhos em preparação. Entre eles os rascunhos de sua principal obra filosófica “*Endliches und ewiges Sein. Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*” (*Ser finito e Ser Eterno. Ensaio de Acesso ao sentido do Ser*). Em 31 de dezembro de 1938, no dia em que Edith Stein teve que fugir para a Holanda por causa das perseguições anti-judaicas do nacional-socialismo, levou consigo do Carmelo de Colônia uma série de livros, manuscritos e trabalhos não concluídos com a intenção de continuar, na medida do possível, seus estudos e investigações. Em Colônia ficou quase toda sua biblioteca e alguns manuscritos que não usava naquele momento.

Aos manuscritos que Edith Stein levou para Echt se somaria tudo o que conseguiu escrever até mesmo no dia de sua prisão e deportação para Auschwitz. Em 6 de janeiro de 1945, dois anos e meio após sua morte, as irmãs carmelitas de Echt foram obrigadas a mudar-se para um pequeno convento em Herkenbosch, para onde, alguns dias depois, puderam trazer parte de suas coisas, e em dois grandes sacos, os escritos de Edith Stein. Pouco tempo depois tiveram, no entanto, que continuar sua fuga e os manuscritos de Edith ficaram abandonados no sótão do convento. O resgate desses manuscritos foi possível graças à iniciativa e à ação corajosa do então prior dos carmelitas descalços de Geelen, P. Avertanus e do diretor do “*Husserl Archiv*” da Universidade de Louvain, P. Hermann van Breda, OFM, que, em março de 1945, viajaram para Herkenbosch para resgatar dos escombros do convento centenas de folhas manuscritas de Edith Stein, salvando-as assim da destruição.

O primeiro destino dos manuscritos de Edith Stein foi o *Husserls Archiv*, anexo ao *Institut Supérieur de Philosophie* da Universidade de Louvain. Ali se realizaram os primeiros trabalhos de recompilação, reconstrução, ordem e catalogação dos manuscritos steinianos, graças ao trabalho de Lucy Gelber. Em seguida, o P. Romaeus Leuven foi chamado a Roma e nomeado “Censor” dos escritos steinianos, sendo-lhe encomendada a publicação de suas obras. A partir de

⁴² Estas informações sobre os manuscritos e os arquivos de Edith Stein encontram-se em BEJAS, A. *La Passión por la Verdad*, Buenos Aires, Bonum, 3 ed., 2005. No entanto, soubemos através da Profa. Bello, que não existe mais o Arquivo de Louvain, e os manuscritos de Edith Stein encontram-se todos no Arquivo de Colônia. (comunicação pessoal)

então o *Archivum Carmelitanum Edith Stein* começou a funcionar como uma entidade independente com sede primeiro em Louvain e depois em Bruxelas. O trabalho principal deste arquivo era a administração geral dos manuscritos steinianos ali depositados e a sua cuidadosa publicação.

Em uma carta de 3 de março de 1939, Edith Stein conta que em sua fuga teve a sorte e a graça de contemplar com seus próprios olhos a Igreja “Maria Rainha da Paz”, para onde se transferiria mais tarde a comunidade carmelita de Colônia e onde tomara o hábito e fizera sua profissão de fé. Neste convento encontram-se atualmente as carmelitas de Colônia e o *Edith Stein Archiv* que guardam os valiosos manuscritos da filósofa e mística carmelita.

Depois que Madre Teresa Renata do Espírito Santo escreveu a primeira biografia de Edith Stein, apareceram outros escritos dispersos e em Colônia formou-se lentamente um arquivo com todo o material recolhido. Atualmente é o arquivo mais completo no qual se podem encontrar todas as obras de Edith Stein, seus manuscritos, na forma original ou fotocopiados, e também todas as obras, revistas e artigos que têm a ver com sua vida e os escritos steinianos.

Tivemos a oportunidade de visitar o convento de Colônia em março de 2008, graças à ajuda técnica do CNPQ, através do projeto Instituto do Milênio, mas o *Arquivo Edith Stein* se encontrava fechado para trabalhos de manutenção e digitalização, para recuperação dos documentos. Pudemos na ocasião visitar apenas uma sala com lembranças, livros, objetos e folhetos sobre Edith Stein. Em fevereiro de 2010 o *Arquivo Edith Stein* foi reaberto, encontra-se digitalizado e disponível para pesquisa *in loco*, intranet (<http://www.edith-stein-stiftung.org/index.html>). A *Edith Stein Foundation* ([HTTP://www.edith-stein-stiftung.org](http://www.edith-stein-stiftung.org)) também se ocupa da preservação, segurança, e publicação da documentação relativa a Edith Stein e da sua memória dentro e fora da Igreja Católica, em colaboração com outras instituições.

Outras fontes foram localizadas no *Arquivo Conventual das Dominicanas de Santa Madalena*, em Speyer, onde Stein atuou e viveu, entre 1923 e 1931, como professora no Liceu, desenvolvendo uma relação de intimidade e confiança com diversas irmãs desta comunidade. Nesta época realizou também inúmeras conferências sobre a mulher e temas pedagógicos, por toda Europa. Ficaram no convento numerosos manuscritos e originais datilografados que ainda se conservam no arquivo conventual.

Dentre os trabalhos mais importantes que ficaram nas mãos das dominicanas encontra-se o manuscrito original da tradução alemã de *De Veritate* de Santo Tomás de Aquino e uma reflexão sobre “O Mistério do Natal”. O arquivo contém, além destes documentos, numerosas dedicatórias, traduções curtas de hinos e textos litúrgicos, e uma quantidade considerável de cartas que Edith Stein escreveu às irmãs de Santa Madalena.

Também visitei este convento, em 2008, sendo calorosamente recebida por irmãs brasileiras que vivem lá e que me levaram para conhecer o quarto onde Edith morou, transformado em um lugar de meditação, e onde se encontram objetos de sua celebração. Uma exposição sobre sua vida, com textos e fotografias, cobrem as paredes do corredor principal do convento, além de uma sala, dedicada a ela, com livros, lembranças, etc. Há também, em sua homenagem, uma escultura e uma pintura, no pátio do convento, entre outros objetos. Infelizmente, também não tive acesso aos manuscritos, podendo apenas documentar com fotografias a minha visita, que apresento a seguir.

2. Convento das Dominicanas Sta. Madalena, Hasenpühlstrasse 32, Speyer, Alemanha. (Fotografia Ilana Novinsky, 2008)

3. Brasão “Homenagem à querida professora Dr. Edith Stein, que aqui viveu entre 1923 e 1931. Martir assassinada em 9-8-1942. Santificada em 11-10-1998”. (Fotografia Ilana Novinsky, 2008)

4. Quarto onde morou Edith Stein em Speyer, preservado como quarto de meditação. (Fotografia Ilana Novinsky, 2008.)

5. Outro ângulo do quarto onde morou Edith Stein com a Irmã brasileira que me recebeu na ocasião de minha visita. (Fotografia Ilana Novinsky, 2008)

6. Exposição sobre a vida de Edith Stein, organizada pelas irmãs do Convento Sta. Madalena, em Speyer, com as irmãs brasileiras que me acompanharam na visita. (Fotografia Ilana Novinsky, 2008)

7. Escultura em homenagem a Edith Stein no pátio do Convento de Sta. Madalena, Speyer.
(Fotografia Ilana Novinsky, 2008)

8. Praça Edith Stein, Speyer. (Fotografia Ilana Novinsky, 2008)

9. Catedral de Speyer onde se encontra esta homenagem a Edith Stein. (Fotografia Ilana Novinsky, 2008)

No Arquivo do Convento Carmelita de Echt, na Holanda, ficaram alguns poucos fragmentos, as ultimas cartas de Edith Stein e um número reduzido de traduções. Um documento importante, o Testamento de Edith Stein escrito em junho de 1939, encontra-se sob a guarda desta instituição, fechada em 1986. Neste, Edith Stein detalhou com toda precisão o destino de suas “possessões” no Carmelo de Echt:

Os livros que trouxe comigo, contanto que não sejam puramente científicos e de pouca utilidade para as irmãs, prefiro deixá-los naturalmente para o convento. Os livros de caráter científico serão aceitos com muito gosto pelos nossos padres carmelitas, os trapenses ou os jesuítas. Peço também que meus manuscritos sejam revisados e criteriosamente sejam destruídos, integrados à biblioteca ou dados como lembrança. A história de minha família rogo que não seja publicada enquanto algum de meus irmãos ainda esteja vivo e também rogo encarecidamente que não lhes seja entregue. Apenas Rosa poderia ter acesso a ela, e depois da morte de meus outros irmãos, seus filhos. Sobre sua publicação pode decidir diretamente a Ordem. Tenho também dois manuscritos de amigos estrangeiros. Se não vierem buscar antes da minha morte, rogaria que fossem entregues a seus respectivos donos, juntamente com alguma pequena lembrança de meus próprios manuscritos... Se o meu livro “Ser finito e Ser Eterno” não tiver sido publicado antes da minha morte,

peço a nosso reverendo P. Provincial que se ocupe generosamente da impressão e de sua publicação.⁴³

Além das numerosas cartas que Edith Stein escreveu e que se encontram distribuídas por diversos arquivos ou em poder de particulares, existem manuscritos seus nos arquivos das Universidades de Mûnich, Freiburg e Louvain. Nesta última se encontram os comentários e as transcrições das obras de Husserl que, como se sabe, costumava escrever em estenografia. Com o processo de beatificação de Santa Teresa Benedita da Cruz, temos notícias de que todas as suas obras e manuscritos foram copiados pelo Vaticano, e disponibilizados também na sua biblioteca.

Portanto, para a realização deste trabalho tive acesso apenas às obras e cartas publicadas, dentre as quais destacamos os textos autobiográficos:

1) Autobiografia: *História de uma Família Judia*, escrita entre 1933 e 1939; tradução em espanhol, inglês e italiano. Edith Stein começou a escrever sua *Autobiografia* em 1933, após ter sido demitida de seu cargo no Instituto Pedagógico de Mûnster, quando o nacional-socialismo subiu ao poder na Alemanha. Nos seis meses seguintes, escreveu a primeira parte do livro '*Minha mãe lembra*'. A segunda parte "*Da história familiar: as duas mais novas*" foi escrita no ano e meio seguintes. Ficou incompleta, pois a autora teve que interromper a escrita em maio de 1935, logo depois de sua primeira profissão ao convento, para se dedicar a seu estudo filosófico intitulado *Ser Finito e Ser Eterno*, já citado.

Em 7 de janeiro de 1939, Edith Stein decidiu continuar seu trabalho autobiográfico, alguns dias depois de fugir para Echt, na Holanda, mas nos quatro meses seguintes escreveu poucas páginas. Os parágrafos finais de sua autobiografia, que nunca foi terminada, foram redigidos em 27 de abril de 1939.

No prefácio, Edith trata dos motivos que a levaram a escrever sua autobiografia, que reproduzo quase integralmente, abaixo:

Nos últimos meses os judeus alemães foram catapultados de sua existência tranquila que acreditavam definitivamente adquirida. Foram forçados a refletir sobre si mesmos, sobre seu ser, e seu destino. Mas os acontecimentos atuais também

⁴³ STEIN, E. "Testamento", in *Della Vita di una Famiglia Ebreja e Altri Scritti Autobiografici*, Roma, Città Nuova, Edizioni OCD, 2007, p. 517. (Trad. I. N.) Este texto será mencionado a seguir pela sigla DVFE.

impeliram muitos outros, mesmo não partidários, a considerar a questão judaica. Grupos de Jovens Católicos, por exemplo, vem discutindo sobre ela de uma maneira séria e com profundo senso de responsabilidade. Repetidamente, nos últimos meses, lembrei de uma conversa que tive alguns anos atrás com um padre de uma ordem religiosa. Ele me pediu então que escrevesse o que eu, filha de uma família judia, tinha aprendido sobre o povo judeu, pois este conhecimento é pouco partilhado pelos de fora. Muitas outras responsabilidades me impediram de tomar esta sugestão seriamente naquele momento. Em março ultimo, quando nossa revolução nacional iniciou a luta contra o Judaísmo na Alemanha, lembrei-me novamente dela. Em uma dessas conversas em que se procura compreender uma catástrofe que se abate de repente sobre alguém, uma das minhas amigas judias expressou sua angústia: ‘Se pelo menos eu soubesse de onde Hitler tirou seu terrível ódio dos judeus’!

Ela teve sua resposta nos escritos programáticos e discursos dos novos detentores do poder. Destas fontes, como de um espelho côncavo, uma horrenda caricatura olhava para nós. Pode ser que tenha sido desenhada com uma convicção honesta. Pode ser que os traços específicos podem ter sido copiados de modelos vivos. Mas a humanidade judia é produto necessário do “sangue judeu” *tout court*? O Judaísmo é representado apenas por, ou mesmo, apenas genuinamente pelos capitalistas poderosos, literatos insolentes, ou aquelas mentes inquietas que desempenharam papéis de primeiro plano nos movimentos revolucionários das décadas passadas?

Em todos os estratos da nação alemã encontram-se pessoas que o negam: estiveram associadas a famílias judias como empregados, vizinhos ou colegas de escola e universidade, encontraram nelas muita bondade de coração, compreensão, calorosa empatia, e solidariedade, e agora seu senso de justiça está ultrajado pela condenação deste povo a uma existência de pária.

Mas muitos outros não têm esta experiência. Esta oportunidade é negada, sobretudo aos jovens que hoje em dia estão sendo criados no ódio racial deste cedo. Ao confrontá-los, nós, que crescemos no Judaísmo temos o dever de dar nosso testemunho.

(...) Eu gostaria de dar, simplesmente, um relato direto de minha própria experiência da vida judaica, como um testemunho a ser colocado junto com outros, já publicados ou a serem em breve publicados. Pretende dar informação para qualquer um que queira realizar um estudo sem preconceito de fontes originais.⁴⁴

Como vimos, Edith procurou dar o seu testemunho sobre a experiência e a vida de uma família judia, como uma arma contra a educação racista e a condenação dos judeus a uma vida de pária. Procurou desmascarar o preconceito presente na ideologia nazista, nas horríveis caricaturas dos judeus que vinham sendo divulgadas pela propaganda do partido, oferecendo um retrato direto e genuíno da vida familiar judaica, seus valores e características. Edith estava profundamente preocupada com os últimos acontecimentos, com o povo judeu e com toda a humanidade.

A fonte autobiográfica, enquanto material documentário para a reconstituição histórica dos saberes psicológicos no âmbito da cultura, transmite também o conhecimento das dinâmicas psicológicas vivenciadas ao longo da elaboração do

⁴⁴ Edith Stein, *Life in a Jewish Family* Edited by L. Gelber and Romaeus Leuven. Translated by Josephine Koepfel. Washington, DC: ICS Publications, 1986, p.23-25. (Trad. I. N.). Este texto será mencionado a seguir pela sigla: *LJF*.

percurso pessoal, conhecimento este adquirido e relatado pelo próprio sujeito-autor. Como um gênero literário, a autobiografia, e especialmente a confissão, tiveram uma grande difusão na cultura ocidental, com continuidades e transformações. A autobiografia surge como gênero definido no século XVIII e refere-se à descrição da vida de um indivíduo escrita por ele mesmo, sendo um importante recurso para a apreensão das diversas mentalidades de elaboração da experiência humana ao longo da história cultural.

A fonte de natureza autobiográfica, na medida em que a autobiografia é um gênero literário presente nas diversas sociedades e em diferentes períodos de tempo – constitui-se num importante recurso para a apreensão das modalidades de elaboração da experiência humana ao longo da história cultural, como nos apresenta a Profa. M. Massimi ⁴⁵. A autobiografia é um conhecimento reflexivo, elaborado pela escrita que o autor faz de sua própria experiência.

Edith Stein nos diz em seu trabalho *Introdução à Filosofia* que a análise da fonte autobiográfica, realizada segundo a perspectiva histórica, compreende a etapa de determinação e de interpretação. Por determinação entende-se a verificação do contexto (espacial e temporal) em cujo âmbito se encontra o testemunho. Esta verificação permite apreender o sentido do testemunho no universo contextual em que foi concebido: o contexto sócio-cultural e histórico como também o contexto das vivências e da história individual. A determinação desemboca na interpretação, a qual consiste na apreensão da vida espiritual de quem dá o testemunho (o escritor da autobiografia). Com efeito, alcançamos a interpretação quando o conteúdo do testemunho é descoberto em sua determinação individual.

Segundo Stein, a determinação em si não precisa atingir este estágio, podendo se interromper a investigação histórica num nível anterior, sem alcançar o pleno conteúdo de significado da fonte. Todavia, um conhecimento histórico que não alcance a interpretação não se realiza integralmente. É possível também que a interpretação do documento proceda de modo independente de uma rigorosa determinação histórica: isto poderá ocorrer no caso em que uma carta seja tomada apenas como expressão da personalidade de seu autor, ou do relacionamento deste com a pessoa do destinatário. Pode ainda depender da singular condição vital

⁴⁵ MASSIMI, M. "A Fonte Autobiográfica como Recurso para a Apreensão do Processo de Elaboração da experiência na História dos Saberes Psicológicos", *Memorandum*, 20, 11-30, 2011. <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a20/massimi05>.

descrita por quem escreve, não se estabelecendo uma conexão de sentido de tipo espaço-temporal. Mas, neste caso não obtemos o conhecimento histórico no sentido próprio do termo.

Stein assinala também que existe uma relação importante entre os conteúdos de sentido individual e a inserção num contexto espaço-temporal ordenado: de fato, cada conexão que se desenvolve no tempo e espaço é também conexão de sentido e, ao mesmo tempo, os conteúdos de sentido pertencem à conexão espaço-temporal, não podendo ser integralmente conhecidos se não forem inseridos em tal contexto.

Uma interpretação histórica adequada de uma fonte, portanto, exige dois movimentos: adentrar na situação espiritual individual que o testemunho expressa e compreender seu significado no contexto geral do acontecimento histórico específico. Mesmo que tais objetivos possam ser realizados pela pesquisa histórica apenas parcialmente, eles permanecem sendo um indispensável horizonte ao conhecimento.

Existem diversos tipos de fontes que podem ser tomadas como próprias deste gênero: os diários, ou seja, as anotações acerca dos acontecimentos da vida cotidiana; as memórias, a saber, textos retrospectivos baseados no exercício da memória pessoal do autor; a autobiografia propriamente dita que é a reconstrução retrospectiva elaborada pelo autor acerca do percurso de sua própria vida em sua totalidade; a confissão, exposição de si pela escrita realizada diante da presença real ou imaginária de um outro e destinada a leitura de um outro (por exemplo a obra de Agostinho); as reflexões e ensaios, textos escritos por um autor centrado em si mesmo e tendo como destinatário a si mesmo (Montaigne, Rousseau); a correspondência epistolar.

Ao longo do tempo registrou-se a emergência de um ou outro tipo de texto autobiográfico, sendo sua permanência uma constante na história do Ocidente. No estudo do Holocausto, estas fontes têm se mostrado fundamentais e mesmo primordiais, através dos filmes e todos os tipos de documentos históricos utilizados na sua pesquisa e estudo.

Como já mencionamos, Edith Stein escreveu seu texto autobiográfico em três estágios. De abril a setembro de 1933, Edith escreveu a história de seus avós, de seus pais e de sua infância. Como diz no prefácio de 2 de setembro de 1933,

pretendia apenas transcrever as palavras de sua mãe de 84 anos, mas sentiu necessidade de pôr alguma ordem ao seu relato oral.

A segunda parte do manuscrito foi escrito durante o seu noviciado no Carmelo, desde o fim de 1933 até maio de 1935, tendo utilizado apenas sua memória. E finalmente, algumas páginas foram acrescentadas após sua fuga para Echt, entre janeiro e abril de 1939. A narrativa é interrompida na defesa de seu doutorado, em agosto de 1916, apesar de nos capítulos precedentes já discutir alguns eventos futuros. Esta autobiografia inacabada de Edith mostrou-se factualmente correta, e uma fonte preciosa para os estudiosos de Husserl, Ingarden e outros fenomenólogos, com informações sobre as atividades profissionais e pessoais dos círculos a que Stein pertencia.

Marianne Sawicki⁴⁶ discute a autobiografia de Edith Stein como sendo uma ficção, baseando-se nos requerimentos formais da própria teoria hermenêutica de Stein, e na coincidência de detalhes entre sua autobiografia e uma novela histórica escrita na mesma época *Die Geschwister Oppermann* por Lion Feuchtwanger (1884-1958), famoso escritor judeu de esquerda. Esta novela invocava as mesmas características de um documentário ficcional, um tipo de literatura popular na época.

Feuchtwanger viajava pelos Estados Unidos quando os nazistas chegaram ao poder em 1933, e não retornou mais à Alemanha. Escreveu esta novela rapidamente, entre abril e setembro de 1933 – quando Stein começou também a compor a primeira parte de sua própria história. O livro de Feuchtwanger foi publicado em várias línguas, nesse mesmo ano, e o autor dizia que pretendia com seu trabalho mostrar ao mundo os perigos do nacional-socialismo. Assim, como o livro de Stein, a novela de Feuchtwanger tinha o objetivo de ser um trabalho de auto-defesa, contra as ideias e imagens estereotipadas dos judeus veiculadas insistentemente pela propaganda nazista.

Gilman⁴⁷ considera que o documentário ficcional foi desenvolvido na época tanto pelos fascistas como por seus oponentes, citando o livro de Feuchtwanger como o exemplo de maior sucesso do gênero.

A novela de Feuchtwanger é também autobiográfica em vários aspectos e, como a de Stein, fornece uma visão a partir do interior de uma família judia na época

⁴⁶ SAWICKI, M. *Body, Text and Science, The Literacy of Investigative Practices and the Phenomenology of Edith Stein*, Dordrecht, Kluwer Academic Publishers, 1997.

⁴⁷ GILMAN, S.L. *Inscribing the Other*, Lincoln, University of Nebraska Press, 1991; Apud SAWICKI, *Op. Cit.*, p.176.

em que Hitler sobe ao poder. Sawicki apresenta uma série de similitudes entre os dois textos, indicando que ambos construíram suas narrativas através do mesmo tipo de subjetividade, com personagens da vida urbana de classe média, com ênfase em instituições e práticas educacionais. Sawicki afirma que tal similaridade não se trata de pura coincidência entre as duas narrativas. Considera a possibilidade de Edith ter lido o livro de Feuchtwanger e que este pode ter lhe servido de modelo quando sentia que a sua própria vida dependia disso. Sawicki ao analisar as duas narrativas afirma que os textos usam a mesma estratégia defensiva, afirmando que os judeus assimilados são “como” os alemães burgueses comuns.

Gilman apresenta também importantes diferenças entre os textos. A novela de Feuchtwanger pretende afirmar que os alemães de classe média e os judeus eram igualmente complacentes, cegos e portanto vulneráveis à violenta repressão que estava sendo realizada pelos nazistas em 1933. A novela termina com um tom desesperado: tornar-se consciente do perigo não é se tornar capaz de agir.

Para Sawicki, em contraste, a autobiografia de Stein é um retrato sensível da vida burguesa e dos seus costumes em que procura demonstrar aos alemães que os judeus são iguais a eles, ‘como eles’. O trabalho se baseia em uma esperança ingênua e patética de que os alemães não irão tocar nos judeus se forem capazes de vê-los como ‘gente’. Sawicki pensa que Edith nunca foi capaz de acreditar que o mal verdadeiro seja possível, e que procurava mostrar que os “seus” judeus eram do “mesmo tipo” que os “seus” alemães.

Entretanto, na construção do seu projeto autobiográfico surge a ideia de que nem todos os judeus são do “*seu tipo*” de judeu, e nem todos os alemães são do “*seu tipo*” de alemão. Edith precisava mostrar-se como sendo do “*tipo certo de alemão*” para poder ganhar a compreensão dos leitores que pretendia atrair e convencer. Fala da sua educação em história política alemã (e ignorante da história judaica), conhece amplamente a literatura alemã, e dizia que os acentos *ídish* e polonês eram de gente “*ignorante*”, o que era um preconceito de Stein, uma vez que entre os judeus da Europa Oriental, de língua *ídish*, encontrava-se uma elite de grandes intelectuais. Edith neste momento demonstra uma visão um tanto preconceituosa e elitista, como muitos intelectuais de sua época. Apresenta seus primos como médicos e advogados, e mostra seu desagrado sobre o comportamento dos “*comerciantes e artesãos*”.

Enquanto a novela de Feuchtwanger termina no desespero, a autobiografia de Stein foi interrompida para que se dedicasse a outros escritos e, antes que pudesse retornar a ela, foi presa, deportada e morta na câmara de gás. Mas o seu ponto de vista como escritora nos anos de 1933-35 era esperançoso. Como Feuchtwanger, Stein exilou-se da Alemanha na Holanda mas, mesmo assim, pretendia transmitir sua história de vida, escrevendo como se tivesse uma resposta, uma solução, para o que chama de “*a questão judaica*”.

Qual é esta solução? Parece uma solução ambígua: por um lado, diz que os “judeus são pessoas, falam um bom alemão, tocam violino, por isso, não devem ser machucados”, em outro trecho diz: “Catolicismo é a verdade, por isso eu quero ser uma judia católica”. Tem, portanto, uma posição ambígua sobre o judaísmo, apesar de continuar próxima da sua mãe, depois da conversão, acompanhá-la à sinagoga, embora pareça não gostar de alguns aspectos da vida e da cultura judaica, e dá muitas indicações disso na sua autobiografia. Por outro lado, subscreve totalmente a posição teológica cristã de que a religião judaica foi superada e realizada por Jesus Cristo, o que indica provavelmente ignorância mais do que arrogância e preconceito de sua parte.

2) O texto “*Como cheguei ao Carmelo de Colônia*”, escrito por Edith Stein, foi também fonte importante para as nossas reflexões. Escrito em dezembro de 1938 - quando estava prestes a fugir para a Holanda - Edith se refere ali aos acontecimentos que precederam seu ingresso na ordem das Carmelitas Descalças: *Eine Beitrag zur Chronick des Kölner Karmel – Uma contribuição para a crônica do Carmelo de Colônia*, com o subtítulo: 1. *Wie ich in den Kölner Karmel kam – Como cheguei ao Carmelo de Colônia*. Esta subdivisão nos faz pensar que Edith pretendia acrescentar uma segunda parte que, de acordo com as pesquisas feitas até agora, parece que não chegou a ser escrita e na qual provavelmente pretendia contar a vida no Carmelo de Colônia.

Possivelmente a continuação não foi escrita por falta de tempo, do que Edith sempre se lamentava. Como vemos nas suas cartas, esteve ocupada em Echt, em um primeiro momento, com as correções para a publicação de sua obra *Endliches und ewiges Sein (Ser finito e Ser Eterno)*. Em seguida participou com afinco dos trabalhos domésticos do mosteiro. Com o aniversário de quatrocentos anos do nascimento de São João da Cruz (1542-1591), carmelita, poeta, doutor da Igreja e

místico, e como havia ainda pouca literatura sobre ele, em língua alemã, Stein recebeu o encargo de escrever um livro sobre a vida e a obra do Santo. Antes de se dedicar a este trabalho, escreveu ainda outro estudo preliminar, retomando os estudos científicos: *Wege der Gotteserkenntnis. Die "Symbolische Theologie" des Areopagiten und ihre sachlichen Voraussetzungen* (*Do conhecimento de Deus. A Teologia Simbólica de Areopagita e os seus Pressupostos na Realidade*).

3) O “*Testamento*” de Edith Stein, datado de 1939: segundo o direito canônico, antes da profissão dos votos os religiosos devem dispor das coisas de sua propriedade que trouxeram para o mosteiro, o que é chamado *Testamento*, para que quando da sua morte se saiba o que fazer com elas. Neste momento são plenamente livres de dispor delas como queiram. Após a profissão dos votos, aquilo que ganham com seu trabalho, que recebem ou que herdaram, pertence à Ordem. Geralmente estes testamentos são redigidos segundo uma fórmula fixa.

Seis meses depois de sua chegada a Echt, Edith Stein escreveu seu testamento, em papel branco e tinta, texto que se encontra com os documentos pessoais de Edith Stein, no Carmelo de Colônia. É um texto curto, onde dá conta do encaminhamento dos seus livros. E assim termina:

Desde agora acolho a morte que Deus me reservou, submetendo-me plenamente com alegria a sua santíssima vontade. Rogo ao Senhor que queira acolher a minha vida e a minha morte em Sua honra e glória, por todas as intenções dos Santíssimos Corações de Jesus e Maria e da Santa Igreja; em particular pela conservação, a santificação e a perfeição da nossa santa Ordem, sobretudo do Carmelo de Colônia e de Echt, em expiação da incredulidade do povo judeu e porque o Senhor seja acolhido pelos seus e venha o Seu reino na Glória, para a salvação da Alemanha e a paz no mundo, enfim, pelos meus familiares vivos e mortos e por todos aqueles que Deus me deu; que nenhum deles seja perdido.⁴⁸

Após datar o texto – “*Sexta feira da oitava do Corpus Domini, 9 de junho de 1939, sétimo dia dos meus exercícios santos. In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti*”, assina Irmã Teresa Benedita da Cruz, O.C.D.

Mas, um último parágrafo é acrescentado:

⁴⁸ STEIN, E. “Testamento”, in *DVFE*, p. 518. (Trad. I.N.)

Rogo não publicar a história da minha família enquanto meus irmãos e minhas irmãs estejam vivos, e que não lhes mostrem nada. Apenas Rosa pode vê-la e depois da morte dos outros, os seus filhos. Sobre a publicação deve decidir a Ordem.⁴⁹

Como vemos, Edith já estava preocupada com o que escrevera sobre sua família, e sabia que iria magoá-los. Aparece aqui novamente a sua ambivalência, pois escreveu o seu texto autobiográfico para que todos soubessem como era uma família judia, a verdade sobre os judeus, e apesar da mudança na situação, retomou a escrita em Echt.

Também é importante salientar a referência que faz neste texto como espera que sua morte seja uma “expição à incredibilidade do povo judeu”, (ao Cristo), pela salvação da Alemanha, pela paz no mundo e dos seus familiares, vivos ou mortos, “que ninguém se perca”. Esta questão será retomada adiante.

4) Edith Stein deixou perto de 500 cartas, dirigidas a familiares, colegas, amigos, irmãos do convento, editores, etc. Encontramos nelas informações interessantes sobre seus conflitos, dificuldades e sofrimentos, seus momentos de alegria e celebração, afeto e carinho. É um material muito rico que utilizaremos ao longo deste estudo. Deste conjunto destaca-se, sem dúvida, a carta dirigida ao Papa Pio XI.

A) Como docente do Instituto Alemão de Pedagogia Científica, junto ao Colegio Marianum, Edith escreveu uma carta ao Papa Pio XI, em que pede que se pronuncie contra a perseguição racista aos judeus na Alemanha.⁵⁰ Carta que só obteve como resposta uma bênção a ela e à sua família. É um documento curto e simples no qual se pronuncia “*como filha do povo judeu por graça de Deus e há 11 anos filha da Igreja católica*” exprimindo ao Padre da cristandade “*o que preocupa milhões de alemães*”.

Eram anos difíceis na Alemanha que, desde o fim da Primeira Grande Guerra, vivia uma grave crise econômica, política e social, com manifestações de ódio e violência contra os judeus, desde antes do governo de Hitler. Edith trabalhava então como professora em Münster, há um ano, pertencia ao movimento feminino católico alemão, e era convidada a fazer conferências em muitas cidades européias. Ativa no

⁴⁹ Idem, p.519.

⁵⁰ “Lettera di Edith Stein a Pio XI”, in Angela Ales Bello e Philippe Chenaux (Ed) *Edith Stein e Il Nazismo*, Città Nuova, Roma 2005, pp. 104-106.

meio católico, seguia com angústia e atenção a ascensão política do nacional-socialismo, e via que muitos católicos o apoiavam.

Desde 1933, com o fim da República de Weimar e a falência do centro democrático, a situação política se deteriorava rapidamente. Quando escreve a carta ao Papa em favor dos judeus e cristãos alemães, ainda não tinha noção do que iria acontecer, mas já tinha dúvidas sobre as verdadeiras intenções de Hitler e sobre suas palavras de 23 de março de 1933, em que afirmava ver nos fiéis cristãos fatores importantes para a continuidade do caráter nacional alemão.

Como inúmeras vezes, as palavras de Hitler foram ditas, mas não seguidas. Dias depois se iniciou a oposição à participação católica no governo, como Edith previra. Tomada de angústia, vendo o fim do partido católico e a subida ao poder de Hitler, sentiu a necessidade urgente de não se calar frente ao que descreve como *“comportamentos com total desprezo pela justiça e pela humanidade, para não falar do amor ao próximo”*.

Nos primeiros meses de 1933 o cardeal Faulhaber, de Munique escreveu:

A nós, bispos, foi feita a pergunta, de por que a Igreja Católica não defende a causa dos judeus. Não é possível fazê-lo neste período, pois a luta contra os judeus se tornará também a luta contra os católicos, e os judeus podem ajudar a si mesmos, como demonstra a demolição rápida do boicote.⁵¹

Estas palavras evidenciam que nem todos os bispos alemães estavam dispostos a dar ajuda aos judeus, o que se explica também pelo fato de que, até 1931, o pontificado de Pio XI mostrara pouca simpatia por eles. Houve, no entanto, uma carta do cardeal Pacelli ao Núncio Orsenigo, escrita em 4 de abril de 1933, em que o Vaticano pede informações precisas sobre a possibilidade de um protesto aberto e consciente contra as medidas que estavam sendo tomadas contra os judeus alemães.

Cardeal Pacelli: Importantes centros judaicos já se dirigiram ao Santo Padre pedindo-lhe que intervenha na Alemanha, para que terminem as violências do antissemitismo. Assim como a Santa Sé tem uma missão universal pela paz e oferece a todos os seus ajudas misericordiosas, o Santo Padre encarrega Vossa Excelência

⁵¹ Frankfurter Allgemeine Zeitung, 20 de fevereiro de 2003, p. 7. Apud Giovanna de la Cruce (Ed.) *La Lettera Sigillata*, Milano, Mimep-Docete, Padri Carmelitani, 2004, pg.15. O boicote a que se refere é o decretado pelo governo de Hitler contra todos os negócios mantidos pelos judeus, e que foi objeto de grande revolta em toda Alemanha.

(Monsenhor Orsenigo) de fazer-lhe saber como e quando será possível intervir no sentido desejável.⁵²

Com a publicação desta carta em 2003, se iniciou uma série de pesquisas históricas que procuram levantar argumentos contra o livro de John Cornwell, *O Papa de Hitler* (1999), que acusa o Papa Pio XII de ter colaborado com Hitler e o governo nazista.⁵³

Não temos nenhuma documentação que prove que Edith tivesse conhecimento destas cartas, do cardeal Faulhaber e do cardeal Pacelli. Ela se encontrava então em Münster, em um centro católico, e pode ter tido informações sobre estas cartas assim como tinha da situação política.

Edith procurou pelo Padre Raphael Walzer, Arcebispo de Beuron⁵⁴ seu diretor espiritual na época, para consultá-lo sobre a possibilidade de pedir uma entrevista privada ao Papa, pois muitos judeus católicos naquele momento viam a Igreja como a única ajuda possível. A voz de Edith Stein não apenas se unia a muitas outras, mas poderia parecer ao Papa mais prestigiosa e relevante por ser uma filósofa e judia convertida. Mas naquele ano havia uma grande afluência de crentes a Roma, por ser um Anno Sancto, e só seria possível uma entrevista em grupo, o que não interessava a Stein. Decidiu-se então por escrever a carta ao Papa.

No Carmelo de Colônia, Edith contara a sua priora, Madre Renata, um episódio ocorrido em Speyer, enquanto ensinava no Liceu do convento das Dominicanas. Em outubro de 1928, o monastério dominicano de Santa Madalena celebrava o sétimo centenário de sua fundação. Houve uma grande festa, com a presença do Núncio Pacelli, na qualidade de Representante pontifício. Como as monjas não podiam sair da clausura, o acolhimento na porta do Monastério de

⁵² Idem, *Op. Cit.*, p. 15.

⁵³ A controvérsia sobre o papel desempenhado pelo Papa Pio XII durante a Segunda Grande Guerra, e suas relações com o Terceiro Reich alemão continua, e vários estudos têm sido publicados nos últimos anos, entre eles o livro *Holocausto* de Martin Gilbert; *The Myth of Hitler's Pope* do Rabi David Dalin, e outros realizados a partir da abertura dos arquivos do Vaticano.

⁵⁴ Raphael (Joseph) Walzer (1888-1966), monge da abadia beneditina de Beuron, doutor em filosofia e teologia, eleito abade em 1918. Desenvolveu uma atividade extraordinária criando uma escola teológica e uma grande biblioteca em Beuron, iniciou a publicação de revistas beneditinas e participou da fundação de diversos priorados, inclusive no Japão. Teve que abandonar Beuron em 1935 pressionado por dificuldades do regime nacional-socialista, indo para a Suíça e depois França e Argélia, onde deu continuidade aos seminários para teólogos prisioneiros. Voltou à Alemanha em 1964, tendo vivido na abadia de Neuburg. Sua sepultura se encontra na cripta da Abadia de Beuron. Na época em que esteve muito próximo de Edith Stein, como seu amigo e conselheiro espiritual, a abadia de Beuron era um centro de renovação litúrgica.

Colônia, na Hasenpühlstrasse 32, foi feito, com a honra devida, pelos professores da escola, por alguns sacerdotes e personalidades. Edith Stein foi escolhida para abrir a porta e dar as boas vindas ao Núncio, como “representante do grupo de professores”. As palavras de acolhida, uma simples saudação, foram ditas de improviso, em nome da comunidade monástica. A Irmã Maria Amata Neyer ouviu-a contar este episódio, que levanta a hipótese de que o cardeal Pacelli pudesse se lembrar desta visita, e quem sabe também conhecer pela fama aquela que escrevia ao Papa em favor dos judeus.

Esta carta se encontra conservada no *Archivio della Congregazione per gli Affari Ecclesiastici Straordinari*, (1933-1945. Pos. 643, Fasc. 158) e oferece uma contribuição interessante para conhecer a situação dos anos 1930 e, sobretudo, apresentar seu testemunho.

Em 1928, Edith Stein escreveu na Introdução à sua tradução das cartas e do Diário de J. Newmann:

A vida verdadeira de uma pessoa se esconde nas suas cartas (...). Significa que a publicação das cartas é o método correto (...) para alcançar o fundo das coisas.⁵⁵

B) Entre 1917 a 1938, Edith Stein correspondeu-se com Roman Ingarden, filósofo polonês, aluno de E. Husserl, grande amigo e colega de Edith em Freiburg (total de 162 cartas).

O epistolário é um gênero literário que segue junto como o andamento de um diário e de um diálogo. Quando reúne duas personalidades como as de Edith Stein e de Roman Ingarden pode se tornar também o esboço de um tratado de filosofia. Presta-se de fato, a uma série de *approaches* e revela a possibilidade de uma leitura extraordinária.⁵⁶

Assim, Angela Ales Bello inicia a apresentação da coleção de cartas, na sua tradução italiana, que Edith dirigiu a Roman Ingarden, durante 20 anos. Os dois se conheceram na época em que estavam em formação, muito jovens. Roman Ingarden trabalhava nas suas primeiras obras filosóficas sobre o tema da realidade,

⁵⁵ NEWMAN, J. *Briefe und Tagebücher bis zum Übertritt zur Kirche*, Theatiner Verlag, München, 1928, pag.1, Apud DOBNER, C. *Il Libro dei Sette Sigilli, Edith Stein: Torah e Vangelo*, Saronno Editrice Monti, 2001, p.110.

⁵⁶ STEIN, E. *Lettere a Roman Ingarden – 1917-1938*, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2001, Apresentação Angela Ales Bello, p. 5. (Trad. I. N.). Este texto será mencionado a seguir pela sigla: LRI.

do conhecimento e sobre a dimensão estética, tema que desenvolverá até sua morte em 1970. Viveu em Cracóvia, onde ensinou por muitos anos, tendo obtido reconhecimento internacional.

Estas cartas tratam da pesquisa filosófica de Edith Stein, das suas alegrias e frustrações, e de seu percurso espiritual. Edith Stein surge nelas como realizando um caminho interior do qual quer que o amigo participe, mas também da sua frustração, pois percebe que ele que não a acompanha, e não a compreende, em momentos importantes de sua trajetória, como da sua conversão. As cartas falam bastante também sobre o trabalho desenvolvido por Ingarden que Edith Stein segue com muita solicitude e passam a se referir mais ao trabalho dela a partir do seu interesse por São Tomás e da dimensão religiosa, quando pesquisa os filósofos e teólogos medievais.

10. Roman Ingarden (MUÑOZ, s/ p.)

A vida dos dois amigos diverge a partir daí. O caminho de Edith é visto por Ingarden quase como uma traição, apesar de Edith permanecer fiel ao método fenomenológico, procurando nos medievais “o que eles têm de bom”, como em São Tomás, que lhe ensinou que a essência, de que falavam os fenomenólogos, pode ser também dita ‘natureza’, no sentido do que caracteriza intimamente uma realidade. Pode-se perceber que Edith sofria por não compartilhar com Ingarden sua vida espiritual. Sentia-se abandonada por aqueles a quem mais amava, a mãe, os seus familiares e também por Ingarden mas, na verdade, não teria sido ela quem os abandonara, ao escolher um caminho próprio?

Também aparecem nas cartas o interesse de Edith pela situação política e social, sua participação nas atividades ligadas à luta pelos direitos da mulher e sobre a preparação de suas aulas. Sua correspondência com Ingarden nos fala também de seu interesse e afeto pela vida dos seus amigos. Em muitos momentos esta correspondência é de grande valia para conhecermos mais intimamente a filósofa e algumas questões de sua vida.

É possível levantar algumas especulações sobre a relação de Edith Stein com seu amigo Roman Ingarden, como fez sua sobrinha⁵⁷, a partir de uma carta datada de 24 de dezembro de 1917, em que Edith o saúda como “*Meu querido*”. Nesta carta Edith está se sentindo muito triste, provavelmente porque soube da morte de Reinach no *front*, em Dixmuiden, em 16 de novembro de 1917.

Tudo indica que Edith e Roman tiveram uma relação muito próxima, como aparece na Carta de 5 de julho de 1918, em que escreve a Roman de Freiburg, comentando como se sente culpada pela morte de um outro amigo, Moskiewicz (1878-1918), causada por um infarto, mas que sabia que há alguns anos ele sofria de uma depressão galopante e por isso acredita que na verdade foi um suicídio, o que teria sido confirmado por uma amiga próxima, Rose Guttmann. “Mos”, como era chamado, era psiquiatra e filósofo, foi também aluno de Husserl e o primeiro a falar de Husserl para Edith Stein.

Nessa carta, Edith faz um pedido a Roman:

Também você ocasionalmente brincou com o pensamento de pôr fim a sua vida. Honestamente, nunca acreditei. Mas só de pensar, esta possibilidade me angustia. Peço-lhe, me prometa, não fazê-lo nunca. A vida pode não ser completamente insuportável se se sabe que há uma pessoa para quem a sua vida é mais importante que a dele próprio. Se nada mais o deter. Pelo meu amor, sacuda sua cabeça no ar pelas minhas preocupações. Mas ouça minha prece. Quantas vezes penso que devo lhe parecer uma pessoa muito extravagante e lunática e não sem razão. Para diminuir esta impressão posso apenas dizer que você é a única vítima da irracionalidade que existe em mim e que ao contrário, com todas as outras pessoas me comporto de modo terrivelmente racional. Tão racional que considerariam com certeza minhas cartas (para você) como uma falsificação, se um dia você tivesse a intenção de publicá-las. Então, não o faça! De coração, Edith Stein.⁵⁸

⁵⁷ BATZDORFF, S. *Edith Stein, ma tante*, Traduit de l'américain par Cécile Le Paire, Bruxelles, Éditions Lessius et Éditions Racine, 2000, p. 195.

⁵⁸ STEIN, E. Carta 38, Friburgo, 5/7/1918, in *LRI*, p. 105. (Trad.I.N.)

Depois de muitos meses sem receber notícias, em 16 de setembro de 1919, Edith responde no mesmo dia à carta de Roman em que ele dá notícia de seu casamento:

Querido Senhor Ingarden,

Hoje recebi a sua carta de 1 de setembro, o primeiro sinal de vida depois de vários meses. Antes de tudo, meus desejos mais cordiais para a sua nova vida. Contrariamente ao que pensa, me surpreendeu muito o fato de que não tenha dito uma palavra sobre a sua mulher. (Ingarden casou-se com Witolslawa Radwńska, doutora em medicina). Na verdade, sempre soube que mais cedo ou mais tarde a sua vida iria mudar e se tal vida lhe proporcionar tudo que espero para você, ninguém ficará mais alegre do que eu. Naturalmente, a minha amizade por você permanecerá a mesma. No que se refere às outras coisas que aconteceram gostaria que pudesse enterrar dentro de si mesmo e que eventualmente queimasse também as minhas cartas que ainda tem em seu poder. É apenas um desejo. Se você acredita que um tal silêncio não é compatível com um matrimônio perfeito, em tal caso não deve me levar em conta.⁵⁹

5) Os Prefácios e Introduções de seus trabalhos mostraram-se de especial interesse para nosso estudo, pois neles nos explica a razão e sentido de cada tema, e os objetivos dos mesmos. Tomemos como exemplo quando escreve a *Estrutura da Pessoa Humana*, curso que deu em 1932 em Münster, onde diz:

Todo trabalho educativo que procure formar homens é acompanhado de uma determinada concepção do homem, de quais são suas posições no mundo e sua missão na vida e de que possibilidades práticas oferecem para tratar e formar o homem. A teoria da formação de homens que denominamos pedagogia é parte orgânica de uma imagem global do mundo, quer dizer, de uma metafísica. A ideia de homem é a parte dessa imagem global à qual a pedagogia se encontra vinculada de modo mais imediato. (...) Assim, para mostrar sinteticamente a importância que a idéia de homem reveste para a pedagogia e os trabalhos educativos, poder-se-ia partir dos principais tipos de teorias e procedimentos pedagógicos passados e atuais, pondo de manifesto os contextos metafísicos a que pertencem. Entretanto, para isso necessitaríamos mais tempo do que dispomos. Somente podemos oferecer aqui algumas indicações que sirvam de estímulo, para o qual gostaria de seguir o caminho inverso: partir de algumas concepções do homem relevantes em nossa época e estudar suas consequências pedagógicas.⁶⁰

Após fazer uma revisão crítica da ideia de homem do humanismo, da psicanálise, da filosofia existencial de Heidegger, da metafísica cristã e suas consequências pedagógicas, nos mostra a relação entre a condição humana e a

⁵⁹ STEIN, E. Carta 65, Breslavia, 16/9/1919, in *LRI* p. 156. (Trad. I.N.)

⁶⁰ STEIN, E. "Estructura de la Persona Humana", in: *OCES*, Vol. IV, p. 562. (Trad. I. N.).

educação, o seu fundamento ontológico que nos permite pôr em relação a ideia do homem com a teoria e a *práxis* pedagógica. E acrescenta:

Se a ideia de homem é de relevância decisiva tanto para a estrutura da pedagogia como para o trabalho educativo, será uma necessidade urgente para elas gozar de um firme apoio nessa idéia. A pedagogia que carece de resposta à pergunta “que é o homem?” irá apenas construir castelos no ar. Encontrar uma resposta a esta pergunta é a tarefa de uma doutrina sobre o homem, da antropologia.⁶¹

Passa então a discutir as diferentes doutrinas antropológicas, nos dizendo que a antropologia filosófica deve se acompanhar de uma antropologia teológica, que juntas compõem a metafísica cristã. E assim vai seguir o caminho de realizar uma investigação filosófica fenomenológica, para obter uma idéia do homem que possa servir de base à pedagogia e aos trabalhos educativos.

Historiografia sobre Edith Stein e Sua Obra

Além destas fontes primárias, contei com os inúmeros e interessantes estudos sobre Edith Stein: artigos, livros e coletâneas que, a partir do final da Segunda Grande Guerra, procuraram desvelar sua biografia e contribuições, e que se encontram listados na Bibliografia. Esta produção foi atualizada, ao longo deste trabalho, pois o interesse por Edith Stein e sua obra não cessam de fazer surgir novos e importantes estudos.

Da mesma forma têm surgido filmes e peças de teatro. Até o presente momento, temos notícia de que foram produzidos dois filmes de longa metragem e um que está em andamento; um documentário de curta metragem sobre a vida de Edith Stein, além de um outro sobre a cidade onde nasceu e viveu toda a sua infância e juventude: Breslau, retratando todos os importantes lugares por onde passou. Também temos notícia de duas peças de teatro que tratam de sua vida e seu significado, sendo uma de uma escritora venezuelana e outra de um guatemalteco. Complementam esta produção um conjunto de fotografias de Edith Stein, de sua família, e amigos, que incluímos ao longo do texto.

⁶¹ Idem, p.579.

I – O MUNDO DE EDITH STEIN

1.1. Do Mundo da Segurança aos Tempos Sombrios

Este estudo se situa na primeira metade do século XX, na Europa, especificamente na Alemanha, período das duas Grandes Guerras, momento crítico delineado pela crise econômico-social européia. Neste contexto, pretendemos caracterizar o mundo intelectual, político e social de que Edith Stein fazia parte.

Retomamos alguns fatos da História da Alemanha: O país foi unificado como uma nação moderna em 1871, quando foi forjado o Império Germânico, após a derrota dos franceses na guerra Franco-Prussiana. Com o assassinato do príncipe da Áustria em 28 de junho de 1914 teve início a Primeira Guerra Mundial. A Alemanha, como parte do Eixo, saiu desta conflagração derrotada pelos Poderes Aliados em um dos mais sangrentos conflitos de todos os tempos. A Revolução Alemã irrompeu em novembro de 1918, e a Alemanha foi forçada a assinar sua rendição, o Tratado de Versalhes, em junho de 1919.

A República de Weimar foi proclamada em novembro de 1918 e a Constituição efetivada em agosto de 1919. O Partido Comunista Alemão, sob o comando de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, foi fundado em 1918 e o Partido dos Trabalhadores Alemães, mais tarde conhecido como Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, ou Partido Nazista, em janeiro de 1919.

Com a Grande Depressão, as duras condições de paz do Tratado de Versailles e uma longa sucessão de governos instáveis, as massas políticas alemãs deixaram de apoiar o sistema político democrata parlamentarista, identificando-se cada vez mais com as ideias da direita (monarquista, populista e nazista) que proclamava o mito político de que a Alemanha perdera a Primeira Grande Guerra devido à Revolução Alemã, e não pela derrota militar.

Organizaram-se tropas para-militares em diversos partidos e ocorreram milhares de assassinatos políticos. Os para-militares intimidavam e semeavam a violência e a raiva entre a população que sofria com o grande desemprego e a pobreza. Após o fracasso de vários gabinetes, Adolf Hitler foi eleito chanceler em 30 de janeiro de 1933. Em 27 de fevereiro deste mesmo ano, o Reichstag foi incendiado, o que lhe deu o poder para revogar alguns direitos democráticos básicos, através de um decreto de emergência que deu ao governo de Adolf Hitler amplo poder

legislativo. Estabeleceu-se assim um estado totalitário e centralizador que por meio de uma série de movimentos e decretos impôs à Alemanha um partido único. A indústria foi regulamentada por cotas e requerimentos, com o objetivo de dirigir a economia para a produção de base bélica.

A partir de 1938, Hitler seguiu uma política expansionista que pretendia estabelecer a Grande Alemanha, e firmou o Pacto Molotov-Ribbentrop, com a União Soviética. Em 1º de setembro de 1939 a Polônia foi invadida, dois dias depois foi declarada guerra à Grã-Bretanha e à França, o que deu início à Segunda Grande Guerra. Direta ou indiretamente, a maior parte da Europa ficou sob o controle nazista.

Em 22 de Julho de 1941 Hitler rompeu o pacto com a União Soviética, abrindo a Frente Oriental. Logo depois, o Japão, seu aliado, atacou a base americana de Pearl Harbor, o que levou os Estados Unidos a declararem guerra ao Eixo. Embora o exército alemão inicialmente tenha avançado rapidamente na União Soviética, a Batalha de Stalingrado marcou a grande virada no conflito e o exército alemão começou sua retirada da Frente Oriental, seguida pela derrota total da Alemanha. Em 8 de maio de 1945, as forças armadas alemãs se renderam depois que o Exército Vermelho ocupou Berlim.

O regime do Terceiro Reich implantou políticas governamentais que subjugaram grande parte da sociedade. Conhecido como a *Shoah*, levou ao extermínio de judeus, comunistas, homossexuais, maçons, políticos dissidentes, oponentes religiosos, deficientes, ciganos, entre outros. Durante o período de domínio nazista, cerca de 11 milhões de pessoas foram assassinadas, entre elas 6 milhões de judeus e 3 milhões de poloneses. A Segunda Guerra Mundial e a *Shoah* foram responsáveis por cerca de 35 milhões de mortes na Europa.

Muito já se discutiu sobre como um país democrático como a Alemanha, e orgulhoso de sua civilização, pôde ser contaminado por um movimento tão brutal e niilista, como o nacional-socialismo. O historiador Fritz Stern⁶² procurou compreender como gerações de alemães, feridos pelas deficiências da política e da cultura, acreditaram no ideário nazista que não apenas denunciava suas carências, mas também fulminava os que acreditavam fossem os seus responsáveis, os judeus e os estrangeiros. Viam a maior parte de seus males vindos do exterior, da influência

⁶² STERN, F. *Politique et Désespoir, Les Ressentiments Contra la Modernité dans l'Allemagne Préhittlérienne*, Paris, Armand Colin, 1990.

da política britânica, e das “ideias de 1789”. Vários pensadores alemães, segundo Stern, prepararam o povo alemão para crer nas promessas pseudo-religiosas de redenção feitas por Hitler, depois dos golpes sofridos pela derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, da humilhação sofrida em Versalhes e dos desastres econômicos.

Inúmeros alemães aderiam à ideia de uma Grande Alemanha, e estavam preparados intelectual e psicologicamente para aderir ao ideário da grandeza germânica sob a forma de um regime nacional – xenófobo e racista. Este estado de espírito existia também na Europa Ocidental e na América, o que poderia ser chamado de ‘um desejo de fascismo antes do fascismo’, um profundo descontentamento com relação à sociedade capitalista burguesa e, juntamente com ela, o ódio aos judeus. Mas apenas na Alemanha, e de uma forma diferente na Itália, este sentimento de mal-estar, alimentado pelas consequências da derrota na Primeira Guerra Mundial e da crise econômica, facilitaram a destruição de uma democracia enfraquecida. Na França, na Grã-Bretanha e em outros lugares, a pulsão fascista foi contida pelas tradições e instituições liberais.⁶³

Do ponto de vista de uma reflexão teórica, foi Nietzsche (1844-1900) ⁶⁴ quem fez a crítica mais profunda da cultura moderna, do niilismo e da hipocrisia que pareciam ser a imagem da vida político-cultural de sua época. Max Weber (1864-1920) ⁶⁵, por seu estilo e pelo caráter universitário de seu projeto, era o oposto de Nietzsche mas, no diagnóstico que fez do mundo moderno, viu este mundo condenado a viver em uma prisão racionalista, com uma burocratização cada vez maior, um mundo de ‘desencantamento’.

O Nazismo na Alemanha não foi o único ataque nacionalista à cultura moderna, mas faz parte de um fenômeno geral no Ocidente que precedeu ao Nazismo e que sobrevive ainda hoje, ganhando cores cada vez mais fortes nos últimos anos.

O poeta austríaco Hugo Von Hofmannsthal (1874-1929), partidário do movimento chamado de ‘revolução conservadora’, assim descreveu os numerosos alemães que procuravam não apenas a liberdade, mas laços comunitários. Em sua opinião, este movimento começou

⁶³ Sobre este tema ver a coletânea CARNEIRO, M. L. T. e CROCI, F. *Tempos de Fascismos*. São Paulo, Edusp; Imprensa Oficial, Arquivo Público do Estado, 2010.

⁶⁴ NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*, Tradução de Paulo César de Souza, São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

⁶⁵ WEBER. M. *Economia e Sociedade*, 2 vols., Editora UNB, 1994 e 1999.

(...) como uma oposição interna ao sublevamento espiritual do século XVI que frequentemente compreendemos sob seus dois aspectos, Renascimento e Reforma. Falo de um processo que é nada menos que uma revolução conservadora, que supera em dimensão tudo o que a história da Europa viu até então. Seu objetivo é realizar uma nova forma, uma nova realidade alemã da qual todos os alemães possam participar.⁶⁶

Desde 1850, vários autores denunciavam o declínio da vida intelectual alemã e a dissolução de seu *ethos* moral. O desespero com relação à situação da Alemanha tomou conta da mentalidade da população, até se fundir com o niilismo do nacional-socialismo. Os principais ataques eram contra o liberalismo, visto como a causa e a encarnação de todos os males. Racistas, vigorosamente antissemitas, viam nos “bacilos” judaicos as forças insidiosas da dissolução. Assustados com a desunião da nação eram unânimes na exigência de um *Führer* que encarnasse a unidade, impondo-a pela força, o que reduziria, a seu ver, todos os conflitos internos. Ansiavam por um novo destino para o país, uma Alemanha que se apresentasse como a maior potência mundial.

Em 1927, alguns anos antes da tomada de poder pelo nazismo, Julien Benda (1867-1956), racionalista francês, afirmava que:

os escritores compreenderam desde 1890 - principalmente na França e na Itália - que as doutrinas de autoridade, de disciplina, de tradição, o desprezo pelo espírito de liberdade, a afirmação da moralidade da guerra e da escravidão deram oportunidade a posturas rígidas e altivas infinitamente mais adequadas a tocar a alma dos simples que as sentimentalidades do liberalismo e do humanitarismo.⁶⁷

Benda denunciou o crescimento das paixões políticas, o movimento europeu contra os judeus, contra a democracia e o socialismo, visando os intelectuais que foram os primeiros a participar do jogo das paixões políticas, dizendo: “*Nosso século será visto como o século da organização intelectual dos ódios políticos*”. Para F. Stern, o século XX seria visto como o século “*da organização política dos ódios culturais e dos ressentimentos pessoais*”⁶⁸.

Stefan Zweig (1881-1942), escritor vienense judeu, assim descreveu o mundo em que viveu na Europa até a Primeira Grande Guerra:

⁶⁶ HOFMANNSTHAL, H. Von, *Das Schrifttum als geistiger Raum der Nation*, Munich, Bremer Presse, 1927, Apud *Op. Cit.* p.13. (Trad. I. N.)

⁶⁷ BENDA, J. *La Trahison des Clercs*, nouvelle édition, Paris, Grasset, 1958, Apud *Op. Cit.* p. 13.

⁶⁸ STERN, F. *Op. Cit.* p. 13. (Trad. I.N.)

Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que nosso mundo recuou moralmente em um milênio, vi a mesma humanidade erguer-se a alturas insuspeitadas nos aspectos técnico e intelectual, superando num bater de asas tudo o que se realizara em milhões de anos: a conquista dos ares pelo avião, a transmissão da palavra pelo globo terrestre num segundo e com isso a conquista do cosmos, a divisão do átomo, a derrota das mais ardilosas enfermidades, a possibilidade quase banal do que ontem ainda era impossível. Nunca até agora, a humanidade como um todo se portou de maneira mais diabólica, nem realizou coisas tão divinas.⁶⁹

Para grande parte das classes educadas, a República de Weimar estava desacreditada, em decadência moral, antes mesmo de se instalar. Em vão Thomas Mann (1875-1955) e alguns outros intelectuais chamaram a atenção de que a razão política devia ser restaurada. Os nazistas reuniram milhares de descontentes para os quais os revolucionários conservadores haviam se dirigido durante muito tempo, forjando estes ideais ao mesmo tempo vagos e perigosos.

1.2 – Edith Stein diante do Seu Tempo

Assim, na época em que viveu Edith Stein, ocorria uma destruição progressiva da antiga Alemanha, e surgia uma nação nova, cidadã e laica. Vários grupos viviam esta situação de maneira confusa: os conservadores viam suas convicções e privilégios postos em cheque; os cristãos viam sua fé sendo atacada e uma classe nova, o proletariado, lutava contra a exploração e a desigualdade na sociedade industrial moderna. Todos estes grupos e seus líderes tinham um interesse a defender, ligado ao passado ou um fim a atingir, no futuro.

Eram conservadores por nostalgia e revolucionários por desespero. Não estavam interessados em um compromisso, queriam destruir o presente para fazer surgir um Reich futuro, que realizaria nesta terra uma parte da felicidade prometida para o mais além. Estes pensadores demonstram no campo das ideias o que os nazistas demonstraram em seguida, que apenas os desenraizados, os despossuídos podem desejar aniquilar a cultura.⁷⁰

A maior parte dos intelectuais e boa parte da população alemã substituíram a religião organizada por uma religião pessoal deísta, pelo agnosticismo ou pelo ateísmo. Diferente da França onde houve uma grande luta entre crentes e descrentes, a Alemanha deixou-ser cair no ceticismo. Ao mesmo tempo em que não se desvencilhava de um sentimento de crença respeitosa e de mistério, não se

⁶⁹ ZWEIG, S. *O Mundo que eu vi*, tradução Lya Luft, Rio de Janeiro; São Paulo, Record, 1999, p.11.

⁷⁰ STERN, F. *Op.Cit.*, p. 280. (grifo e tradução I.N.)

submetia a uma fé cujos dogmas haviam sido desmantelados por gerações de estudiosos e críticos da Bíblia.

De maneira geral podemos dizer do espírito da época, no momento do aparecimento do nacional-socialismo, que o pessimismo cultural estava, numa certa medida, espalhado pelos espíritos, preparando-os a passar rapidamente de uma atitude simplesmente acusadora a uma nova atitude ativa (...). Todas as pessoas descritas são “desenraizadas”, quer dizer, que não possuem imagens diretivas constritivas. Elas devem escolher por si próprias, decidir por si mesmas o que querem ser. Não têm religião, nem tradição política, nem imagem profissional, nem algo que lhes forneça um modelo completo para identificar-se. Como consequência, agem no campo político como se fosse um espaço vazio, no qual pode-se, sem perigo, e por assim dizer, experimentalmente, deixar irromper as pulsões neuróticas destrutivas.⁷¹

Ainda segundo Stern, as diferentes tentativas para compreender o triunfo do nazismo sempre subestimaram as necessidades espirituais profundas que sentiam muitos dos discípulos de Hitler e que impediram a elite alemã de reconhecer o caráter catastrófico iminente ou de lhe resistir. Este aspecto da ascensão de Hitler foi negligenciado pelas explicações marxistas ou psicanalíticas feitas até agora do nazismo e a interpretação “intelectual” do nazismo também não a leva em conta, pois é feita pelos que imputam as ideias de Hitler a todos os pensadores alemães a partir de Lutero. Também os estudos sociológicos que tentaram determinar as bases sociais do nazismo não reconhecem este fator.

Os ideólogos alemães deformaram as ideias dos românticos e dos que censuravam a democracia e, sobretudo, as de Nietzsche⁷², antes de se apropriarem delas; em seguida vulgarizaram-nas através de homens que desprezavam o pensamento e consideravam as idéias como simples armas no combate político. Este processo passou da contemplação desligada para o ativismo niilista, do espírito não combatente ao fanatismo faccioso.

Zigmunt Bauman, sociólogo, em seu estudo *Modernidade e Holocausto*, nos mostra que

(...) o Holocausto nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural e humano e por essa razão é um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura.⁷³

⁷¹BAEYER-KATTE, W., *Das Zerstörende in der Politik. Eine Psychologie der politischen Grunderintellung*, Heildeberg, Quelle und Mayer, 1958, Apud STERN, F. *Op. Cit.* p. 303.(Trad.I.N.)

⁷² NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra*, Rio de Janeiro, Vozes, 2008.

⁷³ BAUMAN, Z. *Modernidade e Holocausto*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998. p.12.

Em sua opinião, o Holocausto foi um choque único entre as velhas tensões que a modernidade ignorou,

(...) negligenciou ou não conseguiu resolver e os poderosos instrumentos de ação racional e efetiva que o próprio desenvolvimento moderno fez surgir. Mesmo que seu choque tenha sido único e exigisse uma rara combinação de circunstâncias, os fatores que se reuniram nesse encontro eram, e ainda são, onipresentes e “normais”. Não se fez o suficiente depois do Holocausto para sondar o potencial medonho desses fatores e menos ainda para impedir seus efeitos potencialmente aterradores. Creio que muito mais pode ser feito – e certamente deve ser feito – nos dois sentidos.⁷⁴

Saul Friedländer, em seu importante estudo sobre o Nazismo – *The Years of Persecution: Nazi Germany and the Jews 1933-1939*⁷⁵, procura focar as políticas nazistas como elemento central, mas de modo que as atitudes, reações e destino das vítimas façam parte integrante desta história. Suas vozes são essenciais na compreensão deste passado, pois são elas que revelam o que era conhecido e o que *poderia* ter sido conhecido. São as únicas vozes que falam tanto da clareza do *insight* quanto da total cegueira destes seres humanos, confrontados com uma realidade totalmente nova e brutal. Pretende assim através da presença das vítimas colocar as ações nazistas em uma perspectiva mais ampla.

Friedländer discrimina os fatores que moldaram o contexto histórico geral em que os nazistas realizaram a *Shoah* e que determinaram os métodos e objetivos da “Solução Final” de que Edith foi uma das vítimas. Fatores que também contribuíram para o clima geral da época e facilitaram o caminho para os extermínios. Menciona a radicalização ideológica – com o fervente nacionalismo e anti-marxismo (mais tarde anti-bolchevismo) como seu impulso mais violento que surgiu durante as últimas décadas do século XIX e alcançaram seu clímax com a Primeira Guerra Mundial (e a Revolução Russa); a nova dimensão da indústria de matança em massa, introduzida pelas sociedades modernas, entre outros fatores da própria modernidade e que eram aspectos dominantes do nazismo.

Embora essas condições fossem essenciais na preparação das bases para o Holocausto – e por isso são parte integrante desta história – é preciso também acrescentar a este processo o papel pessoal de Hitler e a função de sua ideologia na gênese e implementação das medidas anti-judaicas do regime nazista.

⁷⁴ IDEM *Op.Cit.*, pp. 16-17.

⁷⁵ FRIEDLÄNDER, S. *The Years of Persecution: Nazi Germany and the Jews 1933-1939*, Phoenix, Orion Books, Great Britain, 1997.

Friedländer identifica um tipo muito específico de racismo antissemita levado a seu limite último e radical, a que chama de “antissemitismo redentor”. Embora derivado, era diferente de outras formas de ódio anti-judaico comuns na Europa Cristã e diferente também de tipos comuns de antissemitismo racial de alemães e europeus. Segundo este autor, foi sua dimensão redentora, esta síntese de um ódio assassino e um objetivo ‘idealista’, partilhado pelo líder nazista e o grupo central do partido, que levou à decisão última de Hitler de exterminar os judeus.⁷⁶

Os crimes cometidos pelo regime nazista não foram nem mero resultado ocasional, involuntário, imperceptível e caótico de eventos não relacionados, nem uma consequência predeterminada de um roteiro demoníaco. Foram o resultado de fatores convergentes, da interação entre intenções e contingências, entre causas discerníveis e acaso. Objetivos ideológicos gerais e decisões políticas táticas se ampliaram, se influenciaram mutuamente, e se mostraram acessíveis a movimentos sempre mais radicais, ao sabor das circunstâncias.

A partir do momento em que as vítimas foram engolfadas no processo que levou à “Solução Final”, sua vida coletiva – depois de um curto período de maior coesão – começou a se desintegrar. E logo esta história coletiva fundiu-se com a história das medidas administrativas assassinas, de seu extermínio, com sua expressão estatística abstrata. Por isso, para este autor, a única história concreta que pode ser recuperada é a fornecida pelas histórias pessoais. Do estágio de desintegração coletiva à deportação e morte, esta história, para ser escrita, tem que ser representada pela integração da narrativa de destinos individuais.

Desta perspectiva, Edith Stein também pode dar sua contribuição, não apenas pela sua história de vida, como pelos seus trabalhos, nos quais revela como via o fenômeno nazista sustentado, entre outras razões, pelo equívoco no modo de abordar o ser humano e o mundo, do ponto de vista racionalista e iluminista, vindo assim de encontro ao que Stern levanta em seu estudo, como um aspecto a ser compreendido no progresso nazista na Alemanha.

Umberto Galimberti, filósofo e psicanalista italiano, refere que:

A experiência nazista, não pela sua crueldade, mas justamente pela irracionalidade que nasce na perfeita racionalidade de uma organização, para a qual “exterminar” tinha o mero significado de “executar um trabalho”, pode ser assumida como o evento que marca o ato de nascimento da idade da técnica. Não foi, como pode

⁷⁶ FRIEDLÄNDER, S. *Op.Cit.* p.3.

parecer, um evento errante ou atípico para a nossa época e para o nosso modo de sentir; antes foi um evento paradigmático, capaz ainda hoje de assinalar que se não formos capazes de nos colocar à altura do agir técnico generalizado, com dimensão global e sem lacunas, cada um de nós cairá nas malhas dessa irresponsabilidade individual que permitirá ao totalitarismo da técnica continuar avançando irreversivelmente, agora até sem a necessidade do apoio de superadas ideologias.⁷⁷

Em sua *Autobiografia*, Edith Stein nos conta como desde jovem possuía uma visão politicamente muito crítica, pois seu irmão Arno era um liberal, e em sua casa liam-se apenas jornais liberais que, segundo ela, serviam para contrabalançar o patriotismo chauvinista oficial.

Interessada na situação política e social, Edith decidiu participar em 1918 ativamente na vida política, trabalhando durante alguns meses no recém fundado Partido Democrático Alemão, do que fala a seu amigo polonês Roman Ingarden, em uma carta escrita em Breslau em 30 de novembro de 1918:

Como já lhe escrevi, estou muito ligada à política. Aderi ao Partido Democrático Alemão⁷⁸, e é possível que seja eleita presidente do partido. No momento as “conquistas da Revolução” não me agradaram. Não pertencço àquele gênero de pessoas que renega rapidamente todo o passado. Entretanto, o abalo do velho sistema me persuadiu que estava superado e que quem ama o próprio povo deseja naturalmente colaborar criando uma nova organização de vida e não se deve opor a um desenvolvimento necessário. Além da fundação do partido, me ocupo em fornecer as informações necessárias, para convencer as mulheres a votar, trabalho muito útil.⁷⁹ As atividades servem também para convocar uma Assembléia Nacional⁸⁰, que agora para nós é um empenho vital.⁸¹

⁷⁷ GALIMBERTI, U. *Psyche e techne. O Homem na Idade da Técnica*, São Paulo, Paulus, 2006, p. 16.

⁷⁸ O Partido surgiu em novembro de 1918, sustentando uma democracia parlamentar e de reformas sociais. O Partido Democrático Alemão (DDP), muitas vezes chamado de “Partido Judeu” devido à proeminência de judeus entre seus fundadores, o grande número de judeus entre os seus votantes e a exposição de temas identificados com as posições da “imprensa judaica”, obteve, nas eleições de janeiro de 1919, 18,5 % dos votos, o que o fez o mais votado entre os partidos liberais da classe média e junto com o Centro e a SPD formou a coalizão de governo. Mas este sucesso não durou. Foi constantemente atacado como “judaico” pelos outros partidos e, como resultado, declinou rapidamente. Dentro do próprio partido, personalidades associadas com a direita ‘liberal’ eram abertamente críticas à identificação do partido com os votos de judeus e sua influência. O DDP desapareceu como partido em 1930, sendo substituído pelo Partido do Estadão Alemão. Sua liderança tornou-se predominantemente protestante e alguns de seus grupos, como o movimento jovem, não aceitavam judeus. Os que votaram no DDP eram as classes médias liberais pró-Weimar, e a mudança no nome do partido e na sua política refletem o que era percebido nestes círculos liberais de classe média como atitudes eleitoreiras úteis com relação à ‘questão judaica’. Em termos da mudança de situação dos judeus na Alemanha, significou que sua principal base política – a parte dos social-democratas – simplesmente desapareceu.

⁷⁹ Nas eleições de 1919 para a Assembléia Nacional, também as mulheres, pela primeira vez, tiveram direito a voto.

⁸⁰ A Assembléia Nacional de Weimar, em agosto de 1919, aprovou a nova constituição e deu origem à República.

⁸¹ STEIN, E. Carta 60, Breslavia, 30/11/1918, in *LRI*, p. 144 (Trad. I. N.).

Um mês depois, Edith já se diz desanimada com a política, e escreve novamente a Ingarden, em 27 de dezembro de 1918, de Breslau:

No que diz respeito a mim, as coisas também vão mal. Estou cansada da política. Sou completamente desprovida dos instrumentos necessários: uma consciência robusta e pele dura. De todo modo devo continuar até as eleições⁸², pois existe muito trabalho a ser feito. Entretanto, com as pessoas com as quais tenho que trabalhar me sinto totalmente desorientada e sem pátria. Quando conseguir me liberar de todo este caos, quero tentar escrever alguma coisa para a Habilitação. Na “nova Alemanha” – se acontecer – não existirão mais dificuldades em princípio para a Habilitação.⁸³

Como vemos, Edith não era uma ativista política direta, não se sentia com vocação para isso, pretendia novamente tentar encontrar um lugar na Universidade que esperava ser então aberta às mulheres. Ela nos dá o testemunho de como a nova geração de intelectuais procurava caminhos para um novo futuro, uma “nova Alemanha”. Mas Edith não tinha afinidade com seus parceiros políticos, sentia-se desorientada e desalojada, o que só se aprofundará com a crise alemã e a subida ao poder do nacional-socialismo.

Breslau e os Judeus

Till van Rahden, historiador alemão, em seu livro *Jews and Other Germans – Civil Society, Religious Diversity and Urban Politics in Breslau, 1860-1925*⁸⁴ examina a questão da extensão e limites da integração dos judeus na sociedade alemã moderna com base na história de Breslau, capital da Silésia, onde Edith nasceu, estudou e viveu com sua família até os 21 anos, quando se mudou para Göttingen para estudar com Edmund Husserl.

Breslau, situada na planície silesiana, na confluência do rio Oder com o Ohle, é hoje conhecida pelo seu nome polonês Wroclaw, adotado oficialmente depois que a cidade se tornou polonesa, no final da Segunda Grande Guerra. Fundada pelo duque da Boêmia, no século IX, era conhecida pelo seu nome latino Wratislavia, foi duas vezes arrasada pelos tártaros e mongóis, e pela terceira vez reconstruída no

⁸² Edith se refere aqui às eleições para a Assembléia Nacional que se realizaram em 19 de janeiro de 1919.

⁸³ STEIN, E. *LRI*, Carta 62, 10/12/1918, p. 150. (Trad. I. N.). Edith se refere aqui às limitações que existiam para as mulheres participarem da carreira acadêmica.

⁸⁴ Translated by Marcus Brainard. George L. Moss Series. Madison, Wisconsin, University of Wisconsin Press, 2008.

fim do século XIII por comerciantes e burgueses, quando tomou o nome de Breslau, ao ser integrada ao Santo Império Romano Germânico, tendo o alemão como língua oficial.

Sob o regime Habsburgo da Áustria, Breslau tornou-se cada vez mais alemã, até que Frederico, o Grande, da Prússia, em 1740, conquistou a província austríaca da Silésia, que tinha Breslau como sua capital e que se tornou assim uma cidade alemã até o final da Segunda Grande Guerra. Quando os Stein mudaram-se para lá, em 1890, a cidade contava com meio milhão de habitantes, devido à repentina prosperidade industrial da região da Alta Silésia, o que provocara um grande influxo populacional. Era um centro econômico e cultural importante, um entroncamento ferroviário, um polo bancário e sua Universidade Friedrich-Wilhelm gozava de reputação mundial, um lugar de progresso e de prestígio intelectual e científico.

A Academia Leopoldina, fundada em 1645 pelos jesuítas, se desenvolveu até 1741, quando foi fechada durante a guerra entre a Prússia e a Áustria. Foi reaberta em 1758 para se tornar em 1810 a Universidade Salesiana Friedrich Wilhelm, a partir das faculdades de filosofia e teologia católica da antiga Academia Leopoldina e das faculdades de teologia protestante, de jurisprudência e de medicina da Universidade Viadrina de *Frankfurt an der Oder*.

A Universidade adquiriu pouco a pouco uma grande reputação e contou entre seus membros numerosos cientistas, entre os quais o filósofo Wilhelm Dilthey, (1833-1911) (que Edith discute em seus livros) e o economista Werner Sombart (1863-1941). Os estudantes afluíam não apenas de toda a Silésia, mas também da Polônia, da Boêmia e da Moravia. Em 4 de janeiro de 1881, Johannes Brahms (1833-1897) dirigiu a Abertura do Festival Acadêmico, no célebre auditório barroco da Universidade de Breslau. Brahms havia recebido seu título de doutor *honoris causa* da Universidade em 1879, e compôs e dedicou esta peça em reconhecimento.

Edith assim se recorda da Universidade:

O velho prédio cinza sobre o Oder (pintado de amarelo alguns anos atrás) “no estilo da época”, logo se tornou minha casa. Quando tinha tempo livre, gostava de estudar em uma sala vazia; sentava em uma das grandes janelas e ficava trabalhando. Olhando o rio e a ponte animada da Universidade, me imaginava uma jovem no castelo.”⁸⁵

⁸⁵ STEIN, E. *DVFE*, p. 235.

Breslau é descrita como uma cidade muito agradável, com seus rios cintilantes, suas ilhas pitorescas, seus parques verdejantes e suas agradáveis avenidas, que convidavam a passeios maravilhosos, a pé ou de bonde. Nos finais de semana as famílias passeavam com suas crianças ao longo do rio Oder. Edith lembra em sua *Autobiografia* das comemorações anuais da batalha de Sedan, em 2 de setembro, dia em que toda a escola fazia este passeio em conjunto.

Colonos de língua alemã conviviam aí com homens das estepes, que vendiam seus couros e peles. Os comerciantes do sul traziam seda da China e tapetes turcos em seus trenós. Breslau eram assim um próspero mercado, com sua praça, catedral, catorze igrejas góticas, Prefeitura - uma jóia arquitetônica, e sua velha ponte sobre o Ohle.

Tendo crescido sob influência austríaca e católica antes de se tornar protestante e prussiana, Breslau guardou destes tempos uma graça que a reforma luterana e a rigidez prussiana nunca conseguiram eliminar. Campanários barrocos e palácios rococós misturavam-se aos edifícios austeros e ao palácio de estilo vienense construído no século XIII pelo rei prussiano. A necessidade de novas moradias fez surgir uma cidade moderna ao redor deste núcleo, para o leste e para o norte, sem maiores preocupações artísticas.

No final da Segunda Guerra Mundial, o governo alemão defendeu Breslau contra as forças russas. Mas quando do assalto final, a cidade foi destruída.

A presença judaica em Breslau data do século XIII. A comunidade medieval tinha sinagogas, banheira ritual, e cemitérios. Ao longo de catorze séculos, os judeus foram expulsos de Breslau diversas vezes. Em 1453, acusados pelo frei franciscano João de Capistrano de ter profanado as hóstias consagradas, quarenta e um judeus foram queimados na fogueira e os outros foram expulsos da cidade.

Em uma das últimas conversas que Hans Biberstein, cunhado de Edith, teve com ela, procurando demovê-la de entrar no Carmelo, lembrou-a deste episódio.⁸⁶

Apesar da proibição do estabelecimento dos judeus, desde 1455 participavam do comércio e durante as feiras permaneciam e prolongavam sua estadia na cidade. À medida que se tornaram indispensáveis à economia da região, o Conselho Municipal passou a fornecer permissões individuais de permanência, sob certas

⁸⁶ BATZDORFF, S. *Edith Stein, Ma Tante*. Traduit de l'américain par Cécile Le Paire, Bruxelles, Editions Lessius, Éditions Racine, 2000, p. 37.

condições. Começaram a organizar-se e uma das instituições mais antigas criada foi a de serviços fúnebres, em 1726. Tinham uma vida precária e dependiam da boa vontade dos mandatários.

Após a conquista da cidade pela Áustria, em 1741, os judeus obtiveram a permissão de fundar uma comunidade de doze famílias, com um rabino, e criou-se um cemitério em 1761. Na medida em que sua importância cresceu no comércio com a Polônia, as autoridades admitiram um número maior de residentes judeus na cidade e, em 1756, perto de 2 mil judeus habitavam Breslau.⁸⁷

Com a conquista da Prússia por Napoleão, uma das disposições do código napoleônico obrigava os estados alemães dominados a dar aos judeus a igualdade plena. Como reação, surgiu um nacionalismo feroz com grande apoio popular e que exaltava as capacidades físicas dos prussianos, ao lado de um nacionalismo e uma xenofobia fervorosa, que teve grande simpatia entre a população, desmoralizada e desencantada. As leis impostas pelos franceses vitoriosos foram rapidamente revogadas, com o fim da ocupação francesa.

Outras forças procuravam modernizar o Estado com medidas destinadas a por fim à dominação do tipo feudal dos proprietários de terras e criar uma sociedade mais aberta. Fruto destes esforços foi o Decreto de Emancipação de 1812, que conferia cidadania aos judeus, direito de se estabelecer onde quisessem, de comprar terras, de entrar no exército e de se casar livremente, com a abolição de todos os impostos discriminatórios. Os bisavós paternos e maternos de Edith, o avô de seu pai Siegfried, Samuel Joseph Stein, e o avô de sua mãe Augusta, Jacob Courant, receberam a nacionalidade prussiana neste mesmo ano de 1812.

Os judeus deixaram então de ser discriminados quanto à prática de profissões, ao direito de viver onde quisessem, no campo ou na cidade, e podiam trabalhar nas escolas e nos estabelecimentos municipais. Continuavam, entretanto, excluídos da função pública e, no exército, não podiam chegar ao grau de oficial.

A comunidade judia reagiu com entusiasmo a este novo *status* e como consequência procuraram adequar o seu comportamento aos seus novos direitos. Passaram a ser vistos como uma comunidade religiosa, o que os conduziu a insistir menos sobre o caráter de “povo” e sobre sua especificidade cultural. O alemão começou a substituir o hebraico nos serviços religiosos e foi suprimida da liturgia

⁸⁷ Encyclopaedia Judaica. Michael Berenbaum and Fred Skolnik, eds. 2nded. Detroit: Macmillan Reference USA, 2007, v.2, p. 1354.

toda alusão à nostalgia em relação a Israel. A cultura alemã substituiu os valores judaicos tradicionais nas escolas da comunidade.

Em 1819 foi fundada a Associação para a Cultura e o Estudo do Judaísmo (*Verein für Kultur und Wissenschaft der Juden*) com o fim explícito de proceder a “uma revisão completa da educação judaica e do modo de vida judaico”.⁸⁸ Nem toda a comunidade partilhava destas idéias de assimilação, havendo diferenças entre a ala ortodoxa e a reformista.

Estes direitos não estavam, no entanto, definitivamente adquiridos, já que as reformas haviam sido impostas de cima para baixo, o que implicava que nem sempre a opinião pública as apoiavam, a população reagia contra, muitos se manifestavam a favor de sua revogação. Nesta época, muitos judeus se converteram ao cristianismo para burlar estes impedimentos. O antissemitismo social ainda era regra mais do que exceção.

A respeito do grande número de conversões, nos relata G. Scholem (1897-1982), professor de origem alemã, da Universidade Hebraica de Jerusalém:

Em 1910, quando o jornal da comunidade judaica de Berlim, distribuído gratuitamente a todos os seus membros, começou a publicar na última página o nome dos que haviam renegado o judaísmo, essa coluna, mais do que qualquer outra, passou a atrair a atenção geral, sendo objeto de uma leitura meticulosa. Eu ainda me lembro de vários casos, muito comentados, em que as pessoas afetadas, achando a situação muito desagradável, tentaram, em vão, recorrer à justiça para evitar a publicação.⁸⁹

Em 1829 foi inaugurada a sinagoga “Storch”, e depois construída a *Neue Synagogue* – Nova Sinagoga, em 1872. Era um belo edifício, imponente, que se tornou o centro da vida judaica e o ponto de encontro da comunidade. Seus serviços seguiam a tradição ‘liberal’, homens e mulheres ficavam separados e a maior parte das orações era em hebraico, menos a prédica do rabino, que era em alemão.

Possuía um grande órgão e a música e o canto coral embelezavam os serviços. A Sinagoga Storch que servia a comunidade ortodoxa ainda existe, pois foi apenas depredada enquanto a *Neue Synagogue* foi incendiada durante a Noite dos Cristais (*Kristallnacht*), em 9 de novembro de 1938.

⁸⁸ BATZDORFF, S. *Op. Cit.* p. 40.

⁸⁹ SCHOLEM, G. *De Berlim a Jerusalém. Recordações da Juventude*, São Paulo, Perspectiva, 1991, p.26.

A brutal destruição da *Neue Synagoge* foi um golpe terrível para os membros da comunidade judaica de Breslau, mesmo para os que não costumavam frequentá-la. Ver reduzido a cinzas este edifício, sólido e venerado, e dinamitado o que dele restou depois do incêndio, já indicava o horror que se aproximava e do que quase ninguém entre os judeus, mesmo os mais pessimistas, teriam suspeitado. A mãe de Edith, Augusta, tinha um lugar fixo na *Neue Synagoge* e era lá que Edith, quando em Breslau nos dias festivos, a acompanhava.

Em 1846 foi criada a Fundação Fraenkel que fez da comunidade judaica de Breslau um centro de cultura e de estudo. Foi fundado um hospital judaico, um lar para os sem-teto, um orfanato, uma casa para as famílias indigentes e diversas outras obras sociais. O mais prestigioso foi, no entanto, o Seminário de Teologia Judaica, que fez de Breslau um dos principais centros europeus de estudos judaicos, com o único seminário rabínico de toda a Alemanha até 1870,⁹⁰ e que permaneceu aberto até 1938.

A revolução de 1848 foi outra etapa da emancipação judaica. Os judeus militavam em favor dos objetivos da revolução, convencidos de que a unificação política e a democratização da Alemanha levaria à igualdade dos direitos para os judeus. Sentiam-se alemães e não dissociavam seus destinos do país onde viviam e que já lhes dera a cidadania em 1812. Mas apenas quando, depois da guerra franco-prussiana de 1870-71, nasceu o Reich alemão, por decreto ratificou-se a igualdade dos judeus perante a lei, eliminando as barreiras que os impediam de participar da administração do Estado. Na realidade, durante toda a monarquia alemã, os judeus não puderam se tornar oficiais, altos funcionários ou professores.

Rahden descreve um grupo judaico urbano relativamente aberto, com fronteiras fluidas e difusas formas de inclusão e exclusão que representavam um grupo burguês bem estabelecido. O autor conclui que os altos níveis de integração e uma densa rede de relações, baseada em aceitação mútua, existiu até 1914.

Gershom Scholem, em sua autobiografia, faz o seguinte comentário:

Mas uma coisa é certa: os setores majoritários a que me refiro, bem como os representantes intelectuais e políticos (judeus), queriam acreditar na assimilação e na integração em uma sociedade que em geral ou lhes era indiferente ou não os encarava com simpatia.⁹¹

⁹⁰ BATZDORFF, S. *Op. Cit.*, p.42.

⁹¹ SCHOLEM, G. *Op. Cit.*, p. 43.

Nascido em Berlim, em 1897, Scholem foi contemporâneo de Edith. Sua descrição da corrente majoritária da população judia alemã esclarece o quadro social na qual ela também cresceu:

Gostaria aqui de dizer uma palavra sobre o fenômeno da assimilação que desempenhou um papel muito importante na vida dos judeus alemães, na época da minha juventude. Vários fatores estavam em jogo. No início do século, todo jovem judeu, desde que não pertencesse à minoria estritamente ortodoxa, via-se confrontado com um processo de crescente dissolução espiritual do judaísmo (...) e havia uma nítida ruptura com a tradição judaica cujos fragmentos mais diversos e às vezes estranhos persistiam ainda sob uma forma atomizada, aliada a um lento ingresso, nem sempre consciente, em um mundo que devia substituir esta tradição. A esperança de emancipação social que devia suceder à emancipação política alcançada em 1867-70, e em parte a esperança de diluir-se no meio do seio do povo alemão, esperança compartilhada e até incentivada pelos não-judeus que lutaram por essa emancipação – estavam em aberta contradição com a experiência generalizada de um antissemitismo em expansão, uma experiência à qual só era possível escapar num plano meramente imaginário.⁹²

Scholem chocou seus amigos e sua família quando decidiu emigrar para a Palestina em 1923. O sionismo não era popular na Alemanha como na Europa Oriental, mas começava a fazer igualmente alguns adeptos em razão do contraste entre a exclusão social sofrida continuamente e a igualdade jurídica oficial.

Theodor Herzl (1860-1904), escritor e ativista político judeu, sonhava com uma pátria judia, não a partir da religião, pois não tinha nenhum vínculo com o judaísmo tradicional – mas a partir da indignação sentida diante do feroz antissemitismo revelado pelo caso Dreyfus na França. Era evidente para os que conheciam a situação na Alemanha que a mentalidade era a mesma. Em 1897 realizou-se o primeiro Congresso Sionista, em Bâle, concebido nas universidades, principalmente em Berlim, mas a maior parte de seus quadros vinha da Europa Oriental.

Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914, um grande patriotismo tomou conta dos judeus alemães, que participaram da guerra com o mesmo entusiasmo que os não-judeus. Edith Stein se apresentou como voluntária no hospital militar da Cruz Vermelha para participar do esforço de guerra. A maior parte de seus amigos estudantes foi voluntário do serviço ativo e Edith não queria ficar para trás. Apesar deste espírito patriótico corriam rumores segundo os quais os judeus lucravam com a guerra e procuravam escapar do serviço militar.

⁹² Ibid, pp. 41-42.

Depois da guerra, diversas organizações judaicas publicaram provas da participação dos judeus alemães na guerra. Esperavam com sua participação e sacrifícios durante a guerra obter enfim uma igualdade completa, mas foi o inverso que ocorreu. O antissemitismo se tornou ainda mais virulento. Os judeus foram acusados de enriquecer à custa do povo alemão e de participar de uma conspiração internacional destinada a provocar a derrota do exército alemão. Foi criada por esta razão a *Associação dos Combatentes Judeus da Ativa* para se opor às ameaças antissemitas e alegações de insubmissão judaica.

Desde a segunda metade do século XIX o antissemitismo racial, fundado sobre teses pseudo-científicas e sobre as disputas que suscitavam os sucessos dos judeus nos negócios e nas artes e ofícios, havia substituído o velho antissemitismo religioso. Breslau no século XIX não havia sido dominada nem pelo antissemitismo nem por uma simbiose cultural entre alemães e judeus, os quais participavam da vida social e política da cidade sem abdicar de sua identidade judaica. Exerciam, segundo as palavras de Rahden, uma 'identidade situacional', enfatizando sua judeidade em ocasiões particulares e sua germanidade em outras.

Não se trata da história de uma pequena minoria, pois a interação dos judeus com os outros alemães deu forma à cidade como um todo, onde 34 % dos judeus participavam da burguesia e 36% eram pobres, principalmente as mulheres solteiras. Os judeus faziam também parte da alta classe média, incluindo um quarto de todos os profissionais e um terço dos empresários. Isto significa que os não-judeus tinham importantes interações comerciais com os judeus, em suas lojas, nos consultórios médicos, ou escritórios de advocacia que tratavam de questões sensíveis e importantes para seus clientes não-judeus. Erna, irmã de Edith, era ginecologista, e seu marido, Hans, dermatologista.

A experiência dos judeus de interação social aparece na questão dos casamentos mistos, que aumentou quatro vezes entre 1890 e a Primeira Grande Guerra, principalmente fora da burguesia, interação que também se dava na vida associativa e educacional. A partir de 1870 os judeus passaram a ser bem-vindos nos clubes de todos os tipos e aqueles que não o faziam eram vistos criticamente. Tanto os meninos quanto as meninas judias frequentavam escolas não judaicas, embora as relações pessoais em geral permanecessem superficiais e restritas. Edith e seus irmãos não foram uma exceção, tendo frequentado a escola pública, a *Victoria Schule*.

Os partidos políticos da esquerda-liberal dominaram a política municipal de Breslau por todo o período analisado por Rahden, em que os judeus representavam um terço dos inscritos.

Embora o antissemitismo estivesse presente, os judeus se impunham politicamente e como exemplo disso o autor cita a contratação de judeus tanto como professores das escolas públicas quanto como funcionários municipais, recebiam a concessão de contratos e a naturalização, tendo dois judeus notáveis se destacado e recebido a dotação do título de ‘cidadão honorário’ da cidade de Breslau. Edith foi durante um curto período professora substituta na escola onde estudara em Breslau, e em sua casa também prevalecia uma visão política liberal, como nos relata em sua *Autobiografia*.

Tudo isto terminou com a democratização na República de Weimar. Ironicamente, a expansão da esfera pública, junto com a radicalização do pós-guerra, permitiu o crescimento de formas de intolerância. Os judeus deixaram de participar da vida pública de uma maneira radical, e Van Rahden demonstra que a Primeira Guerra Mundial marcou uma quebra nas relações entre judeus e não-judeus.

Assim, ao invés de encontrar uma história ininterrupta de discriminação e antissemitismo, culminando em Auschwitz, descobrimos que Edith viveu sua infância e adolescência em uma cidade onde o antissemitismo permanecia nas margens da política, e onde os judeus desempenharam um papel central na vida cívica até 1914. Encontramos nesta época uma sociedade pluralista que aceitava a diferença judaica e onde imperava a convivência. No entanto, resta compreender onde tudo isto foi parar, e como esta mesma cidade logo depois deu ao nacional-socialismo seu maior sucesso nas urnas!

Abraham Asher era um garoto judeu que vivia com sua família em Breslau, na época a terceira maior cidade e uma das mais ricas da Alemanha, quando os nazistas subiram ao poder. Fugiu com sua família e viveu toda a sua vida nos Estados Unidos, formou-se na Columbia University, em História Social, e se tornou Professor Emérito da City University of New York.

Ao aposentar-se voltou a sua cidade natal e escreveu um estudo tocante: “*A Community under siege: the Jews of Breslau under Nazism*”⁹³. Apesar de seu livro

⁹³ ASHER, A. *A Community under Siege: The Jews of Breslau under Nazism* (Stanford Studies in Jewish History and Culture) Stanford, Stanford University Press, 2007.

se basear principalmente em dados de arquivos, Asher incluiu as experiências de sua família imediata, inúmeras reminiscências pessoais, assim como dados de publicações judaicas dos anos 1930. Foi o primeiro estudo compreensivo realizado sobre uma comunidade judaica na Alemanha sob o domínio nazista.

Conta-nos como até o final os judeus de Breslau mantiveram-se em uma posição de desafio e perseveraram como um grupo coeso, com suas próprias instituições. Negaram categoricamente a afirmação nazista de que não eram alemães genuínos mas, ao mesmo tempo, recusaram-se a abandonar sua herança judaica. Criaram uma escola para as crianças expulsas das escolas públicas, várias novas instituições culturais, deram nova ênfase à observância religiosa, mantiveram o hospital judeu, apesar de tudo, e talvez o mais notável, ampliaram os serviços de ajuda que eram desesperadamente necessários na medida em que mais e mais pessoas perdiam seu sustento. Em resumo, os judeus de Breslau recusaram-se a abandonar suas instituições ou seus valores. No final, os nazistas, com seu poder esmagador, liquidaram a comunidade pela força.

Em seu estudo, Asher nos mostra, como Rahden, que a comunidade judaica de Breslau viveu por 50 anos – de 1860 a 1933 – um período de grande integração com a sociedade alemã, muitos deles tendo se tornado homens de negócios, advogados, médicos e, em menor número, líderes políticos. Os judeus tinham também um papel de destaque na manutenção de instituições culturais da cidade, como a ópera, a orquestra e o teatro e muitas crianças frequentavam as escolas públicas, como já vimos.

Mas as relações com os não-judeus eram mais corretas do que próximas. Em muitos sentidos os judeus não eram mais considerados ‘estrangeiros’: vestiam-se da mesma maneira, falavam o alemão, eram totalmente identificados com a cultura local e germânica e profundamente patriotas como demonstraram através de sua ampla participação na Primeira Grande Guerra.

No entanto, para surpresa de muitos, com o advento dos nazistas, Breslau tornou-se um dos mais ativos centros do seu poder e, em 1933, deu aos nacional-socialistas uma porcentagem de votos mais alta que qualquer outra grande cidade alemã. Seus representantes oficiais passaram a seguir a política de Hitler de modo tão ávido que durante o primeiro ano sob a lei nazista até alguns líderes do partido, em Berlim, ficaram preocupados que Breslau estivesse implementando sua política

muito rápido, especialmente aquela destinada a prejudicar os judeus economicamente.

J. P. Nettl ⁹⁴, biógrafo de Rosa Luxemburgo, também contemporânea de Edith, se refere à existência de um '*grupo de iguais*', judeus poloneses que viriam a ser o núcleo do futuro partido socialista polonês, formado por judeus assimilados, oriundos de famílias de classe média, com formação cultural alemã, formação política russa e altos padrões morais, tanto na vida pública quanto na privada. Essa pequena minoria permanecia fora de todos os escalões sociais, judaicos ou não judaicos, não possuindo nenhum tipo de preconceito convencional, tendo desenvolvido nesse isolamento seu próprio código de honra – e atraído outros, não judeus. O que havia de comum entre eles era essencialmente a experiência de um mundo cujos pressupostos eram o respeito mútuo e a confiança incondicional, uma humanidade universal e um desprezo autêntico e quase ingênuo por todas as distinções sociais e éticas.

Partilhavam o que se pode chamar de '*gosto moral*', diferente dos '*princípios morais*'; deviam a autenticidade de sua moralidade ao fato de terem crescido em um mundo articulado, que lhes proporcionou uma rara autoconfiança, muito perturbadora para o mundo exterior que amargamente os percebiam como arrogantes e presunçosos. Tinham um lar, até certo ponto móvel, e visto ser predominantemente judaico, não coincidia com nenhuma 'pátria'.

Nietzsche diz que a posição e as funções do povo judeu na Europa fizeram deles os 'bons europeus' por excelência. As classes médias judaicas de Paris e Londres, Berlim e Viena, Varsóvia e Moscou não eram de fato nem cosmopolitas nem internacionais, embora os intelectuais entre eles assim se julgassem. Eram *europeus*, coisa que não se poderia dizer de nenhum outro grupo. E não era uma questão de convicção, era um fato objetivo.

Em outras palavras, enquanto a auto-ilusão dos judeus assimilados geralmente consistia na crença errônea de que eram tão alemães como os alemães, tão franceses como os franceses, a auto-ilusão dos judeus intelectuais consistia em pensar que não tinham 'pátria', pois sua pátria de fato era a Europa. ⁹⁵

⁹⁴ Apud ARENDT, H. – *Homens em tempos sombrios*, tradução de Denise Bottmann, Posfácio de Celso Lafer, São Paulo, Cia de Bolso, 2010, p.49.

⁹⁵ Idem, p. 51.

Esta minúscula minoria de ‘*bons europeus*’ poderiam ter sido os únicos a pressentir as consequências desastrosas que se seguiram ao nacionalismo, ainda que fossem incapazes de avaliar corretamente a imensa força do sentimento nacionalista num corpo político decadente.⁹⁶

Stefan Zweig com certeza se identificava com este grupo de “bons europeus” e, assim como Edith Stein, também se sentiu compelido a ser testemunha de seu tempo, como uma ponte entre as gerações, falando aos jovens sobre um mundo que já se tornara história, lenda, e incompreensível. “*Os próximos anos serão cheios de confusão, ódio, amargura; para nós o melhor terminou, e nossa única tarefa é testemunhar verdadeiramente para o dia que virá.*”⁹⁷

Zweig em seu livro autobiográfico *O Mundo que eu vi* nos conta a história de uma geração cujo destino foi experimentar em primeira mão um ditado do dramaturgo austríaco do século XIX, Franz Grillparzer (1791-1872): “*O caminho da cultura moderna leva do humanitarismo, via o nacionalismo, para a bestialidade*”.⁹⁸

Zweig faz um longo lamento da sua expulsão do paraíso, do ‘mundo da segurança’ em que viveu sua infância e juventude, no Império Austro-Húngaro. Por segurança, referia-se às circunstâncias políticas, econômicas e sociais que garantiam a um escritor, como ele, a liberdade pessoal, a mobilidade e a concentração, embora fosse suficientemente realista para ver que o mundo em que crescera era em vários sentidos apenas um castelo de sonhos.

Embora nunca tenha renunciado a sua fé judaica ou repudiado sua ascendência judaica, tendo escrito bastante sobre temas judaicos, e em sua autobiografia dado um relato positivo da contribuição dos judeus à cultura européia e austríaca, Stefan Zweig não encontrara sustentação espiritual no Judaísmo ou nos heróis da história judaica. Sua religião era a Europa, e sentia-se impotente ao ver sua terra espiritual se suicidar pela segunda vez em sua vida.

Em um de seus livros, a biografia de *Erasmus*, de 1934, diz que pretende escrever sobre alguém com quem se identificava:

⁹⁶ *Idem*, p. 52.

⁹⁷ Carta a Joseph Leftwich, Apud Zohn, H., Introduction – *The World of Yesterday*, Lincoln and London, University of Nebraska Press, 1964, p.vi.

⁹⁸ *Idem*, p. viii.

Um retrato espiritual do humanista, que embora compreendendo a loucura do tempo mais claramente que os reformadores profissionais do mundo, tudo lhe levava a crer, tragicamente, que a razão não era capaz de se opor à desrazão.⁹⁹

No prefácio de sua autobiografia diz ainda: “*Se com o nosso testemunho transmitirmos à próxima geração um pedacinho que seja dos destroços da verdade, não teremos vivido inteiramente em vão.*”¹⁰⁰

Em seu último livro, um estudo sobre Montaigne, que ficou inacabado, acrescenta: “*Nossa maior dívida de gratidão é com aqueles que neste tempo desumano confirmam o humano em nós, que nos encorajam a não abandonar nossa única e imperecível possessão: nosso Self íntimo.*”¹⁰¹

Edith Stein foi um desses?

⁹⁹ Ibidem, p. xii.

¹⁰⁰ ZWEIG, S. – *O Mundo que eu vi*, Editora Record, 1999, Rio de Janeiro - São Paulo, p.12.

¹⁰¹ ZWEIG, S. – *Op. Cit.*, p. xii.

II – VIVENDO EM TEMPOS SOMBRIOS

2.1 – ‘Percebendo as Batidas do Coração’

“Uma vida variada e suficientemente sedutora em seus acontecimentos exteriores, como para ocupar a fantasia e despertar assombro e admiração. Mas não é isso o que nos interessa. Gostaríamos de penetrar naquilo que se encontra por baixo destes acontecimentos exteriores, perceber as batidas do coração que suportou tais destinos e realizou tais obras, assimilar em nós mesmos o espírito que os inspirou.”

Edith Stein¹⁰²

Gostaríamos de fazer o mesmo com Edith: “(...) *penetrar naquilo que se encontra por baixo destes acontecimentos exteriores, perceber as batidas do coração que suportou tais destinos e realizou tais obras, assimilar em nós mesmos o espírito que os inspirou.*” Mas ela própria se descreve como extremamente fechada, desde sua infância, em seu mundo interno, escondido, pairando sobre o que via e ouvia, não confiando a ninguém seus sentimentos e pensamentos. Procuramos seguir seu percurso, desde suas origens, seus ancestrais, discutindo as questões que nos pareceram importantes e como foi se colocando frente aos acontecimentos do seu tempo, forjando um caminho próprio. Olhando para as suas raízes voltamos inicialmente para seus ancestrais.

Os ancestrais

A Prússia era uma região que fazia fronteira com a parte oriental da Alemanha, austera, em que a vida era dura. Suas raízes espirituais remontam às ordens religiosas cavaleirescas que colonizaram estas terras na Idade Média. O cristianismo constituía o quadro de referência da ordem social prussiana.

Para as famílias judias, como os Stein, a Prússia era o país de Frederico, o Grande (1712-1786), monarca esclarecido, e de Otto Von Bismarck (1815-1898), fundador do Império, homens que permitiram à Alemanha chegar à modernidade,

¹⁰² STEIN, E. OCES, Vol. IV, p. 301. (Trad. I. N.)

construindo sua unidade ao dar nascimento ao Estado Nacional alemão. A disciplina militar, a incorruptibilidade dos funcionários, a propriedade, a ligação com o trabalho, eram os valores prussianos que os ancestrais judeus de Edith Stein tinham também interiorizado no mais profundo de si mesmos.

Mas estes valores, de respeito à lei e ao uniforme, não eram suficientes. O nacionalismo prussiano na época de Edith já se encontrava em fase de dissolução, e viria a ser fatal para a Alemanha. Edith, como sua família, embora tenha sempre se considerado prussiana, opunha-se firmemente ao nacionalismo degenerado e ao patriotismo superficial.

Foi nesta Prússia em vias de decadência que os ancestrais de Edith Stein viveram a sua judeidade, formando uma síntese das culturas características do mundo judeu prussiano e que Edith pretendia descrever na sua Autobiografia. Todos os seus ancestrais eram de origem judia, vindos das províncias orientais da Alemanha, a maior parte da Silésia que depois da divisão da Polônia passou a fazer parte da Prússia.

Sua mãe, *Frau* Augusta (1849-1936), nascera em uma família de negociantes da pequena cidade de Lublinitz, na Alta Silésia. Quando das leis de emancipação prussianas (1812), os judeus puderam se estabelecer permanentemente na região com negócios e indústrias, e os avós maternos de Edith, Salomon Courant (1815-1896) e Adelheid, Burchard de solteira (1824-1883), abandonaram o trabalho como fabricantes e mercadores ambulantes de velas e sabão e compraram um negócio de especiarias que desenvolveram com bastante sucesso, graças a seu trabalho e honestidade. A fundação do Império (1871) lhes trouxe a igualdade de direitos, há tanto tempo esperada. Lublinitz foi a pátria da família Courant e de seus quinze filhos até a Primeira Grande Guerra.

A vida e a casa se organizavam em torno da tradição judaica, vivida cotidianamente e transmitida às gerações futuras em uma escola particular, fundada e mantida expressamente com este objetivo. Para as meninas, o estudo do hebraico era considerado de importância secundária, e a mãe de Edith ainda recordava, no final de sua vida, os extratos da Bíblia e do *Talmud* que aprendera de cor, em língua alemã. Aos olhos de Edith, esta mãe educada na fé era a encarnação do ardor

feminino pelo trabalho que o *Livro dos Provérbios* propõe como exemplo para as mulheres judias.¹⁰³

Seu pai, Siegfried (1844-1893), era da cidade de Gleiwitz, a vinte quilômetros de Lublinitz. Os avôs paternos de Edith, Simon Stein e sua terceira mulher, Johanna – nascida Cohn – que formavam uma família com ao todo 26 pessoas, tinham uma serraria onde Siegfried também trabalhava. Em 1858, Siegfried conheceu Augusta, quando ela tinha apenas nove anos, e casaram-se em 2 de agosto de 1871.¹⁰⁴

Logo vieram os filhos, com pouco intervalo, num total de onze. A condição de vida do casal era muito precária, a vida cotidiana era uma luta constante para assegurar a subsistência dos filhos e se desenvolvia sob os auspícios da observância estrita dos costumes judaicos e da prática familiar, às quais Augusta era bastante atenta.

O casal morou primeiro em Gleiwitz, onde Siegfried, depois da morte de seu pai, se tornou colaborador da empresa, agora dirigida por sua mãe. Lá nasceram seus primeiros seis filhos: Paul (1872-1943 – bancário, morreu no campo de concentração de Theresienstadt), Selma (1873-1874), Else (1876-1954, professora, emigrou para os Estados Unidos), Hedwig (1877-1880), Arno (1879-1948 – co-proprietário e a partir de 1929, chefe da empresa familiar, que emigrou para os Estados Unidos) e Ernst (1880-1882).¹⁰⁵

Em março de 1882, o tribunal cantonal de Lublinitz publicou no jornal local a inscrição do registro de Siegfried Stein, negociante, proprietário da firma do mesmo nome. Traz a informação de que “*se instalou e fundou ali uma empresa fornecedora de madeira, material de construção e carvão*” e que “*oferece à sua honrosa clientela madeira para construção, aparelhada e madeira para lareira e carvão*”. Quando foi inaugurada, no outono de 1884, a estrada de ferro Kreuzburg-Tarnowitz, que passava por Lublinitz, Siegfried aproveitou a ocasião e abriu um entreposto de carvão próximo da nova estação¹⁰⁶ - a Alta Silésia era rica em depósitos de carvão

¹⁰³ *Bíblia*, Provérbios, 31, “IX Poema sobre a mulher virtuosa”, pp. 10-31.

¹⁰⁴ Informações de Edith Stein in *LJF*. Ver Genealogia de Edith Stein, Anexo I.

¹⁰⁵ Hedwig, nas palavras de Edith: “*criança particularmente gentil que começava a ajudar sua mãe*”. morreu em uma epidemia de escarlatina que houve na época. Nada se sabe sobre Selma (1873-74). STEIN, E. *Idem*, p.39. (Trad. I. N.)

¹⁰⁶ Pode-se ler um anúncio publicado por Siegfried Stein no *Diário de Lublinitz* de janeiro de 1890: “*Depois de minha instalação em Breslau, tenho a intenção de vender minha empresa de madeira e carvão situada perto da estação com todo o material ali existente*”. Citado em Neyer e Muller, *Edith Stein, une femme dans le siècle*, traduzido do alemão por Françoise Toraille, JC Lattès, 2002; p.15, nota 1. (Trad. I. N.)

e de aço – o que lhe permitiu oferecer a sua clientela “os carvões das melhores marcas da Silésia, entregues nos vagões de origem ao preço praticado nas minas”. Sua empresa possuía também uma carroça de cavalos que permitia entregas.

Apesar de todos os esforços, os anos passados em Lublinitz foram marcados pela luta constante contra a miséria, e pela necessidade da ajuda da família de Augusta. Nasceram mais quatro filhos: Elfriede, apelidada de Frieda (1881- 1942 – contadora da empresa Stein, morreu no campo de concentração), Rosa (1883-1942 que cuidava da casa e foi assassinada junto com Edith em Auschwitz); Richard (nascido em 1884, que morreu logo depois de nascer), e Erna (1890-1978, que se tornou médica ginecologista, e emigrou para os Estados Unidos).

Lublinitz não oferecia nenhuma perspectiva de melhora da situação econômica da família e o casal Stein não queria se separar de seus filhos para que pudessem estudar. Assim, depois de seis semanas do nascimento de Erna, em 1890, mudaram-se para Breslau. No início, a família com oito pessoas morou em um pequeno apartamento alugado na Kohlenstrasse “no bairro norte da cidade, pouco elegante”. Era muito difícil alimentar a todos, pois como escreve Edith “a nova empresa tinha muitas dívidas e teve dificuldades em se estabelecer”.¹⁰⁷

Um ano depois da família instalar-se em Breslau, nasceu Edith Stein em 12 de outubro de 1891, dia da festa judaica de *Yom Kippur*, do Grande Perdão, de jejum e penitência, em que o povo judeu reconhece seus pecados e espera que Deus lhe seja Misericordioso. Sua mãe via no nascimento de Edith neste dia um sinal de que ela era especial.

Não tinha ainda completado dois anos quando seu pai morreu, em julho de 1893, de uma insolação que o acometeu quando viajava a trabalho, num dia quente de verão. Um viajante o encontrou já morto à beira da estrada que leva de Fraunenwaldau a Goldschütz. Isto teve um forte impacto na família Stein.

¹⁰⁷ STEIN, E. *LJF*, p.41. (Trad. I. N.)

11. A Família Stein (montagem de 1895) (MAN, p. 9)

Edith não tinha nenhuma lembrança pessoal de seu pai. Seu cunhado, Hans Biberstein, interessou-se pela genealogia e fez pesquisas, nos anos 1930, recolhendo algumas informações sobre a origem de Siegfried Stein.¹⁰⁸

Susanne Batzdorff, sobrinha de Edith, filha de sua irmã Erna, nos dá notícia de um texto escrito por sua tia-avó, Julie Buchen, irmã de seu pai, que traz a história da família, de sua vida em Woiska, “*situada na proximidade da velha comunidade judaica de Langendorf*”. O pai de Julie tinha uma fazenda e uma serraria, e viajava muito para comprar madeira e entregá-las nas minas de carvão. Em 1850, comprou uma propriedade em Gleiwitz, onde montou uma serraria, com máquinas a vapor. Deste documento surge uma família judia praticante, que celebrava o *Shabat* e as grandes festas. Como o pai de Siegfried ficou cego muito cedo, as rezas e a leitura da *Haggadah*¹⁰⁹ eram, nestas ocasiões, feitas por ele e seu irmão. A avó paterna é mencionada na autobiografia de Edith como:

...tão severa como carinhosa, sendo que nenhum de seus filhos ousavam contradizê-la, mesmo se ela estivesse claramente errada. (...) Diferentemente da minha mãe, minha avó (paterna) não era uma mulher de negócios. Confiava seus negócios a um

¹⁰⁸ BATZDORFF, S., *Op. Cit.*, p. 49 e seguintes.

¹⁰⁹ Idem, pp. 49-50.

gerente que a enganava, mas se recusava a se deixar convencer que ele não era digno de confiança. Por esta razão meus pais acabaram por romper relações (com ela) e deixaram Gleiwitz. Foram para a cidade da minha mãe para montar um negocio sozinhos, com a ajuda da família dela.¹¹⁰

Ao contrário de seus irmãos, Augusta não tinha estudado muito. No final do século XIX, era comum dar uma boa educação aos filhos homens, enviando-os às grandes escolas e à universidade. As filhas estavam destinadas a se casar, ter filhos, deviam saber cuidar de uma casa, este era o seu papel natural. Após terem recebido os conhecimentos básicos, como a leitura, escrita e cálculo, saíam da escola. Aprendiam os elementos indispensáveis para cuidar de uma casa e educar os filhos.

A Infância

Edith nasceu em um momento de mudança de sua família para uma nova cidade, portanto em um momento turbulento, mas de esperança. No entanto a morte prematura de seu pai deixou sua mãe e toda família num estado de fragilidade e penúria.

Como sua mãe assumiu os negócios e trabalhava incansavelmente para sustentar a numerosa família, Edith foi criada principalmente por sua irmã mais velha Else, que era professora e tinha várias teorias educacionais, contra as quais Edith se rebelava, enraivecida. Como castigo, Else prendia Edith em um quarto escuro, onde ela se debatia, gritava e batia na porta desesperada. Muito tempo depois será esta a mais antiga lembrança de sua vida: *“(...) me vejo gritando diante de uma porta branca, alta, e a bater com os punhos nela porque minha irmã mais velha estava lá dentro e eu queria ficar com ela.”*¹¹¹

Edith diz que se sentia especial, a mais amada por sua mãe, como o último legado de seu pai e por ter nascido no dia sagrado do calendário judaico, *Yom Kipur*, dia do Perdão judaico. Podemos nos perguntar se este não é seu ‘mito de origem’, na medida em que se via nascida com a missão de trazer o perdão para o povo judeu, de buscar a verdade de Deus em Jesus Cristo. Assim muitas vezes foi caracterizada pelos que escreveram sobre ela. Talvez Edith tenha traçado seu

¹¹⁰ STEIN, E. *LJF*, pp. 38-39. (Trad. I. N.)

¹¹¹ STEIN, E. *DVFE*, p. 60. (Trad. I. N.)

caminho a partir deste sentido, vendo-se como a rainha Ester que representava nas festas de família, e com quem no final de sua vida se identificará novamente, como redentora do povo judeu e de toda Alemanha, a caminho de Auschwitz.

Edith cresceu em Breslau¹¹² que como vimos era a cidade mais tolerante e religiosamente heterogênea da região, em que os judeus tinham um considerável poder econômico, político e cultural. Na época em que Edith nasceu, o chefe do Conselho da cidade era Wilhelm Salomon Freund, um judeu liberal de esquerda, membro de várias associações judaicas. Um elemento chave de orgulho cívico de Breslau era a rejeição do antissemitismo e sua ênfase nas relações harmoniosas entre todos os cidadãos. A família Stein, assim como Edith, tinha muitos amigos próximos e conhecidos não-judeus, de todas as camadas sociais.

12. Edith, 1895. (MAN, p. 9)

Apesar de ter frequentado a escola até os doze anos, para poder - como depois suas filhas Else, Frieda e Rosa – ajudar nas tarefas domésticas, Augusta aprendeu desde cedo a trabalhar com zelo e ardor, a estar sempre em contato com muita gente e a se mostrar conscienciosa, disciplinada e digna de confiança. Tudo isto mais uma indestrutível confiança em Deus lhe permitiram retomar o negócio da família depois da morte súbita de seu marido e com muito esforço fazer de uma empresa cheia de dívidas um negócio estável. Augusta era não apenas o coração

¹¹² Ver “Um Guia Aproximado do Mundo de Edith Stein”, Anexo II.

da empresa, mas também de sua grande família. Ganhava o dinheiro, dirigia a casa e supervisionava a educação dos filhos.

A mãe de Edith afirmava a importância da força de vontade e de propósito, e suas máximas favoritas eram: “*o que se quer fazer, se consegue*” e “*quando a gente se esforça, Deus ajuda*”.¹¹³

Lembra Edith: Até a época em que a lei introduziu a jornada de oito horas – apenas em 1918-1919 - a empresa estava aberta enquanto fosse dia,¹¹⁴. Sua mãe se levantava às cinco e meia da manhã, deixava a casa muito cedo e voltava rapidamente durante o dia para um almoço frugal. Procurava ter empregados fixos, com vida estável, e era generosa com eles e suas famílias, na época das festas. Mas não lhes dava dinheiro, para que não bebessem. Dava gratificações através de uma caderneta de poupança, procurando assim lutar contra o alcoolismo que era muito comum e motivo de muito sofrimento e miséria entre as suas famílias. Como relata Edith: “*A relação de minha mãe com seus empregados era patriarcal*”¹¹⁵

Além de cuidar da madeireira, da casa e dos filhos, Augusta tinha ainda uma horta de frutas e legumes em seu quintal, fazia pão toda semana e a *chalah* (trança tradicional) do *shabat* na sexta- feira de manhã. Mantinha os costumes judaicos em casa, respeitando as regras *casher*, em que não se comia porco e os produtos de leite e carne eram servidos em recipientes diferentes. Na sexta- feira ao cair da noite acendiam-se as velas e se recitavam as rezas.

O mundo familiar era muito bem delimitado e no qual reinava uma ordem velada por Augusta. Durante a breve pausa do almoço ou à noite, como a loja e a casa eram próximas, discutiam-se questões da família. Ao voltar para casa à noite, Augusta estava sempre muito cansada, tomava um chá com torradas e deitava-se cedo.

Também observavam as festas judaicas. Para Edith, o *Yom Kipur* era particularmente importante, por coincidir com o seu aniversário. Nesta festa se confessavam os pecados do ano, rezava-se pelo perdão pelas injustiças cometidas e pelo amor ao próximo. Augusta passava o dia na sinagoga, como era o costume judaico, e no jantar, seguindo os preceitos, lia-se a *Haggadá* – relato da libertação da escravidão no Egito.

¹¹³ STEIN, E. *LJF*, p. 277 (Trad. I. N.)

¹¹⁴ Idem, p. 33.

¹¹⁵ Ibidem, p.31. (Trad. I. N.)

O *shabat* era celebrado como um dia de descanso. Passava-se o dia lendo mas, se antigamente era dedicado à leitura do *Talmud* e da Bíblia, como sinal da secularização agora eram lidas obras da literatura universal ou clássicos alemães.

Edith via sua mãe *Frau* Augusta como o exemplo da ‘mulher forte’ que iria exaltar nas suas conferências feministas, como em “Fundamentos *da Formação da Mulher*”¹¹⁶, contrapondo-se ao estereótipo corrente na época que considerava a mulher frágil, indefesa, precisando de proteção, e incapaz de empenhar-se em um trabalho social. Augusta gozava de grande respeito e autoridade na sua família, por ter ainda muito jovem suportado a viuvez, criado seus filhos e tomado as rédeas da atividade comercial deixada pelo marido.

Como a grande parte das famílias judias da região, na época, a família não vivia o Judaísmo com seu pleno significado, mas de modo ritualístico. Embora dessem importância às celebrações, os irmãos de Edith não levavam muito a sério as rezas, muitas regras judaicas não eram mais respeitadas pela família, e vivia-se o Judaísmo apenas como um ritual e uma referência familiar e religiosa, sem entrar realmente em contato com o seu pleno significado.

Partindo do modo de vida tradicional judaico ortodoxo da Silésia, as famílias de sua mãe e de seu pai percorreram todo o caminho até assimilar quase completamente os costumes do meio prussiano em que viviam.

Finalmente a situação em Breslau melhorou, com uma conjuntura particularmente favorável e a explosão, no começo dos anos 1890, do mercado de construção que trouxe a prosperidade para o comércio de madeira da família. Puderam assim comprar uma grande propriedade.¹¹⁷

¹¹⁶ STEIN, E. “Fundamentos de la Formación de la mujer”, in *OCES*, Vol. IV, pp.195-214.

¹¹⁷ Uma das casas em que Edith viveu, comprada por Auguste Stein por volta de 1910, resistiu à guerra, foi adquirida pela Associação Edith Stein (Edith Stein Gesellschaft), e é atualmente um monumento a Edith Stein e um lugar de encontro e memória.

13. Erna e Edith (MUÑOZ, s/ p.)

Edith passava férias que chama de ‘encantadoras’ junto às famílias de seus pais, com sua irmã Erna. Eram famílias grandes, com 11 e 16 filhos, em que todos frequentavam pelo menos a escola primária. As famílias tinham uma identidade alemã forte, e na véspera da Primeira Guerra Mundial foi feito um plebiscito para se decidir se a região seria alemã ou polonesa. Sua família se posicionou abertamente pró alemã, o que lhe valeu a hostilidade dos vizinhos e motivou sua mudança de Lublinitz.

Apesar da morte prematura do chefe da família, os Stein puderam manter sua vida familiar, graças à personalidade e força de trabalho de Frau Augusta. Edith pôde estudar, e viver uma vida familiar calorosa, ainda que simples, mas onde não havia o sentimento de pobreza.

nunca tivemos fome, mas estávamos habituados a grande simplicidade e economia (...) Nos meios que frequentei mais tarde, sempre notavam minhas maneiras pouco adequadas a meu status social, e isto me incomodava, mas nunca consegui mudar totalmente.¹¹⁸

Embora Edith fosse chamada de ‘tagarela’ pelos irmãos, estes diziam que ao contrário de Erna (sua irmã mais próxima, apenas 16 meses mais velha que Edith)

¹¹⁸ STEIN, E. *LJF*, p. 42. (Trad. I. N.)

sua companheira de brincadeiras e a quem era mais ligada, que era transparente como água clara, Edith era um “livro dos sete selos”.¹¹⁹

Precoce e sensível, Edith sofria com muitos pesadelos. Tinha acessos de febre inexplicáveis depois de uma emoção profunda. E fechava-se em si mesma. Sua mãe trabalhava muito, chegava em casa completamente exausta. Edith não se abria com ninguém, nem com sua irmã Erna. A família era vista dividida em pares: as crianças: Edith e Erna, os meninos: Paul e Arno, e as meninas: Frieda e Rosa. Else era um caso à parte, pois era a filha mais velha e quem cuidava da casa e dos irmãos, substituindo a mãe, sobrecarregada com seus compromissos profissionais. Paul, que dava apelido a todos, chamava Edith de ‘a *gatinha*’, por ser ágil e procurar sempre vencer as disputas com os irmãos mais velhos. Como irmã mais nova procurava se impor e afirmar sua capacidade, de onde talvez derive sua grande competitividade.

Quando sua irmã Erna foi para a escola, aos 7 anos, Edith não queria ficar para trás e insistiu para ser aceita também, embora ainda não tivesse idade para isso. Este seria seu presente de aniversário de 6 anos! Conseguindo seu intento, apesar de ter começado no meio do ano, Edith logo alcançou seus colegas e foi muito bem nos estudos, com muito empenho e ambição, e orgulhosa dos seus resultados. Mas sempre muito reservada, mesmo a celebração em família de suas boas notas na escola deixavam-na contrariada.

Como lembra sua sobrinha Suzanne, Edith adorava aprender e também mostrar o que sabia. Conseguia felicitações dos seus professores, e prêmios por seus feitos, o que às vezes provocava a inveja de seus colegas, em particular de sua prima Leni, da mesma idade e com a qual era sempre comparada. Edith vivia assim rodeada de irmãos, primos e colegas, e brincava muito na madeireira da família com eles, um lugar propício aos jogos infantis.

Aos seis anos, quando a mais velha de seus irmãos, Else, se tornou professora. Edith declarou que queria fazer o mesmo, tendo persistido durante toda sua vida nesta escolha, por ter pouca inclinação para os trabalhos domésticos. Preferia dedicar-se aos estudos, o que resultou em pouco conhecimento e prática dos afazeres domésticos, o que vai lamentar mais tarde, ao ingressar no Carmelo, pois se esperava que cumprisse como as outras monjas todo tipo de tarefas.

¹¹⁹ Idem, p. 63. (Trad. I. N.)

A Páscoa era sua festa preferida e a partir dos 13 anos sempre respeitou o jejum do Dia do Perdão, mesmo quando não partilhava mais a fé judaica e não cumpria as prescrições rituais. Para ela, esse dia tinha um significado especial, pois sua mãe sempre considerou este dia como o seu autêntico aniversário, atribuindo muito valor a este fato. Apesar de ser muito ligada à mãe, tendo dormido com ela até os seis anos, nem ela era sua confidente. (...) *a partir da primeira infância, tive uma estranha vida dupla e aos olhos de um observador externo eu atravessava uma série de transformações incompreensíveis e descontínuas.*¹²⁰

Era uma criança sempre em movimento com ideias bizarras, impertinente e pedante, obstinada e cheia de ira quando alguma coisa ia contra a sua vontade, e nos diz que no seu íntimo, *“havia um mundo escondido. Tudo que via e sentia durante o dia era transformado interiormente”.*¹²¹

Era particularmente sensível aos pobres e bêbados que via na rua, e quando estudante, sempre evitou qualquer gota de bebida alcoólica, *“para não perder, por minha própria responsabilidade, algo da minha liberdade intelectual e da minha dignidade humana”.*¹²²

Sofria muito com qualquer palavra mais áspera ou situação mais grave. Mas sempre secretamente. Raramente se mostrava e de repente, sem uma causa aparente, ficava com febre e no delírio dizia aquilo que a atormentava internamente. Estas situações preocupavam muito sua família, para quem se tratava de ‘nervosismo’, e por isso procuravam poupá-la de emoções mais fortes.

Edith nos diz que aos sete anos, não sabe explicar por que, a razão passou a predominar. Aos poucos foi conseguindo dominar-se sem muito esforço. Tenta explicar esta mudança pela vergonha e repugnância que sentia ao ver os ataques de cólera dos outros, o sentimento vivo da falta de dignidade inerente nestas situações de ‘se deixar levar’. Pelo que nos conta, buscava ter controle de si mesma, de seus impulsos, com consciência de suas escolhas desde cedo.

Nos meus sonhos, via sempre um futuro maravilhoso, sonhando com a fama e a fortuna, pois estava convencida de estar destinada a algo grande e de não pertencer ao ambiente limitado e burguês em que nasci. Vivia sempre fantasiando e distraída.¹²³

¹²⁰ Ibidem, p. 74. (Trad. I. N.)

¹²¹ Ibidem, p. 74. (Trad. I. N.)

¹²² Ibidem, p. 75. (Trad. I. N.)

¹²³ Ibidem, p. 77. (Trad. I. N.)

Vemos que Edith se mostrava, desde muito pequena, por um lado sensível a aspectos da condição humana: a dignidade, a vergonha, a empatia; pelo outro, muito consciente de seus dotes intelectuais. Via-se diferente e de fora de sua família.

A Juventude

Edith não se interessara pela religião quando jovem. O judaísmo de sua mãe não tocava sua alma. Dois de seus tios se suicidaram, por desespero e vergonha em relação aos negócios e Edith nos conta que não encontrou no Judaísmo nem explicação nem conforto. Nada correspondia à sua dor, estava sozinha, sem Deus, sem saber como elaborar seu luto. Nunca se deteve sobre a *Torah*, cheia de metáforas, de mandamentos, de lutas, de missões. Preferia a história, o alemão e a lógica. Interessou-se pela geometria, sendo sempre a melhor em tudo na escola.

Aos 15 anos, surpreendeu a todos ao resolver parar de estudar. Depois de nove anos de escola, sua mãe lhe disse: *“Não vou pressionar você. Deixei você entrar na escola quando você quis. Da mesma forma, pode sair agora, se é isso que quer.”*¹²⁴

Sua irmã mais velha, que se casara com um médico de Hamburgo, esperava o seu segundo filho, e Augusta mandou Edith passar uma temporada com Else. Iria ficar apenas seis semanas com a irmã, mas sua estadia se prolongou por dez meses. Trabalhava muito, ajudava a cuidar dos sobrinhos. Longe da vida familiar, Edith pôs em questão algumas das tradições nas quais tinha sido criada até então. Sua personalidade de adolescente desabrochava:

Agora, olhando para trás, eu tenho a impressão de ter vivido em Hamburgo como uma crisálida, eu me desenvolvia em um círculo muito estreito e criava um mundo para mim mesma ainda mais exclusivo que em casa. Lia sempre que os cuidados com a casa permitiam. Ouvia e lia também muitas coisas que não me faziam bem. Dada a especialização do meu cunhado” (médico dermatologista), “algumas das obras que tinham na casa deles não eram para uma adolescente de quinze anos. Além disso, Max e Else eram totalmente agnósticos; a religião não tinha nenhum lugar na sua casa. Foi aí que deliberadamente e conscientemente eu deixei de rezar.”¹²⁵

¹²⁴ Idem, p. 139. (Trad. I. N.)

¹²⁵ Ibidem, p. 148. (Trad. I. N.)

Edith Stein holding Ilse Gordon (Hamburg, 1906)

14. Edith Stein com Ilse Gordon, Hamburgo, 1906
(HERBSTTRITH.W. *Never Forget...Op. Cit.* p. 58)

Em uma carta, Ilse Gordon, a filha mais velha de sua irmã Else, *comenta*:

É verdade que meu pais não iam à sinagoga, não observavam em sua casa os ritos tradicionais da religião judaica e não os inculcavam em seus filhos. Entretanto, eu tenho uma concepção diferente da religião, que vai muito alem desses ritos e que se deve, eu creio, a meus pais".¹²⁶

A partir da frase de Edith de que deixou de rezar, muito se falou sobre seu 'ateísmo'. Suzanne, sua sobrinha, pensa que é um exagero, pois ela apenas diz que cessou de rezar, não sabemos a que reza se referia. Na verdade, eram as primeiras dúvidas e incertezas de uma adolescente que se encontra pela primeira vez longe da casa familiar. A meu ver Edith pode ter deixado de praticar os rituais judaicos, influenciada pela irmã e cunhado, que eram agnósticos, mas certamente sua religiosidade continuava viva.

Volta a Breslau, a chamado da mãe, para cuidar do sobrinho Harold, filho de seu irmão Paul, que tinha então dois anos e estava gravemente doente, com escarlatina. A escarlatina já matara algumas crianças da família. Edith não pôde ajudar apesar das esperanças que lhe eram depositadas, e a criança morreu dois

¹²⁶ HERBSTTRITH, W. o.c.d., (Ed.) *Never Forget*, Washington, ICS, 1998, p.60. (Trad. I. N.)

dias depois de seu retorno. Com certeza isso não passou incólume para Edith. Apesar da apreensão da família, foi recebida com muita alegria, e sua irmã Frieda lhe disse: “*Tínhamos dito: se não vem agora, não é nossa irmã*”, o que causou em Edith uma impressão dolorosa e fez com que se fechasse rapidamente em si mesma.¹²⁷

Nessa época, relata que tinha muito tempo livre e lia principalmente tragédias – Grillparzer, Hebbel, Ibsen, mas, sobretudo Shakespeare¹²⁸ – eram o seu ‘pão cotidiano’:

(...) neste mundo, com tintas fortes de grandes paixões e ações me sentia mais à vontade que naquela vida de todos os dias. Mas uma vez em que peguei *O Mundo como Vontade e Representação* de Schopenhauer, as minhas irmãs mais velhas protestaram energicamente. Temiam pela minha saúde mental, e que devia devolver o livro à biblioteca sem ler.”¹²⁹

Edith diz que sentia que sua vida cotidiana era sem graça e desejava grandes emoções, fornecidas pelas leituras dos clássicos, que povoavam sua imaginação. Isto nos faz lembrar de Teresa D’Ávila que também sonhava junto com seu irmão com aventuras descritas pelos livros de cavalaria, enquanto vivia trancada em casa, numa época em que as mulheres não tinham oportunidades a não ser casar ou ir para o convento.

Não temos maiores detalhes sobre a perda de fé de Edith no Judaísmo. Além da leitura de Spinoza, não menciona outros livros sobre judaísmo moderno ou medieval. Demonstra em alguns momentos desconhecer as ideias do Judaísmo sobre a vida e a morte. Por ser mulher, não participava dos estudos dos textos religiosos. Sentia-se alienada tanto do Judaísmo ortodoxo quanto do liberal, que mantinham traços sexistas e patriarcais. Por outro lado, nunca sofreu barreiras antisemitas nos seus estudos até depois da Primeira Grande Guerra, e por isso não sentia como imperativo ter de preservar e afirmar o seu Judaísmo de origem em um ambiente hostil.

¹²⁷ STEIN, E. *DVFE*, p. 169. (Trad. I. N.)

¹²⁸ Franz Grillparzer (1791-1872) escreveu poesias, novelas e dramas, principalmente de conteúdo histórico-político. Friedrich Hebbel (1813-1863) - compôs poesias, contos e dramas principalmente trágicos; Henrik Ibsen (1828-1906); William Shakespeare (1564-1616).

¹²⁹ STEIN, E. *DVFE*, p. 169. (Trad. I. N.). Arthur Schopenhauer (1788-1860) - foi por um curto período professor em Berlim e depois viveu em Franckfurt; sua obra mais importante *O mundo como vontade e representação* apareceu em 1819.

Após voltar para a casa da mãe em Breslau, decidiu retomar os estudos, em 1907, preparando-se para os exames do último ano do ginásio. Trabalhou com afinco com professores particulares em matemática e latim durante seis meses, e se refere a este como um dos períodos mais felizes da sua vida, “*aproveitando a oportunidade de ter meus poderes mentais totalmente engajados na tarefa para a qual eles eram bem preparados.*”¹³⁰

15. Edith Stein amava a natureza e fazia longos passeios. Fotografia provavelmente do verão de 1911, numa excursão a Schneekoppe. À direita Erna e embaixo Edith com amigas. (MAN, p. 16)

Os estudos no ginásio contemplavam os ideais da classe média alemã, principalmente dos judeus alemães, *Bildung* - os princípios da ciência e da educação e *Wissenschaft*, que englobava os estudos tanto de humanidades quanto de ciências, cultivando o florescer pleno do intelecto humano, o desenvolvimento do questionamento racional, a compreensão prática e teórica, o respeito pela pesquisa, e a busca da verdade por si mesma. Esta definição de *Wissenschaft*, no final do século XIX, tornou-se mais estreita com o positivismo, mas a definição ampla sobreviveu. O conceito complementar - *Bildung* - compreendia dois objetivos

¹³⁰ STEIN, E. *LJF*, p.155. (Trad. I.N.)

educacionais: a realização intelectual através do pensamento clássico, a literatura e a filosofia europeia e a análise crítica e interpretação de textos clássicos, especialmente pelo seu conteúdo moral e ético.

Durante seus anos de ginásio, Edith leu os clássicos gregos e romanos, as obras primas de ficção de Shakespeare, Turgenev, Dostoiévski e Ibsen, além dos tratados filosóficos de Spinoza, Descartes, Montesquieu, Rousseau, Kant, Locke, Hume, John Stuart Mill, William James, Wilhelm Dilthey e Henry Bergson.

O segundo objetivo do *Bildung* envolvia o aprimoramento estético e o refinamento. A família Stein encorajava a jovem Edith a jogar xadrez, dançar, escrever e a interpretar paródias e peças curtas. Edith tinha prazer especial em representar a rainha Ester na festa de Purim, uma figura heróica com quem manteria uma ligação importante durante toda a sua vida.

Bildung também implicava a premissa clássica de que uma mente sã requer um corpo sã. E a educação de Edith incluía atividades físicas ao ar livre, e mesmo sendo pequena, magra e anêmica, jogava tênis e explorava vivamente o campo em longos passeios pelas montanhas.

16. Quatro irmãs Stein depois de uma partida de tênis. Da esquerda para a direita: Rosa, Erna, Frieda e Edith, em 1913. (MAN, p. 16)

Depois que completou de forma brilhante o ginásio, Edith agora aos 20 anos tinha que enfrentar o obstáculo do *Abitur*, os exames finais requeridos aos estudantes que aspiravam entrar para a universidade. As feministas do final do século XIX tinham lhe preparado o caminho para esta possibilidade. Edith foi tão bem nos exames escritos que foi dispensada do exame oral. Identificava-se então

com o movimento feminista que estava bem desenvolvido em Breslau, e participou da Sociedade Prussiana para o Direito de Voto das Mulheres. Discutia extensivamente com sua irmã Erna e amigas sobre o problema da dupla jornada da mulher e sobre o sacrifício da profissão com o casamento. Insistia em que não sacrificaria uma profissão pelo casamento.

Na sua festa de formatura, o poema que a retratava demonstrava muito bem sua posição de mulher liberada:

Semelhança entre homem e mulher
Assim grita a sufragista
Seguramente um dia
A veremos no posto de ministro.”¹³¹

Após o sucesso nos exames finais, Edith entrou para a Universidade de Breslau, em 1911. Muito de sua persistência e força em perseguir uma carreira acadêmica, apesar de todos os obstáculos que enfrentou, devem-se com certeza à figura de sua mãe, seu exemplo e educação de grande tenacidade, de “Stein”, a ‘pedra’ em alemão, como Edith gostava de dizer.¹³²

17. Em 28 de abril de 1911 Edith Stein se matriculou na Universidade de Breslau. (MAN, p.15)

Descreve sua dificuldade na escolha de sua carreira de pesquisa intelectual, mas sempre com a determinação de não trair a si mesma e as suas aspirações:

¹³¹ STEIN, E. *DVFE*, p. 202. (Trad. I. N.)

¹³² STEIN, E. *LJF*, p. 319. (Trad. I. N.)

coerência interior, dignidade, respeito por si mesma: estes são os valores que surgem através das descrições dos seus esforços, voltados a traçar uma linha unitária e não dispersiva em sua vida.

Mesmo preocupada com o lado prático da vida e consciente de que a mulher não pode contar sempre com um homem provedor, sua mãe nunca interferiu nas escolhas de Edith ou dos outros filhos quanto aos estudos. Apesar de bastante autoritária e disciplinada, Augusta Stein incentivou o espírito livre e crítico em seus filhos, e disse a Edith, quanto esta lhe pediu um conselho: *“Filhinha querida, nisto não posso lhe aconselhar nada. Faça aquilo que gosta, você sabe melhor que ninguém.”*¹³³

Não tendo ninguém para a aconselhar, Edith escolheu como matérias na faculdade literatura e filosofia. A *Ética* de Spinoza a acompanhou em suas caminhadas durante as férias. Interessa-se pela psicologia principalmente pelos cursos de Wilhelm Stern, que dirigia a atenção dos seus alunos para a natureza das diferenças individuais e a estrutura unitária da personalidade. Sua ênfase na essência única do indivíduo influenciou Edith em todo o seu pensamento posterior.

Em Breslau, participou de diversos grupos ativistas, como o “Grupo Pedagógico” que se reunia para discutir questões da reforma educacional, problemas pedagógicos práticos ignorados pelo currículo universitário e também visitava escolas e casas para crianças com necessidades especiais, movidos pela ação de consciência social.

A autoconfiança intelectual, e mesmo arrogância e teimosia de Edith, embora fossem essenciais para uma mulher da sua época para conseguir trilhar um caminho difícil e não convencional, chocavam-se com sua maturidade e sua consciência dos limites de seu conhecimento.

Edith pôde desenvolver muito suas habilidades pedagógicas em Breslau. Como membro da União das Mulheres Estudantes, participou também do Ramo Acadêmico da Sociedade Humboldt para Educação de Adultos. Os estudantes deste grupo voluntário davam aulas para trabalhadores. Edith dava aula de inglês e ortografia, uma noite por semana. Além disso, dava aulas para alunas que precisavam de reforço para os exames finais do Ginásio.

¹³³ STEIN, E. *DVFE*, p. 212. (Trad. I. N.)

Foi uma época de sua vida em que se sentia privilegiada por exercer constantemente seus dotes intelectuais e ter uma vida estimulante tanto dentro quanto fora da Universidade. Apesar de feminista, liberal e crítica das políticas conservadoras prussianas, e dos nacionalistas e patriotas extremados, não participava da visão socialista de suas colegas feministas. Era grata ao Estado prussiano por sua educação e cultura e seu estudo de história inspirava-lhe otimismo com relação ao futuro de reformas igualitárias, talvez também em relação aos judeus.

Repugnava-me o nacionalismo de tipo chauvinista, tanto quanto estava convencida do sentido da necessidade natural e histórica de Estados particulares e de povos e nações de índole diversa. Assim, concessões socialistas e outras formas de internacionalismo nunca me agradaram. Libertava-me cada vez mais também das ideias liberais nas quais tinha crescido, para chegar a uma concepção positiva do Estado, próxima à conservadora, mas sempre permanecendo distante da visão particular do conservadorismo prussiano.”¹³⁴

E logo depois continua:

A partir de um forte sentimento de responsabilidade social, defendi também com decisão a causa do direito de voto das mulheres que na época não era absolutamente uma coisa óbvia dentro do movimento feminista burguês. A Liga prussiana para o direito de voto das mulheres, à qual aderi com as minhas amigas, como pretendia a completa equiparação política das mulheres, era composta em sua maior parte de socialistas.¹³⁵

Com tudo isso, entretanto, sofria ocasionalmente de ataques de profunda depressão, como quando leu um livro que falava de aspectos repugnantes da vida estudantil: a desordem das relações, o uso da bebida, e a decorrente “devassidão” moral. Edith conta em sua autobiografia que esta leitura a deixou tão deprimida que não conseguia se levantar por uma semana. Tinha perdido a confiança nos colegas, sentia-se perdida, como se sob a opressão de um grande peso, sem conseguir

¹³⁴ *Idem*, p. 217. (Trad. I. N.)

¹³⁵ *Ibidem*, pp. 217-8. (Trad. I. N.) A “Liga Prussiana para o Direito de Voto das Mulheres” foi fundada em 1908 com a colaboração da ativista Minna Cauer (1842-1922), que era membro da *Liga do Reich*, e também da Federação Mundial para o Direito de Voto das Mulheres. O objetivo principal da Liga era o de “dar as mulheres os mesmos direitos que têm os homens na vida do Estado e em geral e, sobretudo, de conquistar para elas o direito ativo e passivo nos órgãos legislativos e administrativos, ou seja, o de “dar às mulheres uma formação política estimulando a ser ativas em todos os âmbitos da vida política e social”(Sobre o Estatuto da Liga, 2, a, c.) citado em *Ibidem*, p. 217, nota 14. A Liga do Reich era apartidária, e pretendia aglomerar todos os que eram a favor da igualdade política das mulheres, independente da sua orientação política ou confessional. *Idem*, nota 15.

alegrar-se. O que a ‘curou’, nos conta, foram os concertos do Festival de Bach celebrado em Breslau, seu músico preferido, especialmente um verso do oratório que conhecia bem e que ao escutar abriu novamente seu coração:

E mesmo se o mundo fosse cheio de diabos,
que quisessem devorar a todos,
Não tenhamos medo,
a verdade triunfará através de nós...”¹³⁶

Seu pessimismo desapareceu completamente.

Sim, o mundo pode ser mau, mas se usarmos todas as nossas forças – o pequeno grupo de amigos com quem podemos contar e eu mesma – então conseguiremos livrá-lo de todos os ‘diabos’.¹³⁷

Podemos ver por esta passagem o quanto Edith tinha uma profunda religiosidade, mesmo que não se identificasse com alguma religião. Demonstra também como a questão do mal e da luta contra ele já fazia parte de sua questão pessoal e de sua visão de mundo.

No fim do segundo ano, sentia necessidade de novos desafios acadêmicos e frustração com os métodos prevaletentes na psicologia da época, que para ela não tinha uma clara fundamentação lógica. Revoltava-se com o psicologismo, imbuído pelo positivismo – com a redução da experiência individual a generalizações empiricamente quantificáveis.

Uma nova oportunidade surgiu quando ouviu falar sobre o livro de Edmund Husserl, o segundo volume das *Investigações Lógicas*. Nele e no primeiro volume, publicados respectivamente em 1901 e 1900, Husserl estabelecia as bases da filosofia fenomenológica, que transformou decisivamente a filosofia do século XX. Edith veria Husserl como “O filósofo do nosso tempo”, e em 1939 considerou-o como “um dos verdadeiros gigantes que transcendem o seu próprio tempo e que determinam a história”¹³⁸

¹³⁶ STEIN, E. *LJF*, p. 216. (Trad. I. N.)

¹³⁷ Idem, p. 217. (Trad. I. N.)

¹³⁸ Ibidem, p. 410. (Trad. I. N.)

18. Edmund Husserl (1859-1938)
 “Toda consciência é consciência de alguma coisa” (MAN, p.21)

O pensamento filosófico ocidental sempre se caracterizou por uma atitude crítica da tradição. Deste ponto de vista a posição de Husserl se inseria perfeitamente na crítica como instrumento de busca da verdade. Mantinha o ensinamento dos filósofos gregos, Platão e Aristóteles, mas sua crítica o levava além deles, através da *epoché*, buscando conquistar uma radicalidade que levasse a resultados: a validade dos resultados sendo diretamente proporcional ao grau da crítica alcançada.

O primo de Edith, Richard Courant era um prestigiado matemático na Universidade de Göttingen, e nesta época sua esposa a convida para visitá-los, o que foi mais um incentivo para passar o semestre do verão de 1913 estudando com Husserl. Edith soube também que o Professor aceitava sem problemas mulheres entre suas alunas. Mas não vai só, convencendo uma amiga, Rose Guttmann, a acompanhá-la, com o apoio de sua mãe que ajuda a mantê-las.

Tinha errado desde o início ao pensar em um trabalho em psicologia. Os meus estudos nesta matéria tinham produzido em mim a opinião de que esta ciência se encontrava ainda nos inícios que lhe faltava a base necessária de claros conceitos fundamentais e que não tinha condição de elaborá-los. Ao contrário, o que sabia em relação à fenomenologia me entusiasmava muito, pois ela consistia neste trabalho de clarificação; porque neste campo se elaboravam desde o início os instrumentos intelectuais de que se precisava. Em Göttingen a lembrança daquele trabalho de psicologia do início me pesava ainda um pouco, mas logo me libertei dele. ¹³⁹

¹³⁹ Ibidem, p. 255. (Trad. I. N.)

2.2– Göttingen, Husserl e a Fenomenologia

Göttingen era na época a capital da inteligência, onde o já célebre filósofo Edmund Husserl ensinava uma disciplina nova, estranha e fascinante, chamada *Fenomenologia*, que atraía os jovens estudantes, onde se podia experimentar, se surpreender. Era em Göttingen que as coisas aconteciam, onde “*toda consciência é consciência de alguma coisa*”. A Fenomenologia é o estudo da consciência na sua relação com as coisas mesmas. As coisas tal como elas são verdadeiramente. Edith sentia que algo misterioso acontecia dentro de si, escondido.

Assim, aos 21 anos, Edith chegou a Göttingen, em 17 de abril de 1913, apaixonando-se pela cidade e sua universidade. Lá encontrou o ‘lar’ que procurava, sendo bem recebida, não sendo discriminada nem por ser mulher nem por ser judia. Muitos de seus professores em Göttingen, como em Breslau, eram judeus, embora alguns, como Husserl, tivessem se convertido ao Protestantismo.

A intensa relação que Edith estabeleceu com seus colegas da Sociedade Filosófica, e que em alguns casos durou toda a sua vida, baseava-se numa comunhão intelectual. Edith não tinha dúvidas de que um dia teria uma posição como professora de filosofia, pois pensava que as discriminações contra as mulheres iriam desaparecer assim como já vinha acontecendo com relação à educação, e que a igualdade da mulher logo seria alcançada, tanto nas atitudes sexuais quanto no casamento.

A filosofia, como a fé, permite a solidão. Edith decide explorar seu cérebro e aprender coisas complicadas, infinitamente sutis. Edith, com Husserl, descobre sua própria força intelectual.

A este grupo filosófico de Göttingen pertencia também Max Scheler, que estudara em Jena, e passara também por Munich; e Jean Hering, que presidiu a Sociedade Filosófica em 1912-1913, ano em que também Roman Ingarden se juntou ao seminário realizado por Husserl.

Em 1913 aparece o primeiro livro das *Idéias* de Husserl e Edith começa a frequentar os seus cursos e tomar parte ativa na Sociedade Filosófica de Göttingen, que naquele semestre estudava o livro de Max Scheler - *O Formalismo na Ética e a Ética Material dos Valores* (*Der Formalismus in der Ethik und die materiale Wertethik*).

Max Scheler influencia muito Edith. Aparece numa foto da Sociedade Filosófica com Adolf Reinach, Alexander Koyré, Hedwig Conrad-Martius, entre outros.

19. Círculo Filosófico de Göttingen: 1912. Da esquerda: Jean Hering, Adolf Reinach, Hans Lipps, Theodor Conrad, Max Scheler, Alexander Koyré, Siegfried Hamburger, Hedwig Martius, Rudolf Clements, Gustav Hübener, Alfred von Sybel. Edith Stein chegaria um ano depois a Göttingen. (MAN, p. 22).

Para mim, como para muitos outros, a influência (de Scheler) naqueles anos foi muito grande, para além do âmbito filosófico. (...) Naquele período tinha muitas ideias católicas e sabia divulgá-las fazendo uso de sua brilhante inteligência e da sua potente eloquência. Foi assim que pela primeira vez entrei em contato com um mundo que até então era totalmente desconhecido para mim. Isso não me conduziu ainda à fé, mas abriu um campo de 'fenômenos' aos quais não podia mais ser cega. Não era por nada que recomendava considerar cada coisa com olhos livres de preconceitos. Caíam as barreiras dos preconceitos racionalistas nos quais tinha crescido sem saber, e o mundo da fé estava de repente frente a mim. Pessoas com as quais tinha relações cotidianas e que via com respeito e admiração viviam naquele mundo. Devia ao menos valer a pena refletir seriamente sobre elas. Na ocasião não me ocupei sistematicamente de questões religiosas, estava muito ocupada com muitas outras coisas. Contentei-me em acolher em mim, sem opor resistência, os estímulos que vinham do ambiente que frequentava e – quase sem perceber – fui aos poucos transformada.¹⁴⁰

Edith tinha uma visão racionalista, humanista e moralmente idealista das relações pessoais. Planejava casar-se e ter filhos, não aceitava a liberalidade

¹⁴⁰ STEIN, E. *DVFE*, p. 306. (Trad. I.N.)

sexual, considerando-a aviltante da sua dignidade enquanto intelectual, assim como não aceitava o duplo padrão sexual. Esperava ser tratada como igual por homens e mulheres de qualquer religião ou origem étnica, e com respeito pelo seu intelecto. A perda da objetividade racional, pelo álcool, ou acessos de raiva, preconceitos ou interesses narcísicos também a repugnavam, como já mencionamos.

Um número grande de filósofos de descendência judaica constituíram a primeira geração de fenomenólogos e formaram o *Círculo Fenomenológico de Göttingen*. Incluía, além de Husserl, Adolph Reinach, Max Scheler (1874-1928), Hans Lipps (1889-1941), Fritz Kaufmann, Dietrich von Hildebrand (1889-1977) e Alexander Koyré (1892-1964), além da melhor amiga de Edith, Hedwig Conrad-Martius.

20. Adolf e Anne Reinach. (MAN, p. 20)

Adolf Reinach havia estudado com Theodor Lipps em Munique e fazia parte de um grupo que foi a Göttingen para assistir às aulas de Husserl. Também pertenciam à escola de Munique: Pfänder e Theodoro Conrad, mais tarde marido de Hedwig Martius e fundador em 1907 da Sociedade Filosófica de Göttingen. Hedwig Martius se une a eles proveniente também de Munique em 1909 e presidiria a Sociedade Filosófica em 1911-1912, distinguindo-se pela validade de sua pesquisa a ponto de obter o prêmio da Faculdade de Filosofia de Göttingen com o seu ensaio *Os Fundamentos Cognitivos do Positivismo* (*Die Erkenntnistheoretischen Grundlagen*

des Positivismus) de 1912, notícia que também havia incentivado Edith a procurar Husserl.

Mais tarde, ao falar das pessoas que influenciaram sua formação cultural, seus professores, entre os quais se distingue Husserl, Edith as trata não abstratamente, mas através de suas ações. A capacidade, descrita nas suas pesquisas sobre a empatia, de acolher o outro na sua singularidade e particularidade, sem nenhuma projeção, surge de suas experiências familiares e sociais.

Como Enfermeira Voluntária da Cruz Vermelha

Quando seus colegas foram convocados para a Primeira Grande Guerra, Edith Stein sente o dever de interromper seus estudos filosóficos, se alistar, e prestar serviços nos hospitais militares. Nesta época escreveu para seu amigo polonês R. Ingarden sobre seus sentimentos patrióticos:

Veja, eu não posso estar apaixonada pela Alemanha como não posso estar enamorada de mim mesmo, porque sou sempre eu mesma, sou uma parte da Alemanha. (...) Quanto mais viva e forte a tomada de consciência de um povo, tanto mais se organiza o Estado. O Estado é povo consciente que regula as suas funções. Daí que, a meu ver, uma maior consciência de si parece se conectar com uma maior capacidade de desenvolvimento, do que se segue que a organização é sinal de força interior e o povo com mais progresso (com relação a sua educação e não a seus aspectos de caráter) é aquele que se organiza melhor em Estado. Creio poder dizer, com objetividade, que desde o tempo de Esparta e de Roma não houve nunca uma consciência de Estado tão forte como na Prússia e no novo Reich alemão.¹⁴¹

Seu sentimento de “*eu sou ela*” nunca diminuiu, mesmo com a perseguição aos judeus pelos nazistas, tendo permanecido profundamente ligada à Alemanha e ao povo alemão. Em seu *Currículo Vitae*, escrito na época de seu doutoramento, ela se declara: “*Eu sou uma cidadã prussiana e judia*”.

Dedica todo o capítulo VIII da sua *Autobiografia* à sua experiência de serviço como enfermeira no campo militar de Mährisch-Weisskirchen, na Áustria, através da Cruz Vermelha. Enfrentando a forte oposição de sua mãe, que lhe disse que não lhe daria o consentimento, pois as enfermeiras não gozavam de boa reputação moral, Edith lhe respondeu que iria de qualquer jeito, o que fez a família toda tremer, pois não se falava assim com Frau Augusta. Depois de um estágio na clínica da sua irmã

¹⁴¹ STEIN, E. Carta 7, Friburgo, 9/2/1917, in *LRI*, pp. 37-38. (Trad. I. N.)

Erna, que era ginecologista, e algumas vacinas contra o tifo e a cólera, partiu em abril de 1915, bem cedo pela manhã. Levou consigo dois livros: as *Idéias* de Husserl e Homero. Foi um sofrido aprendizado, cuidar de doentes feridos e com doenças infecciosas, muitos morrendo em suas mãos. Teve contato com soldados de muitas nacionalidades: alemães, tchecos, eslovacos, polacos, húngaros, romenos, italianos e ciganos, entre outros.

21. Hospital da Cruz Vermelha Mährisch-Weisskirchen, 1915. (MAN, p. 24)

No hospital, sentia um certo antissemitismo, e fez poucos amigos. Depois de três meses de um trabalho por vezes extenuante, em que não participava dos encontros e festinhas dos doutores e enfermeiras, tinha direito a quinze dias de férias. Mas os feridos não paravam de chegar, e optou por permanecer. Edith descreve uma situação desagradável com um doutor polonês que a assediou e como ela o rejeitou, tendo uma conversa definitiva com ele, como costumava fazer. Sua irmã Erna a visitou uma vez, e tinha uma amiga próxima, com quem dividia a moradia.

Edith gostava de tratar dos pacientes, sendo sempre muito devotada nos seus afazeres e responsabilidades. Depois de cinco meses, entretanto, percebeu que seus nervos estavam em frangalhos e que precisava de descanso. Além do seu esgotamento nervoso se perguntava se não era hora de voltar a seus estudos científicos, pois sua assistência ali já não era tão necessária. Assim, em setembro foi

para casa de férias, podendo voltar se e quando quisesse. No mês seguinte, entretanto, o hospital foi fechado, e Edith não retornou mais a seu posto de enfermeira. Tanto os seus superiores como os pacientes notaram o seu extremo devotamento e disponibilidade e recebeu no final da guerra a “medalha da coragem” da Cruz Vermelha, o que nos fala de sua generosidade e seu alto nível de empenho civil. Vemos no seu relato dessa experiência no hospital surgir uma Edith cheia de compaixão pelo sofrimento daqueles pobres moços e suas famílias.

A Tese sobre Empatia

De volta a Göttingen, quase um ano depois, Edith começou a preparar sua tese de doutorado sobre a Empatia – “*Einfühlung*”: da possibilidade de entrar em contacto com o outro, no pensamento do outro, na sensibilidade do outro. Husserl estava de mudança para Freiburg, e Edith decide segui-lo. Trabalhando muito tem períodos de inapetência e perde 10 kg, ficando muito magra. Era o verão de 1916.

Edith tem paixão pela verdade e paixão pelo outro, paixões que, combinadas, lhe deram a ideia da tese. Trata-se de um assunto difícil, e seu enorme esforço a deixa muito abatida. Trabalha muito, das seis da manhã à meia noite sem interrupção. Passa por uma séria crise de identidade e de confiança, fase que descreve como sendo de “*autêntico desespero*”. Husserl a anima e o casal Adolf e Anne Reinach lhe dão suporte:

Esta luta pela clareza provocava em mim grandes tormentos e não me dava paz dia e noite. (...) Aprofundava-me cada vez mais em um autêntico desespero. Era a primeira vez na minha vida que me encontrava frente a algo que não podia conseguir com a minha vontade. Sem saber, as máximas da minha mãe: “Aquilo que queremos, podemos” e “O bom Deus ajuda quem faz”, estavam profundamente enraizadas em mim. (...) Chegou um ponto em que a vida pareceu-me insuportável. Muitas vezes dizia a mim mesma que tudo aquilo não fazia sentido. Se não tivesse terminado a tese de láurea, o trabalho teria bastado para o exame de estado e senão fosse uma grande filósofa, com certeza poderia me tornar uma boa professora. Mas as considerações racionais não serviam para nada. Não conseguia atravessar uma rua sem que tivesse o desejo que um carro me atropelasse. E quando viajava, esperava cair e morrer.¹⁴²

Para Edith, quando seguimos o pensamento dos outros, estamos traindo o nosso próprio pensamento. As ideias de Husserl serviram-lhe de impulso, foi sua

¹⁴² STEIN, E. *DVFE*, pp. 327-8. (Trad. I. N.)

aluna, uma discípula. Mas compreendeu durante a redação de sua tese que um sistema filosófico ou matemático assim como uma obra literária ou musical está diretamente conectado com uma particularidade inalienável, à individualidade absoluta de cada um.

Em sua autobiografia, diz que ouviu a primeira vez o termo empatia durante as aulas que Husserl dava em Göttingen, no semestre de verão de 1913. Husserl repetia este termo tomado de Theodor Lipps, sem dizer qual era o seu significado nem precisar os problemas implicados. Na sua tese, Edith analisou a vivência da empatia, entre as vivências presentes na consciência, ou seja, a vivência que adverte sobre a presença de outro ser humano, reconhecido intuitivamente como *alter ego*.

Seus estudos tiveram continuidade com o texto *Psicologia e Ciência do Espírito – Contribuições para um Fundamento Filosófico* – de 1922, e que é, segundo Angela A. Bello, o mais significativo do ponto de vista fenomenológico entre as obras de Stein. Como diz no prefácio, pretende aprofundar em diversos ângulos a essência da realidade psíquica e do espírito, e encontrar o fundamento para delimitar de modo adequado a psicologia e a ciência do espírito enquanto disciplinas. Trata de duas leis fundamentais, a causalidade e a motivação que cooperam no sujeito psíquico dotado de uma essência sensível-espiritual e estende o campo de observações do indivíduo psíquico isolado para a realidade supra-individual procurando assim obter uma visão mais ampla da estrutura do mundo espiritual. Assim que acabou de escrever o texto *Indivíduo e Comunidade*, em 1920, iniciou o *Tratado sobre o Estado* – como relata numa carta a Ingarden datada de 9 de outubro de 1920 e em outra de 6 de dezembro de 1920 ¹⁴³. Nestas, Edith conta que já havia enviado algumas partes daquele seu texto a Hans Lipps, que havia gostado muito.

No prefácio de “Indivíduo e Sociedade”, Stein comenta que durante os dois anos em que trabalhou como assistente de Husserl teve acesso aos seus textos sobre o tema, assim como teve muitas conversas com ele, de modo que não tinha mais condição de saber de que maneira foi influenciada ou como suas ideias têm a ver com as dele. Edith sempre reconheceu Husserl como seu grande mestre, assim como a grande influência que teve em suas pesquisas. Este trabalho foi escrito após

¹⁴³ STEIN, E. Carta 71, 9/10/1920, in *LRI*, p. 171 e Carta 72, Breslavia, 6/12/1920 in *LRI*, p. 174.

a conclusão da tese sobre a empatia e antes do texto “*Uma pesquisa sobre o Estado*”, de 1925.

Do ponto de vista teórico, estes textos constituem uma trilogia importante no âmbito das análises elaboradas com base no método fenomenológico, um exemplo de fidelidade ao método. Pode-se considerar como exemplo “quase único” da escola que se formara ao redor de Husserl, primeiro em Göttingen até 1916 e depois em Freiburg até os anos 1930. Estes dois últimos estudos foram elaborados com o objetivo de conseguir uma cátedra em alguma universidade, e publicados no *Anuário* editado por Husserl, de 1922. Mas seus esforços foram em vão, pois seu maior obstáculo era o de ser mulher.

Em 3 de agosto de 1916 recebe a nota máxima por seu trabalho de doutorado, *summa cum laude*, e uma recomendação para a carreira acadêmica. É uma das dez primeiras doutoras formadas na Alemanha na época, a segunda em Filosofia, sendo a primeira sua amiga Hedwig Conrad-Martius.

Foi um feito memorável, comemorado na casa do seu mestre, professor Husserl, onde foi recebida com uma cesta de flores. Mas, ao voltar para sua casa, a rua estava em total escuridão, devido ao corte de energia, imposto pela possibilidade de ataques aéreos. A Alemanha, em plena guerra, havia acabado de perder meio milhão de seus soldados em batalha, e a fome espalhava-se provocando o saque a mercados e motins em diversos lugares. Mas Edith estava eufórica. Seu senhorio notou que ela estava afogueada, em contraste com sua costumeira atitude contida e seriedade.¹⁴⁴

Edith, Assistente de Husserl

Após ter defendido seu doutorado em 1916, Edith viveu momentos de muita felicidade: o Prof. Husserl precisava de ajuda para organizar, decifrar e transcrever seus manuscritos e aceitara a sua proposta de ser sua assistente. Edith comparou a alegria da mútua escolha “*a de um casal jovem no momento de seu noivado*”¹⁴⁵. Estas alegrias em meio à guerra que se desenvolvia ao seu redor a deixava um

¹⁴⁴ STEIN, E. *LJF*, p. 414.

¹⁴⁵ STEIN, E. *LJF*, p. 411. (Trad. I. N.)

pouco constrangida, conforme comentou em carta a seu amigo e filósofo, no *front*, Fritz Kaufmann.¹⁴⁶

Nessa época conheceu pessoalmente Martin Buber, amigo de Husserl. Em seu diálogo com Bem-Chorin, Buber afirma que apreciou “sobretudo sua clareza filosófica”, acrescentando, “na verdade mais tarde penetrou na escuridão da mística da Cruz.”¹⁴⁷

No entanto, depois de um ano e meio, começou a se sentir desencorajada com o trabalho com Husserl, pois percebe que o seu mestre não tem interesse pela sua colaboração e não vê mais sentido em continuar. Sobre isso escreve a seu amigo R. Ingarden, em 16 de agosto de 1916:

Quando o mestre, recentemente, me homenageou com uma nova série de instruções sobre como tratar os seus manuscritos (com a máxima gentileza, mas eu não posso suportar uma coisa do gênero), lhe expliquei (naturalmente eu também, com a máxima cortesia) que: 1- não tem nenhuma ordem; 2- a não ser que seja feito por ele e para ele e que 3 – não sou particularmente dotada para este tipo de trabalho e que poderei ocupar-me apenas se pudesse trabalhar ao mesmo tempo por conta própria. Estou curiosa de saber o que dirá. Ofereci ficar ainda em Freiburg para ajudá-lo na redação do *Jahrbuch* e atividades similares, não apenas para trabalhar como sua assistente, cujo sentido não me é muito claro. No fundo não consigo suportar o pensamento de estar à disposição de alguém. Sou capaz de me pôr a serviço de uma causa e posso fazer qualquer coisa por amor, mas estar completamente à disposição de uma pessoa, em resumo, obedecer, isto não posso fazer. E se Husserl não se habitua a considerar-me como uma colaboradora que oferece a sua própria contribuição por uma causa – como de fato sempre compreendi as nossas relações, e também ele, teoricamente, devemos mesmo nos separar. Não gostaria disso, porque creio que teremos menos ainda o que esperar das relações entre ele e a “juventude”¹⁴⁸.

Refere-se aqui ao gradativo distanciamento dos que se reuniam em torno de Husserl, devido a caminhos pessoais, e também por causa da polêmica com o Mestre em torno do suposto “desvio idealista da sua fenomenologia”. À medida em que Edith dedicava-se à análise essencial e à descrição do sujeito humano, permaneceu muito próxima a Husserl, pois a sua fenomenologia era compatível com a visão política e o idealismo ético de Edith. No prefácio de seu livro sobre a empatia, Edith faz o seguinte comentário sobre seu trabalho:

¹⁴⁶ Carta a Fritz Kaufmann, 16 de agosto de 1916, in: OCES, Vol. I, p. 552. (Trad. I.N.)

¹⁴⁷ BEM-CHORIM, S., *Zwiesprache mit Martin Buber*, P. List, München, 1966, p.190. Apud DOBNER, C. *Il Libro dei Sette Sigilli*, Saronno, Editrice Monti, 2001, p. 116.

¹⁴⁸ STEIN, E. Carta 28. Breslavia, 19/02/1918, in *LRI*, p. 82. (Trad. I. N.)

(...) a impositação do problema e o método do meu trabalho foram amadurecendo totalmente através dos estímulos que recebi do Sr. Prof. Husserl, razão pela qual é extremamente discutível que aquilo que se encontra nas exposições seguintes, eu possa reivindicá-lo como minha 'propriedade espiritual'. Todavia posso dizer que os resultados que agora apresento foram conseguidos através do meu trabalho.¹⁴⁹

Como nos indica Angela Ales Bello, em seu estudo *A Fenomenologia do Ser Humano – Traços de uma Filosofia no Feminino* –¹⁵⁰ na época, as mulheres cada vez mais se inseriam no mundo da cultura e em particular na especulação filosófica. Na corrente fenomenológica, esta inserção foi maior, o que Bello vincula à questão mais ampla da especificidade da atitude feminina na investigação filosófica. Hedwig Conrad-Martius e Edith Stein formaram o primeiro núcleo de presença feminina no domínio da pesquisa filosófica de cunho fenomenológico, o que representou um momento bastante difícil para elas, de ruptura dos padrões vigentes.¹⁵¹

Dois fatores parecem ter contribuído para esta possibilidade: o reconhecimento por parte do meio, ou seja, encontrar pessoas que acreditassem que uma mulher também possuía as capacidades para desenvolver um trabalho intelectual e que estivessem dispostas a favorecê-las, além da vontade pessoal por parte dessas mulheres. Edith, assim como Hedwig, teve a sorte de encontrar mestres, em particular Husserl, que se dispuseram a valorizar suas qualidades, a ponto de considerá-la no mesmo nível de seus colegas homens, apreciando sua pesquisa pessoal e sua habilidade em desenvolvê-la. O mesmo se deu na época com Hannah Arendt, Simone Weil (1909-1943), Simone de Beauvoir (1908-1986), entre outras.

Bello destaca ainda que devemos constatar uma singular coincidência entre a disponibilidade para aceitar a contribuição de mulheres, por parte de quem cultivava a pesquisa fenomenológica e o interesse destas mulheres, talvez mais numerosas nesta corrente filosófica do que em outras, para enfrentar a dureza de um caminho de investigação certamente difícil, profundo, e que demandava uma notável capacidade intelectual e muito empenho.

Para Bello, as próprias características do método fenomenológico possibilitam um encontro entre a disponibilidade de uns e a adesão das outras, na medida em

¹⁴⁹ STEIN, E. *On the Problem of Empathy*, translated by Waltraut Stein, in *The Collected Works of Edith Stein*, vol 3, Third Revised Edition, Washington, D.C., ICS Publications, 1989, p.2. (Trad. I. N.)

¹⁵⁰ BELLO, A. A. *A Fenomenologia do Ser Humano: Traços de uma Filosofia no Feminino*, tradução de Antonio Angonese, Bauru, EDUSC, 2000.

¹⁵¹ Como lembra Bello, Theodor Conrad comprou um pomar para sua mulher Hedwig para que ela trabalhando e lucrando numa atividade agradável, pudesse se dedicar de forma privada à pesquisa filosófica, pois sabia que seria muito difícil para uma mulher ser aceita na carreira universitária.

que este método implica uma atitude de abertura, obtida através da suspensão de qualquer conhecimento ou crença consolidada a fim de aderir 'às coisas mesmas', isto é, às questões e aos fatos tais como se apresentam na sua constituição essencial, deixando que eles falem a sua linguagem mais verdadeira, sem as projeções e os mal-entendidos das aparências. Segundo a autora, tal atitude parece característica da sensibilidade feminina. Mas isto pode ser uma afirmação problemática, se não for bem esclarecida. Podemos falar de uma atitude ou de uma maneira de proceder na investigação que caracteriza a abordagem das mulheres às questões filosóficas? Edith procurou responder à questão do 'feminino' e sua articulação com o 'masculino', fornecendo um importante instrumento de orientação para compreender a unidade e distinção do ser humano.

A postura filosófica implicada no âmago do método fenomenológico procura captar a relação entre singularidade e totalidade e coloca a pergunta sobre o sentido da realidade que se mostra profundamente enigmática e que queremos compreender em si mesma. Assim, tal método aponta para a importância do momento intuitivo no conhecimento, para uma intuição voltada para o sujeito em particular, tendendo a destacar o aspecto essencial, ou seja, o seu sentido.

A peculiaridade desta postura faz parte do modo feminino de se colocar, de situar-se diante da realidade, segundo Bello. Há uma originalidade ou especificidade feminina no que diz respeito à insistência em alguns temas específicos. Por mais que os percursos do pensamento sejam sempre os mesmos e as perguntas fundamentais coincidam, as características da caminhada feminina variam e a atenção é atraída por aspectos e matizes diferentes.

Assim, mesmo supondo que nos homens haja, de modo predominante, a tendência para uma análise intelectual, pode-se notar que se dirigem, em geral, para uma única direção, ao passo que a característica da feminilidade é a atenção para a harmonia e para a totalidade. Portanto, afirma Bello, a presença simultânea dos dois aspectos pode configurar a exigência de uma investigação filosófica por parte da mulher que poderá assim também dar a sua contribuição a esta abordagem.¹⁵²

Edith Stein se movimentou no âmbito da assim chamada fenomenologia realista, ou seja, a sua análise visava estabelecer o significado essencial dos

¹⁵² BELLO, A. A. *Op. Cit.*, p.23.

aspectos da realidade tomados para exame e conectá-los de uma forma harmônica, recusando uma limitação da análise à subjetividade.

Isto quer dizer que exigia uma ampliação da abrangência da investigação e não uma desvalorização do próprio sujeito, visto que seu pensamento buscava aprofundar a questão do indivíduo como pessoa. Por outro lado, os temas escolhidos também parecem manifestar esta atitude: a abertura para o outro nas pesquisas de Stein, falando da dimensão intersubjetiva, que encontrará sua justificação final numa perspectiva religiosa em que o fator fundamental é justamente a relação pessoal.

De todo modo, é fundamental também destacar que Edith soube desfrutar a oportunidade dada pelo ambiente que encontrou, na medida em que tinha uma grande paixão pela pesquisa e também disposição para se dedicar a ela. No entanto, se até aquele momento tinha sido possível e até fácil encontrar a aceitação e também o apoio, de sua mãe e família para seus estudos, tanto no que diz respeito ao aspecto emocional quanto econômico, não foi igualmente fácil desenvolver uma carreira semelhante a dos seus colegas homens, e as várias tentativas que fez, de tornar-se professora em uma universidade alemã, foram infrutíferas.

2.3– A Vida Sentimental

Em 1920, também estava envolvida com o casamento de sua irmã Erna com Hans Biberstein (pais de Susanne Batzdorff). Para esta ocasião escreveu sua primeira peça em versos, *“Uma cegonha com seus bebês”*.¹⁵³ O casamento realizou-se no dia 5 de dezembro de 1920, na casa dos Stein, em Breslau, rua Michaelis, 38. Durante dois dias foram convidados os familiares que ouviram as três mais jovens da família representarem um diálogo entre dois bebês e a cegonha. São versos engraçados e alegres. Aparecem alguns aspectos biográficos e autobiográficos sobre o caráter das duas irmãs, Edith e Erna e também de Hans. Os dois bebês são convidados pela cegonha para nascerem na casa do casal Erna e Hans, mas se rebelam, querendo saber como são estes pais. É um texto bastante simpático que mostra uma Edith rebelde.

¹⁵³ STEIN, E. OCES, Vol. V, p. 691.

Internamente, Edith se debatia em sua solidão, vivenciando uma “crise interna”, que descreve na *Autobiografia*:

Encontrava-me em uma crise interior que tinha que esconder dos meus familiares e que não podia ser resolvida na nossa casa ¹⁵⁴(...) Do ponto de vista da saúde, as coisas para mim andavam na verdade muito mal, provavelmente por causa das lutas interiores pelas quais passava e sem a ajuda de ninguém. ¹⁵⁵

Não temos como saber a que “lutas interiores” se referia, se diziam respeito à sua relação com Hans ou à sua aproximação do Cristianismo. Edith tinha com Hans Biberstein, seu cunhado, uma relação intensa. Hans dançava muito bem, e Edith se recordava que dançavam muito juntos, em diferentes ocasiões, desde seus anos de estudantes e mesmo no dia do seu casamento com Erna. Os dois partilhavam grande interesse pela história e política, tendo trocado muitas cartas. Mas Edith sabia da relação amorosa de Hans com sua irmã Erna, e sempre a respeitou. Esta questão nos leva a considerar a sua relação com os homens.

Segundo sua sobrinha Susanne, a relação de Edith com os homens sempre foi difícil¹⁵⁶. Não flertava e reduzia os amigos ao papel de colegas. Excluía toda aventura romântica. Toda vez que nos conta ter passado algum tempo em companhia de um homem, se apressa em acrescentar que falavam de filosofia. Certa vez contestou tão energicamente uma insinuação de flerte feita por sua mãe, por ter voltado da universidade com um estudante e ter ficado conversando com ele em frente à sua casa que depois se sentiu culpada.

Seu primo Franz Horowitz, tímido e reservado, foi seu primeiro amigo. Ele e seu irmão gêmeo, Hans, acompanhavam Edith e sua irmã Erna em passeios, até se distanciarem porque a família Horowitz tinha a reputação de aderir à “dupla moral”, que os Stein rejeitavam.

Várias outras relações de Edith com os homens de seu meio social foram deliberadamente mantidas à distância. Eduard Metis, um de seus colegas de Breslau, que fazia resenhas de livros para um jornal, havia tido a liberdade de escrever um artigo sobre um assunto erótico. Edith ficou chocada e o submeteu a um interrogatório embaraçoso, para determinar se “*tinha relações com uma pessoa*

¹⁵⁴ STEIN, E *DVFE*, p. 271. (Trad. I. N.).

¹⁵⁵ Idem, p. 273. (Trad. I. N.).

¹⁵⁶ BATZDORFF, S. *Op.Cit.*, p. 192.

verdadeiramente casta".¹⁵⁷ O rapaz estava declaradamente apaixonado por Edith, mas ela lhe escreveu uma carta, colocando as coisas nos seus devidos lugares:

Tinha o hábito de manter relações amigáveis com os outros estudantes; estava prestes a me tornar sua amiga, mas ele devia renunciar a qualquer outra esperança. Eu lhe fiz a proposta – que ele aceitou. A partir de então, meu novo amigo conseguiu dominar a nascente atração que sentia; nos encontrávamos quase todos os dias na universidade e estudávamos juntos com frequência.¹⁵⁸

Durante os anos em Göttingen fez muitos amigos. Além da longa relação que manteve com Roman Ingarden a que já nos referimos, parece ter sido apaixonada por Hans Lipps, médico e fenomenólogo do grupo. Assim descreveu suas “fortes” impressões quando o conheceu em 1913:

Hans Lipps causou uma impressão mais forte que qualquer outra pessoa. Com 23 anos na época, parecia muito mais jovem. Muito grande, magro, mas bem feito, tinha um belo rosto expressivo, tão vivo com o de uma criança (...) Neste verão não pôde vir regularmente (às reuniões da Sociedade Filosófica), pois preparava simultaneamente seus exames preliminares de medicina e sua tese sobre a fisiologia das plantas, para seu doutoramento de filosofia. Estudar medicina e ciências naturais era sua maneira de passar as horas nas quais não se podia filosofar (...) ¹⁵⁹

A relação evoluiu para uma amizade. Edith lhe escreveu e mandou presentes quando ele estava no *front*, durante a Primeira Guerra Mundial, mas nunca lhe falou sobre seus sentimentos. Sabemos por uma carta de sua melhor amiga Hedwig Conrad-Martius que Edith manteve, por um certo tempo, uma foto de Hans na sua escrivaninha:

Ela amava Hans Lipps, o fenomenólogo que fazia parte do nosso grupo, que se tornou depois professor na universidade de Frankfurt e morreu como médico durante a batalha de São Petersburgo. Também tenho certeza que ela teria casado com ele se ele quisesse. Mas ele não quis. Quando isso ficou claro tive uma conversa com ela – sobre a foto dele que ela mantinha sobre sua pequena escrivaninha, em nossa casa de Bergzabern. Disse que não me parecia normal de se remeter totalmente a Deus e querer se consagrar totalmente a Ele, mantendo sob seus olhos a foto de um homem que não queria casar com ela... Ela ficou muito tocada pela minha observação e pouco depois... a foto desapareceu de seu escritório. Lembrando de tudo isso, tenho a certeza que esta profunda decepção teve um papel importante na sua conversão e batismo – sim, e mesmo na sua vida no claustro. Entretanto, está

¹⁵⁷ STEIN, E. *LJF*, pp. 211-212. (Trad. I. N.)

¹⁵⁸ Idem, p. 211. (Trad. I. N.)

¹⁵⁹ Ibidem, p. 254. (Trad. I. N.)

longe de mim pensar que esta decepção pode ter sido o único motivo de sua conversão, como o mundo pode cinicamente supor.¹⁶⁰

22. Fotografia de Hans Lipps que Edith manteve em sua escrivaninha.¹⁶¹

Hans Lipps casou-se em 1923, mas continuaram amigos. Após a morte de sua mulher em 1932, ele teria se oferecido para casar com Edith que lhe respondeu que era tarde demais. Havia descoberto outro caminho.¹⁶²

2.4 - O Caminho para a Conversão

Edith ficou muito abalada quando recebeu a notícia de que seu grande amigo, também filósofo e aluno de Husserl, Adolf Reinach (1883-1917), havia morrido na guerra. A relação entre eles sempre fora muito amistosa e contínua. Adolf era casado com Anna, doutora em física, e o casal tinha se convertido ao cristianismo recentemente. A morte de Reinach no *front* interrompeu uma vida promissora no campo filosófico. Edith assim o descreveu:

Era de uma estatura que apenas chegava à média, não muito forte de complexão, mas largo de ombros, sem barba, com pequeno bigode escuro, a fronte larga e despojada. Através do vidro dos seus óculos seus olhos castanhos olhavam de modo inteligente e amável.¹⁶³

Chamada para ajudar sua amiga Anne Reinhart¹⁶⁴ a organizar os escritos do marido, Edith ficou muito impressionada com a tranquilidade com que Anna lidava

¹⁶⁰ Carta de Hedwig Conrad-Martius ao Monsenhor Oesterreicher, Apud HERBSTTRITH, W., O.C.D. *Never Forget – Christian and Jewish Perspectives on Edith Stein*, translated for English by Susanne Batzdorff, ICS Publications, Institute of Carmelite Studies, Washington, DC, 1998, p. 265. (Trad. I. N.)

¹⁶¹ http://belcikowski.org/la_dormeuse/logique_et_hermeneutique.php.

¹⁶² KOEPEL, J. *Edith Stein, Philosopher and Mystic*, Collegeville, MN, Liturgical Pr., 1990, p. 56.

¹⁶³ STEIN, E. *Autobiografia* in: OCES, Vol. II, p. 353 (Trad. I. N.)

¹⁶⁴ Anne Reinhart, nascida Stettenheimer (1884-1953), diplomada em Física, durante a perseguição aos judeus conseguiu fugir para a Espanha, através da França, depois retornou à Alemanha.

com o sofrimento e o luto, momento que interpretou como o seu primeiro encontro com a Cruz, enquanto força divina:

Foi esse meu primeiro encontro com a Cruz: com essa força divina que ela dá àqueles que a carregam. É a primeira vez que a Igreja, nascida da paixão de Cristo e vitoriosa sobre a morte, me apareceu de maneira visível. Foi então nesse instante que minha incredulidade cedeu, que o judaísmo empalideceu a meus olhos, e que o sol de Cristo começou a se levantar no meu coração.¹⁶⁵

Na questão da morte, presente na vida de Edith desde muito cedo, com a morte de seu pai, aos dois anos, e o suicídio de dois tios, além da morte do sobrinho, entre outras, não tinha sentido respaldo no Judaísmo. Agora, diante da morte de Adolf Reinach e da experiência de Anne, parecia ocorrer como um elemento facilitador para Edith: a abertura de uma brecha para uma revolução absoluta em relação ao seu judaísmo inicial, o da sua infância, de seu meio e dos seus. No momento em que utiliza toda a sua inteligência prodigiosa, Edith - em um primeiro movimento - começa por “pensar” Deus como um assunto de estudo. Revisa Deus, para ela Deus não é um enigma é uma questão. Inicia seu caminho para a conversão.

Escreve a seu amigo R. Ingarden sobre seus sentimentos, em 10 de outubro de 1918:

Não sei se das minhas afirmações anteriores pôde compreender que me aproximo cada vez mais de um Cristianismo absolutamente positivo. Libertou-me de uma vida deprimente, me dando a força para aceitar o novo e com gratidão a vida. Portanto, posso falar de um renascimento, no sentido pleno da palavra. Mas esta nova vida é ligada intimamente aos acontecimentos vividos neste último ano que não renegarei nunca; estarão sempre vivos. Apenas não posso considerá-los uma desgraça, ao contrário, são aquilo que tenho de mais precioso.¹⁶⁶

Edith dedicou-se a organizar a publicação dos trabalhos de Reinach, que foram publicados em 1921, tendo preparado o texto “*Sobre a Essência do Movimento*”, acrescentando um prólogo, notas e longos complementos.¹⁶⁷

¹⁶⁵ Teresia Renata de Spiritu Sancto OCD, *Edith Stein*, Morcelliana, Brescia, 1952, Apud DOBNER, C. *Op. Cit.*, p. 125. (Trad. I. N.)

¹⁶⁶ STEIN, E. Carta 53, Friburgo, 10/10/1918, in *LRI*, p. 132.

¹⁶⁷ O livro de Adolf Reinach publicado em Halle em 1921 pela editora Max Niemeyer tem o título “*Gesammelte Schriften*”. Trata-se dos escritos recolhidos por seus discípulos. O texto preparado por Edith Stein ocupa as páginas 406-461.

23. Hedwig Conrad-Martius e seu esposo Conrad
(HERBSTRIETH, W. *Never Forget...Op.Cit.*, p. 267)

Nesta época visitava com frequência sua melhor amiga e também filósofa Hedwig Conrad-Martius, convertida ao protestantismo, que morava em Bergzarben. Durante estas temporadas colaborou com Hedwig na tradução de um texto do colega, filósofo francês Alexander Koyré, sobre Descartes e a Escolástica.¹⁶⁸ Neste momento teria lido mais uma vez a autobiografia de Santa Teresa d'Ávila, *O Livro da Vida*, decidindo-se pela conversão ao Catolicismo: “Quando fechei o livro, disse: *esta é a verdade!*”.

Esta é a versão romanceada da sua conversão. Em seu texto “*Uma Contribuição à Crônica do Convento de Colônia*”, Edith comenta que a leitura da vida de Teresa d'Ávila havia posto fim à sua longa pesquisa pela fé verdadeira.¹⁶⁹ Na manhã seguinte, Edith teria ido à aldeia comprar um catecismo romano e um missal. O fato é que se converteu ao Catolicismo em 1º de janeiro de 1922, e escolheu como dia de sua confirmação 2 de fevereiro de 1922, o dia da apresentação de Jesus no Templo. Foi batizada na igreja de Bergzabern, e usou o vestido de noiva de sua amiga Hedwig Conrad-Martius, sua madrinha na cerimônia, e que assim a descreveu: “*Edith sempre teve algo infantil em sua natureza, mas a alegria infantil, e o sentimento de segurança que tinha agora alcançado, era, se posso dizer assim, encantador*”.¹⁷⁰

¹⁶⁸ Publicado em alemão (*Edith Stein Gesamtausgabe*) no Vol. 25, com o título *Descartes und die Scholastik*.

¹⁶⁹ STEIN, E. *DVFE*, p. 490.

¹⁷⁰ Citado in LAUER, N. “Edith Stein: Remembering a Colleague” in HERSTRITH, W. *Op.Cit.*, p. 97.

porque judia, e que se torna novamente judia porque cristã e que a fé cristã tem sua fonte no Judaísmo.

No Judaísmo a natureza de Deus é pura transcendência, e atualizar a vontade de Deus, tornar Deus presente neste mundo humano só é possível praticando a justiça e a caridade na terra. Para os judeus, a causa de Deus é a causa dos homens. Não podemos ir em direção a Deus se não formos primeiro em direção a nosso próximo.

Edith precisa contar a sua mãe sobre sua conversão ao catolicismo. Não há nenhuma contradição entre sua conversão e a sua judeidade, para Edith. Mas sabe que sua família não pensa dessa maneira. Encarregou sua irmã Erna de contar sobre sua conversão a sua mãe.

A cena retratada no livro de Teresia Renata Posselt em que Edith se joga aos pés de sua mãe gritando: “Mamãe, eu sou católica”, é tão melodramática e tão estranha ao temperamento de Edith que é pouco provável que tenha realmente ocorrido. Por trás de toda esta trajetória, do seu estudo da filosofia, da fenomenologia e das questões sobre as quais se debruçou, encontramos uma busca da verdade existencial, como também o fato de se voltar para a questão da natureza humana, sobre o feminino e o masculino., Em uma época em que estas questões eram cruciais, nos fala de como esteve inserida no seu tempo de maneira participativa e intrínseca, até o momento de sua conversão.

Edith Stein entrou em um movimento – o Catolicismo - que há muitos anos lutava por se fazer presente em todos os âmbitos da vida social. A vida dos católicos na Alemanha havia sido difícil desde a Reforma, e o século XIX lhes fora devastador em muitos sentidos, tendo sofrido numerosos ataques que pouco a pouco levaram os católicos alemães a se fecharem em si mesmos e a constituir verdadeiros guetos. A hierarquia católica não havia sabido enfrentar nem os ataques nem as mudanças sociais e culturais, pois sua mentalidade conservadora impedia iniciativas.

25. Breslau, 1921 (MAN, p.34)

A condição de minoria na Alemanha (no Império prussiano eram 20 milhões de protestantes frente a 8 milhões de católicos) também contribuía para o isolamento dos católicos. No âmbito político, no entanto, o grupo católico chegou a ser um fator influente na vida nacional, sobretudo a partir da República de Weimar (1919).

Até 1900 a situação cultural do catolicismo alemão fora muito precária. O fato de os católicos terem pertencido durante muito tempo às camadas sociais economicamente mais pobres não é suficiente para explicar o fenômeno: havia um retrocesso no movimento, mesmo quando houve uma melhora de sua condição social. As tendências para uma volta ao tomismo e o olhar suspeito sobre as novas correntes de pensamento dificultavam seu desenvolvimento. Em finais do século XIX parece iniciar-se certa mudança, com a fundação da revista *Hochland*, em 1903 que logo se converteu em um lugar de encontro dos jovens católicos que tinham consciência da necessidade de sair do gueto e de romper com a tradição barroca e romântica para adotar uma atitude positiva frente à cultura moderna.

O movimento social católico alemão ao recusar limitar-se a obras beneficentes, conseguiu simpatia das classes populares encontrando nelas apoio frente à burguesia radical. Este movimento voltou-se para o problema operário, não apenas para os artesãos e camponeses. Multiplicaram-se assim as associações, sobretudo nas regiões industriais, procurando não apenas salvar as almas e socorrer misérias,

mas também organizar as profissões e proporcionar à ação operária uma base sólida para modificar o regime de trabalho.

Edith Stein chega assim à Igreja Católica em um momento de especial vitalidade, em que sua formação intelectual e sua capacidade ajudarão esta corrente a se desenvolver, especialmente do ponto de vista da cultura moderna e da renovação espiritual, colaborando com os movimentos femininos, com a renovação litúrgica e potencializando a mística.

Atuação no movimento católico

De volta a Freiburg, Edith deixou o trabalho com Husserl. Schwing, seu diretor espiritual, lhe consegue um lugar como professora no colégio dominicano Santa Madalena, em Speyer, onde tem a experiência de viver em um ambiente cristão. Um grande jardim, com árvores e um vinhedo rodeava o convento. Edith morava em um quarto na parte velha. Quando queria ir à cidade, tinha que passar pelo portão interno e pelo portão externo, cruzar o pátio do colégio, e sair pelo grande portão externo para a Hasenpfuhl Strasse. Estava assim muito protegida do mundo exterior. Mantinha a rotina das Irmãs e comia na cozinha do convento.

26. O vigário geral de Speyer, Josef Schwind, primeiro diretor espiritual de Edith. (MAN, p. 42)

Nesta época ensina as moças sobre o mundo que as cerca, e mesmo sobre sexualidade e política. O colégio de Santa Madalena não era uma simples escola,

mas abrigava diversos centros educativos: escola católica, instituto de formação, escola de ofícios, de magistério, seminário e internato. Edith trabalhou como professora com dedicação plena de 17 de abril de 1923 até 1931. Muitas de suas obras desta fase foram escritas paralelamente a seu trabalho como professora.

27. Edith entre suas alunas em Speyer. (s/ data MAN, p. 45)

“Ela estava sempre feliz e era muito simpática, mas reservada. Ninguém podia penetrar em seu segredo.” Esta é a avaliação da família Schwind, o que é confirmado por Nikolas Lauer, um padre, que foi seu colega no colégio:

Embora tenhamos trabalhado na mesma escola por três anos, só me lembro de uma única noite em que estivemos juntos com o Padre Przywara para conversar. Ela havia terminado a tradução do primeiro volume de Tomás de Aquino, e as férias eram iminentes. Edith Stein estava muito feliz, alegre e relaxada e brincamos e jogamos numa noite cheia de calor, espírito e promessas.¹⁷²

Edith associou-se nesta época a grupos católicos como a União Católica de Professoras da Baviera, e a Associação de Jovens Professoras, onde fazia muitas conferências, sobre temas teológicos e espirituais, por toda a Alemanha e outros países da Europa, principalmente Suíça e Áustria, tendo se tornado uma grande oradora.

Aos poucos sua atividade científica se amplia, com a publicação de diversos artigos, como *“Natureza, liberdade e graça”* (1921); *“Verdade, Espírito e Palavra”*

¹⁷² LAUER, N. “Edith Stein: Remembering a Colleague” in HERBSTTRITH, W. *Op. Cit.*, p. 99.

(1921); “*O que é Fenomenologia*” (1924); além de seus trabalhos sobre pedagogia e a mulher: “*Verdade e Claridade no Ensino e na Educação*”; “*O Valor Específico da Mulher em seu Significado para a Vida do Povo*”; “*Os tipos de Psicologia e seu Significado para a Pedagogia*”; “*O Ethos das Profissões Femininas*”; entre muitos outros escritos sobre a vida dos santos e da mulher católica.(Ver OCES).

Por influência do jesuíta Erich Przywara, com quem mantém um contato frutífero a partir de 1925, faz a tradução da grande obra filosófica de São Tomás de Aquino, *Quaestiones disputatae de veritate*, em dois volumes. Por indicação de seu colega fenomenólogo Dietrich Von Hildebrand, Przywara visitara Edith em Speyer para encarregá-la também da tradução das obras do Cardeal John Henry Newman (1801-1890), publicada em 1928.

28. Livros publicados em 1928 e 1931. (MAN, p. 46)

Quando da celebração dos setenta anos de Husserl, em 1929, Edith Stein apresentou oficialmente o novo curso das suas pesquisas, depois da conversão ao catolicismo, na sua colaboração ao *Anuário*, do qual participaram entre outros Martin Heidegger, Roman Ingarden, Fritz Kaufmann, Alexandre Koyré, Hans Lipps, Hedwig Conrad-Martius. Um dos responsáveis pelo livro foi Martin Heidegger. Numa primeira versão do seu texto, Edith apresentou um diálogo entre Husserl e Tomás,¹⁷³ que entretanto não agradou a Heidegger que pede a ela que o reescreva em formato de

¹⁷³ STEIN, E. “Qué es filosofía? Un diálogo entre Edmund Husserl y Tomás de Aquino (1928)”, in: OCES, Vol. III, p. 161.

texto. Através de uma comparação crítica entre Husserl e Tomás de Aquino¹⁷⁴, inicia assim um amplo projeto de investigação teórica sobre as questões fundamentais da especulação filosófica que envolvem tanto o pensamento grego como o medieval e o contemporâneo.

Como assinala Bello, Edith procura ancorar tanto o tema da existência como os resultados da análise fenomenológica da subjetividade no grande cenário metafísico do ser, o que lhe exige inserir seus resultados em um contexto mais amplo. Embora tenha sempre se mantido fiel ao método fenomenológico, e apesar do seu olhar se ampliar para a investigação da realidade nos seus múltiplos aspectos, como a natureza, Deus e até mesmo os anjos, o seu tema de pesquisa, isto é, aquele em que mostrou a sua originalidade, é o ser humano, contemplado na sua vida psíquica, nas suas manifestações espirituais, nas suas diferenças sexuais, na sua vida comunitária..

É interessante notar que a questão do sujeito, do ser humano, de sua estrutura como pessoa humana, questão sempre presente na investigação de Edith, volta-se exatamente para a questão social e política presente na época, que se debatia também com a questão da nacionalidade alemã, e com as questões da identidade nacional, além da questão da aceitação dos Judeus como cidadãos iguais em direitos no recém criado Estado alemão. É exatamente sobre esta questão que Edith se debruça durante muitos anos de sua vida, antes da sua entrada no convento, quando se voltou para os estudos dos santos e da filosofia cristã.

Em Speyer, Edith dava também cursos de aperfeiçoamento para jovens professoras. Sentadas ao seu redor, no chão de seu quarto, falava dos acontecimentos políticos e dos grandes problemas sociais do momento, coisa completamente nova na época. Não queria limitar-se a transmitir noções do programa de ensino, mas queria fornecer uma completa formação para a mulher. Tinha dois objetivos na educação: As moças deveriam receber a força de conduzir sua vida a partir do espírito cristão e também deviam aprender sobre sua responsabilidade no casamento e na vida profissional, sendo a educação sexual considerada por ela como fundamental. Edith era avançada para seu tempo.

¹⁷⁴ “A Fenomenología de Husserl y la filosofía de Santo Tomás de Aquino. Ensayo de una confrontación.” (1928), in: *OCES*, Vol. III, p. 195.

29. Edith Stein com alunas em Speyer. (s/ data, MAN, p. 49)

Depois de mais de oito anos em Speyer, Edith não conseguia mais conciliar as aulas e a pesquisa científica, pois trabalhava em uma obra poderosa: *Ato e Potência*. Em março de 1931, deixa Speyer. Tentou ainda entrar na carreira acadêmica, mas todas suas tentativas falham, por ser mulher, apesar da carta de recomendação de Husserl. Seu futuro profissional era incerto. Consegue finalmente um lugar como professora no Instituto Alemão para Pedagogia Científica, em Münster, para onde se muda em fevereiro de 1932. Além de lecionar, continua a empenhar-se em conferências, grupos de estudo, encontros, e a crescente correspondência.

30. Edith Stein em Speyer (s/ data MAN, p. 49)

Escreve nesta época “*A Significação da Fenomenologia para a Visão do Mundo*” (1932), “*Conhecimento, Verdade, Ser*” (1932), “*Prólogos*” (1931-32); “*A Fenomenologia*” (1932).¹⁷⁵ Apenas um ano depois, em 1933, com a subida ao poder do nacional-socialismo, Edith é obrigada a deixar Münster.

31. Münster 1932 (MAN, p. 60)

2.5-1933: Momento Decisivo

Desde jovem Edith Stein tinha sido sempre uma aguda observadora dos acontecimentos políticos e compreendia com clareza os grandes movimentos sócio-culturais. Não foi difícil para ela perceber imediatamente que o nacional-socialismo não se contentava em ser apenas um partido político, mas se colocava como um mito e uma proposta existencial. Neste momento inicia seu projeto de escrever a história de sua família, interrompido quando descreve sua graduação em Göttingen, páginas escritas quando do primeiro aniversário da morte de seu professor Husserl.

Nesta mesma época, escreveu a carta ao Papa Pio XI, que tem valor religioso, moral, e político, invocando uma tomada de posição espiritual como princípio inspirador para uma reação construtiva. Pede-lhe que escreva uma encíclica condenando o anti-judaísmo. Não obtém resposta.

¹⁷⁵ Textos publicados in: OCES, Vol. III.

Eu sei que minha carta chegou ao Santo Padre. Até recebi pouco depois sua benção para mim e minha família. Nada mais. Eu me perguntei muitas vezes depois disso se esta carta não lhe voltara algumas vezes à memória.¹⁷⁶

Este silêncio pode ser avaliado pelo seu contexto histórico: a hierarquia da Igreja estava muito ocupada em conseguir um 'grande acordo' com o governo nazista, arma que Hitler usou para manter a Igreja calada por algum tempo. Nem a carta nem a história que escreveu sobre sua família deram frutos imediatos, mas são documentos pontuais, de interesse histórico, por meio dos quais é possível compreender qual era a situação não só dos judeus, mas também dos cristãos que também eram perseguidos, na medida em que o projeto nazista idealizava a eliminação da tradição judaico-cristã. Para reagir a tão nefasto propósito, Edith Stein se propôs o projeto de descrever a sua família judia, para chamar a atenção de todos para este perverso objetivo.

O antissemitismo é uma das formas mais sutis de ódio que as sociedades humanas inventaram. É o ódio pela diferença, com relação a um povo em que a diferença não é visível. É um racismo elaborado, de cultura, de língua, e de religião. É um racismo do Ser. O antissemitismo é um racismo ideal, um ódio prático, porque se moderniza com a modernidade, se complexifica com a complexidade. Dissimula cada vez mais, sob uma máscara sutil, sua ancestral e implacável brutalidade. As mudanças sociais fazem com que o ódio aos judeus sofra inúmeras nuances, se estratifiquem em muitas camadas, mais perversas umas que outras, tendo como objetivo principal dissecar o ódio brutal original em infinitos detalhes técnicos, etimológicos, científicos, etnológicos, teológicos. O antissemitismo ganhou em técnica, criatividade, imaginação, racionalidade ao longo do tempo e o nazismo contribuiu de maneira inédita e espetacular para a racionalização do irracional, à formalização da loucura.

Com as mudanças complexas ocorridas no mundo, os judeus tiveram sempre um papel constante: de ser uma grande invariante na história. Perseguidos de todos os lados desde sempre, adquiriram uma capacidade enorme de se adaptar. Por isso têm o valor de uma constante, em seu papel social de excluídos e perseguidos.

Em um momento em que se colocava na ordem do dia a questão da discriminação e perseguição dos judeus, Edith se dedica a pesquisar e ensinar sobre as condições ontológicas do ser humano que, segundo ela, com a

¹⁷⁶ STEIN, E. *DVFE*, p. 487.

modernidade estão sendo aviltadas e perdidas. O ultimo curso que dá para seus alunos em Münster, sobre a estrutura da pessoa humana, é a meu ver significativo na medida em que busca a verdade do ser humano em sua estrutura, o que depois aprofundará no seu trabalho *Ser Finito e Ser Eterno*, o que estava exatamente sendo questionado pela ideologia nazista.

Na época que Edith decide escrever sobre sua família, sua mãe já tem 83 anos, mas está muito bem e lúcida, e ainda vai à madeireira todos os dias. *Frau* Augusta e Edith trabalham juntas no projeto conversando sobre as famílias de seus ancestrais. Lembram da vida nas comunidades judaicas, das dificuldades econômicas por que passaram seus familiares, suas lutas e alegrias, os casamentos, os filhos, primos e tias, o que aos poucos foi se convertendo em uma autobiografia. Como nos diz sua sobrinha Susanne¹⁷⁷, este livro de memórias foi um presente que Edith deixou para os seus descendentes, embora tenha deixado também um sabor amargo, pela maneira como caracterizou muitos membros da família.

Na medida em que Edith buscava sempre cultivar a verdade, os erros dos que escreveram sobre ela deviam ser corrigidos, o que Susanne e sua mãe Erna, irmã de Edith, tentaram muitas vezes, embora sem sucesso. Com certeza o culto a Edith pela Igreja parece ter desprezado o que para ela era tão caro: a verdade, o que a fez em seu relato familiar escrever de modo tão duro sobre sua família, e que mais tarde a própria Edith procurou reparar, certa de que iria ferir seus familiares queridos, ao pedir que seu livro não fosse publicado enquanto seus irmãos estivessem vivos, e que apenas Rosa tivesse acesso ao seu manuscrito.

Mas resta perguntar: por que continuou a escrever um texto dedicado a mostrar como era uma família judia, se sabia que não seria possível publicá-lo devido às leis nazistas, por ser obra de uma judia e por falar de judeus, sendo considerada literatura judaica e portanto contra os arianos? Por que escreve se não quer publicar antes de que todos seus irmãos estejam mortos? E os seus descendentes, os seus sobrinhos e primos, o que pensarão e sentirão ao ler estes relatos tão duros sobre seus pais? Para quem escrevia Edith?

Questões que não têm respostas, mas sabemos que Edith começou seu texto com o propósito de dar um testemunho sobre a vida judaica na época. Mas

¹⁷⁷ BATZDORFF, S. *Op.Cit.*, p. 10.

continuou refletindo sobre si mesma, talvez com a intenção de fazer uma autobiografia de Edith Stein, monja judia e filósofa. Talvez soubesse que eram poucas suas chances de sobreviver à perseguição nazista, apesar das suas tentativas incessantes de sair da Alemanha para a Suíça e Palestina. Por que a Palestina? Ir para a terra que os judeus queriam construir? Edith nunca falou sobre sionismo em seus escritos. Nada sabemos sobre o que pensava sobre isso.

O êxodo dos judeus e dos artistas e intelectuais de esquerda da Alemanha teve início logo nos primeiros meses de 1933, imediatamente após Adolfo Hitler subir ao poder. O filósofo e crítico literário Walter Benjamin deixou Berlim a caminho de Paris em 18 de Março, e dois dias depois escrevia a seu colega e amigo Gershom Scholem, que já vivia na Palestina: *“Posso pelo menos ter certeza que não agi impulsivamente (...) Ninguém próximo de mim julga a questão de modo diferente.”*

178

Os regentes Otto Klemperer e Bruno Walter foram forçados a fugir. Walter teve o acesso negado a seu trabalho com a *Leipzig Orchestra*. Estava programado também um concerto especial com a Filarmônica de Berlim, mas havia rumores, que partiam do Ministério da Propaganda, de que a sala da Filarmônica seria incendiada se ele insistisse em reger o concerto. Walter deixou o país, e o concerto foi regido por Richard Strauss. Estes acontecimentos levaram Arturo Toscanini a anunciar, no início de junho de 1933 que em protesto não iria participar do Festival de Bayereuth, o que Joseph Goebbels anotou laconicamente em seu diário: *“Toscanini cancelou Bayereuth”*.¹⁷⁹

Alguns dias depois das eleições do Reichstag, em 5 de Março, todos os membros da Academia de Artes da Prússia receberam uma carta confidencial para se abster de qualquer crítica ao novo regime alemão e manifestar a atitude da ‘cultura nacional’ correta assinando uma declaração de lealdade. Nove dos 27 membros da sessão literária da Academia responderam negativamente, entre eles, Thomas Mann, cujo irmão, o novelista Heinrich Mann já havia sido expulso da Academia por suas ideias políticas de esquerda.

Albert Einstein visitava os Estados Unidos em 30 de janeiro de 1933 mas não demorou a reagir, descrevendo o que acontecia na Alemanha como “doença

¹⁷⁸ BENJAMIN, W. *The Correspondence of Walter Benjamin*, ed. Gershom Scholem and Theodor Adorno (Chicago, 1994) p. 406.

¹⁷⁹ FRIEDLÄNDER, S. *The Years of Persecution, Nazi Germany and the Jews, 1933-1939*, London, Orion Books, 2007, p. 9 e seguintes.

psíquica das massas”. Ao retornar desta sua viagem foi para a Bélgica e nunca mais pisou em solo alemão. Foi demitido e expulso de todas suas posições na Alemanha, da Academia de Ciências da Prússia e teve sua cidadania cancelada. Einstein não era mais alemão. A proeminência e a fama não protegiam ninguém.

O domínio cultural foi o primeiro do qual os judeus e os ‘de esquerda’ foram expulsos em massa. Mesmo antes de deslanchar suas primeiras medidas anti-Judaicas sistemáticas de exclusão, os novos dirigentes da Alemanha se voltaram contra os representantes mais visíveis do “espírito judaico”. As medidas tomadas a partir de então, em diversos domínios, não foram apenas atos de terror, mas afirmações simbólicas.

Este duplo significado das iniciativas do regime provocou uma espécie de cisão da consciência em grande parte da população: as pessoas não concordavam com a brutalidade das demissões dos intelectuais judeus de suas posições, mas concordavam com a limpeza da ‘influência excessiva’ dos judeus da vida cultural alemã.

A imprensa estrangeira em sua maior parte deu grande cobertura à violência nazista. Mas o *Christian Science Monitor*, órgão da imprensa cristã, expressava dúvidas quanto à clareza das informações sobre as atrocidades nazistas e, mais tarde, justificou a retaliação contra “aqueles que espalham mentiras contra a Alemanha”. Cresciam os protestos entre Judeus e não-judeus, o que se tornou o pretexto para o boicote de 1º de abril de 1933 aos negócios judaicos.

Em sua Autobiografia, assim como no texto escrito por sua sobrinha Susanne sobre ela, já mencionado, não é dado grande espaço e explicitação de toda situação social e econômica da Alemanha, nem mesmo depois da subida de Hitler ao poder. Visto a gravíssima situação vivida pelos judeus na época e com a situação econômica e política se deteriorando rapidamente, isto nos chamou a atenção.

No prefácio da história de sua família assim se refere aos judeus que na época estavam sendo violentamente discriminados e perseguidos pelos nazistas:

Mas a humanidade judaica é o produto necessário do “sangue judeu” *tout court*? Os grandes capitalistas, os sábios literatos, as mentes inquietas que ocuparam lugares de primeiro plano nos movimentos revolucionários das últimas décadas – são eles os únicos ou mesmo os mais autênticos representantes do judaísmo? ¹⁸⁰

¹⁸⁰ STEIN, E. *DVFE*, p. 24.

Edith procurava defender os judeus, ao serem condenados a uma existência de párias, referindo-se provavelmente ao conceito elaborado por Max Weber, e que será mais tarde discutido por Hannah Arendt.¹⁸¹ Acredita que tem o dever de fazê-lo e que seu testemunho poderia servir para demonstrar aos jovens educados no ódio racista desde a primeira infância quem eram realmente os judeus, enfatizando mais uma vez a importância da educação.

Ao mesmo tempo, Edith nos diz que no Prefácio de sua Autobiografia não quer fazer uma *“apologia do judaísmo”*. Pretende contar apenas o que experimentou como parte da *“humanidade judaica”*: uma entre outras autobiografias que já haviam sido publicadas. Pretende fornecer *“informações imparciais das fontes do judaísmo aos que se interessarem”*.

Tudo indica que o que sabia e podia contar sobre o Judaísmo se referia apenas à sua experiência familiar, sendo a sua vivência judaica muito limitada. Como a maior parte dos judeus na época, sua família era liberal em termos religiosos e Edith nunca teve maior contato ou curiosidade pela cultura judaica, apesar de viver em Breslau, sua cidade natal, que era um centro importante de estudos judaicos, como vimos. Nunca se interessou pelo Judaísmo, nem mesmo pela sua filosofia. Como grande parte dos judeus não ortodoxos da época, vivia a cultura alemã como sua própria cultura, e buscava se integrar na sociedade mais ampla, cristã, partilhando suas preocupações e valores. Não sentira o peso maior do antissemitismo na sua infância e adolescência, como lembra sua sobrinha Susanne:

(...) eu me lembro ainda, e com um sentimento de amargura que não cessará jamais, a última vez em que eu e meu irmão pedalamos em direção ao estádio (onde havia uma piscina olímpica) e encontramos na grade um cartaz dizendo “Juden unerwünscht” (Entrada proibida aos Judeus). Fizemos imediatamente a meia volta e voltamos para casa, para nunca mais retornar.¹⁸²

É de certa forma incompreensível como naquele momento, em setembro de 1933 - já tendo perdido seu trabalho, como outros membros de sua família e amigos, quando muitos intelectuais judeus e não-judeus procuravam sair do país, que Edith tenha se decidido por entrar para a vida monástica do convento de Colônia, deixando para trás sua família, e sua mãe idosa, de 84 anos. Em seu *“Testamento”* diz que desde sua conversão ansiava em tornar-se monja, mas que isso fora vetado

¹⁸¹ ARENDT, H. *The Jew as Pariah*. Edited and with an Introduction of Ron H. Feldman – New York, Grove Press, 1978.

¹⁸² BATZDORFF, S. *Op. Cit.*, p. 36.

pelos seus diretores espirituais, por acharem que não iria se adaptar à vida do convento, por ser limitada intelectualmente.

Edith tinha algumas opções, a que se refere em seus escritos, como sair da Alemanha para ser professora na América do Sul, ou mesmo entrar no convento dos beneditinos, que costumava frequentar em Beuron, onde estava seu diretor espiritual. Mas diz claramente que sua escolha era pelas carmelitas que sabia ser um mosteiro dos mais restritos. Diz também que acreditava que sua mãe preferiria que ela estivesse em um convento na Alemanha do que dando aulas na América do Sul. Na verdade, isso nos fala de como não tinha nenhuma intenção de sair da Alemanha, que sentia como sendo sua terra, sua pátria, mesmo quando o nacional-socialismo já mostrava claramente suas intenções, testemunhava a situação social e política e compreendia os intentos nazistas. Tudo parece nos dizer que Edith, assim como grande parte dos judeus alemães, não conseguiam aceitar que sua tão amada pátria agora os desprezava, discriminava e condenava, e que não eram mais considerados cidadãos alemães, como os outros alemães.

Edith, Teresa e o Carmelo

Por que o Carmelo quando outras congregações religiosas poderiam parecer mais adequadas ao seu trabalho intelectual? Por que este despojamento extremo? O Carmelo era uma das irmandades cristãs mais rígidas, que não permitia a saída de suas irmãs para nada, sequer para visitar um parente próximo doente. Realmente, quando sua mãe adoeceu, Edith não obteve autorização para visitá-la. Tudo parece sugerir que o Carmelo tem um sentido também de contenção, de segurança, da ansiada paz para Edith, frente a sua enorme e profunda precariedade que, no entanto, naquele momento, não era só sua, mas de todos os judeus e dos que se opunham às intenções de Hitler e dos nazistas.

Com certeza sua escolha do Carmelo, assim como a sua conversão, estão ligadas à figura de Santa Teresa D'Ávila. Alguns dirão que no centro de seu destino havia uma disposição sobrenatural para penetrar no sentido profundo do silêncio. Paradoxalmente, ela que era tão dotada para a palavra o é ainda mais para entrar

nessa outra dimensão do universo, que o mundo da palavra compreende tão mal: o silêncio.¹⁸³

O apelo do Catolicismo Carmelita talvez ainda tivesse a ver com sua experiência judaica. Embora Edith não soubesse que Teresa d'Ávila era filha de cristão-novo, a ordem Carmelita que Sta. Teresa reformou apropriou-se e manteve muitos elementos religiosos e litúrgicos judaicos: os carmelitas sentem uma forte afinidade com a Bíblia judaica; celebram Elias como o primeiro carmelita; freiras e frades carmelitas regularmente citam Elias: *“Enquanto Deus viver, frente sua face eu estarei”*, uma frase comum na tradição judaica. Também único entre as ordens católicas, os Carmelitas incluem a estrela de David de seis pontas na sua arte sacra, e suas orações começam com a declaração judaica de fé monoteísta – *Schma Israel*.

32. Carmelo de Colonia-Lindenthal, Dürer Strasse. Destruído na II GG. (MAN, p. 62).

Quando Edith entrou para o Carmelo, em 1933, sua sobrinha Susanne, então com 12 anos, foi uma testemunha da situação familiar que se criou. Seus pais lhe contaram que sua tia havia se convertido ao catolicismo anos atrás e que ela iria agora entrar para um convento. Susanne se recorda de ver a avó chorando em silêncio, suas costas tremendo, mas sem emitir nenhum som:

Ver um adulto incapaz de lidar com uma situação já assusta uma criança. Mas além disso ver nossa avó tão amada em uma tal aflição, era quase insuportável. Sem dúvida ela estava então vivendo uma mistura de vergonha, de dor e de remorso.

¹⁸³ MARIBEL, E. *Edith Stein: Como Ouro Purificado pelo Fogo*, Aparecida, Editora Santuário, 2001, p.14.

Sentiu com certeza uma profunda dor, em 1922, no momento da conversão de sua filha, se perguntando como tal coisa podia ter acontecido, e em que ela, sua mãe, devia ter falhado em seu dever. Em 1933, um outro fator acrescentou-se a estes sentimentos misturados. Era o início do anti-semitismo do “Terceiro Reich”. Os judeus eram objeto de ataque de ódio e estava em curso um violento esforço visando a expulsá-los de sua pátria. Sob esta ameaça a comunidade judia se reunia e refazia sua unidade. Ora foi neste preciso momento que em sua própria família, sua filha querida tinha escolhido se fechar em um mosteiro. Pois não se tratava de um simples convento, mas de um Carmelo, um dos mosteiros mais rigorosos. Talvez nunca mais reveria sua filha. A vovó também se perguntava: “Em que eu errei? Poderia ter evitado isso?” eu não posso dizer. Entretanto, se eu pensar pela própria experiência de minha mãe, eu diria que quando um filho, mesmo adulto, faz um ato repreensível ou errado para sua mãe, deve-se procurar nela mesma a causa, pelo menos em parte. Para mim, é mais que provável que a mãe de Edith se tenha recriminado por não ter tornado o Judaísmo suficientemente significativo e valorizado para impedir sua filha de se afastar do seu lugar.¹⁸⁴

Edith escreveu em uma de suas cartas a Ingarden que pretendia assim que possível mudar-se para o convento de Pawelwitz, que seria aberto em Breslau. Isso não se realizou e Edith permaneceu em Colônia. No livro de Amata Neyer, há sobre isso um trecho interessante e perturbador sobre “este momento esperado”:

Quando se aproximou o momento esperado para a transferência de Edith Stein a Wendelborn, a irmã Elisabeth – prima da Priora - levantou serias objeções à admissão de Edith Stein no Carmelo da Silésia e finalmente recusou-se a aprovar todo o projeto. Suas dúvidas sobre a oportunidade de realizar esta transferência fundavam-se sobre o que havia incitado Edith Stein a demandá-la, ou seja, a proximidade geográfica de sua família, em Breslau. Irmã Elisabeth não tinha preconceitos antissemitas, mas temia dificuldades para a nova fundação se visitas freqüentes de uma família judia levantassem as suspeitas dos vizinhos e poderiam chamar a atenção de Gauleiter (chefe de um setor administrativo sob o regime nacional-socialista). Ela repetia sempre que o Carmelo poderia ajudar a família Stein muito mais eficazmente se nenhuma irmã não-ariana vivesse na casa. De fato, irmã Elisabeth comprou grandes quantidades de madeira da família Stein para a construção do novo mosteiro de Wendelborn; e isto foi uma ajuda importante para o negócio Stein que estava então no maior marasmo.¹⁸⁵

Muitos meses se passaram até que Augusta pôde escrever algumas linhas breves em uma carta que as irmãs de Edith lhe enviaram. Edith e Augusta nunca mais se viram. Três anos depois sua mãe faleceu de câncer do estômago, em setembro de 1936. Em seu texto “*Como cheguei ao Carmelo de Colônia*”¹⁸⁶, Edith completa em parte a sua história, e nos fala dos acontecimentos políticos que marcaram sua vida, iniciando com a perseguição nazista. Não se trata da história da

¹⁸⁴ BATZDORFF, S., *Op. Cit.*, p. 84. (Trad. I.N.)

¹⁸⁵ BATZDORFF, S., *Idem.*, p. 85. (Trad. I. N.)

¹⁸⁶ STEIN, E. “Come giunsi al Carmelo di Colonia in Un contributo alla cronaca Del Carmelo di Colônia”, in: *DVFE*, pp. 483-505.

sua vida interior, mas das reflexões e reações que sua escolha de vida espiritual tinham produzido nos outros, em particular na sua família, da dor de sua mãe, e da tristeza de seus irmãos.

Edith passou os últimos nove anos de sua vida no Carmelo Teresiano. Sua vida monástica teve um início tranquilo, tendo escolhido o nome de Tereza Benedita da Cruz. Não teve dificuldade em se inserir no ritmo cotidiano da vida do claustro, que lhe oferecia a possibilidade de prosseguir sua pesquisa científica. Entende sua profissão solene não apenas como participando da Ordem do Carmelo, mas também como promessa de uma dedicação irrevogável. O conceito de representação é para ela um chamado divino que marca o seu destino íntimo: como se todos os acontecimentos externos tivessem o fim de cumprir sua íntima vocação.

Cerca de dez dias depois do meu retorno de Beuron, me veio o pensamento se agora não fosse chegado o tempo de entrar no Carmelo. Há quase doze anos o Carmelo era a minha meta, desde quando, no verão de 1921, a Vida da nossa Santa Mãe Teresa me caíra entre as mãos e tinha posto fim a minha longa pesquisa da verdadeira fé.¹⁸⁷

Conta como desde sua conversão, há doze anos, sua meta era entrar na Ordem, mas não o fez, pois sabia do duro golpe que isto seria para sua mãe, no que foi apoiada por seus conselheiros espirituais. Na verdade, seu confessor e seus orientadores espirituais sempre viram como de grande valor sua presença ativa na Igreja. Seu grande preparo intelectual a havia convertido em uma mulher muito conhecida e valorizada nos âmbitos intelectuais católicos alemães, nos anos 1930. As condições externas que favorecem o ingresso de Edith no Carmelo em 1933 se devem, sem dúvida, à situação política criada pelos nazistas, na medida em que impediu que Edith continuasse desempenhando uma atividade educativa e pública que deixara de ser oportuna para a Igreja que buscava um acordo com as autoridades nazistas.

Nos últimos tempos a espera tinha ficado muito dura. Tinha se tornado uma estranha no mundo. Antes de aceitar a docência em Münster e depois do primeiro semestre, pedi insistentemente a permissão para entrar na Ordem. Foi-me negada, por causa da minha mãe e também em consideração das atividades que há alguns anos desenvolvo no mundo católico. Submeti-me. Mas agora todos os obstáculos caíram. A minha atividade acabou. E minha mãe não ficaria mais contente em saber que estou em um mosteiro na Alemanha do que em uma escola na América do Sul? No dia 30 de abril - era domingo do Bom Pastor - se celebrava na igreja de São Ludgerus a festa do Santo Patrono com a prece das treze horas. Fui lá no fim da

¹⁸⁷ STEIN, E. "Come giunsi al Carmelo di Colonia in *Un Contributo alla Cronaca del Carmelo di Colonia*, in *DVFE*, p. 490. (Trad.I. N.)

tarde e disse a mim mesma: “Não vou embora daqui antes de saber claramente se agora posso entrar no Carmelo.” Quando terminou a benção final, tive o ‘sim’ do Bom Pastor.”¹⁸⁸

33. 21 de Abril de 1935 – Edith, Irmã Teresa Benedita da Cruz, no dia dos votos da profissão de fé, portando uma coroa de rosas brancas, segundo o uso na época. Foto tirada no jardim interno do mosteiro de Colonia-Lindenthal. (MAN, p. 67)

Entre 1935-36 escreve o seu livro mais importante *Ser Finito e Ser Eterno*, com um comentário sobre a filosofia existencial de Martin Heidegger. Em 14 de setembro, coincidindo com a hora da renovação comunitária dos votos, sua mãe faleceu. Sua irmã Rosa converteu-se então também ao catolicismo. Para celebrá-la, Rosa foi a Colônia onde Edith se encarregou de prepará-la pessoalmente. Mas pouco antes da chegada de Rosa, Edith teve que ser hospitalizada por ter quebrado a perna e o braço em uma queda, e Rosa recebeu o batismo em 24 de dezembro de 1936, na capela do hospital onde Edith estava, e onde compôs um poema especialmente para a ocasião, com o título de *Noite Santa*¹⁸⁹. Edith continua a escrever muitos textos,

¹⁸⁸ STEIN, E. “Come giunsi al Carmelo di Colonia in DVFE, p. 491. (Trad. I. N.) Não encontrei maiores informações a respeito deste convite para ensinar na América do Sul. Como alguns membros da sua família moravam na Colômbia, talvez seja de lá que tenha partido o convite.

¹⁸⁹ STEIN, E. OCES, Vol. V, pp. 791-2.

traduções, resumos e artigos relacionados com o Carmelo de Colônia e sua história, além de poemas e peças.

Fuga para a Holanda: o Carmelo de Echt

Aproximava-se a data de seus votos perpétuos, marcada para o dia 21 de abril de 1938, mas os acontecimentos externos começaram a se fazer sentir com mais intensidade. A ameaça sobre o povo judeu passa a afetá-la diretamente. Poucos dias antes de sua profissão perpétua, no dia 10 de abril de 1938, uma delegação do partido nazista vai ao convento para que as monjas votem. Edith não pode votar por ser judia, o que torna evidente sua presença, e passa a temer que a presença de uma judia no Carmelo de Colônia acarretasse consequências negativas para a comunidade.

Com a *Noite dos Cristais*, em 9-10 de novembro de 1938, uma sombra ainda mais ameaçadora recaiu sobre todos os judeus. O que parecia uma ameaça se convertia em perigo real.

Já tinha ouvido falar de severas disposições contra os judeus. Mas, naquele momento, vi claramente que Deus estava novamente pondo a mão com toda sua força sobre seu Povo e que o destino deste povo era também o meu próprio destino.¹⁹⁰

Edith quer agora sair da Alemanha. Sua ideia era ir para a Palestina, mas seus superiores acreditavam que cedo ou tarde a situação iria melhorar e ela poderia voltar: não era necessário que fosse para tão longe, nem que fizesse uma mudança definitiva. Com a ajuda do Carmelo, Edith deixa Colônia cruzando a fronteira para a Holanda em 31 de dezembro de 1938, levada de carro pelo médico do convento. Refugia-se no Carmelo de Echt, na Holanda, fundado pelos membros do Convento de Colônia, e onde haviam se refugiado as monjas quando da sua expulsão em 1875, por Bismarck.

¹⁹⁰ STEIN, E. "Come giunsi al Carmelo di Colonia in DVFE, p. 485. (Trad. I. N.)

34. Edith Stein postulante durante a missa solene com seu vestido de noiva de seda branca e com a vela branca, segundo o costume da época. 1938 (MAN p. 65)

Em julho de 1939, sua irmã Rosa juntou-se a ela para se tornar terciária carmelita, após ter passado pela Bélgica. As duas irmãs estavam felizes por estarem juntas. Mas sua família estava destruída, dispersa pelo mundo: uma parte imigrou para os Estados Unidos, outra para a Colômbia, enquanto que sua irmã Frieda, seu irmão Paul e sua sobrinha Eva ¹⁹¹ foram presos em 1942 e levados para o campo de concentração de Theresienstadt, onde foram, certamente, exterminados.

¹⁹¹ Eva Stein (1915-1943). A segunda dos quatro filhos de Arno Stein. Tinha um problema de atraso mental, e não lhe foi dado o visto para entrar nos EUA, como ao resto de sua família. Ficou sozinha na Alemanha e foi deportada e morta em Theresienstadt. BATZDORFF, S. *Op. Cit.*, p. 172-73.

35. Carmelo de Echt, Holanda, onde Edith Stein viveu entre 1938 e 1942. Abaixo, a cela que ocupou no Carmelo de Echt. (MUÑOZ, s/ p.)

A nova comunidade acolheu Edith com grande entusiasmo. O ambiente era bastante diferente do de Colônia. A comunidade de Echt era menor em número que a de Colônia, e com um grupo de irmãs leigas. A formação cultural parecia ser também mais pobre o que, longe de ser um obstáculo, favorecia a integração da irmã Benedita solicitada a fazer contínuos serviços de acordo com a sua formação intelectual e teológica. Como professora de leigas, Edith preparava palestras

comunitárias, além de escrever sobre temas da mística e espiritualidade carmelitana. Também se ocupava de serviços domésticos, como enfermeira, e outros. No ano seguinte solicitou a plena integração jurídica e definitiva à comunidade.¹⁹²

36. Rosa e Edith Stein no Carmelo de Echt, 1939. (MAN, p. 73)

¹⁹² Carta 607, a Baptista Pozzi, 13 de novembro de 1939, in *OCES*, Vol. V, p. 1327.

2.6 - Fecha-se o Cerco

Com o início da Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1939, e a invasão da Polônia, a Holanda também foi invadida e anexada ao Reich alemão, em maio de 1940. Terríveis notícias perturbavam e preocupavam seriamente a comunidade do Carmelo. Neste momento Edith se oferece em sacrifício para evitar uma segunda grande guerra:

Querida Mãe, Por favor, permita-me Vossa Reverência oferecer-me ao Coração de Jesus como vítima propiciatória pela paz verdadeira: que o poder do Anticristo, se é possível, termine sem uma nova guerra mundial, e que possa ser instaurado uma nova ordem de coisas (...) Sei que não sou nada, mas Jesus o quer, e seguramente nestes dias chamará a muitos outros para isto.¹⁹³

Encontra um modelo bíblico que se encaixa perfeitamente com a missão a que se vê vocacionada: a rainha Ester, que intercedeu pelos judeus junto ao rei.¹⁹⁴ Em uma de suas cartas escreve:

Confio (...) que o Senhor aceitou minha vida por todos. Muitas vezes pensei na rainha Ester, que justamente para isso foi tirada de seu povo, para interceder por ele perante o rei. Eu sou uma pobre, impotente e pequena Ester, mas o Rei que me escolheu é imensamente grande e misericordioso. Isto é um grande consolo.”¹⁹⁵

Edith tenta insistentemente sair da Holanda mas as respostas tardam. Conseguiu ser aceita no convento de Le Pâquier, na Suíça, mas não quer deixar sua irmã Rosa, para quem era mais difícil encontrar um lugar. Sente que o cerco das perseguições se fecha cada vez mais. Em meio a esta situação de ameaça real - de preocupação com a guerra e pela sua comunidade - Edith mantém seu trabalho filosófico e meditativo. Redige duas de suas grandes obras de mística e espiritualidade: um trabalho sobre Dionísio Aeropagita e um livro sobre São João da Cruz, sua última obra, cujo título significativo é *Ciência da Cruz*. Apesar de toda tensão ao seu redor, em nenhum momento se percebe apreensão nestes estudos.

¹⁹³ Carta 589, a Ottilia Thannisch, Escrito no domingo da Paixão, Echt, 26/3/1939, in OCES, Vol. V, p. 1307.

¹⁹⁴ Livro de Ester- Antigo Testamento – Os Livros da História do Povo de Deus, in: *Bíblia Sagrada*, Rio de Janeiro, Vozes, 1989, p. 560.

¹⁹⁵ Carta 566 a Petra Brüning, Colônia, 31/10/1938 in OCES, Vol. V, p. 1286.

37. Edith Stein em 1942. (MAN, p. 75)

Escrito para a celebração da festa de São João, este relato biográfico de São João da Cruz, com uma exegese do seu trabalho *Ascensão do Monte Carmelo*, oferece uma introdução indispensável ao companheiro de reformas de Santa Teresa. Desde os anos 1930, Edith via as análises psicológicas de São João, do caminho para a purificação do coração e para o amor total de Deus, como um guia para o seu próprio caminho espiritual. Também suas instruções ressoavam com sua situação pessoal e a levavam a desligar-se dos laços terrenos e consolações, e à completa submissão à vontade de Deus. Tanto Stein quanto João acreditavam que, quando alguém sente a cruz empaticamente compreendendo seu significado, intelectualmente poderia imitar Cristo e declarar com autenticidade o dito eclesiástico: “Ave, Cruz, nossa única esperança”. Na sua última obra - “*Ciência da Cruz*” que ficou incompleta - Edith procurava exprimir o que pôde compreender ao fim de um longo estudo sobre a essência da vida humana. O ideal de sua juventude, “servir a humanidade” com todos os seus recursos, e “por amor à humanidade” se conjugam no final em uma síntese que traz em si o significado de uma vida.

38. Última foto de Rosa Stein, 1942. (MAN, p.75)

Em abril de 1942 as duas irmãs foram registradas na Gestapo como judias. Em 24 de julho de 1942, os bispos católicos holandeses fazem a leitura pública, em todas as igrejas católicas, de uma Carta Pastoral dos bispos, denunciando a deportação dos judeus, tomando uma posição formal contra as crueldades e barbáries praticadas pelos nazistas em seu país e na Europa. Hitler e seus sequazes interpretaram este fato como uma verdadeira declaração de guerra da Igreja Católica local contra os nazistas: logo veio a represália. Três dias depois o comissário Seyss-Inquart ordenou que os católicos de origem judaica fossem presos. Na tarde de 2 de agosto de 1942, dois agentes da Gestapo bateram à porta do convento chamando pelas irmãs Stein. Um carro da polícia as esperava na vizinhança, depois da curva, e muita gente se aproximava protestando. Olhando para sua irmã Rosa, assustada, que chorava, Edith teria dito: *“Vem, vamos com nosso povo!”*

Foram presas junto com os demais judeus católicos, entre eles 242 religiosos, em toda a Holanda, e conduzidas para os campos de Amersfoort e depois Westerbork, onde ainda puderam escrever cartas e receber roupas, cobertores e remédios.

Os prisioneiros gritavam e choravam, mas segundo depoimentos, Edith permanecia calma e procurava ajudar aqueles que como ela tinham apenas algumas horas a mais para chorar. Em 9 de agosto chegaram a Auschwitz. Agora Edith era apenas um número: 44 074.

39. Campo de Westerbork onde estiveram Edith e Rosa Stein de passagem para Auschwitz, em Agosto de 1942. (MAN, p.78)

Julius Marcan, um prisioneiro sobrevivente do campo de Drente-Westerbork, na Holanda, lembra-se de ter visto Edith Stein calmamente confortando crianças, dias antes de ser morta com sua irmã nas câmaras de gás de Auschwitz. Marcan era um comerciante judeu da comunidade de Colônia, e teve a oportunidade de notar Edith porque ele e sua mulher eram encarregados dos prisioneiros. Segundo seu testemunho:

Entre os prisioneiros que foram trazidos em 5 de agosto, irmã Benedita se destacava por sua calma e postura. O desespero nas barracas e a agitação causada pela chegada dos novos prisioneiros era indescritível. Irmã Benedita era como um anjo, andando entre as mulheres, ajudando e acalmando-as. Muitas mães estavam como que enlouquecidas, não cuidavam mais de seus filhos, apenas sentadas melancolicamente, em desespero e depressão. Irmã Benedita cuidou das crianças pequenas, lavou e penteou-as, alimentando e cuidando de suas necessidades. Durante toda sua estada lá lavou e limpou as pessoas, fazendo um ato de caridade atrás do outro, até que todos notaram sua bondade.¹⁹⁶

Em face da morte eminente, como pôde Edith permanecer calma? Como pôde confortar os outros? O que a impediu de cair no desespero ou na loucura dadas as circunstâncias da Alemanha Nazista em agosto de 1942 e as condições desesperadoras do Campo de Drente-Westerbork? A nosso ver, Edith Stein estava convicta de sua missão, de seu *Telos*, e isto lhe deu um lugar em meio a tanto sofrimento e desespero, o lugar da compaixão e da devoção aos que estavam a seu redor. A partir de sua conversão entrara em um caminho espiritual próprio, em que

¹⁹⁶ Apud POSSELT, T. R. de Spiritu Sancto, *Edith Stein*, Trans. Cecily Hastings and Donald Nicholl, NY, Sheed & Ward, 1952. (Trad. I.N.)

os acontecimentos do mundo não a sensibilizavam da mesma maneira. Estava para fora do mundo.

J+M Drente - Wester -
Rosa Ki! Dork Basacke 3/6
6. IV 4h
Liebe Mutter,
eine Klostermutter
ist gestern abend mit Koffern
für ihr Kind angekom-
men und will jetzt Brief-
chen mitnehmen. Morgen
früh geht Transport (Schle-
sien oder Tschechoslovakien ??).
Das Nötigste ist
Wollene Strümpfe
2 Decken
Für Rosa alles warme

A última carta de Edith Stein, enviada do campo de concentração

40. Última carta de Edith Stein enviada do campo de concentração. (MIRABEL, s/ p.)

Em 7 de Agosto de 1942, Edith passou, pela última vez pela região de Speyer, no Palatinado, num vagão de prisioneiros. O trem parou na estação de Schifferstadt. Em uma janela com barras a face pálida de uma monja apareceu. O mestre da estação Valentin Fouquet, estava de pé bem em frente da janela. “Por favor, disse a prisioneira, dê minhas lembranças à família Schwind, aos padres do seminário e ao cônego Lauer (que era então professor de religião em Sta Madalena). Eles me conhecem. Eu sou Edith Stein, agora viajando para o Oeste.” O trem começou a se mover, um papel voou para fora pela fenda do vagão, com o nome Dr. Edith Stein. Dr. Ferdinand Meckes, um padre que estava também na estação, pegou o papel e o entregou a duas professoras que também estavam esperando na plataforma por um trem para Speyer. Elas reconheceram a letra de sua antiga professora Dr. Edith Stein, e levaram-no para o convento de Sta.

Madalena, onde Edith Stein nunca foi esquecida. Estes foram as últimas pessoas a terem notícia de Edith Stein viva.¹⁹⁷

As monjas de Colônia e de Echt procuraram por dados oficiais sobre Edith Stein, durante anos, sem resultado, até que a Cruz Vermelha Holandesa escreveu a última sentença da sua história de vida, num documento datado de 2 de Junho de 1958:

“Certificado”

O abaixo assinado, Chefe do Settement Bureau for Jewish Affairs of the Netherlands Red Cross of Information confirma que de acordo com os papéis de seus arquivos:

Edith Teresa Hedwig STEIN

Nascida em: 12 de outubro de 1891 em Breslau

Ultima residência: Monastério das Monjas Carmelitas, Bovenstestraat 48, Echt (Holanda)

Por razões de Raça e especialmente porque de descendência Judaica

Em 2 de agosto de 1942 – presa em Echt, Via K.L. (campo de concentração) AMERSFOORT (Holanda)

Em 5 de agosto de 1942, levada para K. L. WESTERBORK e

Em 7 de agosto de 1942, deportada de WESTERBORK para K. L. AUSCHWITZ.

A pessoa nomeada acima deve ser considerada tendo morrido em 9 de agosto de 1942, em AUSCHWITZ.

Noticia para este efeito foi dada em 15 de Janeiro de 1950, em Echt

...(condições são dadas com relação a procedimentos legais)...

(assinado, selo oficial dado pelo Chefe do Escritório). „¹⁹⁸

Em 11 de agosto de 1942, dois dias após a morte de Edith e Rosa em Auschwitz, o Consulado da Suíça em Amsterdam escreveu à Priora do Carmelo de Echt para informar que o visto das duas fora negado “em vista das circunstâncias”. Mas em 9 de setembro de 1942, o consulado da Suíça em Amsterdam escreveu novamente para a Reverenda Priora do Carmelo de Echt:

(...) enviando em anexo os documentos necessários para a obtenção do visto suíço em favor de Edith Teresia Hedwig Stein e Rosa Maria Adelheid Agnes Stein. Com

¹⁹⁷ FOUQUET, V. Depoimento. In HERBSTTRITH, W. *Op. Cit.*, p. 264.

¹⁹⁸ STEIN, E. *LJF*, p. 432. (Trad. I. N.). Este documento encontra-se nos Arquivos do Yad Vashen, em Jerusalém, de onde é esta cópia. (Ver Anexo III)

isso modificando a decisão da Polícia Federal de Estrangeiros que havia notificado em carta de 11 de agosto.¹⁹⁹

Mas já era tarde demais.

Waltraud Herbstrith, O.C.D., editou o livro *Never Forget – Christian and Jewish Perspectives on Edith Stein*, traduzido para o inglês por Susanne Batzdorff, a sobrinha de Edith, com vários textos e depoimentos de amigos, familiares e outros que a conheceram de algum modo. Entre eles, Anthony Mertens, jornalista e editor em Bruxelas. Mertens conheceu a irmã Tereza Benedita da Cruz em Echt, quando a procurou, interessado em questões filosóficas. Embora só tenha conversado com Stein ‘através da grade’, a amizade entre eles durou de 1939 a 1942. Mertens conta que sua noiva, que era amiga da filha do presidente da Suíça, tendo tentado ajudar Edith Stein a sair da Holanda, em 1942, mas seus esforços chegaram tarde demais.

Por outro lado, temos notícia²⁰⁰ de que o assassinato de Edith Stein implicou em um processo criminal, uma rara exceção. Em 24 de fevereiro de 1967, Dr. Robert M.W. Kempner representou a família Stein em uma queixa conjunta contra o antigo comandante do serviço de segurança na Holanda, Dr. Wilhelm Harster, frente à Corte do distrito de Munich. Sua intenção era personalizar o julgamento dos assassinatos em massa através de um fato individual. Harster foi acusado pela deportação dos judeus da Holanda para Auschwitz que ocorreu com menos dificuldades que em outros lugares. Adolf Eichmann havia afirmado: “Foi maravilhoso como as perseguições aos judeus funcionaram na Holanda”. Dr. Harster também participou diretamente na deportação dos assim chamados ‘Judeus-Católicos’, no verão de 1942. Em contraste com as ações judiciais contra antigos membros líderes da SS, Dr. Harster admitiu sua culpa e demonstrou remorso.

Depois de lembrar à Corte que no início do ano o Dr. Harster havia sido sentenciado a doze anos de prisão por dois casos de tentativa de assassinato, o Dr. Kempner concluiu sua fala com a seguinte afirmação: “Estes crimes são tão horrendos que apesar da minha experiência, sou incapaz de recomendar qualquer punição apropriada”. A corte sentenciou Dr. Harster a quinze anos de prisão por participar do assassinato de 82.854 pessoas. Depois de pouco tempo, no entanto, recebeu liberdade condicional.

¹⁹⁹ Documento 54 – El Consulado de Suiza a Antonia Engelmann, in STEIN, E. OCES, Vol. I, pp. 1697 e 1699.

²⁰⁰ Ver KRICHMALNIK, D. “Edith Stein: A Jew’s Path to Catholicism”, in HERBSTTRITH, W., *Op. Cit.* pp. 78-79.

2.6 - A Beatificação

A publicação dos primeiros cinco volumes dos trabalhos de Stein, pela Nauwelaerts Publishers, da Bélgica, ocorreu entre 1950 e 1958, e o interesse por sua vida e pensamentos começaram a crescer. Vinte anos após sua morte, em 4 de janeiro de 1962, o Cardeal Frings iniciou o processo de Beatificação da irmã Carmelita Teresa Benedita da Cruz, na cidade de Colônia. Chegaram informações de vinte e dois lugares diferentes: dos Estados Unidos, da Alemanha, Bélgica, Suíça, entre outros. Foram entrevistadas 109 pessoas, entre as quais sua irmã Erna Biberstein, em 1963.

Em 1972 a Congregação para a Doutrina da Fé deu seu “*Nihil obstat*”: o antigo Santo Ofício da Inquisição - que perseguiu, torturou e matou tantos judaizantes e cristãos-novos em tantos lugares, - concordava com a possível canonização de uma judia.

As irmãs do Carmelo de Colônia começaram a receber cartas de agradecimento por favores alcançados através da intervenção de irmã Tereza Benedita da Cruz. A maior parte eram favores obtidos por meio de orações que diziam respeito a encontrar emprego ou residência, em situações particularmente difíceis.

Em 1980, em documentos encontrados no *Dutch Royal Institute for War Documentation* em Amsterdam, foi proposto pelo Canone Schlafke que Edith Stein fosse considerada uma mártir da fé católica. Isto provocou imediata reação.

Ao mesmo tempo em que eram decretadas novas regras para a causa dos santos e para a Congregação, que simplificavam os procedimentos, após intensos trabalhos, Edith Stein foi aprovada para beatificação com base tanto em suas virtudes heróicas quanto em seu martírio, promulgado em 26 de janeiro de 1987: um acontecimento sem precedentes na história centenária da Congregação. O Vaticano aceitou o martírio de Irmã Teresa Benedita da Cruz, dispensando assim a causa da necessidade de um milagre para proceder a sua beatificação. Este é o resumo da argumentação elaborada pelo Relator, Frei Eszer:

Em 1942, os líderes nazistas na Holanda decidiram acabar com o judaísmo holandês. Os líderes religiosos cristãos holandeses estavam especialmente

preocupados com o destino dos judeus; e todas as igrejas cristãs protestaram energicamente contra a deportação que estava ocorrendo em um telegrama enviado em 11 de julho de 1942 a várias autoridades alemãs na Holanda ocupada. Neste telegrama as autoridades eclesiais reafirmavam sua angústia com a discriminação contra os “judeus cristãos”. Apesar dos avisos os bispos católicos ‘vieram a público’ com sua oposição às políticas nazistas e leram uma carta pastoral em todas as missas de domingo no dia 26 de julho de 1942. A reação foi rápida: centenas de judeus que haviam se convertido à fé católica foram reunidos para deportação em 2 de agosto, entre eles Irmã Teresa Benedita com sua irmã Rosa Stein (que residia como carmelita leiga no mosteiro de Echt). Os nazistas não perderam tempo em atacar a igreja e seus pastores movendo-se contra esta fé. Agiram com *odium fidei* (uma antiga frase que significa ‘ódio da fé’), isto é, golpearam a Igreja através de seus membros, acrescentando uma qualificação especial a seus sofrimentos, o de testemunhas de sua fé. A raiz da palavra ‘martírio’ significa testemunho. Stein, aos olhos do Vaticano foi propriamente uma mártir e como tal foi beatificada em 1º de maio de 1987 em Colônia, onde viveu como carmelita exemplar por cinco anos e dois meses. Fica uma questão: por que não ampliar esta honra para todos os outros que morreram com ela, no verão de 1942?²⁰¹

Em 1º de maio de 1987, Edith Stein foi beatificada em Colônia, pelo Papa João Paulo II, num estádio de futebol, com 75.000 pessoas presentes. Na ocasião, foram convidados vários parentes de Edith Stein, mas nem todos compareceram. Sua sobrinha, Susanne Batzdorff, disse na ocasião:

Pode-se ser judeu e ainda assim estar presente em Colônia, para honrar Edith Stein. (...) Com certeza é amargo: Hoje milhões voltam-se para a beatificação de nossa tia pelo Papa. Mas em 1933 ela não recebeu nenhuma resposta do Papa, quando chamou sua atenção para o destino dos judeus. Mesmo assim eu vejo a beatificação da minha tia como uma tentativa da Igreja Católica para melhorar sua relação com os judeus, e como um sinal de perdão pelas coisas que talvez pudessem ter sido feitas, mas não o foram.²⁰²

Seu irmão, Ernst Ludwig Biberstein, não aceitou o convite para a beatificação. Outra parente convidada, Profa. Waltraut Stein, da Igreja Episcopal, afirmou: “*É verdade, é um acontecimento alegre, mas também nos lembra do Holocausto, o tempo terrível que nossa família experimentou*”.²⁰³

Seu pai, Prof. Gerhard Stein, que foi a Colônia na ocasião, escreveu:

Considero a beatificação de minha querida tia, que perdeu sua vida numa câmara de gás de Auschwitz, um memorial espiritual que a Igreja Católica está erguendo por todos que pereceram por causa das perseguições nazistas, eu perdi meus pais no

²⁰¹ SULLIVAN, J., O.C.D. “The Path to Beatification”, in HERBSTTRITH, W. (ed.), *Op. Cit.*, p. 7.

²⁰² Apud STREHLE, A. M., O.C.D. “Edith Stein’s Beatification: Annoyance or sign of Reconciliation?” in HERBSTTRITH, W. , O.C.D., *Op. Cit.*, p. 15. (Trad. I. N.)

²⁰³ Idem. (Trad. I. N.)

campo de concentração de Theresienstadt. Minha prece na missa sagrada será dedicada a todas estas vítimas.²⁰⁴

41. O Papa saudando os membros da família de Edith Stein depois da beatificação em Colônia, 1º de maio de 1987. À esquerda Alfred Batzdorff, Susanne Batzdorff, sobrinha de Edith, o Papa João Paulo II. (in Herbstrith, W. *Never Forget...Op. Cit.*, p. 48)

Sua sobrinha Susanne fez um relato da experiência da família de Edith Stein a respeito da cerimônia que foi muito tocante para todos eles. Salienta três grandes questões: primeiro, que milhares tinham ido a Colônia para comemorar a nova Abençoada mas, quando ela foi mandada para a morte em um vagão para gado, poucos pensaram nela e ninguém veio em seu auxílio. Segundo, parecia a ela que, ao invés de assistir a um festival alegre, era um serviço em memória de suas tias assassinadas. Pois devido à maneira como morreram, e por terem notícia apenas depois da guerra, não houve funeral e nem tempo real para o luto, como é o costume. Susanne foi tomada por uma profunda melancolia quando viu aquele oceano de rostos, a maior parte deles muito jovens para ter conhecido esta mulher que ali estava sendo honrada, e muito jovens para carregar a culpa pelo assassinato de seis milhões de judeus. Em terceiro lugar, quando o Papa desceu depois do serviço e cumprimentou a família de Edith Stein, pensou que o Papa da época não deu ouvidos a sua tia Edith, e se perguntou: por que ele ficou em silêncio em face do regime nacional socialista? Por que as pessoas, como sua tia, não foram salvas? E

²⁰⁴ Ibidem, pp. 15-16. (Trad. I. N.)

por que o Papa Pio XI, a quem ela pediu na primavera de 1933 uma declaração contra a perseguição dos judeus, respondeu apenas com uma bênção para ela e sua família, em lugar de tomar uma posição publicamente?

Mesmo a encíclica, citada várias vezes pelos que o defendem, *Mit brennender Sorge*, só foi publicada quatro anos depois e não faz nenhuma referência à perseguição dos judeus. Em lugar de guiar moralmente os católicos alemães e preveni-los contra as doutrinas sem Deus do nacional-socialismo, fez uma concordata com o regime de Hitler. Por tudo isso, durante toda a cerimônia, Susanne esteve muito apreensiva.²⁰⁵ Escreveu estes versos para sua tia Edith:

Tia Edith

(...)

“Eis que há quarenta anos,
Te mataram em Auschwitz.
Tu deixaste atrás de ti
Obras sobre santos, filósofos.
E notas e cartas.
Mas não explicação
Sobre o porquê e o como
De tua vida.

A Igreja vai logo
Te beatificar.
O que isto pode querer dizer
Para tua família judia?

A avó nunca poderia
Imaginar isso.
Talvez ela folheasse
As páginas amarelas, usadas de teu livro de oração,
À procura de um salmo
À busca de calma e conforto?
Mas hoje ela não precisa mais.
Ela não existe mais. Tu também não.
Não resta ninguém
Para nos ajudar,
Nós, os vivos, a
A decifrar o mistério.”²⁰⁶

No dia 11 de outubro de 1998, o Sumo Pontífice coroou a vida de Teresa Benedita da Cruz com sua canonização em Roma, instituindo oficialmente no Calendário Litúrgico a data de 9 de agosto como o dia especialmente dedicado ao

²⁰⁵ BATZDORFF, S. “What significance does Edith Stein’s Beatification have to her family?” in HERSTRITH, W., *Op. Cit.*, p. 21-28.

²⁰⁶ BATZDORFF, S. *Edith Stein, Ma Tante* (fragmento), *Op. Cit.*, pp. 29-30. (Trad. I. N.)

culto de Santa Teresa Benedita da Cruz que, a partir de 1º outubro de 1999, tornou-se também co-patrona da Europa.

Judia, filósofa, religiosa e mártir, unida ao Cristo crucificado, ela deu sua vida pela paz verdadeira e pelo povo. Morta no campo de extermínio como filha de Israel, para a santificação de seu nome (...). Sejam os fiéis guardiões da mensagem e do testemunho de Edith Stein, (...) que traz em sua intensa vida uma síntese dramática de nosso século". João Paulo II ²⁰⁷

Por outro lado, o Presidente de Israel Chaim Herzog, quando de sua visita ao antigo campo de concentração de Bergen-Belsen,, em abril de 1987, disse algumas palavras que valem a pena ser aqui lembradas :

Neste lugar horrível, o vale da morte, e no início de meu caminho sobre este solo, coloco perante vocês, meus irmãos, vítimas do Holocausto, uma pedra, tirada das pedras de Jerusalém, na qual está gravado, como um testemunho da destruição de meu povo, as palavras dos salmistas: "E meu pesar está sempre comigo". Eu não trouxe comigo o perdão – e o esquecimento. Apenas os mortos têm o direito de perdoar, e aos vivos não é permitido esquecer. Pois "Você certamente pensará nisto, e minha alma me diz isso..." O pesar por sua morte guardaremos em nossos corações em eterna lembrança. Não por hostilidade eterna, não por ódio, infrutífero e paralisante, mas para ganhar força e tenacidade; para reconhecer os abismos da alma humana e nos erguermos acima delas; para gerar o oposto do mal, da impiedade com todo nosso ser." ²⁰⁸

Qualquer ser humano está para além do seu nome, está para além do seu rosto, está para além do que é revelado ou do que está de alguma forma marcado em sua biografia. Nenhuma história dá conta da complexidade e da magnitude que é o ser humano. Emmanuel Lévinas, filósofo judeu, nos diz que o rosto do outro nos indaga a respeito de uma transcendência absoluta na medida em que jamais posso apreender, jamais posso compreender, jamais posso nomear a totalidade que é o outro. O outro sempre escapa ao meu entendimento, a qualquer tentativa de nomeá-lo, de datá-lo ou de fazer dele uma narrativa. Tudo o que pode ser datado, tudo o que pode ser narrado faz parte da identidade, importante de ser alcançada, mas

²⁰⁷ PAPA JOÃO PAULO II. "Homílias pela beatificação e pela canonização de Edith Stein", in: *Em nome de Deus, em nome da Igreja, em nome da Humanidade*, textos extraídos do *Jornal L'Osservatore Romano*, Antonio C.C. Martins e Maria Antonia P.C Figueiredo, Bauru, Coleção Essência, Edusc, 1998.

²⁰⁸ HERZOG, C. "Und mein Schmerz ist immer bei mir", Discurso do Presidente de Israel em Bergen-Belsen, *Deutsche Tagespost* 41 (7 de abril de 1987): 2, Apud in HERBSTRIETH, W., OCD, "Edith Stein and Christian-Jewish Dialogue" in HERBSTRIETH, W., *Op .Cit.*, p.87. (Trad. I. N.)

jamais para ser reduzida a ela, pois se perde o seu mistério, a sua liberdade, perde-se aquilo que mais caracteriza o ser humano que é a possibilidade de ter uma postura criativa frente ao outro e ao mundo. A criatividade significa a possibilidade de romper o que está estabelecido, de encontrar sua vocação e ser coerente com ela, de ser livre.²⁰⁹

²⁰⁹ LÉVINAS, E. – *Totalité et Infini, Essai sur L'Exteriorité*, Paris, Le Livre de Poche, Kluwer Academic, 1971.

III – PERSPECTIVAS DOS ESTUDOS SOBRE EDITH STEIN

“Tudo depende do amor, pois no final é pelo amor que seremos julgados.”

3.1- Revisitando Edith Stein

Podemos discernir múltiplas perspectivas nas leituras de Edith Stein. Há realmente uma grande amplitude e variedade de comentários no sempre crescente corpo de trabalhos sobre a sua vida e obra, devido em parte aos diferentes interesses que Edith Stein tem suscitado.

Ao mergulhar nesta literatura temos a forte impressão de que Stein provoca em geral muita simpatia e uma estranha sensação de proximidade.²¹⁰ Esta percepção surge não apenas dos textos, mas também das conversas com estudiosos que realizam investigações sobre sua filosofia. Talvez o seu interesse pela questão da empatia, assim como sua fenomenologia, que ‘indo às coisas mesmas’, e principalmente à pessoa humana - falando de nós e de nossa relação com os outros - tenha o efeito e a possibilidade de nos aproximar e nos deixar “empatizados” com ela.

Outra tendência perceptível na literatura secundária sobre Edith Stein deriva da sua biografia. Os acontecimentos de sua vida são muitas vezes vistos como a chave interpretativa de sua filosofia. Sua personalidade é superposta hermeneuticamente ao seu trabalho intelectual. Isto pode ser um problema, na medida em que permite fazer crer que, ao compreendermos a mulher, estamos *ipso facto* apreendendo sua filosofia. Do meu ponto de vista, não é possível compreender as ideias de um autor independentemente de sua história e personalidade, da sua relação com o meio em que vive e da sua cultura. Parece haver tantas “Steins” quanto seus leitores, e mesmo nos depoimentos de seus amigos e conhecidos, que podem ter sido determinados tanto por sua personalidade, ações e filosofia quanto pelos usos feitos dela.

²¹⁰ M. Sawicki cita uma exceção, Moossen, Inge (1987), *Das Unselige Leben der “Seligen” Edith Stein: Eine Dokumentarische Biographie*. Frankfurt: Haag & Herchen. Trata-se de uma biografia de Stein que, segundo esta autora, é cheia de calúnias, devidamente pensadas para minar os grandes louvores que Stein recebia na Alemanha no ano de sua beatificação pela Igreja Católica, SAWICKI, M., *Op. Cit.*, p.184.

Fazendo um percurso pela literatura sobre Edith Stein, sem a pretensão de ser exaustiva, poderemos ter uma ideia da atual situação dos Estudos Steinianos. Início com as relações de Edith Stein com aqueles que participaram diretamente do seu percurso para depois analisar os estudos produzidos sobre ela a partir de sua morte e beatificação.

Edith Stein antes de Auschwitz

Após a publicação dos dois tomos das *Investigações Lógicas* em 1900-1901, quando Husserl expôs a fenomenologia como um método de análise que provocou admiração em sua época, houve uma interrupção nas suas publicações pois precisava de um assistente para ajudá-lo a preparar os textos. Sofria de problemas de saúde, além do luto que enfrentou pela perda de seu filho na Primeira Guerra Mundial. Edith Stein virá em seu auxílio, em julho de 1916.

Sua primeira tarefa foi ocupar-se dos manuscritos da *Ideias*, para a qual teve que aprender a estenografia Gabelsberger, adotada por Husserl.²¹¹ Sentia-se responsável em disponibilizar o seu trabalho para publicação, embora a revisão fosse complicada e o material incompleto. Mas o Mestre não lhe dava a atenção desejada, ocupado demais com o estudo sobre a constituição da natureza. Ao mesmo tempo, Edith elaborava também suas próprias ideias e chegou a uma ruptura com o idealismo, quando escreve:

Para que possa constituir-se uma natureza expressiva, me parece indispensável contar, de um lado, com a existência de uma natureza física e de outro com uma subjetividade de determinada estrutura. Ainda não me decidi a comunicar ao Maestro tamanha heresia.²¹²

Além de seu enorme trabalho no livro das *Ideias* II e III de Husserl, Edith também participou da organização de “Lições sobre a Fenomenologia da Íntima Consciência do Tempo”, publicado por M. Heidegger no volume IX do *Anuário* (1928). Em uma nota preliminar aparece citada a contribuição da Srta. Edith Stein, “na divisão dos capítulos e parágrafos, tradução da estenografia levando em conta em parte as observações feitas pelo Autor.”

²¹¹ Edith Stein à F. Kaufman, Carta 2, Friburgo, 13/12/1916, in: *OCES*, Vol. I, p. 552. (Trad. I. N.)

²¹² Edith Stein à Roman Ingarden, Carta 6, Friburgo, 3/02/1917 in: *LRI*, p. 33. (Trad. I. N.)

Husserl, que usufruiu do trabalho de Edith enquanto ela foi sua assistente (1916-1918), a descreveu como uma colaboradora, mas não como uma colega. Em 6 de fevereiro de 1919, escreveu uma carta de recomendação para a Habilitação a um lugar na Universidade, referindo-se à contribuição de Edith Stein ao seu trabalho. Edith não conseguiu o lugar:

Dra. Edith Stein, minha estudante por muitos anos na Universidade de Göttingen e Freiburg, doutorou-se em filosofia no semestre de verão do ano de 1916, em Freiburg, *summa cum laude*, com um excelente tratado científico sobre *Einfühlung*, que logo despertou o interesse dos especialistas. Depois disso foi minha assistente por um ano e meio, tendo realizado valiosos serviços para mim, não apenas na organização e processamento de meus manuscritos para publicação, mas também ajudando nas minhas atividades de ensino. Com este objetivo deu seminários regulares de filosofia para meus alunos que desejavam aprofundar-se cientificamente. Além de filósofos iniciantes, também estudantes avançados tomaram parte nestes seminários. Graças aos excelentes resultados desta colaboração, pude dedicar-me ao desenvolvimento dos meus próprios seminários e aprofundar o contato pessoal com meus estudantes da graduação. Dra. Stein possui uma ampla e profunda educação filosófica, e suas capacidades para a pesquisa científica independente e para o ensino são inquestionáveis. Se a carreira de professor universitário for aberta para as senhoras, então eu seria o primeiro a recomendá-la com entusiasmo para admissão na Habilitação.²¹³

O interesse de especialistas a que Husserl se refere talvez seja o de Max Scheler, que parece ter sido o único a citá-la nominalmente, na revisão de sua obra *Sympathiebuch*, de 1923. Edith lhe enviara uma cópia da sua dissertação e, na carta a Roman Ingarden de 27 de abril de 1917, informava que Scheler lhe havia mandado um cartão-postal dizendo que fizera muitas anotações em seu livro e que gostaria de conversar com ela sobre isso. Tudo indica que Scheler inspirou-se nas suas ideias para ampliar os objetivos de seu trabalho. Além dessa citação de Scheler, Edith também é mencionada na discussão sobre o volume comemorativo do aniversário de setenta anos de Husserl, em que contribuiu com um ensaio comparativo entre Husserl e Tomás de Aquino, de 1929²¹⁴. Sawicki, pesquisando na literatura de língua alemã da época, não encontrou nenhuma outra menção ao trabalho de Stein.²¹⁵

²¹³ HUSSERL, E. *Raccomandazione per L'Abilitazione di Edith Stein, di Edmund Husserl*, 6 de fevereiro de 1919, in: HERBSTTRITH, W. *Edith Stein, vita e testimonianze*, Traduzione del Tedesco a cura della Redazione di Città Nuova Editrice, IV edizione, 1998, p. 77. (Trad. I. N.)

²¹⁴ STEIN, E. "Qué es Filosofía? Un Diálogo entre Edmund Husserl y Tomás de Aquino", in *OCES*, Vol.III, pp. 161-194.

²¹⁵ Apud Sawicki, *Op. Cit.*, p. 189.

Por outro lado, sua atividade como professora em Speyer, de 1923 a 1931, deixou muitas lembranças e influenciou suas alunas e colegas. Alguns comentários falam de sua forte personalidade e da influência pessoal citando como exemplo, mais do que as palavras, sua postura crítica, embora justa e gentil, tranquila e digna.

Nenhuma de nós poderá esquecer a impressão que sua personalidade causava. Suas maneiras tornaram-se um exemplo para nós naquela idade crítica. Não há nenhuma frase que eu possa repetir – e isso não porque seus comentários não fossem memoráveis, mas ela era uma pessoa quieta, pouco falante, que nos influenciava simplesmente pelo que era. Sempre fazia suas críticas com equilíbrio perfeito de justiça e gentileza. Ninguém nunca a viu senão tranquila, digna e calma.²¹⁶

Em Posselt (1952) encontramos ainda outras referências a Edith Stein, recolhidas por Hilda Graef:

Sua perfeição era demais para algumas das meninas. Se pudessem detectar alguma falha nela, poderiam ter gostado mais dela. A total ausência de falhas se estendia também ao vestir. Mesmo que fosse fora de moda, nunca tolerava o menor sinal de sujeira ou poeira nelas.²¹⁷

Stein, ao se converter ao catolicismo, passou a ter um orientador espiritual que inicialmente foi o professor Gunter Schulemann, capelão em Breslau, e que durante sua preparação para o batismo lhe sugeriu a leitura de São Tomás de Aquino.²¹⁸ O Catolicismo do sul da Alemanha, ao qual Edith Stein se converteu, era escolástico na sua filosofia sendo a vida interpretada como um caminho espiritual que necessita de orientação. Stein encontrou nele uma proximidade com seus próprios estudos fenomenológicos, da consciência interna, vista como uma sequência do fluxo da vida consciente, e também descrições próximas da fenomenologia na experiência da oração contida nos escritos dos místicos espanhóis Santa Teresa d'Ávila e São João da Cruz. A oração deveria ser realizada através da obediência ao conselho de um outro – no caso, o orientador espiritual - para evitar decepções e ilusões.

²¹⁶ Apud HERBSTTRITH, W. *Op. Cit.*, pp. 76-77. (Trad. I. N.)

²¹⁷ Apud SAWICKI, M. *Op.Cit.*, p. 189, nota 11 (Trad. I. N.)

²¹⁸ Desde o século XIX, Tomás de Aquino era a alternativa e o antídoto para os católicos da Alemanha que se opunham às inovações associadas ao idealismo kantiano. A encíclica papal *Aeterni Patris*, de Leão XIII (1879), também incluía o estudo do tomismo nos seminários e era mandatório, portanto que a conversão religiosa de uma filósofa incluísse a instrumentalização profissional pelo pensamento tomista.

Após o batismo, Stein teve como seu orientador o clérigo Joseph Schwind, vigário geral do episcopado de Speyer. Não contamos com nenhum documento sobre esta relação pois, a pedido de Stein, a família de Schwind queimou as cartas que Edith lhe escreveu, depois de sua morte em 1927²¹⁹. Com a morte de Schwind, Stein escolheu a orientação de Raphael Walzer, do monastério dos beneditinos de Beuron, onde costumava passar os feriados religiosos e participar da liturgia. Tanto Schwind quanto Walzer desencorajaram Edith a entrar para o convento e, este último, ainda tinha dúvidas a respeito quando deu sua permissão, em 1933. Escreveu um longo texto para o convento das carmelitas em Colônia em 1946, lembrando a tranquilidade e habilidade de Edith em ficar imóvel por muitas horas durante as rezas na igreja do mosteiro²²⁰. Walzer tinha receio de que Edith pudesse sofrer com as práticas litúrgicas carmelitas e com a falta de estímulo intelectual em uma comunidade fechada de mulheres com pouca instrução. Mas ela lhe assegurou, depois de sua entrada no Carmelo, que se sentia completamente à vontade.

A terceira pessoa importante como guia espiritual de Stein foi a Irmã Renata de Spiritu Sancto Posselt, Priora do Noviciado do Carmelo de Colônia, que a introduziu as práticas do modo de vida carmelita, e que mais tarde escreveria sua primeira biografia, com alguns erros e exageros. O mais importante, entretanto, parece ter sido não o conteúdo dessas orientações, mas o próprio fato de terem ocorrido, demonstrando que Stein as aceitava como uma necessidade. Em termos de sua filosofia, significa que o pensamento não pode alcançar o ser de modo autônomo. Em termos de seus trabalhos e ensino, significa que conduzia os seus alunos enquanto era dirigida por outros.

A oração parece ter passado a desempenhar um lugar fundamental na vida de Edith até então ocupado pela reflexão e descrição fenomenológica, vista como a recepção empática dos mistérios religiosos que levava a seguir a história de vida e morte de Jesus de Nazaré, cujo padrão é afirmado pelas narrativas religiosas, retomadas nas vidas de Maria e dos santos e dramaticamente expostas nas observâncias litúrgicas. Ao “empatizar” estas expressões, a oração aspira acompanhar o fluxo do ‘eu’ originário, ou seja: a vida de cada um deve ser uma sequência da vida de Jesus, até e através de sua morte. Esta foi a intenção

²¹⁹ O prelado Joseph Schwind, faleceu em 17 de setembro de 1927, quando estava no confessionário, na catedral de Speyer. Stein escreveu seu obituário, in *OCES*, Vol. V, pp. 671-674.

²²⁰ Apud SAWICKI, *Op. Cit.*, p. 191.

assinalada na frase ‘carregar a cruz’ e incluída no nome religioso que Edith adotou: Benedita da Cruz: “*Mulher Abençoada pela Cruz*”.

A oração traz a união mística com o ‘eu’ do outro - Jesus – mesmo que esta união não seja uma identificação, um deslocamento ou uma superposição. Permanece a distinção entre os ‘eus’, enquanto que o que se torna ‘o mesmo’ é o *caminho*, que também pode ser chamado, às vezes, da ‘cruz’.

São impressionantes os contrastes e as coincidências entre a vontade contemplativa de ‘carregar a cruz’ e as descrições fenomenológicas da empatia. Stein não via diferença entre as expressões litúrgicas e a habilidade da compreensão humana de fazer uma cópia fiel quando assistidas pela graça divina. A oração preserva a relação dos dois ‘eus’ ao mesmo tempo em que assimila o caminho de um pelo outro. Stein parte do princípio de que ‘o caminho da cruz’ que Jesus de Nazaré primeiro percorreu se expressa, sem variações, nas narrativas evangélicas, na liturgia da Missa, e na vida dos santos.

Seu percurso na filosofia católica a levou primeiro ao trabalho do converso inglês John Henry Newman, com o livro *Uma Idéia de Universidade*, que começou a traduzir no verão de 1923, de acordo com a carta que escreveu a Roman Ingarden em 19 de junho de 1924²²¹. Nesta mesma época, Erich Przywara²²² publicou um trabalho sobre Newman e Scheler - *Religionsbegründung*.

Edith trocou cartas e encontrou-se com Przywara para conversar sobre a tradução do livro de Newman, assim como de suas cartas e diário datados 1801 a 1845. Além disso, Przywara pediu-lhe também a tradução da obra *De veritate* de Tomás de Aquino, sobre a qual publicou uma resenha favorável no mesmo ano da sua edição, em 1931.

A interpretação que Przywara faz de Stein demonstra uma curiosa mistura de estereótipo racial e projeção pessoal, conforme descreveu sobre o encontro que tiveram em 1925. É como se Przywara estivesse colocando Edith em um pedestal, considerando-a como uma figura chave da neo-escolástica alemã, desde que sob sua orientação. No entanto, “retira” sua identidade étnica procurando assimilá-la ao seu próprio projeto filosófico e missão pessoal.

²²¹ STEIN, E. Carta 85, Speyer, 19/6/1924 in *LRI*, p. 205.

²²² Erich Przywara (1889-1972) jesuíta e filósofo, líder católico do movimento contra o idealismo kantiano, e editor filosófico do jornal *Stimmen der Zeit*.

Tivemos nossa primeira conversa em Speyer, sob os auspícios do inesquecível, sábio e gentil vigário geral Dr. Schwind. Dr. Schwind me disse logo que eu iria ter uma surpresa: pois ele nunca encontrara ninguém cujo olhar traía tão pouco sua raça quanto Edith Stein. Ele estava certo: pois a mulher que encontramos poderia ser comparada mais a estátua de Uta da Catedral de Naumberg (...). Este era realmente um traço muito especial de Edith Stein – ela tinha um sangue judeu absolutamente puro e era mesmo assim uma verdadeira mulher alemã.²²³

A tradução de Tomás de Aquino trouxe a Stein o reconhecimento como filósofa católica, pelo menos entre os católicos. Stein se refere a isso em carta a Ingarden de 8 de agosto de 1925:

Era vista como alguém que poderia ajudar a realizar o sonho de Przywara de fazer 'renascer a alta escolástica (...) nós dois temos o mesmo desejo de uma tarefa urgente: principalmente uma comparação entre a filosofia católica tradicional e a filosofia moderna (em conexão com a qual a fenomenologia é a mais importante pra ele também).²²⁴

Sua popularidade como conferencista e escritora deveu-se a sua participação nas organizações católicas femininas, pois articulava uma lógica religiosa com a participação profissional das mulheres. Przywara organizou conferências para Edith através da Associação das Mulheres Professoras Católicas e da Associação das Universitárias Católicas, sendo estas amplamente divulgadas nas publicações católicas. Entre 1927 e 1930 sua popularidade cresceu e ela tentou novamente encontrar um lugar na universidade. Na primavera de 1931 começou a escrever outra tese – *Akt und Potenz (Potência e Ato)* - e desistiu de ensinar em Speyer.

Enquanto isso, a *Société Thomiste*, na França, planejava uma conferência de alto nível para explorar a possibilidade de estabelecer uma base filosófica comum com o Movimento Fenomenológico, conhecido dos franceses pelo trabalho de Scheler, Hering, Koyré e do próprio Husserl, que recentemente publicara em francês suas *Méditations cartésiennes*, na Sorbonne. Stein foi umas das 30 participantes convidadas para esta conferência que aconteceu em Juvisy em setembro de 1932.

Entretanto, sua segunda tentativa de entrar nos quadros universitários falharam novamente. Foi rejeitada pela Universidade de Breslau, sua cidade natal e onde trabalhava seu cunhado. Em Freiburg, apesar de ter sido encorajada por Martin Heidegger - que lhe sugeriu, como filósofa católica, que procurasse o apoio

²²³ Apud SAWICKI, *Op. Cit.*, p. 194. (Trad. I. N.) O próprio Przywara descreve o seu encontro com Stein no seu livro *In und Gegen (Pró e contra)*, Nürberg, 1955, p. 61 e seguintes.

²²⁴ STEIN, E. Carta 89, Trebnitz, cidade perto de Breslau, onde na época existia um convento, 8/8/1925, in *LRI*, p. 213. (Trad. I. N.)

de Martin Honecker,²²⁵ - suas credenciais não foram consideradas suficientes, pois havia publicado apenas o ensaio comparativo de Husserl e Tomás. Além disso, sua tradução de Tomás de Aquino não era considerada um trabalho original e suas conferências e artigos não eram considerados suficientes. Entretanto, os maiores obstáculos foram na verdade econômicos, na medida em que a Alemanha estava mergulhada na Grande Depressão mundial.

Em carta para Ingarden de 29 de novembro de 1931²²⁶, Stein diz que a questão da sua contratação em Freiburg foi decidida negativamente por causa da crise econômica geral. Dois especialistas (provavelmente Honecker e Heidegger) lhe disseram que, apesar de ter provado sua competência, um pedido oficial não seria aceito pelo Ministério. Ao mesmo tempo, informalmente, foram feitas tentativas para conseguir fundos particulares visando a sua indicação para Freiburg, através do apoio das organizações femininas católicas. No entanto, poucos recursos foram conseguidos.

Edith foi então chamada por Maria Schmitz, educadora e líder feminina, para ensinar na faculdade que fundara para professoras católicas em Münster. Stein assumiu o cargo em 1º de março de 1932, após passar o final de 1931 e início de 1932 em Freiburg, revisando seu manuscrito *Potência e Ato*. Lecionou em Münster apenas por um ano, quando foi informada, ao retornar dos feriados da Páscoa de 1933, que deveria interromper suas aulas, pois os judeus estavam impedidos de lecionar por imposição da política antissemita do nacional-socialismo.

Entrou no claustro de Colônia no outono de 1933, como já vimos, apesar das objeções e lágrimas da sua mãe, que interpretou a decisão de sua filha como o abandono de sua fé religiosa monoteísta e uma recusa de juntar-se à vida do povo judeu pelo casamento e maternidade. Mas esta interpretação não era a dos seus mentores católicos e colegas, nem a de Edith, para quem uma monja carmelita era “noiva de Cristo”. Para Sawicki, o antigo mito da culpa dos judeus pelo assassinato de Jesus de Nazaré foi totalmente internalizado por Stein e isto se tornou o tema de suas preces assim como a sua interpretação das políticas genocidas nazistas e de seu próprio destino. Edith descreveu sua experiência no serviço religioso, em 1933:

²²⁵ STEIN, E. Carta 269, para Adelgundis Jaegerschmid e Placida Laubhardt, Speyer, 26/1/1931, in *OCES*, Vol. I, p. 910.

²²⁶ STEIN, E. Carta 151, Friburgo-Güterstal, 29/11/1931, in *LRI*, p. 317.

Falei com nosso Salvador e lhe disse que eu sabia que era Sua Cruz que agora estava caindo sobre o povo judeu. A maior parte deles não o compreende, mas aqueles que compreendem devem aceitá-lo de bom grado em nome de todos. Eu quero fazê-lo, deixe apenas que ele me mostre como. Quando o serviço terminou tive a convicção interior que fui ouvida. Mas no que consistia carregar a cruz, eu ainda não sabia.²²⁷

No claustro, Edith não gozava de nenhum privilégio especial e as irmãs carmelitas pareciam mesmo desapontadas pela sua falta de jeito com o trabalho doméstico. Sua origem judaica continuou sendo um problema, pois os nazistas aumentavam as medidas contra todos que abrigassem judeus. Após a *Noite dos Cristais*, em 1938, Edith foi enviada para Echt, na Holanda, o que ocorreu relativamente rápido, em contraste com a posterior tentativa de fuga da Holanda em 1942, que acabou não acontecendo e que culminou com a sua prisão, deportação para Auschwitz e morte na câmara de gás.

Edith Stein após Auschwitz

Após o final da guerra, Edith passou a ser vista pelos católicos como um exemplo de fidelidade “no caminho da Cruz”. Desde então, esta interpretação hagiográfica foi uma constante na leitura dos textos de Stein. A hagiografia é uma biografia idealizada, escrita com propósitos de veneração. O escritor afirma a santidade da pessoa e procura encontrar evidências na sua vida que a confirmem. Embora as primeiras biografias de Stein, escritas por Posselt, Miribel e Graef²²⁸, tenham examinado cuidadosamente suas contribuições intelectuais, sofrem desta limitação.

Posselt viveu com Edith no claustro e, como sua superior religiosa, mantiveram conversas confidenciais. Após a morte de Edith, recolheu depoimentos de suas antigas colegas e amigos. Tanto a biografia que escreveu como o arquivo de documentos que iniciou no claustro de Colônia foram importantes contribuições. Miribel escreveu anonimamente, como “uma monja francesa”, também incorporando

²²⁷ POSSELT, T.R. - *Op. Cit.*, p.118.

²²⁸ POSSELT, T. R. *Op. Cit.*; GRAEF, H., *The Scholar and the Cross: The Life and Work of Edith Stein*. London, Longmans and Green, 1955; HERBSTTRITH, W., O.C.D. *Edith Stein, A Biography*, San Francisco, Ignatius Press, Translated by Father Bernard Bonowitz, O.C.S.O., 1992.; KOEPEL, J. *Edith Stein: Philosopher and Mystic*. The Way of the Christian Mystics, vol.12. Collegeville, MN, Liturgical Press, 1990. Muitas outras biografias de Edith Stein foram escritas com propósito de divulgação, e algumas encontram-se relatadas na Bibliografia final deste trabalho.

depoimentos de pessoas que conheceram Edith, mas percebem-se preocupações teológicas ecoando em seu texto.

Graef entrevistou a ginecologista Erna Birbenstein, irmã de Edith, e muitos dos seus antigos alunos e colegas para a biografia que escreveu em 1955. Também examinou material do arquivo de Colônia e o arquivo de Husserl em Louvain, introduzindo Edith Stein para o público de língua inglesa. Traduziu alguns textos selecionados para seu livro publicado em 1956 e, em 1960, publicou a tradução do primeiro volume das obras completas de Edith Stein do alemão para o inglês, *Science of the Cross (Ciência da Cruz)*.

As publicações recentes sobre Edith Stein, apesar dos seus diferentes pontos de vista, apresentam sempre algum tratamento biográfico, como as de Koepke (1991) e de Herbstrith (1971/1992). Christian Feldmann, escritor e teólogo, escreveu uma sensível e bem elaborada biografia, *Edith Stein, Judia, Atéia e Monja*, em 1998, traduzida para o português e publicada pela EDUSC em 2001. Yann Moix (1968), filósofo, escritor e cineasta francês, nos presenteou com uma pequena biografia poética de Edith Stein, com algumas observações e reflexões sobre o sentido de sua vida e obra²²⁹. Müller e Neyer também escreveram uma biografia em 1998: *Edith Stein: Une Femme dans le Siècle*, traduzido para o francês em 2002. Outro trabalho interessante é *Il Libro dal sette sigilli – Edith Stein: Torah e Vangelo*, de Cristiana Dobner, carmelita, filósofa e tradutora que descreve a vida de Stein através das sete etapas da sua vida. Com grande riqueza de comentários e impressionante bibliografia, ressalta sua vocação ecumênica.²³⁰

²²⁹ MOIX, Y. *Mort et Vie d' Edith Stein*, Paris, Bernard Grasset, 2007.

²³⁰ DOBNER, C. *Op. Cit.*

3.2 - Diferentes Leituras

As diferentes leituras da obra de Edith Stein podem ser organizadas sob os pontos de vista: pedagógico, teológico, filosófico, feminista, judaico e psicológico/psicanalítico.

a) Leituras Pedagógicas

Quando Stein iniciou seu trabalho no Instituto Pedagógico em Münster, em 1932, viu-se desafiada a formular uma teoria pedagógica científica, consoante com as crenças católicas e com as teorias psicológicas da época. Em seu livro *A Estrutura da Pessoa Humana* tentou realizar esta tarefa. Suas conferências e artigos sobre a educação da mulher e seu papel na sociedade, de 1920-1930, já haviam tocado em algumas destas questões. Mas todo o seu trabalho sobre educação era preliminar, e quando perdeu seu posto em Münster ainda estava formulando uma proposta de reforma da educação. São escritos que estavam em elaboração não contemplando uma proposta acabada.

Do Tomismo deriva o princípio de que “a alma é a forma do corpo” e anterior ao corpo. Na medida em que a alma feminina é a fonte do corpo feminino, e requer educação apropriada, esta será diferente da educação oferecida ao homem. Para Edith, todas as profissões deveriam estar abertas à mulher mas praticadas de forma caracteristicamente feminina. Em sua opinião, a educação deveria estar de acordo com as características humanas em três níveis: da pessoa individual, do gênero e da natureza da condição humana. Além de diferirem em gênero, as pessoas também diferem por ‘tipo’, requerendo diferentes espécies de orientação pedagógica.

O pensamento pedagógico de Stein foi o primeiro a ser desenvolvido pelos seus discípulos acadêmicos no pós-guerra, sendo suas idéias desenvolvidas nos Estados Unidos por June M. Verbillion, (1960), Anselm Mary Maden (1962), seguidos por Oben (1979) e Baseheart (1966 e 1989).

Verbillion,²³¹ em sua tese de doutorado na Loyola University, em Chicago, apresenta inicialmente a biografia pessoal e filosófica de Stein para depois

²³¹ VERBILLION, J. *A Critical Analysis of the Educational Theories of Edith Stein*, Dissertation, Loyola University, Typescript, Apud SAWICKI, M. *Op. Cit.*, p. 201.

argumentar a respeito de seis teses ou princípios da teoria steiniana da educação. São elas:

- 1- Toda verdadeira educação se baseia no estudo da natureza do educando; do que se conclui que há necessidade de uma educação especificamente feminina, que ainda precisa ser desenvolvida;
- 2- O objetivo da educação de toda jovem deve ser a formação da pessoa que ela pode vir a ser; a educação deve ser personalizada, diferenciada.
- 3- A preparação tanto para o casamento quanto para o celibato deve ser dada a todas as jovens na escola de segundo grau;
- 4- O currículo nas escolas de meninas deve buscar o desenvolvimento integral da pessoa humana e incluir as características psicológicas femininas das suas alunas;
- 5- O ensino da religião às jovens deve enfatizar o exemplo de Maria, a Virgem Mãe, como o protótipo da pura feminilidade;
- 6- A escola deve procurar cultivar nas jovens uma consciência do *ethos* feminino de modo que ela possa encontrar satisfações femininas na vida e ao mesmo tempo prover a sociedade com os bens deste *ethos* feminino. (Trad. I. N.)

Em contraste, Madden²³² em seu trabalho de doutoramento é mais precisa filosoficamente, e historicamente objetiva, recupera os temas agostinianos – particularmente focando na afetividade, interioridade, solidariedade e cultura cristã – da teoria educacional de Stein. Estas duas análises oferecem uma introdução ao seu pensamento pedagógico, mas não são trabalhos sistemáticos. Oben²³³ (1979), por sua vez, fez uma tradução anotada do quinto volume das Steins Werke, *Die Frau*, para sua dissertação de doutoramento na The Catholic University of America, em que estuda temas da obra pedagógica de Stein, ressaltando a unidade entre sua

²³² MADDEN, A.M. *Edith Stein and the Education of Women: Augustian Themes*. Ann Arbor, MI: UMI, 1962. Doctoral Dissertation, St. Louis University. Apud SAWICKI, *Op. Cit.*, p. 201.

²³³ OBEN, F.M. *Na Annotated Edition of Edith Stein's Papers on Woman*, Ann Arbor, MI: University Microfilms, 1979. Apud SAWICKI, M. *Op. Cit.* p. 202. Oben afirma que converteu-se do Judaísmo para o Catolicismo em 1960, e que aprendeu alemão com o único propósito de ler os trabalhos de Stein.

vida e obra. Baseheart²³⁴ publicou artigos sobre a teoria educacional de Stein em 1966 e 1989, que serão discutidos mais adiante.

Na França, Éric de Rus, escreveu *L'Art D'Éduquer Selon Edith Stein- Anthropologie, Éducation, Vie Spirituelle*, publicado na coleção Études Steiniennes, (2008)²³⁵. Filósofo e familiar da tradição carmelita, Rus procura dar uma coerência interna aos textos esparsos de Stein sobre educação, enraizando-os no seu pensamento filosófico e na sua experiência mística.

Em português podemos contar com a dissertação da Irmã Jacinta Turolo Garcia, A.S.C.J., *Edith Stein e a Formação da Pessoa Humana*²³⁶, apresentada na Universidade Urbaniana, de Roma. A autora foi durante muitos anos reitora da Universidade do Sagrado Coração, de Bauru (SP), e também a responsável pela tradução das obras de Edith Stein para o português. Neste trabalho, destaca os fundamentos filosóficos que motivaram sua ação formativa, captando a originalidade de sua visão de pessoa humana e a consequente teoria que dela deriva.

b) Leituras Teológicas

A partir de 1920, com a sua conversão, o trabalho de Stein foi orientado e assimilado pela filosofia sancionada pela Igreja Católica. A recepção entusiasmada de seu trabalho pelos filósofos de orientação escolástica chamou a atenção dos teólogos, mas não chegou a ser desenvolvida. As Resenhas de *Endliches und ewiges Sein (Ser Finito e Ser Eterno)*, produzidas na década de 1950, têm certa semelhança com o tom das resenhas da tradução de Tomás de Aquino feita por Stein nos anos de 1930²³⁷.

Os anos de 1950 e 1960 foram um período de transição para a teologia católica. A escolástica falhara em oferecer qualquer engajamento construtivo para as questões religiosas e sociais da Europa do pós-guerra, assim como tinha sido impotente perante a ascensão ao poder de Hitler. A renovação do pensamento teológico católico surgiu nas jovens igrejas da África e da América Latina, no

²³⁴ BASEHEART, M. C. *The Encounter of Husserl's Phenomenology and the Philosophy of St. Thomas in Selected Writings of Edith Stein*. Phd.Dissertation, University of Notre Dame, 1960; Idem, "Edith Stein's Philosophy of Woman and of Women's Education", *Hypatia* 4, pp. 120-131. Apud SAWICKI, Op. Cit. p. 201.

²³⁵ RUS, E. *L'Art D'Éduquer Selon Edith Stein- Anthropologie, Éducation, Vie Spirituelle* Ad Solem, Les Éditions du Cerf, Éditions du Carmel, Paris, Toulouse, Genève, 2008.

²³⁶ GARCIA, A.T. *Edith Stein e a Formação da Pessoa Humana*, São Paulo, Loyola, 1987.

²³⁷ SAWICKI, M., Op. Cit., p. 202.

movimento litúrgico, em investigações históricas e críticas dos textos originais do cristianismo e do judaísmo, no 'existencialismo cristão' e 'tomismo transcendental' de uma geração que se inspirava em Heidegger e seus seguidores. Estas correntes teológicas moveram-se em direção ao concílio ecumênico do pós-guerra, conhecido como Concílio Vaticano II, e ignoraram o trabalho de Edith Stein.

Além dos trabalhos hagiográficos, não apareceram muitos estudos teológicos acadêmicos até o de Guilead²³⁸ sobre a filosofia de Stein para a edição francesa oficial das suas obras, em que faz uma interpretação teológica do seu trabalho, segundo a qual Stein 'progredira' da fenomenologia para a ciência da cruz, e teria rompido completamente com a fenomenologia ao se batizar em 1922. Barukinamwo²³⁹, um estudante africano em Roma, também escrevendo em francês, examinou os temas da criação e da transcendência nos últimos trabalhos de Stein. Relegou sua fenomenologia a um tratamento preliminar, como se fosse um mero fato biográfico e, em 1990, adaptou o pensamento de Stein para um contexto cultural africano.

Fora dos meios acadêmicos o interesse teológico por Stein continuava. Waltraud Herbstrith, membro do Carmelo de Colônia, publicou, nos anos 60 e 70, vários ensaios sobre temas espirituais da vida e trabalho de Stein. Nos anos 80, a reforma pós-concílio aumentou o interesse pela teologia prática e espiritual e na formação litúrgica e encontraram Stein mais uma vez. Herbstrith editou livros sobre o diálogo judaico-cristão e espiritualidade, enfatizando o significado de Stein para um programa teológico para a mulher. Também editou um livro de estudos filosóficos sobre Stein, com várias contribuições para revistas acadêmicas. Quando um novo claustro carmelita foi fundado pela comunidade de Colônia em Tübingen, Herbstrith, mudando-se para lá, incentivou o interesse pelo trabalho de Stein.²⁴⁰

²³⁸ GUILÉAD, R. *De la Phenomenologie à la Science de la Croix: L'itinéraire d'Edith Stein*, Philosophes Contemporaines: Textes et Etudes 17. Louvain: Editions Nauwelaerts, 1974.

²³⁹ BARUKINAMWO, M. *Edith Stein: Pour une Ontologie Dynamique, Ouverte à la Transcendence Totale*. European University Studies, series 23: Theologie, vol. 169. Frankfurt, Peter Lang. Apud SAWICKI, *Op. Cit.*, p. 203.

²⁴⁰ A maior parte das obras estão disponíveis apenas em alemão. Em inglês: HERBSTTRITH, W. *Edith Stein, a Biography*, San Francisco, Ignatius Press; e Idem (Ed.) *Never Forget, Christian and Jewish Perspectives on Edith Stein*, Washington, D.C., ICS Publications, Institute of Carmelite Studies, Translated by Susanne Batzdorff, 1998. Em italiano: *Edith Stein, vita e testimonianze*, Roma, Città Nuova, Traduzione dal tedesco a cura della Redazione di Città Nuova Editrice, IV edizione, dicembre 1998, que traz em anexos alguns documentos.

Podemos distinguir pelo menos duas direções de interpretação de inspiração teológica que utilizam Stein: Kalinowski²⁴¹, que aproxima Stein de Karol Wojtyła, como uma filósofa da pessoa, procurando aliar o Tomismo e a fenomenologia como nos anos 1930. Herbstrith e outros colocam Stein como uma ponte para o diálogo entre Judeus e Cristãos – mas em termos não aceitáveis para muitos judeus.

c) Leituras Filosóficas

Interesses confessionais estimularam e guiaram a recepção filosófica de Stein pelo menos até os anos 70. Na década de 30, seu trabalho sobre Tomás de Aquino fora aplaudido publicamente pelos escolásticos e visto como a grande esperança de Przywara e outros de que era possível uma síntese de Platão, Aristóteles e Tomás de Aquino, para instrumentalizar o século XX com as ferramentas conceituais necessárias para enfrentar a epistemologia contemporânea e os desafios sociais. Esses filósofos escolásticos viram o movimento fenomenológico como um aliado em sua batalha contra o idealismo relativista Kantiano.

Os escritos de Stein foram lidos como o trilhar de uma peregrina que caminha para a Terra Santa carregando consigo provisões valiosas colhidas no jardim de Husserl. Chama a atenção o fato de que a publicação póstuma de sua obra principal, *Ser Finito e Ser Eterno*, tenha provocado, vinte anos depois, a mesma reação à sua tradução de Tomás de Aquino na década de 30, apesar de tudo o que acontecera na Europa. Na verdade, a escolástica parece ter arrefecido depois da Segunda Grande Guerra e da *Shoah*.

De toda a forma, podemos identificar a apropriação de Stein pela escolástica como uma parte importante da recepção filosófica ao seu trabalho.²⁴² Já em 1942, o filósofo americano James Collins publicara uma discussão detalhada da fenomenologia de Stein, comentando a sua dissertação e os seus três artigos

²⁴¹ KALINOWSKI, G. "Edith Stein et Karol Wojtyła sur la personne". *Revue Philosophique de Louvain* 82, pp. 545-561. Reimpresso em *Autour de "Personne et Acte" de Karol Cardinal Wojtyła: Articles et Conférences sur une Rencontre du Thomisme avec la Phenomenology*. Aix-en-Provence: Presses Universitaires d'Aix-Marseille, 1987.

²⁴² Não pretendo aqui fazer um levantamento exaustivo da literatura, apenas identificar algumas interpretações. As informações sobre a literatura alemã a respeito de Stein, devo ao trabalho de Marianne Sawicki, *Op. Cit.*

publicados no *Jahrbuch*²⁴³. Concordava com Przywara em relação ao realismo de seu pensamento.²⁴⁴

Apesar de precedida por outros trabalhos, aqui citados, sobre as ideias educacionais de Stein e por várias resenhas publicadas em revistas especializadas, pelas introduções críticas à publicação das obras de Edith Stein em alemão (*Edith Steins Werke*), que datam de 1950, pode-se dizer que os Estudos Steinianos, propriamente ditos tiveram início em 1960 com a tese de doutoramento de Mary Catherine Baseheart na University of Notre Dame²⁴⁵. Nela Baseheart examinou os cinco pontos de comparação entre Husserl e Tomás discutidos por Stein em seu artigo de 1929, corroborando-o com o trabalho mais maduro *Eddliches und ewiges Sein (Ser Finito e Ser Eterno)*, e identificando pela primeira vez a originalidade de alguns aspectos de seu pensamento, como a questão da individuação.

A filosofia francesa do pós-guerra abraçou a fenomenologia através do existencialismo, que se tornou o idioma da reflexão sobre os problemas pessoais e sociais da vida europeia dos meados do século XX. Dubois chegou a publicar em 1973 um ensaio na *Revue Thomiste* tentando recuperar a síntese da fenomenologia e da escolástica que começara em Juvissy em 1932.²⁴⁶

Os estudos steinianos receberam um reforço inesperado em 1979 com a eleição para o papado de Karol Wojtyla, filósofo que escrevera sua dissertação sobre Max Scheler e que havia sido treinado no ramo ‘realista’ da fenomenologia, praticada por Stein e por seu amigo polonês Roman Ingarden. Tanto no método quanto nos tópicos de interesse, havia muito em comum entre Stein e o novo Papa, e lembramos aqui o trabalho de Kalinowski²⁴⁷ de 1984, que comparou o tratamento da pessoa dado por eles.

²⁴³ *Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu (Causalidad Psíquica e Individuo y Comunidad) e Una Investigación sobre el Estado* in OCES, Vol. II, pp. 217-342; 343-522; 523-656, respectivamente.

²⁴⁴ COLLINS, J. “Edith Stein and the Advance of Phenomenology”, in: *Thought* 17, December 1942, pp. 685-708. Ver também “Edith Stein as a Phenomenologist”, in: *Three Paths in Philosophy*, pp. 85-105, Chicago, Henry Regnery, 1962. Reprinted and expanded in 1969 as *Crossroads in Philosophy*.

²⁴⁵ BASEHEART, Mary Catharine, *The Encounter of Husserl’s Phenomenology and the Philosophy of St. Thomas in: Selected Writings of Edith Stein, Doctorate Dissertation*, University of Notre Dame, 1960. Apud SAWICKI, *Op.Cit.*, p. 205.

²⁴⁶ DUBOIS, M. J. “L’Itinéraire Philosophique et Spirituel d’Edith Stein”, *Revue Thomiste* 73, pp. 181-210.

²⁴⁷ KALINOWSKI, G. “Edith Stein et Karol Wojtyla sur la Personne”, *Revue Philosophique de Louvain*, 82, pp. 545-561.

Em 1988 Florent Gaboriau²⁴⁸ publicou uma discussão em quatro partes sobre a vida e obra de Edith Stein na *Revue Thomiste*, reimpressa como livro no ano seguinte. Retratava Stein como uma peregrina que deixou a fenomenologia, encontrou o Tomismo e teria elaborado a base para a construção de uma frutífera filosofia escolástica contemporânea.

Enquanto nos Estados Unidos a biografia de Graef e as traduções publicadas nos anos 1960 atraíram a atenção de leitores interessados em santos, Baseheart lutava praticamente sozinha para conseguir o reconhecimento de Stein entre os filósofos. Em 1981 apresentou um trabalho sobre Stein na *American Catholic Philosophical Association*, que culminou com a realização da conferência sobre o trabalho de Stein em 1984.²⁴⁹ Nesta oportunidade, McInerny²⁵⁰ questionou por que a filosofia de Stein fora tão amplamente ignorada? Sua análise histórica difere marcadamente da proposta por Sawicki, ao afirmar que o Tomismo, incluindo a filosofia de Stein, era ignorado porque os filósofos católicos não se mostravam ‘dóceis’ à visão oficial eclesiástica que advogava o estudo de Tomás de Aquino. A própria Stein, diz McInerny, voltou-se num primeiro momento para o estudo de Tomás de Aquino porque seguia a orientação dada pela Igreja. Também prediz que Stein voltaria a ser foco dos estudos, junto com Jacques Maritain e Tomás de Aquino, o que realmente aconteceu.

O momento da publicação dos trabalhos de Stein parece também ter influído no grau e tipo de interesse que despertou. Na Alemanha foram publicados primeiramente seus trabalhos de maturidade enquanto que nos Estados Unidos a sua biografia foi mais enfatizada. A ordem Carmelita, responsável pelas publicações americanas, priorizou o uso devocional de Stein, enquanto que seus trabalhos filosóficos mais importantes demoraram para serem traduzidos para o inglês.

O movimento feminista dos anos 70 influenciou também a natureza e o grau de interesse por Edith Stein, nos Estados Unidos. A tentativa de recuperar tanto as filosofias elaboradas por mulheres quanto sobre a mulher levou muitos estudiosos a (re)descobri-la. Artigos escritos por Herbstrith e Baseheart para enciclopédias testemunham esta tendência acadêmica e asseguraram a entrada de Stein no

²⁴⁸ GABORIAU, F. “Edith Stein Philosophe”, *Revue Thomiste* 88, pp. 87-101, 256-277, 440-459, 589-619.

²⁴⁹ Patrocinada pelo Institute of Carmelite Studies de Washignton, D.C., pela School of Philosophy e pela Friends of the Library of the Catholic University of America. Ver *Carmelite Studies* 4 – para a publicação dos trabalhos desta conferência.

²⁵⁰ McInerny, R. M. “Edith Stein and Thomism” *Carmelite Studies* 4, pp. 74-87.

cânone filosófico. O aumento de publicações sobre Edith Stein a partir da década 80 se deveu em parte pelo crescimento do interesse pela filosofia das mulheres e, em parte, pelo descrédito em que recaiu Heidegger, por seu apoio ao nacional-socialismo, e a consequente ampliação do interesse por outras figuras de sua época.

Além disso, Baseheart criou o *Edith Stein Center for Study and Research* na Spalding University, EUA, posteriormente sob a orientação do Dr. John Wilcox, e que mantém um arquivo e um programa anual de conferências. Em 1984 realizou-se um simpósio na The Catholic University of America e também conferências em Rolduc (1991) e Eichstatt (1993), seguidas de publicações. Consta-se que, cada vez mais, Stein vem sendo colocada em seu próprio contexto filosófico e objeto de uma discussão crítica comparativa.

Nos anos 90, Stein deixou de ser interpretada como a filósofa católica “típica”, despontando como o exemplo brilhante da mulher católica profissional. Os estudos steinianos finalmente passaram a ter as mesmas características dos estudos filosóficos em geral: reconstrução histórica, análise interna e comparativa e sua aplicação a novos problemas.

Podemos identificar cada vez mais estudos com preocupações acadêmicas que procuram aprofundar algumas questões específicas e fazer algumas leituras diferenciadas de Edith Stein. Entre estes está a citada tese de doutoramento de Marianne Sawicki, de 1997, que, além de tratar de um grande número de problemas filosóficos e históricos importantes, considera várias das interpretações de Stein, a partir de uma grande bibliografia, com artigos em várias línguas, e que foi uma grande fonte de informações para nós. Procura fazer uma avaliação crítica da fenomenologia de Edith Stein, apresentando o modelo de *constituição* steiniano desde os seus primeiros trabalhos fenomenológicos, contrastando com o de Husserl. Segundo a autora, os dois divergem a respeito da compreensão da constituição do sujeito e as áreas onde parecem concordar devem-se ao trabalho feito por Stein para a edição dos manuscritos de Husserl. Sawicki articula a teoria da pessoa de Stein com a hermenêutica desenvolvida a partir dela. Embora controverso, o trabalho de Sawicki é central na literatura em inglês sobre a fenomenologia de Stein.²⁵¹

²⁵¹ Ver também SAWICKI, M. “Personal Connections: The Pre-Baptismal Philosophy of Edith Stein”, in: www.baltimorecarmel.org e a Introdução à tradução para o inglês de *Philosophy of Psychology*

Sem dúvida, tem sido fundamental a contribuição no âmbito filosófico dos inúmeros trabalhos de Angela Ales Bello, da Universidade Lateranense de Roma, também diretora do *Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche*, com sede naquela mesma cidade, filiado a *The World Phenomenology Institute* (Hanover, N.H. USA). Ales Bello tem desenvolvido incessantes pesquisas, participado em inúmeros colóquios e publicações sobre Edith Stein, além de ter vindo regularmente ao Brasil para ministrar cursos e conferências. Incentiva e influencia as pesquisas nas universidades brasileiras sobre Edith Stein, onde já encontramos alguns núcleos de estudos steinianos, como em Belo Horizonte, Ribeirão Preto, São Paulo e Fortaleza, entre outras.

Entre os trabalhos de Angela Bello, publicados em português, destacamos *A Fenomenologia do Ser Humano - Traços de uma Filosofia no Feminino*, com tradução de Antonio Angonese, (2000). Neste estudo a autora apresenta o método fenomenológico e discute as diferentes contribuições de Hedwig Conrad-Martius, Edith Stein e Gerda Walther. O livro *Fenomenologia e Ciências Humanas – Psicologia, História e Religião*, organizado e traduzido por Miguel Mahfoud e Marina Massimi, (2004), surgiu a partir de dois cursos ministrados por Bello em 2002 e 2003 no Brasil. Neste texto, os conceitos e as análises rigorosas possibilitam ao leitor um contato com a fenomenologia voltada para o concreto, realista, elaborada em oposição à crítica de abstração ou idealismo da fenomenologia de Husserl.

Em seu livro, *Edith Stein o Dell'Armonia: Esistenza, Pensiero, Fede* (2009), Angela Bello discute a busca da harmonia em Stein, seu esforço filosófico para colocar em evidência o que é positivo: de procurar o equilíbrio e a harmonia, encontrando nela o sentido profundo de sua pesquisa. Traz também sugestões de linhas teóricas de pesquisa sobre o tema da harmonia, buscando a sua potencialidade como instrumento de compreensão da realidade, para além das oposições presentes.

Da Itália nos chegam muitos estudos sobre Edith Stein, desenvolvidos com a colaboração de Angela Ales Bello, ou sob sua orientação. Entre eles podemos

destacar os de Anna Maria Pezzella, de Francesco Alfieri e Serse Cardellini entre outros.²⁵²

Em 2001, Marco Paolinelli aprofundou uma temática particular e central na filosofia de Stein: a sua concepção de filosofia que nasce da sede de verdade do homem e a relação da filosofia com a fé. Antonio Calcagno também tem realizado vários estudos sobre Edith Stein, entre os quais destacamos *The Philosophy of Edith Stein*, através do qual procura engajá-la num contexto filosófico mais amplo, e levantar perguntas significativas relevantes para o mundo contemporâneo. Apresenta Stein no seu contexto histórico como uma filósofa viva, que nos oferece suas ideias e nos desafia a enfrentar as questões consideradas como vitais.²⁵³

Em 2002, Michael Andrews desenvolveu a dissertação *Contributions to the Phenomenology of Empathy: Edmund Husserl, Edith Stein e Emmanuel Lévinas*²⁵⁴, orientada por John Caputo, sobre a teoria da empatia de Stein. Focando na conexão entre epistemologia e ética situa o trabalho de Stein nas discussões da filosofia continental.

Em inglês, a coletânea editada por Joyce Avrech Berkman, em 2006, reuniu alguns dos mais importantes estudiosos de Stein da atualidade, representando uma contribuição valiosa e um incentivo acadêmico importante para os Estudos Steinianos. Neste livro encontramos também uma bibliografia assim como uma revisão da literatura em inglês, e algumas outras informações sobre as publicações em alemão, italiano e espanhol.

Em espanhol, além das obras completas com estudos introdutórios, têm sido publicadas várias coletâneas com tópicos variados, como a editada por Urbano Ferrer, *Para Compreender a Edith Stein, Claves Biográficas, Filosóficas y Espirituales* (2008); Francisco Javier Sancho Fermín (ed.), *Edith Stein: Antropología y Dignidad de la Persona Humana* (2009); Ciro García, *Edith Stein, Una Espiritualidad de Frontera* (1998), entre outras.

²⁵² PEZZELLA, A.M., *L'Antropologia Filosofica de Edith Stein, indagine fenomenológica della persona Umana*, Prefácio de Angela Bello, Roma, Città Nuova, 2003; Idem e BELLO, A. A. (Ed) *Edith Stein – Comunità e Mondo della Vita: Società, Diritto, Religione*, Città del Vaticano, Lateran University Press, 2008; SHAHID, M. e ALFIERI, F. (Ed.) *Il Percorso Intellettuale di Edith Stein*, Bari, Edizioni Giuseppe Laterza, 2009; Cardellini, S. *Filosofia Dal Volto Mistico – Edith Stein e Vladimir Soloviev*, Roma, Edizioni OCD, 2004, entre outros que podem ser encontrados na Bibliografia ao final deste trabalho.

²⁵³ PAOLINELLI, M., *La Ragione Salvata – Sulla 'Filosofia Cristiana' di Edith Stein*, Milano, Franco Angeli, 2001. CALCAGNO, A. *The Philosophy of Edith Stein*, Pittsburgh, Duquesne University Press, 2007.

²⁵⁴ PhD diss. Villanova University, Apud BORDEN, S. "Review of Literature in English on Edith Stein", in BERKMAN, J.A., *Op. Cit.*, 2006.

No Brasil, organizou-se desde novembro de 2005 o Grupo de Trabalho Edith Stein, hoje ligado à Faculdade Católica de Fortaleza e à Universidade Federal do Ceará, e que tem organizado cursos e simpósios sobre Edith Stein, além de manter um *blog* com muitas informações, congregando assim os pesquisadores sobre Edith Stein de vários estados brasileiros.

d) Leituras Feministas

Como mulher filósofa e filósofa que escreveu sobre a mulher, Stein despertou o interesse do movimento feminista contemporâneo, principalmente nos EUA, conforme já mencionado. Ela mesma se dizia uma feminista em 1919, período em que estudava em Breslau e Göttingen e lutava pelo direito de voto das mulheres assim como pela educação das mulheres trabalhadoras.

Stein não apenas escreveu *sobre* mulheres, mas ela *era* uma mulher, e este é um componente explícito da sua teorização. Via as mulheres como essencialmente diferentes dos homens e que deveriam receber uma educação especial. Como monja se ligou a uma comunidade fechada de mulheres e dirigiu a maior parte de sua correspondência às suas amigas mulheres.

Embora alguns coloquem Stein em oposição ao feminismo, como Verbillion (1960), há aqueles que enfatizam os contrastes entre Stein e as feministas contemporâneas (Oben, 1990) e outros que procuram pela continuidade entre os pensamentos e ações de Stein e os objetivos do movimento feminista da sua época e dos anos 90. McAlister (1989), por exemplo, considera como evidente o feminismo de Stein:

Esta é a evidência do feminismo de Edith Stein: seu apoio juvenil ao movimento pelo direito das mulheres, sua amizade e apoio a outras mulheres na filosofia; sua disposição de lutar pelos seus próprios direitos e de outros em face da discriminação; seus esforços para efetivar uma síntese do feminismo e do catolicismo romano, depois de sua conversão, e particularmente quanto à questão da educação das moças e das carreiras para mulheres; e a congruência entre seu pensamento religioso e o dos cristãos contemporâneos que buscam enfatizar uma teologia explicitamente inclusiva e feminista.²⁵⁵

²⁵⁵ McALISTER, L.L., "Feminist Saint? Edith Stein's Feminism", Florida International University Occasional Papers in Women's Studies, 1989, p.9, Apud SAWICKI, *Op. Cit.*, p. 210. (Trad. I.N.) McAlister é a editora de *Hypatia*, uma importante revista filosófica feminista em língua inglesa.

O artigo de Baseheart (1989) publicado na revista *Hypatia*²⁵⁶ chamou a atenção das filósofas feministas nos Estados Unidos sobre Stein. No mesmo ano, na Alemanha, Gerl²⁵⁷ publicou uma seleção de escritos de Stein sobre a questão da mulher, reintroduzindo Stein na conversa filosófica feminista naquele país. A beatificação de Stein em 1987 promoveu sua afirmação dentro da literatura teórica feminista e dos *Woman's Studies*.

Algumas biografias de Stein procuraram apresentá-la como parte da história das mulheres, mas nem sempre de um ponto de vista feminista. Hebstrith (1992) buscou uma proposta para a compreensão do ser mulher baseada na vida e pensamento de Stein. Miles²⁵⁸ (1991), por sua vez, tentou apresentar Stein como uma chave interpretativa para compreender partes obscuras do pensamento de Simone de Beauvoir, posicionando Stein e Beauvoir como bases para um encontro entre as filosofias de seus respectivos mentores, Husserl e Sartre. McAlister (1993) inseriu-a na discussão feminista sobre a questão da existência ou não de uma 'essência' feminina num contexto teórico mais amplo, dizendo:

Acredito que a filosofia de Stein sobre a mulher possa ser estudada por filósofas seculares feministas e que ela tem uma potencial contribuição a fazer à exploração da filosofia feminista. Não há uma diferença essencial, apenas diferenças de estilo, vocabulário, e ponto de partida, entre os esforços de Stein para compreender a extensão na qual as mulheres são socialmente construídas e os esforços feministas contemporâneos para explorar os mesmos problemas.²⁵⁹

Entre os artigos mais interessantes sobre a teoria steiniana da mulher encontramos o de Jane Kelley Rodeheffer: "On Spiritual Maternity: Edith Stein, Aristotle and the Nature of Woman" e o de Linda Lopez McAlister "Edith Stein: Essencial Differences". Mary Catharine Baseheart apresenta em seu artigo "On Educating Women: The Relevance of Stein", uma síntese das ideias de Edith Stein sobre a educação das mulheres. O artigo de Rachel Feldhay Brenner - "Edith Stein: A Reading of Her Feminist Thought"²⁶⁰ - nos oferece um bom sumário e uma análise da visão de Stein sobre a mulher, apontando para as tensões do seu pensamento e

²⁵⁶ BASEHEART, M.C. "Edith Stein Philosophy of Woman and of Woman's Education", *Hypatia* 4, pp. 120-131.

²⁵⁷ GERL, H.B. Apud SAWICKI, *Op. Cit.*, p. 210.

²⁵⁸ MILES, J. A. *Simone de Beauvoir and Edith Stein: A Philosophical Analysis of Feminism*, Ann Arbor, MI: UMI, Doctoral dissertation, Claremont Graduate School, Department of Philosophy, 1991.

²⁵⁹ McALISTER, L.L., "Edith Stein, Essential Differences", in: *Philosophy Today*, pp. 3770-77, Apud SAWICKI, M. *Op. Cit.*, p. 211. (Trad. I. N.)

²⁶⁰ Ver Bibliografia.

oferecendo interpretações úteis de como podemos compreender e, em alguma medida, resolver estas tensões.

Na França, seus textos sobre a mulher foram traduzidos em 2008, por Marie-Dominique Richard, do *Laboratoire d'Études sur les Monothéismes, Centre d'Études des Religions du Livre*, em Paris, com introdução, anotações e anexos.²⁶¹ No Brasil contamos com uma edição da EDUSC de 1999, elaborada a partir da edição alemã de 1959. Foi o primeiro texto de Stein vertido para o português²⁶².

e) Leituras Judaicas

Stein não apenas escreveu *sobre* judeus, como *era* judia. Trata explicitamente em seus escritos do significado de ser judeu principalmente na sua autobiografia e nos seus estudos sobre espiritualidade. Para ela, a categoria mais significativa é a de povo, uma comunidade espiritual e não apenas de sangue. Todos os leitores de Stein colocam estas questões da identidade judaica, na medida em que, pós-*Shoah*, todo ser humano consciente se pergunta como tudo isso aconteceu e como viver depois do acontecido.

A discussão sobre a identidade judaica alcançou um significado fundamental nos anos 1930, sob o nacional-socialismo. Segundo o ideário nazista, todos os escritos, de ficção ou científicos, que promovessem visões sociais liberais eram tachados como decadentes por terem sido inspirados e/ou produzidos “pelos judeus contra os vestígios da ‘pura alma ariana’”. Todos os textos de judeus, passados e presentes, eram suspeitos e sua publicação proibida enquanto expressão de “degeneração da raça e do povo judeu”, considerados como inferiores. Na prática, era difícil para os alemães distinguir as obras classificadas como degeneradas, pois antes eram apreciadas por eles e agora proibidas. Organizaram-se índices dos livros proibidos e a queima destes livros em praça pública, como nos tempos inquisitoriais. Por não serem distinguíveis dos arianos – alemães, polacos, tchecos ou holandeses,

²⁶¹ STEIN, E. *La Femme – Introduction, Traduction, Annotations et Annexes par Marie-Dominique Richard*, Les Éditions du Cerf, Les Éditions du Carmel, Ad Solem, Paris, Toulouse, Genève, 2008.

²⁶² STEIN, E. *Edith Stein, a Mulher, Sua Missão Segundo a Natureza e a Graça*, Trad. De Alfred J. Keller, Bauru, EDUSC, 1999.

os judeus foram obrigados a usar uma estrela amarela como “marca” do estigma imposto pelo Terceiro Reich.²⁶³

Stein, como muitos da sua época, distinguia raça e religião judaicas. Continuou se considerando judia mesmo após ter desistido da fé judaica na sua adolescência e aceito o batismo aos 30 anos. De acordo com esta visão, a judeidade, enquanto “identidade racial”, não era um impedimento para ser aceita na Igreja Católica que interpretava a judeidade como uma falha racial que poderia ser superada, desde que o interessado desistisse desta identidade e aceitasse o batismo.

Como vimos, esta foi a atitude que os cristãos tiveram com Stein durante sua vida. Seu mentor filosófico escolástico, Przywara, estava contente que sua protegida não parecesse judia. Os nazistas na Holanda haviam oferecido deixar os judeus batizados em paz se os bispos católicos concordassem com a deportação da população judaica não batizada. Oesterreicher incluiu Edith Stein entre os sete pensadores que discutem esta questão em um livro muito divulgado: *Walls Are Crumbling: Seven Jewish Philosophers Discover Christ*, publicado em 1953, que apresenta Stein como parte da onda final de conversões que deveria por fim à religião judaica, de uma vez por todas. Oesterreicher também interpretou Stein como uma convertida do feminismo.²⁶⁴

A beatificação de Edith Stein em 1987 provocou respostas negativas da comunidade judaica. Iniciou-se um diálogo. Herbstrith editou um livro com as perspectivas judaicas e cristãs sobre Stein e o significado de sua beatificação. Rico em informações sobre as reações cristãs e judaicas à sua beatificação e no qual não se tenta impor uma interpretação definitiva, o livro intitula-se *Never Forget: Christian and Jewish Perspectives on Edith Stein*. Este livro apresenta respostas diferentes que reconhecem que sua vida e obra permanecem um desafio para todos. Entre os mais de sessenta depoimentos sobre Edith, coletados por Hebstrith, nenhum tenta impor uma interpretação definitiva.

²⁶³ O ato hermenêutico mais decisivo a respeito dos judeus aconteceu na Antiguidade, quando os cristãos designaram as escrituras hebraicas como ‘Velho Testamento’. Afirmavam assim a obsolescência do *Tanach* para poder substituí-lo por um Novo Testamento, (ou acordo), entre a humanidade e a deidade. Entretanto, a continuidade da existência do povo do Testamento original lembra continuamente, aos cristãos, que seu ato hermenêutico fundamental não teve sucesso, e não poderia, portanto, ser atribuído à iniciativa do Ser superior, que tanto cristãos quanto judeus veneravam, o que foi reconhecido pelo Concílio Vaticano II.

²⁶⁴ OSTERREICHER, J. M. *Walls Are Crumbling: Seven Jewish Philosophers Discover Christ*, The Devin Adair Company, N. Y., 1952.

Nesta publicação encontramos o interessante ensaio de Nancy Fuchs-Kreimer que compara a conversão de Stein com a quase-conversão de Franz Rosenzweig: “Sister Edith Stein: A Rabbi Reacts”. Segundo ela, a diferença entre eles era que Stein, sendo mulher, não teve acesso às fontes judaicas da mesma maneira que Rosenzweig.

Há muitos pontos nos quais as interpretações judaicas e católicas sobre Stein divergem, mas duas questões apresentam um significado especial: se Stein ainda deveria ser considerada judia e o significado de sua morte em Auschwitz. Para seus parentes judeus que sobreviveram, Edith Stein permanece judia. Sua sobrinha, Susanne Batzdorff, tinha doze anos quando falou pela última vez com sua tia, antes de ela entrar para o Carmelo e contribuiu com diversos ensaios sobre Edith, em alemão e em inglês, tendo também traduzido alguns de seus trabalhos para o inglês.

Sinto, como minha mãe, que morreu em 1978, que Edith Stein foi um ser humano que realizou muito, contribuiu para a literatura filosófica e religiosa, ganhou o amor e admiração de muitos e morreu uma morte horrível. Embora fosse uma católica, que abraçou a Fé escolhida com alegria e devoção, no final não foi separada daqueles que permaneceram judeus e foram mortos porque eram judeus.²⁶⁵

Batzdorff afirma que Stein morreu *porque era judia*. Ao sair do claustro levada pelos guardas da SS, Edith teria dito à sua irmã Rosa que, nervosa, chorava: “*Vem, vamos para o nosso povo*”. Se Edith Stein morreu porque era judia, e não por sua fé cristã, como pode ser interpretada como uma mártir de Cristo? Para Batzdorff ela morreu “com o seu povo” e não “para seu povo”:

O Judaísmo não reconhece o martírio como um ato de estar no lugar de um outro ser humano. Cada ser humano tem que dar conta, frente a Deus, de suas próprias ações. Não há intermediários. Além disso, a ideia de que Edith morreu ‘por seu povo’ é insustentável de acordo com nossa fé. Nos últimos dias amargos de sua vida ela pôde ver muito claramente que não haveria possibilidade de se falar em estar no lugar por ninguém mais. Tornou-se seu próprio destino morrer com seu povo, não para seu povo. Sua morte sacrificada foi uma morte como a de milhões de judeus que morreram com ela. Foi consequência não de uma decisão livre, mas do capricho brutal de um ditador (...). Para ela não havia nenhuma escolha ou qualquer saída.²⁶⁶

²⁶⁵ BATZDORFF, S. “A Martyr of Auschwitz” in BATZDORFF, S. (Ed.) *Edith Stein: Selected Works*, Springfield, IL, Temple Publishers, 1991, pp. 103-113. (Trad. I. N.)

²⁶⁶ BATZDORFF, S. “Edith Stein aus der Sicht der Verwandten” Afterword to *Edith Stein und das Judentum*, 130-139, 2nd edition, By Matthias Böchel. Ramstein, Paqué, 1991, Apud SAWICKI, M, *Op. Cit.*, p. 214. (Trad. I. N.)

A coletânea organizada por Harry James Cargas - *The Unnecessary Problem of Edith Stein* - nos traz também alguns textos interessantes que discutem a questão judaico-cristã presente na história, conversão e canonização de Edith Stein.²⁶⁷

Uma das interpretações mais críticas sobre o judaísmo de Stein aparece na *Lettre Ouverte au Cardinal Lustiger*²⁶⁸, publicada pelo cientista político Raphael Draï.²⁶⁹ Discutindo os historiadores revisionistas que procuraram minimizar ou mesmo negar os horrores da *Shoah*, Draï vê este programa negacionista como uma espécie de segundo Holocausto, agora retórico. O não reconhecimento da *Shoah*, deliberado e calculado, seria, segundo sua interpretação, uma dupla negação: uma denegação que aniquila o aniquilamento do povo judeu. Draï vê várias ações oficiais do Papa João Paulo II como cúmplices deste programa. Entre elas: indicação de Lustiger, um convertido do Judaísmo, como cardeal arcebispo de Paris, a beatificação de Edith Stein e de Maximilian Kobe, que morreu no lugar de um amigo prisioneiro em Auschwitz, e a universalização de Auschwitz, designando-o como um espaço-símbolo do Holocausto, enquanto crime contra a Humanidade.²⁷⁰

Estas atitudes são citadas por Draï para mostrar como a política papal procurou “apagar” os judeus da história do século XX através de uma retórica estratégica enganadora. Tais ações teriam reflexos diretos sobre a interpretação feita de Stein. Primeiro: a conversão de Lustiger levanta a questão de como determinar a identidade judaica. Draï diz que Lustiger permaneceu judeu de acordo com a lei tradicional religiosa (*Halachah*) e cita casos históricos de pessoas que, apesar de terem sido apóstatas em tempos turbulentos, continuaram a ser reconhecidas como judeus. Mas pela Lei israelense do retorno, Lustiger não seria julgado elegível hoje para obter a cidadania no Estado de Israel. Como consequência, embora os parentes de Edith continuem a vê-la como judia, é improvável que uma corte israelense lhe concedesse a cidadania, se tivesse sobrevivido e quisesse emigrar para Israel.

²⁶⁷ CARGAS, H. J. *The Unnecessary Problem of Edith Stein Studies in the Shoah*, vol. IV, Laham, New York, London, University Press of America, 1994.

²⁶⁸ Jean-Marie Lustiger (1926-2007), filho de pais judeus poloneses que viviam na França desde o início do século XX, quando criança durante a ocupação alemã da França foi escondido por uma família católica em Orleans, que o batizaram em 1940. Tornou-se padre e mais tarde Cardeal, publicou muitos livros e foi eleito para a Academia Francesa. Sua mãe morreu em Auschwitz, seu pai sobreviveu.

²⁶⁹ DRAÏ, R. *Lettre Ouverte au Cardinal Lustiger sur l'Autre Revisionnisme*. Aix-em-Provence, Éditions Alínea, 1989.

²⁷⁰ CARNEIRO, M.L.T. *Holocausto, Crime contra a Humanidade*. São Paulo, Ática, 2001.

Segunda questão: Draï também detecta um re-aniquilamento retórico dos judeus na decisão de destacar a morte de Kolbe como um exemplo de auto-sacrifício. Kolbe, um padre católico, trocou de lugar com um pai de família que, com sua morte, seria condenada a morrer de fome no campo. Mas o homem poupado através da generosidade heróica de Kolbe era um amigo cristão, embora o campo estivesse cheio de judeus morrendo todos os dias. Draï não duvida que devem ter ocorrido muitos atos heróicos de cristãos para ajudar os judeus; apenas pergunta por que estes atos foram negligenciados, de modo a chamar a atenção e reconhecer a santidade de algo que aconteceu entre cristãos ?

Terceira questão: para Draï, o Papa estava tentando retirar o significado de Auschwitz para os judeus, na medida em que a palavra *judeu* raramente era mencionada pelo Papa quando falava de Auschwitz. No imaginário católico, o campo se tornou como um Gólgota, a colina onde Jesus morreu, e a Polônia tornou-se a nova Terra Santa. Poloneses, que poderiam considerar-se com alguma responsabilidade pelo que aconteceu em seu território, pelo contrário, se veem como tendo uma vocação cristológica, de que Auschwitz seria a confirmação. Assim, a celebração dos dois alegados martírios cristãos ocorridos em Auschwitz – Kolbe e Stein – romantizam o lugar e obscurecem o fato de que quase foi possível realizar o objetivo para que estavam designados: acabar com o povo judeu.

Draï critica a própria Edith Stein, dizendo que ela era, e deliberadamente permaneceu, ignorante das tradições filosóficas de seu próprio povo. Sua proclamada busca pela verdade foi um desvio da *Mishnah* e do *Talmud*. Ela pôde comparar Husserl com Tomás de Aquino, mas não com Maimônides. Traduziu obras clássicas do inglês e do latim, mas não do hebraico. Sawicki concorda com Draï, e lembra que após o seu batismo Stein rezava muitas horas usando um breviário romano, baseado em grande parte na tradução dos Salmos, do Antigo Testamento. A versão hebraica destas rezas, acrescenta Sawicki, é muito linda, e mais ainda para um cristão ao se dar conta que estas mesmas sílabas um dia também estiveram presentes na fala e no coração de Jesus. Edith escolheu alimentar seu espírito com estes textos, mas em latim.

Quanto à beatificação de Edith Stein, citamos aqui a opinião do Grão Rabino de Israel, Lau, ele mesmo um sobrevivente da *Shoah*:

Até agora me recusei em responder a respeito deste acontecimento e quando o Cardeal Cassidy veio a Jerusalém pedir a minha opinião a respeito das conclusões da comissão sobre este assunto, eu respondi que não concordava. Na época se tratava de uma posição ética e de princípio. Também expressei a minha opinião ao Cardeal Lustiger, quando de sua visita à Universidade de Tel Aviv, para realizar uma conferência perante estudantes judeus, no dia comemorativo da *Shoah*, sobre o tema "Onde Estava Deus". Na qualidade de rabino e não na qualidade de sobrevivente da *Shoah*, me senti na obrigação de dizer publicamente que o Cardeal Lustiger não podia ser o representante das vítimas do Shoah e muito menos do judaísmo. Quando então o Vaticano resolve canonizar alguém que se converteu ao cristianismo, muito antes da tragédia do povo judeu e lhe atribui um diploma sob o nome de Teresa e não Edith, isto não me parece merecer uma reação do grande rabino de Israel.²⁷¹

f) Leituras Psicológicas e Psicanalíticas

Apesar do interesse de Edith Stein pela psicologia e pelo ser humano, seus trabalhos não despertaram o interesse da psicologia e da psicanálise até recentemente. Sem dúvida isto se deve à pouca divulgação de suas obras nos meios acadêmicos e, principalmente, ao pouco interesse da psicologia e principalmente da psicanálise em manter um diálogo mais intenso com a filosofia, em especial com o campo da filosofia da religião, pelo menos até pouco tempo. Também por influência das ideias sobre religião vistas como uma ilusão, desde S. Freud e compartilhada por muitos ainda hoje.

Nos últimos anos, entretanto, psicólogos e psicanalistas vêm cada vez mais se interessando pelos estudos da religião e da religiosidade.²⁷² No Brasil, alguns têm se interessado também pela obra de Stein e suas contribuições teóricas. Entre eles podemos citar, em Belo Horizonte, Miguel Mafouhz; em Ribeirão Preto, Marina Massimi e Cristiano Barreira; em São Paulo, Andrés Eduardo Aguirre Antunez, da Universidade de São Paulo, e que faz uma interface entre psicopatologia e psicoterapia, além de vários outros. São trabalhos que procuram utilizar os instrumentos que Stein elaborou a partir da fenomenologia, como a empatia, a sua crítica fenomenológica às metodologias das ciências humanas, entre outros, numa aproximação da psicologia.

Em sua elaboração da clínica psicanalítica contemporânea, Gilberto Safra tem estudado profundamente as ideias de Edith Stein, junto com as de outros filósofos e

²⁷¹ Entrevista efetuada por Shmuel Meyer do jornal ACTUALITÉ JUIVE, publicado in <http://www.riotal.com.br/comunidade-judaica/juda9d8.htm>.

²⁷² Ver BLACK, DAVID M. (ed.) *Psychoanalysis and Religion in the 21st Century, Competitors or Collaborators?* London and New York, Routledge, 2006; AMATUZZI, M. M. (org.) *Psicologia e Espiritualidade*, São Paulo, Paulus, 2005, por exemplo.

do psicanalista do Middle Group, D. W. Winnicott, elaborou a teoria e a técnica de uma clínica baseada na ontologia.²⁷³

A participação de Edith Stein na elaboração desta clínica é fundamental, na medida em que põs em questão o potencial de adoecimento do ser humano, decorrente da perspectiva epistemológica de uma determinada teoria, o que é muito importante para o psicanalista que pode ver também na situação clínica modos de subjetivação e sofrimentos decorrentes da psicoligização da cultura.

Ao descrever de modo bastante rigoroso o modo humano de ser, Stein também traz uma contribuição fundamental aos psicanalistas - acostumados a abordar a situação clínica por meio de modelos antropológicos, mecânicos, hidráulicos, geométricos, etc. - ampliando o olhar clínico, sem precisar se afastar do modo como o ser humano acontece.

Stein abordou também em suas pesquisas a corporeidade humana, nos auxiliando a compreender de maneira profunda a linguagem dos órgãos e os fenômenos psicossomáticos. Também demonstrou fenomenologicamente o registro do espírito no ser humano, como algo não só ligado à razão, mas à abertura para o sentido, perspectiva bastante fecunda para a abordagem na clínica do sofrimento como um saber. É a partir desta visão teórica que nos colocamos para a realização do presente trabalho.

Muitos leitores de Edith Stein até recentemente parecem abdicar da responsabilidade de avaliar suas obras, estabelecendo apenas uma “doutrina steiniana”, da mesma forma como ela leu Tomás de Aquino e outros textos clássicos cristãos, após o seu batismo, mas de uma maneira bastante diferente de como havia lido Husserl. Edith Stein tem sido elevada a ídolo pelos estudiosos e tem sido um objeto de estudo, mas muitas vezes tem sido vista como uma entidade acabada, um conjunto completo de obras.

Os estudos steinianos têm seguido muitas vezes uma linha histórica e analítica, mas não o pensamento filosófico da própria Stein. Podem servir a propósitos pedagógicos, mas não levam a um pensamento filosófico como o que ela própria praticava e ensinava. Segundo Sawicki, isto se deve às dificuldades encontradas no estudo da fenomenologia, em que Stein é vista como uma

²⁷³ Ver SAFRA, G. *A Po-ética na Clínica Contemporânea*, Aparecida, Editora Idéias e Letras, 2004; Idem, *Hermenêutica na Situação Clínica, o Desvelar da Singularidade pelo Idioma Pessoal*, coleção Pensamento Clínico de Gilberto Safra, São Paulo, Edições Sobornost, 2006.

especialista, e em parte à tragédia de sua morte, e a sua beatificação. Pouco ainda se discute sobre a gênese social de sua obra, suas pesquisas e resultados, o que acaba tendo o efeito de selar o pensamento de Stein no passado, e a impossibilidade de ser uma fonte viva para os desafios de hoje e de amanhã. Os trabalhos de Safra, assim como de outros pesquisadores brasileiros, neste sentido, mostram os frutos possíveis que podemos colher do trabalho de Stein, sua atualidade na crítica do mundo contemporâneo, assim como suas contribuições para pensarmos as questões que se colocam hoje aos psicanalistas, historiadores e profissionais das ciências humanas em geral.

A obra de Stein tem provocado atualmente discussões acadêmicas em diversas disciplinas - assim como nos movimentos sociais e religiosos e na mídia - que continuam se multiplicando rapidamente. Indicamos aqui apenas alguns destes trabalhos, que compõem o campo dos Estudos Steinianos, com o objetivo de mostrar o âmbito no qual estivemos nos movendo na elaboração do nosso próprio estudo.

IV- EM BUSCA DA VERDADE

4.1- Entre o Velar e o Revelar – O Idioma Pessoal

Refletir sobre meu percurso com Edith Stein, e sobre as questões que repercutiram em mim, integram a nossa análise. Edith é uma figura complexa e nela encontramos diferentes aspectos da experiência humana, intelectual, ética e religiosa, que nos falam da potencialidade e da singularidade do ser humano. Cada um de nós tem uma maneira própria de se colocar diante do mundo, de se apresentar frente à existência. Revelamos e velamos ao mesmo tempo as questões essenciais. Todos somos singulares, particulares, únicos no nosso modo de ser. Somos revelação e mistério.

Nascemos em um meio que pré-existe a nós, uma comunidade humana, com uma história que vem de nossos antepassados e, ao mesmo tempo, em que tudo é inédito. Somos, no melhor dos casos, recebidos por nossos pais e familiares, vivemos nossas primeiras sensações e percepções que aos poucos marcam nosso ser. Somos herdeiros de uma história ao mesmo tempo em que iniciamos e partilhamos de uma outra e as duas se conjugam e se transformam, no que será a base do nosso modo de ser, nosso estilo. Estes elementos constitutivos marcam nossa origem e pré-constituem um modo de viver que nos acompanha por toda a vida.

Com isto em mente, busquei me aproximar da singularidade de Edith: voltei-me para sua época, a história do início do século XX, procurei retratar o mundo em que nasceu, a cultura que a acolheu, a sua cidade, a história de sua família, seus ancestrais, assim como a sua história pessoal, através dos dados biográficos que pude reunir a partir de suas autobiografia, cartas e obras, relatos de seus amigos, professores e familiares.

Minha intenção não era apresentar uma biografia de Edith Stein, mas conhecer o mundo que a recebeu, os encontros, as relações que a marcaram e a influenciaram, procurando compreender suas escolhas, frente às situações que teve que enfrentar. Queria captar seu modo de sentir e perceber as experiências, a fim de acompanhar o seu jeito de apreender suas vivências, e os significados e sentidos particulares que deu a elas. Este trabalho resultou em uma reflexão sobre Edith Stein partindo de uma perspectiva da história social e da psicanálise

contemporânea, pela visão da clínica a partir do ontológico, como formulada por Gilberto Safra.

Para este percurso, parti do conceito de idioma pessoal, como proposto por Safra: *“a maneira pela qual a singularidade do ser humano aparece em seu modo de ser, em seus gestos, em sua linguagem e em seu estilo pessoal”*.²⁷⁴

O idioma pessoal fala de como cada um se posiciona a partir de sua origem familiar, social e cultural, para formular uma questão existencial, nem sempre consciente, e que o acompanha por toda a vida, sendo sempre reposicionada por novas experiências.

Minha preocupação foi de não trair a própria Edith, imputando-lhe interesses, sentidos e significados que não faziam parte de seu repertório, nem estiveram presentes em seu universo, ou surgiram apenas de forma marginal.

Li, escutei e olhei Edith, entre o que pôde revelar, e o que guardou como indizível sobre as experiências que viveu. Ao dizer, em sua autobiografia, relatos e suas cartas, também ocultou, também velou, na medida em que o viver humano não pode ser plenamente dito e entre o dito e não dito surge o falar poético. Como testemunha do seu tempo, Edith permite fazer surgir o poético, em que a palavra não é fechada, mas abre para o não dito. Talvez esta seja uma das razões porque Edith Stein é vista como uma figura emblemática de seu tempo, sua história toca profundamente as pessoas, expõe algo indizível, é aberta.

O conceito de *“solidão essencial”*, por outro lado, assinala que em cada ser humano há um cerne que jamais chega à comunicação e que é o ponto de partida do acontecer humano.²⁷⁵ Partindo da solidão essencial, o ser humano entra no mundo na condição de exilado, surpreendido, acolhido no abraço e no olhar de alguém, para que um lugar se estabeleça e um iniciar-se possa acontecer. É um lugar que preserva a fronteira de mundos e de possibilidades de estar.

O homem se encontra entre a fragilidade do entre: entre o dito e o indizível, entre o desvelar e o ocultar, entre o singular e o múltiplo, entre o encontro e a solidão, entre o claro e o escuro, entre o finito e o infinito, entre o viver e o morrer.²⁷⁶

²⁷⁴ SAFRA, G. *Hermenêutica...*, Op. cit., p. 82.

²⁷⁵ SAFRA, G. *Op. Cit.*, p.24.

²⁷⁶ Idem, p. 24.

“Nenhum homem nos conhece perfeitamente como somos, e nós mesmos tampouco nos conhecemos”, diz Edith²⁷⁷, Quando questionada sobre sua conversão, respondia em latim: “isto é meu segredo”.

A visibilidade também é necessária ao ser humano, mas na medida em que permite o mistério, o segredo, o ser, por um olhar que não aprisione, que permita o encontro, mas não devore.

4.2- Edith Stein, uma Abismal

Safrha nos mostra como a condição humana é paradoxal e como cada um de nós desenvolve uma *ontologia pessoal*, o que dá origem a diferentes modos de ser. Entre eles está os que chama de *abismais* que, em decorrência das questões que os visitaram em seu berço ou pelo fato de terem sido atravessados por acontecimentos em sua história, falam do inédito. São profundamente lúcidas em relação ao registro ontológico da condição humana. A maior parte de nós vive como *ente tridimensional*, com uma interioridade, em contínuo movimento de “vir a ser”. Em determinadas situações da vida percebemos nossa precariedade, quando ficamos doentes, por exemplo. Abrimo-nos então para uma ou mais das grandes questões ontológicas e depois retornamos à nossa vida cotidiana habitual.

Já os *abismais* estão continuamente conscientes das condições ontológicas do ser humano, o que pode levar a situações muito difíceis assim como a muito sofrimento, dependendo do destino que consigam dar a esta lucidez. Sem dúvida, Simone Weil foi uma abismal, desde menina, com uma consciência profunda e extremamente lúcida das questões ontológicas do ser humano, o que fez dela uma pessoa sempre aberta ao sofrimento do Outro. Também o psicanalista Wilfred Bion, parece ter se tornado um abismal em decorrência de suas experiências durante a Primeira Guerra Mundial, quando serviu como médico psiquiatra. Os *abismais* precisam de uma interlocução, de escuta atenta que reconheça o “para além” de que falam, necessitam ser acolhidos no inédito de que nos falam. Da mesma forma, Clarice Lispector em sua escrita também nos fala das facetas ontológicas da condição humana. São pessoas que, por estarem enraizadas nas experiências ontológicas tem a experiência de que seu tempo surge como *furado*, fenômeno que

²⁷⁷ STEIN, E. OCES, Vol. IV, p. 69.

torna qualquer narrativa um falseamento²⁷⁸: “*Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida.*”²⁷⁹

Edith Stein também se tornou uma personalidade abismal, na medida em que, sendo extremamente sensível a tudo a sua volta, foi atravessada com pouca idade pela experiência da morte: a morte de seu pai e outras mortes em sua família, experiências que a levaram desde muito cedo à percepção de questões ontológicas e também à dificuldade de poder comunicar o que vislumbrava do mundo. Daí talvez sua visão do ser humano, e sua divergência com Heidegger, a que voltaremos nas considerações finais.

Durante toda a sua vida buscou pela verdade do ser e a comunidade de destino com a humanidade. Também procurou realizar sua missão de “servir a humanidade”, de ser como Ester, “salvar seu povo”, o que tinha a ver com sua questão originária (*Arché*) e com sua questão teleológica (*Telos*). Edith Stein buscou inicialmente através da filosofia e da fenomenologia captar o ser do homem, o que a leva à questão da mística, ao limite do conhecimento racional, e lhe abre para sua religiosidade, para a conversão e a vida contemplativa. Encontra em Deus o Ser que tem a total potência e a eternidade, talvez sua grande questão.

O ser humano, sendo ontologicamente precário e aberto à compreensão de si, busca responder às questões de sua origem e de seu fim. Assim Edith explicita suas reflexões, usando o método fenomenológico:

Meu próprio ser, tal como o conheço e tal como me conheço nele, é nulo e vazio; eu não sou por mim mesma (não sou um ser a se e per se) e por mim mesma sou nada; em cada momento me encontro face a face a este nada e momento após momento, preciso ser investida e re-investida com o dom do ser. E, no entanto, esta existência vazia que eu sou é o ser e em todos os momentos, estou em contato com a plenitude do ser. A nulidade e fugacidade do próprio ser torna-se claramente manifesta ao eu quando seu pensar se apropria do seu próprio ser e procura desnudar suas raízes mais profundas. Mas o eu também toca estas profundezas de seu ser antes de toda e qualquer análise existencial reflexiva e retrospectiva, na experiência de angústia.²⁸⁰

Tal lucidez não tinha a ver com sua prodigiosa inteligência, mas decorria de sua percepção da finitude como inerente à condição humana, de alguém que tem a

²⁷⁸ LISPECTOR, C. *Um Sopro de Vida*. Rio de Janeiro. Rocco, 1999, p. 11. Ver: TORRE, D. *Clarice Lispector, da Solidão de não Pertencer à Quarta Dimensão*, São Paulo, Nankin Editorial, 2009.

²⁷⁹ TORRE, D. *Clarice Lispector, da Solidão de não Pertencer à Quarta Dimensão*, São Paulo, Nankin Editorial, 2009.

²⁸⁰ STEIN, E. “Ser Finito y Ser Eterno, Ensayo de una Ascensión al Sentido del Ser”, in *OCES*, Vol. II, p. 72.

possibilidade de através do seu gesto, iniciar algo e também que tende ao fim, o que faz com que cada uma de suas ações a coloque em direção a um fim. O ser humano acontece entre dois mistérios, o *Arché*, seu nascimento e o *Telos*, representado por sua morte. Esta condição implica que toda ação e toda fala humana estejam sempre mediadas por essas duas referencias fundamentais.²⁸¹

Somos seres assentados entre o originário e o fim, o que nos dá a experiência de sermos precários, existindo na fronteira do não-ser. E tudo o que criamos de alguma forma compartilha o nosso destino. Daí que cada acontecimento na nossa vida nos obriga a nos posicionar frente a estas questões e, de alguma forma, a estabelecer sentidos para esses mistérios. Este é o nosso drama e nossa fecundidade. Frente a tudo isso, precisamos manter nossa continuidade.

Edith Stein acrescenta que se observarmos nossas experiências ao longo do tempo, apenas uma faceta do nosso modo de ser se realiza em determinado momento. Grande parte de nós mesmos e de nossas potencialidades permanecem na sombra. Mostra assim que há precariedade em nosso modo de ser, não só porque estamos entre a origem e o fim, mas também porque em nosso cotidiano a possibilidade de realização está sempre mediada pelo ser e pelo não-ser. Enquanto entes finitos temos o ser como oferta e só nos atualizamos precariamente aqui e ali. De modo que a precariedade está no próprio movimento de existir.

O que vive é presente, o vivido é passado. E futuro, o que ainda será vivido, é o não-vivo, segundo Stein. Todo o vivido da nossa história está afetando aquilo que se vive neste momento. Ao mesmo tempo em que se vive, se tem consciência do vivido e do não-vivido e isso nos revela nossa precariedade ontológica. Nesta perspectiva, afirma Safra, a ética é o cuidado que possibilita à potencialidade do si vir a ser realização.

Há um momento no ser humano que se relaciona ao anseio do fim (*Telos*). É a esperança da realização de si, da atualização daquilo que não foi, para que se possa vir a ser. A isto Safra denomina *desejo de ser*, que é o desejo de realizar aquilo que se é, que se pressente de si. Ao atualizar uma possibilidade do modo de ser ocorre uma transformação da pessoa, que se posiciona então existencialmente de forma distinta.

²⁸¹ SAFRA, G. *Hermenêutica...*, Op. Cit., p. 65.

Sendo evento e criando eventos, criamos rupturas, o inédito, que é ao mesmo tempo existencial, psíquico e político. Segundo Safra, o ato de criar é paradoxal, pois:

(...) no momento em que o indivíduo cria um evento no mundo, a sua criação mesma o desestabiliza, pois re-posiciona o lugar em que ele se encontrava anteriormente. Isto significa que para o ser humano, é impossível criar um evento sem ser atingido, ao mesmo tempo, por este evento. Ao criar o homem põe em questão a si mesmo.

282

A criatividade, por outro lado, se relaciona com a questão da liberdade, que coloca o ser humano frente à responsabilidade do escolher, do decidir e do destinar-se. A criatividade humana, continua Safra, possibilita o inédito, estabelecendo sentidos, ou seja, abre a possibilidade de um destino, de um fim.

A partir dessa posição podemos perceber o modo pelo qual Edith Stein se coloca entre *Arché* e *Telos*, através dos elementos referentes ao seu gesto, do seu modo de ser, da sua linguagem. Construindo uma concepção sobre sua origem, elaborando um *mito-poiesis*²⁸³, cria uma *ontologia pessoal* própria, da mesma forma que cria um *mito-poiesis* sobre seu fim, uma *teleologia pessoal*. As duas *mito-poiesis* são singulares, mas carregam pressentimentos da verdade universal da condição humana, onde o universal e o singular se encontram, mas não são necessariamente conscientes.

4.3 - A Experiência Judaica

Ao falar sobre Edith Stein, como já nos referimos, não é possível separar a sua enorme contribuição intelectual da vida existencial e espiritual que a acompanha, sob pena de perder a ligação profunda que existe entre sua filosofia e vida. Como ela mesma nos diz, seus estudos tinham a ver com suas preocupações e experiências. Durante toda a sua vida manteve sempre o interesse pelo ser humano, procurando lidar e compreender através de sua experiência filosófica, e

²⁸² Idem, p.70.

²⁸³ *Mito-poiesis* é para Safra uma construção poética acerca dos princípios fundamentais da existência humana que a pessoa apreende a partir de suas experiências. É a maneira como a pessoa tenta circunscrever o modo como os mistérios da origem e do fim a alcançaram, e são em geral elementos sagrados para ela. É revelação. Ver SAFRA, G. *Hermenêutica...*, Op. Cit., p. 72.

mais tarde cristã, a experiência do ser humano através da fenomenologia: como mulher, da vida e da morte, do ser finito e do ser eterno.

Pavel Florensky (1882-1937)²⁸⁴, escritor russo, considera que o ser humano é a singularização de toda a história da humanidade, cada pessoa sendo única e múltipla. Ao mesmo tempo em que individualiza, presentifica seus ancestrais e aqueles com quem compartilha sua existência. Em Edith encontramos uma vida complexa, multifacetada, atravessada pela complexidade da experiência judaica, que sem dúvida marcou seu percurso, pois mais do que em qualquer outro momento na história, no tempo em que viveu, ser judeu implicava em um destino.

Acompanhamos ao longo de nosso estudo o percurso de Edith, a partir de sua vida familiar, os questionamentos sobre o seu tempo, a mulher, a sociedade, a política, a filosofia, a religião, a mística. Procuramos recuperar as dificuldades do seu existir humano nos tempos sombrios em que viveu, informada a partir da ética da cultura em que nasceu, a ética judaica e também pela cultura que a rodeava, a cultura alemã, pelos grandes poetas e escritores cultuados em sua família, que seus irmãos a ensinavam desde cedo e ela com sua prodigiosa memória, declamava de cor.

Stein nos faz lembrar outros grandes pensadores de seu tempo, como Freud, Benjamin, Arendt, Kafka, entre outros que, saindo de um meio primordialmente judaico, tiveram acesso ao mundo e à cultura europeus, quando ocorreu um encontro extremamente criativo que representou um grande impulso e abertura para o novo no mundo moderno. Segundo H. Arendt, eram os '*parias conscientes*', aqueles que:

realmente fizeram mais pela dignidade espiritual do seu povo, que eram grandes o suficientes para transcender os limites da nacionalidade e que entrelaçam os fios do seu gênio judaico com a textura geral da vida européia (...) estes espíritos audaciosos que procuraram fazer da emancipação dos judeus o que realmente deveria ter sido – uma admissão dos judeus como judeus nas fileiras da humanidade, mais do que a permissão de imitar os gentios ou uma oportunidade de representar o recém chegado (parvenu).²⁸⁵

²⁸⁴ FLORENSKY, P. *The Pillar and Ground of the Truth, an Essay in Orthodox Theodicy in Twelve Letters*, translated by Boris Jakim, with an Introduction by Richard F. Gustafson, Princeton and Oxford, Princeton University Press, 1997.

²⁸⁵ ARENDT, A. "The Jew as Pariah: A Hidden Tradition", *The Jew as Pariah, Op. Cit.*, pp. 67-68. (Trad. I. N.)

Edgar Morin (1921), filósofo e sociólogo francês, vai denominá-los de *judeus-gentios*, e assim compreende sua grande contribuição ao mundo moderno, em todas as áreas:

Se a dupla consciência judaico-gentílica é marcada pela falta, pela inquietude, pelo desejo de demonstrar seu valor num mundo sempre pronto a subestimar e desprezar tudo o que é judeu; se o culto à instrução foi transmitido pelo povo do Livro através das gerações, se a condição judaico-gentílica é marcada pela necessidade de manter o espírito sempre desperto, então uma reflexão psico-sócio-histórica permite compreender, sem referência à genética, os sucessos dos judeus-gentios.²⁸⁶

O Judaísmo, a partir do final do século XIX transformou-se em *judeidade*, passou de substantivo a adjetivo²⁸⁷, num mundo cada vez mais secularizado, o que significa que se perdeu para muitos a herança judaica de seus ancestrais sem realmente ganharem um lugar e raízes firmes na sociedade européia, que estava também em um estado de colapso. Nesta situação, Stein, juntamente com alguns de seus colegas fenomenólogos, partilhou não apenas as preocupações da modernidade européia, de emancipação e integração na sociedade mais ampla, e seus valores de busca de conhecimento e liberdade, como foi em direção da espiritualidade e do sagrado, na busca do seu Telos que a levou ao Catolicismo.

Gershom Scholem nasceu em uma família originária da Baixa Silésia que partilhava o modo de vida tradicional dos judeus ortodoxos, e que se mudou para Berlim - um dos destinos principais dos judeus a partir de 1812, junto com Breslau - assimilando quase completamente os costumes do meio em que vivia. Era de uma família judia tão assimilada quanto a de Edith, onde os rituais embora praticados, tinham perdido o seu significado. Desde jovem, no entanto, Scholem interessou-se pela língua hebraica e iniciou-se nos estudos da literatura e da filosofia. Tornou-se um pacifista e depois um sionista, o que o afastou totalmente da sua família, de onde foi literalmente expulso e emigrou para a Palestina nos anos 1920 fazendo parte do primeiro grupo de professores da Universidade Hebraica de Jerusalém e tornado-se um dos grandes estudiosos da Cabala, da mística judaica.

Edith e Gershom saíram do mesmo meio cultural, aparentemente tinham as mesmas inquietações e interesses, e tomaram caminhos opostos. Como compreender estas escolhas singulares? Edith colocou-se para fora do mundo e da cultura judaica, e sua religiosidade a levou ao encontro do Catolicismo. A

²⁸⁶ MORIN, E. *O Mundo Moderno e a Questão Judaica*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007, p. 78.

²⁸⁷ MORIN, E. "Judeu: adjetivo ou substantivo", in: *Op.Cit.*, pp.167-180.

fenomenologia lhe deu uma maneira de pensar o mundo e Teresa d'Ávila, lhe revelou uma maneira de pensar e viver sua religiosidade, de viver sua condição ontológica. Por que essa escolha? Sua questão originária, de busca da verdade pode nos ajudar a compreendê-la?

4.4 – Em Busca da Verdade

Edith nos diz, em sua autobiografia que desde muito cedo se debatia com seus afetos, sentia-se só e buscava compreender a si e ao mundo a seu redor. Sem dúvida a morte do pai marcou sua vida e de toda a sua família. Sua mãe voltou-se para o trabalho e Edith foi criada pelos irmãos. Era uma criança inquieta, ávida por conhecer e na escola se dá conta com mais clareza de seus dotes intelectuais, ao se destacar nos estudos. Mas algo não estava lá, sua inquietação não se resolve na escola, com os amigos e a família. Ao interromper os estudos na adolescência, teve a oportunidade de sair do seio de sua grande família e conviver com um jovem casal – sua irmã Else e o marido, cuidar de seus bebês, presenciar suas dificuldades. Um mundo de realidade se abriu para Edith assim como a possibilidade de trilhar um caminho próprio, afastado dos seus.

A morte sempre esteve por perto de Edith e marcou momentos importantes de sua trajetória: além de seu pai, o suicídio de dois tios, e a doença de seu sobrinho, Harold, quando Edith foi chamada de Hamburgo para cuidar desta criança com escarlatina, ocasião em que a família depositou nela a esperança de que pudesse salvá-lo. Isto sem dúvida nos fala de como era vista pela sua família como alguém especial, e nos faz lembrar como mais tarde exerceu de forma extremamente abnegada sua função como enfermeira durante a Primeira Grande Guerra, além de se colocar como missionada, salvadora dos judeus e de toda a humanidade, identificada com a figura bíblica de Ester. Também a morte de seu amigo Reinhart foi marcante na sua trajetória. O judaísmo não lhe deu o suporte de que precisava nestes momentos e Edith não se interessou por aprofundar seus conhecimentos por esta sua tradição, como já vimos.

Volta-se para o estudo, empenha-se em conhecer o ser humano, buscando elementos na Filosofia, na Literatura e na Psicologia, que estava em seus primórdios, uma das matérias que escolheu nos anos que esteve na Universidade de Breslau. No entanto, logo percebeu as limitações da “psicologia sem alma” que

ensinavam na época, excessivamente positivista, até que encontra Husserl e o Círculo Filosófico de Göttingen que será para ela sua pátria e sua língua por toda a sua vida. *“A escola de Edmund Husserl é sua pátria filosófica e a linguagem dos fenomenólogos sua língua filosófica materna”²⁸⁸*.

A Fenomenologia era para Stein um caminho que permitia dar fundamentos claros à psicologia. O trabalho de Husserl estava voltado para estas indagações, de modo que encontrou um método para pesquisar as questões que a interessavam: *da verdade do ser*. Foi se debatendo com cada uma das questões de seu tempo que teve que enfrentar que Edith produziu suas obras importantes, sendo a sua tese de doutoramento sobre a empatia a primeira delas. Procurou abrir as portas e os espaços que sentia como fundamentais para sua vida. Cedo, portanto, Stein se interessou pela fenomenologia como modo de acesso à verdade que para ela não era apenas um projeto filosófico, mas existencial.

No seu primeiro trabalho fenomenológico, o doutorado sobre a questão da empatia, está presente sua preocupação com o fundamento da pessoa e sua relação com o Outro. Aprofunda-se na questão da comunicação, com aquele está fora de nós e que, no entanto, é nosso semelhante. Busca compreender como isto ocorre: o reconhecimento do Outro como alguém como eu, embora diferente de mim, único e singular.

Este reconhecimento imediatamente se reveste de afetos, nunca é neutro, pois não é apenas informação, é uma informação afetiva, que vem colorida com todo o espectro de afetos que existem em nossa potencialidade. Os afetos de atração e de repulsão, que fazem parte de nossa condição humana. Diz que podemos acompanhar dois circuitos do outro – da sensibilidade e da articulação do pensamento. Mas ressalta que jamais se alcança a experiência originária da sensibilidade do outro, assim como jamais apreendemos pelo conhecimento quais seriam os motivos, os valores últimos de alguém. Podemos intuí-los, mas não saber quais são diretamente estes valores.

A empatia ou entropatia é vista por Stein, portanto como o reconhecimento da alteridade, como um fato cognitivo! A alteridade me diz que há algo semelhante a mim no outro ser humano, embora as reações no nível psíquico possam ser diferentes.

²⁸⁸ STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno*, OCES, Vol. III, p. 621.

Stein partiu do projeto científico racionalista, de teorizar sobre o mundo para a percepção de que o homem é um ser que, por sua própria natureza, desconstrói qualquer formulação racional ou teórica. Compreender o ser humano através de qualquer conceito universal, seja ele econômico, político ou sexual, é aprisioná-lo em uma abstração, que o adoece e que instaura uma situação de barbárie silenciosa e imperceptível.²⁸⁹

Empatia e Intolerância

A partir dos afetos, intrínsecos a toda experiência empática, Edith nos fornece instrumentos para pensar a questão do preconceito e da intolerância, questão fundamental no mundo contemporâneo. Ao mesmo tempo em que o ser humano é capaz de grande abnegação e entrega, e de viver a alegria que isto pode proporcionar, sabemos pela experiência histórica que não podemos negar, que é capaz de realizar também as maiores expressões de ódio e destruição e que os grandes avanços da ciência, da tecnologia, da cultura, da educação não conseguem reverter. Há algo para além que não podemos captar com as ferramentas que dispomos da linguagem e da ciência que poetas tentaram também expressar, mas não pretendem nem podem transformar.

Seguindo uma análise filosófica fenomenológica, a partir das ideias de Husserl e de Edith Stein, podemos fazer a análise dos fenômenos, de tudo o que se manifesta, de tudo que se apresenta para nós, desde as manifestações físicas até as culturais e as de nós mesmos, do ser humano. Percebemos assim que nossas experiências se dão em vários níveis. Num primeiro nível, perceptivo, temos consciência, mas não reflexão; num segundo nível, temos reações físicas que se manifestam também no nível psíquico, com vivências particulares, reativas, instintivas, conscientes, mas sobre as quais não temos nenhum poder.²⁹⁰

Num terceiro nível, intelectual, temos já a possibilidade de julgar. É o que caracteriza o especificamente humano – *GEIST* – o nível do intelecto e da vontade.

²⁸⁹ SAFRA, G. *Op. Cit.*, p. 35

²⁹⁰ Ver NOVINSKY, I. “*Reflexões Psicanalíticas sobre Tolerância*” in *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 30 (2), Lisboa, Sociedade Portuguesa de Psicanálise, Julho a Dezembro de 2010, pp.91-115.

Temos aqui liberdade, no sentido concreto, de poder escolher nossas atitudes, de acordo com as contingências do momento.

Através de nossa vida psíquica, sentimos *simpatia*, atração, e podemos chegar ao amor, como a possibilidade de procurar fazer o bem ao outro, para que ele se desenvolva e se realize, através de uma escolha voluntária nossa. Podemos sentir *antipatia* que no seu extremo pode levar ao ódio e através de uma atitude intelectual voluntária levar a querer eliminar o outro ser humano, e podendo chegar mesmo a negar a sua humanidade e chegar a atitudes de intolerância extrema, como ocorreu no nazismo para com os judeus, os homossexuais, os deficientes, os ciganos, entre outros.

Os seres humanos são plásticos, se expressam de modos extremamente variados, culturalmente. Mas sua estrutura pessoal é semelhante, o que faz de todos nós seres humanos, apesar de termos atitudes psíquicas diferentes.

Em suas aulas em Münster, em 1932, pretendia fornecer a seus alunos os instrumentos para conhecerem o ser humano, e a partir daí elaborar um método pedagógico que levasse em conta a condição humana. Este é um texto muito interessante, em que descreve o que é o ser humano e as condições necessárias a seu desenvolvimento e realização, a condição humana, seu *ethos*. Descreve o corpo, a psique e o espírito. Como cada ser humano é singular, único, mas partilha com todos os outros seres humanos a mesma estrutura, sua vivência perceptiva é estruturalmente semelhante, em que a atração e a repulsão estão sempre presentes.

Trabalhando em um ambiente católico e interessada nos valores cristãos, Edith realizou uma profunda análise do ser humano, criticando as diferentes visões de mundo e metodologias existentes, inclusive a psicanálise. Demonstrou como a negação da semelhança da estrutura da pessoa humana pode levar ao ódio pelo diferente. Porque, para além das diferenças psíquicas e culturais, há uma humanidade comum, com uma dimensão fundamental e básica comum nas necessidades e afetos primários.

Para podermos acolher o outro, o diferente, o estranho, é preciso poder ir às dimensões profundas e aceitar também as diferenças. O acolhimento se baseia no reconhecimento da semelhança, mas implica também uma atitude moral e ética. Porque, ainda que o outro, o diferente, o estranho me incomode, e eu tenha antipatia

e prefira eliminá-lo do meu caminho, ele é um ser humano como eu, conhecimento que nos é acessível através da empatia.

O reconhecimento do outro na sua alteridade se exprime na própria etimologia da palavra grega *ethos* – da qual deriva ‘ética’ – que nos remete a dois sentidos: *morada* e *pátria*. O primeiro remete a um lugar para viver, o segundo sublinha os laços sociais através dos quais emergimos. A palavra ética refere-se assim às condições necessárias ao acontecer humano, isto é, ao que permite a cada sujeito ‘morar’ no mundo inserido numa comunidade.²⁹¹ Morada, pátria, um lugar para viver, significa um lugar para ser. Este ‘lugar’ considerado uma condição para emergência do ser é na realidade o ‘nós’ no interior do qual o sujeito pode construir sua singularidade. É a relação fundante com o outro, o pertencimento a um coletivo, o ser parte de uma comunidade, que constitui a condição fundamental para o vir a ser do sujeito e para o desenvolvimento de sua singularidade.

Habitualmente a experiência ética é vista como fruto do aprendizado, de um agregado a uma personalidade que estaria se formando, se organizando, o que levou à importância dada socialmente à educação, auxiliando as crianças em formação a alcançar o registro ético como experiência pessoal.

Mas na experiência da clínica psicanalítica contemporânea temos tido a necessidade de voltar o olhar para o fundamento da condição humana. Assim, a questão ética não é apenas um registro agregado, uma aquisição decorrente de um aprendizado, mas faz parte da própria condição humana, do modo de ser de uma criança, do que lhe é originário. Há, portanto, desde o início, um pressentimento do ético. Uma criança que pôde de alguma maneira experimentar ser *cuidada*, recebe a oferta de uma experiência que lhe dá um saber sobre a ética, lhe dá um elemento fundante, sobre o qual inúmeros outros elementos psíquicos podem acontecer.

Antes de ser uma ação, o cuidado caracteriza uma atitude. Na ausência desta atitude – que exprime a consideração pelo outro e por suas necessidades - as ações do cuidar perdem sua motivação ética, desvalorizam-se e deterioram. Desta perspectiva, o cuidar revela sua dimensão ética alicerçada no reconhecimento da alteridade e seus correlatos.

Quando este cuidado ético não acontece temos a presença de fraturas nos fundamentos da ética da criança, de fissuras psíquicas no seu desenvolvimento que

²⁹¹ SAFRA, G. *A Poética...*, Op. Cit., p. 26.

não são frutos apenas de uma dinâmica psíquica, mas se tratam de fissuras no próprio cuidado ético que a criança não pôde receber. Nossos analisandos são testemunhas dessas fragmentações éticas com seus inúmeros tipos de sofrimento, como a perda do sentido de si, do contato com os outros e alguns se sentem completamente para fora da humanidade. Vivem uma solidão por não ter alguém que os faça sentirem-se humanos e também por não se sentirem pertencer à comunidade humana. Outros desenvolvem uma visão niilista da existência. Estas pessoas que não tiveram este cuidado ético fundante tendem a reproduzir comportamentos de violência explícita, no nível social, tendências anti-sociais em organizações delinquentiais, como tentativas de sobrevivência.

O cuidado como faceta ética implica *hospitalidade*, ou seja, em aceitar o outro que nos chega. Todo ser humano nasce numa experiência de Nós, em um grupo familiar. Toda criança precisa da experiência de hospitalidade, como experiência fundante no grupo familiar e humano. Pois aquele que não foi tolerado, não tem condições de tolerar.

O cuidado é uma experiência muito complexa e apresenta múltiplas facetas, entre elas a necessidade de respeito, de responsabilidade, de participação e transformação, de limites e autoridade. A criança que não encontra figuras que lhe permitam estas experiências mas que encarnam apenas a força, pode desenvolver ideais fantásticos de si mesma, desenraizada da condição humana, personalidades megalomaníacas ou loucas. Pode também buscar a autoridade pelo negativo entrando em uma sequência de comportamentos delinquentes na procura de quem a pare, de quem a devolva a uma ética da condição humana. Situações que podemos reconhecer que se formam a partir do sofrimento de crianças que vivenciaram a violência e a intolerância. Aquele que não pôde ser recebido como outro tem muita pouca possibilidade de poder receber um outro, de ter espaço para tolerar a singularidade do outro em si.

O que vemos hoje é que os indivíduos, famílias, grupos e instituições mostram-se incapazes muitas vezes de oferecer estas formas de cuidado fundamentais, pois passam por graves discontinuidades e arcam com certo descrédito: nem podem oferecer continuidade aos sujeitos nem fazê-los sonhar.²⁹²

²⁹² FIGUEIREDO, L. C. *As Diversas Faces do Cuidar, novos ensaios de psicanálise contemporânea*, São Paulo, Editora Escuta, 2009, p. 137.

A proliferação de ideologias fundamentalistas assim como a globalização da intolerância, como do antissemitismo, atestam as falhas nos dispositivos de acolhimento e reconhecimento disponíveis. Uma sociedade de competição e da imagem revela, pelo avesso, hoje, as graves deficiências em mecanismos sociais de reconhecimento dos indivíduos em suas singularidades. Os fenômenos do totalitarismo trazem à tona a intensa demanda de inclusão, de sustentação e continência. É justamente a massa de indivíduos avulsos e desamparados a que mais se sente atraída pelas promessas de englobamento absoluto proferidas pelos partidos totalitários e seus líderes, como vemos repetidamente ao redor do mundo contemporâneo.

O cuidado é parte fundamental das condições ontológicas da constituição da pessoa humana e sem ele a dimensão ética é apenas superficial ou impossível de ser acessada, o que significa que não temos como conviver em um mundo hospitaleiro e solidário, com compaixão e tolerância.

Um mundo no qual só conta a lei do valor e a lógica do saber a ele associada não é um mundo humano. Sociedade sem espaço para a amizade e para a fraternidade, na expressão de Spinoza, *não merece o nome de cidade, mas antes o de solidão*.

Num mundo solitário, a intolerância ao outro, ao estranho e ao diferente está presente de forma globalizada. Refletir sobre isto implica a necessidade de reconhecer as formas de sofrimento do mundo contemporâneo, e os seus fundamentos, que Edith Stein já denunciava, de modo a poder contribuir com sua crítica, na tentativa de tornar o mundo em que vivemos um lugar mais ético e solidário.

Neste tempo marcado pelo ódio para com o outro homem, e pelo seu desprezo cotidiano, muitos são levados a se submeter ao niilismo e à sua última forma contemporânea no Ocidente, o individualismo. Emmanuel Lévinas propôs, a partir de uma visão fenomenológica, uma crítica ao estudo do ser – da ontologia – que não contempla a alteridade. Testemunha da *Shoah*, e das incontáveis violências, destruições e dores para sempre inconsoláveis, Lévinas persevera na tarefa de pensar, servindo-se do caminho filosófico, mas sempre atento à tradição hebraica, especialmente ao *Talmud* – abrindo assim a racionalidade filosófica para uma fonte de pensamento por muito tempo ignorada. Sua obra transmite uma inquietação que mantém o espírito alerta, dedicada a se opor à totalidade, ao

fechado, e ao conhecido, e aberta à alteridade irreduzível do outro homem. Afirma que: *“Do mesmo modo que a felicidade da humanidade não justifica a infelicidade do indivíduo, a retribuição do futuro não torna mais suave as penas do presente”*²⁹³.

Para Lévinas, a primazia do ser, o “si mesmo” colocado em primeiro lugar nas preocupações do homem, impede que ele se abra ao Outro, ao diferente, ao estranho. Por isso, a experiência ética principal é a experiência do Rosto, do frente a frente, como presença viva que se impõe. Não se trata de pensar o Outro, mas de abrir o próprio pensamento e a própria linguagem para um encontro em que ocorra uma saudação a este Outro. A subjetividade surge com o Outro e está fundada nele, como nos dizia Donald Winnicott, sendo também responsabilidade pelo Outro, acrescenta Lévinas, enquanto que nossos laços se fortalecem na medida em que nos disponibilizamos ao Outro dizendo: *“Eis-me aqui!”*.

Esta perspectiva epistemológica do estudo da pessoa humana não é apenas um elemento relacionado à teoria do conhecimento, mas é relevante para a Ética, pois abordar o homem pelo universal leva à perda do singular, como nos diz Edith Stein. Todo “tipo humano” é um equívoco epistemológico e ético, e que pode levar ao adoecimento. Uma perspectiva epistemológica fundamenta uma antropologia, uma visão de homem, que vai definir modos de se proceder e tem também implicações políticas e clínicas.

Não se trata aqui, entretanto, de uma discussão filosófica, de uma abstração, mas de colocar a Ética como uma questão central, de efeitos contundentes sobre a nossa concepção e reconhecimento das necessidades da pessoa humana. Assentados em um vértice para além da representação, sobre o ontológico, sobre a condição humana, mantemos a situação, tanto da clínica quanto da pesquisa, aberta às condições fundamentais para o habitar do homem no mundo. Isso implica não apenas estar aberto para o novo, mas para o mistério, para que a situação transferencial esteja aportada na solidariedade e na amizade, decorrentes da consciência de que o Outro, que nos procura na clínica ou sobre o qual nos debruçamos na pesquisa, está irmanado a nós, pois estamos ligados ao mesmo destino, que é a condição humana, ou seja, em comunidade de destino.

Reencontramos as questões da condição humana vividas por cada um de nós de modo singular. Mas, dentro de uma *comunidade de destino*, a questão da

²⁹³ LÉVINAS, E. *De l'Existence à l'Existant*, Paris, Fontaine, 1947, p. 156 (Trad. I. N.)

tolerância, sob o prisma das relações de alteridade e da responsabilidade, como nos lembra Lévinas, nos coloca empaticamente relacionados em diversos graus com o Outro, ou então submersos na barbárie, fora do humano. Quando não podemos mais acompanhar e sermos acompanhados nas nossas necessidades e vocações, estamos em meio à intolerância e em seu extremo, na barbárie, quando o Outro é usado, negado, em nome de objetivos e justificativas os mais variados

As experiências de convivência com a diversidade, que visam o reconhecimento do outro, na sua alteridade, podem contribuir para uma coexistência mais pacífica, mas, certamente, não são os únicos determinantes das forças do campo no qual o sujeito está inserido. Dessa forma, os indivíduos e grupos sociais que possuem como ideal um mundo mais pacífico e menos violento devem, permanentemente, vigiar as oscilações do pêndulo no campo que nos envolve e onde nos movemos ao redor dos determinantes sociais, políticos e simbólicos.

Ontologicamente, estamos fundados nos outros. Ao mesmo tempo em que o ser humano como pessoa é único, nenhum ser humano pode ser considerado um exemplo. Ao se reduzir o ser humano a um “tipo” ou um “exemplo”, estamos provocando um retraimento ético, ou seja, a impossibilidade de relação com o mundo e com o outro de modo espontâneo, direto, nos diz Edith Stein.

Não há como estar diante do outro e não ser afetado por ele. Isto nos coloca num percurso comunitário da existência. Solidariedade e amizade significam aqui um princípio ético fundamental, possível apenas quando somos realmente humildes (voltados ao húmus – terra), despidos de qualquer onipotência. Então compreendemos que o Outro, apesar da sua biografia própria, diferente da nossa, é nosso companheiro de viagem, pelas intempéries da existência.

Edith foi sempre o Outro, uma marginal, mesmo em sua família, sempre fechada em si mesma, não partilhando suas mais íntimas fantasias, medos e sentimentos. Manteve esta atitude por toda a sua vida, foi sempre uma *outsider*, por ser judia, mulher e uma intelectual excepcionalmente dotada e ambiciosa. Mesmo depois de entrar no convento, apesar de seus esforços para cumprir as tarefas cotidianas, logo foi chamada a prestar outros serviços, mais de acordo com seus dotes intelectuais, o que também acabou por diferenciá-la entre as irmãs. O fato de ser uma convertida do judaísmo lhe dava uma experiência de vida e uma bagagem cultural e espiritual, além de interesses e preocupações que não partilhava com suas irmãs de convento.

Ao procurar compreender as características do ser humano, fenomenologicamente, Edith diz não poder concordar com o socialismo ou o comunismo e outros internacionalismos que não contemplam as condições do existir humano, como fizeram muitos intelectuais da sua época. Cedo percebeu nestes movimentos revolucionários um universalismo abstrato, que ignorava as realidades concretas das nações, das culturas e das religiões.

Edith e a Questão da Verdade

Seu interesse filosófico pela pessoa humana, assim como sua questão existencial pela busca da verdade, tinha raízes profundas em suas experiências pessoais e eram sintônicas com as questões de seu tempo. Edith viveu numa época em que se sentia o resultado do questionamento da razão kantiana, levada a seu extremo por Schopenhauer e Nietzsche. Husserl procurava voltar à vivência e recuperar a possibilidade do uso da razão em novos termos, voltando às coisas mesmas. Daí que a questão do ser, a ontologia, que havia sido abandonada pelos filósofos, volta a ser objeto de interesse, em que Husserl, Stein, Heidegger, Sartre, Lévinas e outros se aprofundarão.

O Deus judaico pode ser ouvido, mas não pode ser visto e em consequência, a verdade se torna invisível (...) A invisibilidade da verdade na religião judaica é tanto axiomática quanto a sua inefabilidade na filosofia grega²⁹⁴

Franz Rosenzweig, durante a Primeira Grande Guerra, nas trincheiras lamacentas e úmidas, continuava sua pesquisa da verdade, que resultou no livro *A Estrela da Redenção*, publicado em 1921. Era uma obra sobre a verdade, um testemunho da própria verdade e, por outro lado, de sua raiz em Deus. Sabemos a grande influência cultural que tinha Martin Buber nos anos 1910 e 1920, tendo se ligado mais tarde a Rosenzweig, mas ignoramos o peso que possa ter tido na formação de Edith Stein. Depois de uma crise religiosa, e pensado em se batizar, ao entrar em uma sinagoga no dia do *Yom Kipur*, Rosenzweig tomou a decisão: “permaneço judeu”.

²⁹⁴ ARENDT, H. *La Vita della Mente*, Bologna, Il Mulino, 1987, p. 208, Apud DOBNER, C. *Op. Cit.*, p. 136.

A Verdade é uma das questões transcendentais que se coloca para todo ser humano, e junto com o Belo e o Bem, são inapreensíveis. Na modernidade, entretanto, foi abordada como algo absoluto, possível de ser alcançada através da ciência, e está também por trás do racionalismo moderno, ao qual Edith se opunha em seus escritos, racionalismo que levou à barbárie no século XX e do qual foi uma das vítimas.

Em seu trabalho da maturidade, *Ser Finito e Ser Eterno*, Edith discute a questão dos transcendentais e, na busca de uma compreensão mais profunda sobre a verdade, a divide em três partes, discorrendo sobre cada uma delas: a verdade lógica, a ontológica e a transcendental. Reposicionada no registro do ontológico, como Edith o fez, vemos que o ser humano é um ser aberto ao sentido do Bem, do Belo e da Verdade, embora nunca possa abarcá-los ou apreendê-los.

P. Florensky assinala que:

O que para o sujeito do conhecimento é verdade, é amor desse sujeito para o objeto do conhecimento, enquanto para aquele que contempla o conhecimento (do objeto pelo sujeito) ele é beleza. “Verdade, Bem, Beleza”. Essa tríade metafísica não contém três princípios diferentes, mas um único princípio. A vida espiritual enquanto emana de ‘mim’, quando tem o seu centro em ‘mim’, é a Verdade. Percebida como ação imediata do outro, é Bem. Objetivamente contemplada por um terceiro, irradiando para fora, é Beleza.²⁹⁵

Edith, na sua última obra, *A Ciência da Cruz*, que ficou inacabada, diz:

A estrutura da essência da alma – sua maior ou menor profundidade, também o mais profundo – existe por natureza, e naquela, igualmente de forma natural, se funda o movimento do eu neste ‘espaço’ como possibilidade do ser. Toma esta ou outra postura, segundo os ‘motivos’ que lhe afetem. Mas seus movimentos partem de um ponto onde prefere se colocar preferencialmente, segundo os diversos tipos humanos. O homem sensual, amigo do prazer, estará na maior parte das vezes submerso no deleite dos sentidos, ou estará ocupado em buscar outro prazer qualquer; se situa em um ponto muito longe do mais profundo centro de sua alma. O que busca a verdade vive preferencialmente no lugar do coração onde acontece a atividade investigadora do entendimento; se trata de buscar a verdade seriamente (e não de acumular meros conhecimentos isolados), então talvez se ache mais próximo de Deus do que ele mesmo imagina, mais próximo de Deus, que é a própria verdade, e por isso mesmo, mais próximo também de seu centro mais profundo.²⁹⁶

Assim reposicionado no registro do ontológico, o ser humano é um ser aberto ao sentido do Bem, do Belo e da Verdade, embora nunca possa abarcá-los ou

²⁹⁵ FLORENSKY, P. *Op.Cit.* p. 56.

²⁹⁶ STEIN, E. “Ciencia de la Cruz”, *OCES*, Vol. V, p. 344.

apreendê-los. A questão da verdade se impôs a Edith, questão que a acompanhou e que irá se reposicionar durante toda a sua vida.

Há entretanto um ato essencial que é inerente a todo trabalho filosófico humano: a verdade é uma, mas se pode separar para nós em muitas verdades que devemos conquistar passo a passo; temos que aprofundar em um ponto para que possamos conhecer maiores valores, mas quando se abriu um horizonte mais vasto, então percebemos em nosso ponto de partida uma nova profundidade.²⁹⁷

De acordo com Husserl: *“A ciência se refere ao saber, como diz seu nome” (...)* *“Ora, no saber possuímos a verdade.”*²⁹⁸ E, continua :

A ciência em cada uma de suas situações é a expressão de tudo o que o espírito humano realizou na busca da verdade: em formações ou estruturas que se desprendem do espírito investigador e que agora possuem uma existência própria.²⁹⁹

Stein, assim como Husserl, assinalava que o ser humano é aberto ao sentido, é transcendência e, portanto, é instabilidade, e precisa ser sustentado pelo Outro. Ser aberto implica uma contínua constituição, o *self* nunca está completamente constituído. Com o projeto moderno perdemos, através de uma visão substancialista, esta visão do ser humano como aberto aos sentidos do mundo.

Edith Stein nos diz que o ser humano é aberto para baixo, porque ele é afetado pelos fenômenos que ocorrem no obscuro da própria corporeidade, na qual o homem está assentado, e que se desdobra em imagens, que seriam o registro psíquico. Por ser transcendência, também está aberto ao abismo da corporeidade, que não acessa. O ser humano também é aberto para cima: o que outorga ao psiquismo humano a possibilidade de mobilidade psíquica. É capaz de deslizar por diferentes registros de realidade e acessar, por exemplo, o registro dos valores. Transita assim pelo tempo e pelo espaço sem perder nada de si.

Edith considerava que a Filosofia moderna, assim como a Ciência, se ocuparam fundamentalmente do conhecimento, mas que havia a necessidade de naquele momento da história humana ocupar-se do Ser. Propõe, através dos elementos vindos da fenomenologia, e também de Tomás de Aquino e de Dionísio Aeropagita, um retorno à ontologia, ao estudo do Ser, uma investigação sobre o Ser.

²⁹⁷ STEIN, E. “Ser Finito y Ser Eterno”, OCES, Vol. III, p. 610.

²⁹⁸ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas I*, Apud STEIN, E. “Ser Finito y Ser Eterno”, in OCES, Vol. III, p. 625.

²⁹⁹ Idem, p. 626.

Parte de uma posição em que afirma que a verdade existe, aí está. Para Edith a verdade jamais é relativa. O relativismo da verdade tem a ver com o uso da razão humana, razão que funciona fundamentalmente pelos procedimentos lógicos, e que vai se aproximar da verdade a partir da temporalidade. A verdade para Edith é, e está equiparada ao próprio Ser.

A verdade, ser o que é, está acima da Ciência, está acima mesmo da Filosofia. A verdade, nesse sentido, pode ser alcançada, mas tem uma qualidade frente ao saber humano, sempre transcendente. Por isso, para ela toda Filosofia e toda Ciência jamais têm fim. É absolutamente transcendente ao conhecimento humano. As proposições, as afirmações sobre as coisas são expressões do estado das coisas, ou seja, do modo de ser das coisas. A afirmação sobre o mundo, a afirmação sobre os objetos, desvelam o modo de ser dessas coisas, está sustentada na verdade. Se eu pretendo me aproximar da verdade, aquilo que eu afirmo sobre algo, tem que ser uma desvelação da maneira como o Ser dessa coisa se apresenta. A proposição, afirmação do que é, desvela o estado das coisas, o modo de ser das coisas.

Há no mundo moderno uma tendência a privilegiar a relatividade da Verdade, onde há muitas *Verdades*. Edith, com Husserl e São Tomás de Aquino, diz que “A Verdade não é relativa”. Husserl, quando desenvolve o seu pensamento, procura através do método fenomenológico chegar à essência das coisas. Através da descrição fenomenológica descreve a verdade dos *entes*, diferente da aproximação da verdade pelo método empírico que torna a verdade relativa. Então, a questão da relatividade da verdade para Husserl está relacionada à metodologia utilizada, o empirismo torna a verdade relativa. O método fenomenológico torna a Verdade alcançável pelas reduções fenomenológicas, pela possibilidade de se colocar em abertura a experiência e poder de alguma forma apreendê-la e descrevê-la.

Edith parte da idéia de que a Verdade não é Relativa. A Verdade É. Não é parte da mentalidade humana, ela está presente. O homem está aberto à Verdade. O homem não cria a Verdade. Todo pensamento que torna a Verdade Relativa é um pensamento que acredita que a Verdade é configuração pessoal ou configuração cultural, então é obra humana. Edith advoga que a Verdade é pré-existente ao homem. O homem não a cria, só pode acolhê-la. E continua: se a minha busca é a busca da Verdade, da revelação da Verdade, do encontro da Verdade, não posso deixar temas fora da minha investigação.

A Filosofia que de fato anseia por um método que a aproxime da Verdade, a Ciência que de fato anseia para a aproximação da Verdade, têm que tomar a Revelação, as ideias teológicas e místicas como objeto de investigação. Não como teses, diz ela, que devem ser reafirmadas, mas como hipóteses a serem investigadas. Essa é a posição de Stein frente à religiosidade, às experiências místicas e à Teologia. Frente à questão do Divino e frente àquilo que a Revelação, a Teologia de alguma forma trazem, a Ciência e a Filosofia precisam se ocupar desses elementos com seus métodos, pois colocá-los fora do campo de investigação é negar o próprio pressuposto que é a busca da Verdade. Se tenho um pensamento científico, um pensamento filosófico, tenho que estar aberto às diversas hipóteses e considerá-las igualmente. O filósofo tem que tomar tudo isso num outro estatuto, não pode ignorá-las.

Toda a questão para Edith é procurar a partir da experiência de si, do método fenomenológico, poder vislumbrar o Divino. O objetivo é, através da introspecção de si mesmo, do acolhimento do fenômeno daquilo que se é, poder ter uma visão da questão divina, da questão do Sentido do Ser. Este é o seu objetivo. Mostra que o homem precisa de sustentação para ter o Ser, o que revela a sua relação com o Divino.

Contemporânea e colega de Heidegger, pois ambos assistiam às aulas de Husserl, Edith aceita algumas das ideias de Heidegger e refuta outras. Há certo parentesco entre eles, em termos de interesse, na medida em que ambos veem como algo fundamental esse retorno ao Ser. Mas Edith não concorda com a ideia de Heidegger de que o homem se abre ao Ser a partir de sua finitude, porque para ela não é a finitude que abre o ser humano ao Ser. Se assim fosse todos os seres finitos poderiam estar abertos ao questionamento do ser, mas é o fato do ser humano estar numa posição tal, que está sempre para o mais além, o que para ela significa o ser humano ter esta possibilidade de sempre estar para além de si mesmo, o que constitui o que denomina de espiritualidade no ser humano. Essa abertura para o transcendente o leva a uma postura de questionamento e de revelar o que é o Ser.

A questão da transcendência tem um estatuto diferente para Heidegger e para Edith Stein. A própria posição humana para Heidegger é uma abertura para o transcendente, mas no sentido de que o Ser está sempre no mais além, sempre nessa revelação e nesse ocultamento. Para Edith a questão da transcendência está no fato de que o ser humano é transcendência, sempre em busca do sentido último

do Ser, o que faz com que, para ela, o ser humano necessite de um posicionamento frente à ideia do absoluto, frente ao Divino.

Edith Stein, Hannah Arendt, Simone Weil

Edith Stein é realmente, um caso único na história da filosofia...É um grito de dor do ser humano que emana da profundidade de uma ferida ontológica que, para poder ser verdade, deve ser, em primeiro lugar, reconhecida e aceita.³⁰⁰

Sua trajetória de vida, sua história, seu percurso e sua experiência, nos falam da busca de um lugar. Um difícil lugar para uma mulher, judia, intelectual, nos inícios do século XX. Como Edith Stein, Simone Weil e Hannah Arendt também eram de ascendência judaica: Edith Stein, nascida em uma família judia praticante, Simone Weil, de uma família judia agnóstica, e Hannah Arendt, em uma família judia muito assimilada. Assim como Edith, Simone se aproximou do catolicismo, mas recusa a filiação à Igreja: o Antigo Testamento, YHWH, este Deus todo poderoso, eram obstáculos a sua adesão total à Igreja romana que não é católica – universal – senão no nome. Edith Stein entra no Carmelo dizendo não renegar suas raízes judias: o Novo Testamento não era apenas uma decorrência saída do Velho Testamento? Podemos então falar em conversão? Ao contrário de Edith e de Simone, para Arendt a adesão a sua judeidade é da ordem do evidente, como sua feminilidade.

Estas três mulheres, que viveram nos tempos sombrios, as três filósofas e judias, expressam sua singularidade tomando diferentes posições frente às situações que tiveram de enfrentar. Tornaram-se filósofas em uma época de poucas filósofas, muito influenciadas por seus mestres: Husserl, Heidegger e Alain, ao mesmo tempo em que procuraram um caminho próprio. Tiveram que deixar suas carreiras de professoras com a ascensão do nazismo. Edith escreve ao Papa, Hanna Arendt se torna sionista - o antissemitismo a desperta para a história e para a política. Simone Weil, por outro lado, não reconhece o caráter inédito do antissemitismo do Nazismo, e vê nele apenas a última face do anti-judaísmo, ao qual adere, contra a ideia de raça eleita.

³⁰⁰ SANCHES DE MURILLO, J. *Esperar después de Auschwitz? El fenómeno de la violencia humana*, "Revista de Espiritualidad", *La Fe y lo Humano* 217, (1995), p. 546, Apud DOBNER, C. *Op.Cit.*, p.137.

As obras de Weil, Arendt e Stein são indissociáveis dos acontecimentos trágicos do período entre-guerras. Revoluções, fascismo, imperialismo, democracia, totalitarismo, antissemitismo, este é o terreno onde se alimentam a reflexão apaixonada de Simone Weil e de Hanna Arendt, enquanto Edith Stein além de investigar, também medita e reza, escreve trabalhos para a Igreja Católica, apenas recebendo os ecos da tormenta no recôndito do Carmelo.

As três conheceram o exílio, a França inicialmente para Hanna Arendt, de 1933 a 1941, depois a América, onde obteve a cidadania em 1951. Simone Weil parte para Marselha, zona livre, depois América e os últimos meses antes da sua morte, Londres. Edith foi para a Holanda, antes de ser deportada e morta na câmara de gás em Auschwitz, com sua irmã Rosa. São destinos que se cruzam, mesmo que não tenham se encontrado. As três são interessantes, tocantes por sua persistência em tentar compreender um mundo que lhes escapa, de se reconciliar com ele, e de amá-lo, apesar de tudo.

4.5 - 'A Pequena Ester'

Com seu jeito fechado, ensimesmado, não expressando seu mundo pessoal, extremamente reservada, embora tivesse muitos amigos, não partilhava sua vida íntima com eles. Talvez isto também a tenha levado a se interessar em compreender a forma como ocorre a comunicação com o outro, pela empatia. Em sua autobiografia fala de sua origem familiar, cultural e religiosa, mas na época em que escreve já tem um ponto de vista católico, a partir do qual olha para tudo a sua volta, sem no entanto desvelar muito do seu próprio mundo, ao descrever seu caminho para a conversão. Quando fala de si mesma, nos diz como vivia fechada, atormentada e sofrida, sem comunicação com as pessoas queridas a sua volta. Ao revelar, vela.

Tudo parece indicar uma busca de encontro e comunicação com o outro, por uma abertura, por um acolhimento e por um lugar, uma falta. Quando encontra uma igreja sempre aberta aos fieis, é profundamente tocada, sente o acolhimento. Tudo indica que, desde cedo, sentia o tormento da falta, partindo em busca da Verdade faltante. Não se satisfazia – a não ser provisoriamente, de maneira insuficiente – com as diversas verdades que o seu tempo lhe propos. Revela o fosso aberto nas

suas profundezas como um dos componentes da sua experiência judaica de assimilada.

Em sua missão de redentora dos judeus, identifica-se com a rainha Ester, personagem que representava nas reuniões familiares quando criança, rainha que enfrenta o rei para salvar seu povo do extermínio. Um ano antes de ser presa pelos nazistas, Stein compõe um poema autobiográfico, *Diálogo Noturno*, em que aparece como a figura bíblica da rainha Ester. Realmente considerava que as perseguições aos judeus tinham a mesma raiz histórica, sendo o Hitler de seu tempo o Aman do século V a.C. Mas, ao contrário de Ester, que busca a salvação do seu povo, reafirmando-o, Edith acredita que sua salvação estará na sua redenção, na sua aceitação da Cruz.

Duas mensagens ressoam poderosas deste *Diálogo Noturno*³⁰¹ da Mãe com Ester, a redenção de Israel e o mistério da Cruz. Stein busca aproximar as duas realidades religiosas em uma unidade entre o Pai (judeus) e os Filhos (cristãos), que encontra a sua totalidade no Salvador, como aparecem nos versos, dos quais traduzo aqui apenas uma pequena parte:

MÃE

Hoje um novo Aman jurou
Com ódio amargo, a ruína do mesmo povo.
Talvez seja por isso que Ester voltou?

ESTER

Tu o dizes –
Sim, erro pelo mundo,
Implorando refúgio para os que não têm pátria,
Para o povo expulso e pisoteado,
que não pode morrer.

(...)

MÃE

E tu abandonaste esta luz abençoada,
Para caminhar de novo sobre a terra?

ESTER

Este é o seu desejo, e é também o meu.
A Igreja floresceu, mas grande parte
do Povo está longe do Senhor, e de sua mãe,
como inimigo da cruz.

Segue vagando e não encontra paz;

É objeto de escárnio e desprezo:

Assim será até a última batalha.

Mas antes de que a cruz apareça no céu,

³⁰¹ Em 13 de junho de 1941, Edith escreveu esta peça teatral para a festa de Sto. Antonio. Ver STEIN, E. *OCES*, Vol. V, p. 729. (Trad. I. N.)

Antes que Elias venha reunir aos seus,
O Bom Pastor percorre silencioso países.
E nos abismos, recolhe aqui e ali um cordeiro
E o abraça junto a seu coração.
E outros muitos o seguem.
Mas lá em cima, ante o trono da Graça,
Não deixa de interceder a Mãe por seu povo.
Ela busca almas que a ajudem a orar.
Só então, quando Israel haja encontrado ao Senhor,
Só então, quando seja acolhido pelos seus,
Virá no esplendor de sua glória.
E esta segunda vinda tem que ser suplicada.

(...)

ESTER

Posto que compreendestes, já posso ir-me
Estou segura de que não te esquecerás do hóspede,
Esse hóspede que a ti veio à meia-noite.
Nos reveremos novamente no grande dia,
Da manifestação de sua glória,
Quando sobre a cabeça da Rainha do Carmelo
Brilhará uma coroa de estrelas,
Porque as doze tribos terão encontrado o seu Senhor,
A Deus!

4.6 - Do Judaísmo ao Catolicismo

Há dois tipos de conversão: a política e a de fé. A política, daqueles que se converteram ao cristianismo não tanto por adesão religiosa, mas sim para escapar ao judaísmo e integrar-se inteiramente à comunidade dos gentios. Como dizia Heinrich Heine: *o batismo é o direito de entrada na cultura européia*. A conversão de fé, por outro lado, foi encarnada pelo cardeal Lustiger e por Edith Stein, entre outros.

O vínculo com os ancestrais, a lembrança do passado, a persistência do anti-judaísmo antigo e a virulência do antissemitismo moderno impuseram o sentimento de uma singularidade judaica no âmago da identidade pessoal e no pertencer à nação dos judeus da época. Mesmo laicos e distantes da sinagoga, os judeus não religiosos, cidadãos alemães, carregavam em sua diversidade a marca de um destino histórico comum, e não eram exatamente semelhantes aos outros alemães. Esta cultura dos judeus laicos não era mais alimentada pela *Toráh* e pelo *Talmud*, mas por Shakespeare, Goethe, Tolstoi, Cervantes e Montaigne, impondo-se o universalismo próprio ao humanismo europeu, cujas fontes não são somente judaico-cristãs, mas também greco-latinas, de acordo com as quais a razão constitui o atributo próprio à humanidade e a ela confere a autonomia de pensamento. O judeu antigamente era definido por sua religião, seu povo, sua nação, enquanto o judeu moderno agora se percebe como participando de uma cultura européia, nacional, universalista, se revestindo de outro significado.

Os judeus laicos participaram ativamente, de diversas formas, da formação, do dinamismo e da transformação do mundo moderno. Alimentaram grandes sonhos emancipadores da humanidade e carregaram em si não a esperança em outro mundo celeste, mas a aspiração, muitas vezes ardente, a um mundo terrestre diferente. Contribuíram para os sonhos e as realidades de nosso devir.

De Spinoza (1632-1677) a Freud (1856-1939), de Husserl a Lévi-Strauss (1908-2009) de Einstein (1879-1955) a Marx (1818-1883), os judeus laicos foram realmente fermentos efetivos da desintegração da nação tradicionalista e fechada e também fermentos da atividade econômica, intelectual, filosófica e científica que transformou o mundo. As ambiguidades, incertezas, interrogações e inquietações da dupla identidade judaica e cidadã foram a fonte de algumas das mais notáveis criações da cultura européia moderna.

Sua situação, relativamente desenraizada em relação à tradição judaica e também em relação às tradições dos não-judeus, fez com que as marcas culturais não fossem sentidas de modo tão profundo. As certezas intelectuais ou estéticas pesaram menos sobre eles que sobre os outros europeus. Interrogações, incertezas e marginalidade os predispuseram aos desvios, e, às vezes, às transgressões.

Este era o mundo de que Edith Stein participava e onde buscava encontrar um lugar e a verdade. A experiência religiosa de Edith, sua busca do sagrado, que se explicita como anseio pelo encontro com uma potência de ser³⁰², e que está presente em sua vida e obra, é sem dúvida uma chave importante para compreendermos sua personalidade complexa. Segundo Angela A. Bello, o Judaísmo e Cristianismo são os dois polos entre os quais se desenvolveu sua existência, vivida em seus aspectos mais profundos³⁰³. Através de uma análise fenomenológica, Edith acreditava ser possível buscar as raízes da experiência religiosa, buscar o seu sentido.

Tendo se convertido ao Catolicismo no início de 1922, e se envolvido profundamente no movimento católico, através de seus estudos e palestras, como Edith viveu a situação de perseguição nazista a partir de 1933, quando foram votadas progressivamente leis contra os judeus, que os excluía dos empregos públicos ou impedia suas atividades comerciais? Os judeus haviam sido recebidos legalmente no seio da nação alemã a partir de 1871 e se sentiam prussianos, em sua pátria. A situação de perseguição que passaram a sofrer sistematicamente provocou muitos atos de suicídio, relatados por Edith em sua carta ao Papa, em 1933. Certamente também sua ligação com sua família não lhe permitia ignorar esta situação. Mas conviveu com as duas experiências religiosas, como se houvesse uma continuidade entre elas, mais do que uma fratura, da mesma forma que o Cardeal Lustiger, a que já nos referimos, também convertido do judaísmo.

Certamente a experiência religiosa liberal vivida por sua família lhe permitiu afastar-se da tradição judaica, assim como ter frequentado a escola pública, de Breslau. Mesmo depois de “deixar de rezar” como conta, na adolescência, isto não significou, no entanto, um ateísmo ou uma falta de interesse e respeito pela

³⁰² SAFRA, G. “Religiosidade, espiritualidade e mística na situação clínica”. Conferência realizada em 14 de junho de 2008 na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

³⁰³ BELLO, A. A. *Edith Stein o Dell'Armonia, Esistenza, Pensiero, Fede*, Roma, Edizioni Studium, 2009, p. 13.

dimensão religiosa, como já foi dito muitas vezes. Significava apenas estar mais livre para experimentar outras possibilidades e fazer outras escolhas.

Sua irmã Erna, que teve a mesma educação que Edith, assim como sua sobrinha Susanne, acreditavam que sua conversão tinha a ver com sua ignorância do Judaísmo, ensinado aos homens, mas não às mulheres. Para Angela A. Bello, no entanto, Edith

soube colher alguns sinais importantes que a conduziram ao aprofundamento do judaísmo, que conhecia mais pelo aspecto essencial que ritual, não porque ignorasse este último, mas porque sua formação filosófica a conduzia em direção a uma tomada de posição crítica e alargava seus horizontes.³⁰⁴

Edith não aceitava os rituais, e chegou mesmo a dizer que *“este era um daqueles sofismas talmúdicos que me repugnavam”*.³⁰⁵

Em Göttingen, começou a se interessar pelas questões religiosas, e a se questionar sobre a ideia de Deus, sobre Deus-pessoa, questão controversa no judaísmo, mas no qual predomina a absoluta alteridade com relação ao ser humano, enquanto no Cristianismo prevalece a ligação pessoal com o divino, pela encarnação de Cristo e a centralidade da visão trinitária do divino.

Husserl pertencia a uma família judia assimilada. Foi educado sem religião, mas se interessou pelo problema de Deus na adolescência. Converteu-se ao Cristianismo Luterano, numa Viena católica, depois de rejeitar sua comunidade judaica de origem que considerava antiquada. O Cristianismo Evangélico lhe parecia garantir maior liberdade pessoal, a universalidade, isto é, a não identificação com um povo em particular, aquela universalidade que o pensamento filosófico grego tinha proposto à humanidade.

Embora Edith e Husserl tenham escolhido o Cristianismo como uma maneira de separarem-se do Judaísmo, como uma ampliação dos limites que implicava a identidade com o povo judeu, as posições dos dois eram muito diferentes em relação ao valor que davam ao judaísmo e sua relação com o Cristianismo, na medida em que Edith procura acentuar a continuidade entre as duas religiões, e via o Cristianismo como um prolongamento do Judaísmo.

Angela A. Bello discute se seria possível falar em ‘conversão’ propriamente dita para Edith, na medida em que durante a fase da adolescência, em que Edith se

³⁰⁴ BELLO, A. A. *Op. Cit.*, p. 18. (Trad. I.N.)

³⁰⁵ STEIN, E. *DVFE*, p. 244. (Trad. I. N.)

distancia do judaísmo, adotando um agnosticismo ou ‘ateísmo prático’ - talvez por influência de sua irmã Else e seu marido, com quem conviveu em Hamburgo na época, se seguiu uma retomada da experiência religiosa de um modo diferente, não como um retorno, mas como um caminho em direção a uma nova meta que se alinhava com o que vivera, o completava e o inseria em um contexto mais amplo.

Com relação à escolha do Catolicismo por Edith - considerado com muitas reservas pelos judeus, devido à história traumática das suas relações - Bello acredita que Edith tenha sofrido influências externas que foram elaboradas interiormente: sinais que foram colhidos e que receberam significados próprios, pessoas que a influenciaram com sua presença.

Sem dúvida, uma dessas pessoas mais importantes foi o filósofo Max Scheler, que Edith encontrou em Göttingen e que a fascinou. Scheler havia se convertido ao Catolicismo em 1899, mas após um período de distanciamento retornara a Igreja em 1914, na mesma época em que estava dando os seminários em Göttingen (1914-1916), de que Edith participava. Ela se sentia mais próxima de Husserl, pela sua *“grande honestidade intelectual”*, mas também admirava muito Scheler, *“brilhante e sedutor, expressão pura do fenômeno da genialidade”*.³⁰⁶

Assim relata seu encontro com Scheler:

Naquele período tinha muitas ideias católicas e sabia divulgá-las fazendo uso da sua brilhante inteligência e da sua potente eloquência. Foi assim que pela primeira vez entrei em contato com um mundo que até então me era totalmente desconhecido. Isto não me conduziu ainda à fé, mas abriu para mim um campo de ‘fenômenos’ frente aos quais não podia mais fechar os olhos.³⁰⁷

A Fenomenologia, por sua vez, é uma visão que implica abertura ao outro e à transcendência, segundo Stein: *Não era sem razão que nos era recomendado continuamente considerar cada coisa com olhos livres de preconceitos, de jogar fora qualquer tipo de ‘óculos’*.³⁰⁸

Um outro encontro decisivo para Edith se deu com Adolf Reinach, o jovem assistente de Husserl que tinha a função de mediador entre o mestre e os estudantes. Foi ele que a acolheu gentilmente na sua bela casa quando Stein chegou a Göttingen vinda de Breslau. Esta amizade com Reinach e sua mulher

³⁰⁶ STEIN, E. *DVFE*, p. 305. (Trad.I.N.)

³⁰⁷ Idem, p. 305. (Trad.I. N)

³⁰⁸ Ibidem, p. 305 (Trad.I. N.)

Anne, também convertidos, assim como com a irmã de Adolf, Pauline, que era freira, foi mais uma das causas possíveis da aproximação de Edith do catolicismo.

O Encontro com Teresa d'Ávila

Em seu texto sobre Teresa d'Ávila, Stein diz que a imagem do *Castelo Interior*³⁰⁹, com seus muros e suas moradas internas, descrevem bem a situação do ser humano. Muitas vezes os habitantes se detêm nos muros e ignoram o que existe dentro. Para entrar é necessário ativar a consciência, e em seguida perceber, com a alma, os chamados de Deus que vêm de fora. Tudo nos faz pensar que Edith realmente se identificou com esta leitura do ser humano feita por Teresa.

Quando Adolf Reinach morreu durante a Primeira Guerra Mundial e Edith visita Anne, sua mulher, e a encontra tranquila em seu luto, devido a sua fé, isto a surpreende. Pauline Reinach, irmã Agostinha, O.S.B., declarou no processo de beatificação de Stein que ela e Anne pediram a Edith que escolhesse um livro na biblioteca de Adolf, como lembrança, e que Edith escolheu *O Livro da Vida* de Teresa d'Ávila³¹⁰. Foi o que faltava no caminho da sua experiência religiosa, em direção ao Catolicismo, na medida em que já tinha se decidido pela adesão ao Cristianismo.³¹¹

Em Bergzabern, no verão de 1921, teve a oportunidade de se dedicar ao estudo do livro de Teresa. No livro que Edith levou depois para o Carmelo de Colônia está escrito com a letra de Hedwig: “Verão em Bergzabern 1921”.

Tudo isso parece indicar que Edith sofria a influência espiritual das pessoas à sua volta, tanto de Hedwig como de Pauline. Mas o conteúdo do livro é sem dúvida o mais importante, pois Teresa d'Ávila se tornará a guia de Edith a partir daquele momento. Não apenas do ponto de vista espiritual, mas também filosófico, na medida em que as duas têm uma interpretação comum do ser humano e da sua relação com Deus.

Embora as duas experiências religiosas – católica e judaica - possam ter muitas coisas em comum, e que como afirmava Stein, Jesus, Maria e os apóstolos

³⁰⁹ STEIN, E. “El Castillo Interior”, in *OCES*, Vol. V, pp. 79-106.

³¹⁰ A maneira pela qual Edith teve acesso a este livro é controversa, mas tudo parece fazer crer que não encontrou o livro por acaso na casa de sua amiga Hedwig Conrad-Martius, em Bergzabern, no verão de 1921, contrariamente ao que a irmã Renata Posselt de Spirito Sancto escreveu na sua biografia de Edith Stein.

³¹¹ Stein, *DVFE*, p. 490, nota 19. (Trad. I.N.)

eram todos judeus, é muito discutível afirmar uma continuidade possível entre as duas religiões, na medida em que a Redenção é feita por alguém que se apresenta como um ser humano, e a concepção de Deus no judaísmo é tão abstrata e sublime que não pode ser pensada em termos humanos. Trata-se de duas visões antropológicas e, portanto, do divino, distintas.

A experiência religiosa para Stein consiste no movimento que se inicia com os 'traços' deixados por Deus na parte mais profunda do núcleo da alma e passa pelo impulso de confiança próprio da psique, ao qual segue a adesão da afetividade, do sentimento e do intelecto. Este percurso pode ser realizado positiva ou negativamente, pode conduzir à divindade, mas pode também ser interrompido no nível psíquico, quando atua uma repulsão pelo caminho, e em nível espiritual, quando se teoriza a inexistência do próprio caminho.³¹²

4. 7 - A Experiência Mística e a Escolha da Vida Contemplativa

Além da questão da conversão ao Catolicismo, outra escolha de Edith Stein nos intrigou: sua entrada no Carmelo em 1933. O Monte Carmelo tem uma ligação com o povo judeu, pela localização do Monte, e pela presença nele do profeta Elias. O Carmelo, enquanto mosteiro carmelita, lugar de prece e recolhimento, nasce como síntese de algo que pertence à tradição judaica e à mensagem de Jesus Cristo. Mas a escolha do Carmelo por Edith tem a ver também e principalmente com a sua experiência mística.

Depois do seu batismo, Edith pensava em preparar-se para o ingresso no Carmelo, mas não o fez, como vimos, em obediência aos seus diretores espirituais e por preocupação com sua mãe, que sofrera muito já com sua conversão. A experiência mística é um contato excepcional que só pode ser desejado pelo ser humano, mas nunca alcançado pelas próprias forças, e que amplia os limites do próprio pertencimento religioso, colhendo o seu sentido mais profundo da relação direta com a divindade. Trata-se de um ponto de observação mais alto e direto que implica todas as dimensões humanas, incluindo a corpórea, permitindo ver tudo em Deus e, portanto, ir além de qualquer dúvida.

Paradoxalmente, a mística representava um motivo de interesse também entre os fenomenólogos. Husserl trabalhava a mística de forma não-confessional, na

³¹² STEIN, E. *La Struttura Della Persona Umana*, Roma, Città Nuova, 2000, p. 182.

medida em que sabia que seus discípulos pertenciam tanto ao Judaísmo quanto ao Cristianismo protestante e católico. Assumia um ponto de vista voltado para os fundamentos essenciais, o que criava uma maneira idônea de estabelecer contato entre as diversas experiências religiosas. A mística era para os fenomenólogos uma possibilidade de conhecimento direto, intuitivo, evidente, daquilo que transcende o ser humano e tudo engloba.

O tema da mística, discutido na escola fenomenológica, parece ter interessado a Edith Stein. Em 1923, Gerda Walther, discípula de Husserl e de Stein, publicou a única obra verdadeiramente teórica sobre o assunto: a *Fenomenologia da Mística*³¹³. Stein continuou suas pesquisas intelectuais, mas seu interesse pela mística³¹⁴, acrescentou um outro valor ao seu percurso cognitivo humano, pois além da razão teórica apresentava-se agora a via sapiencial.

Podemos compreender o caminho espiritual de Edith Stein, e sua coerência em seu percurso, mas chama a minha atenção a escolha que fez em entrar para o Convento, naquele momento, em 1933, após perder seu trabalho como professora em Münster, devido às leis implantadas pelo nacional-socialismo contra os judeus.

Ao retirar-se para o Carmelo de Colônia, para profundo desgosto e revolta de sua mãe e de sua família, que procuraram convencê-la e desistir da ideia, de todas as maneiras, Edith seguiu um caminho profundamente pessoal e interior. Acreditava que este era o seu destino, escolhido por Deus, e que os acontecimentos externos eram apenas uma confirmação destes desígnios e seus facilitadores. No Carmelo, Edith vai aprofundar cada vez mais seu caminho, oferecendo-se como mártir pela paz, pelos judeus e por toda a humanidade, o seu *Telos*.

A questão que se coloca para mim é a da ambiguidade de Edith em relação ao que acontecia a seu redor. Ao mesmo tempo em que se perguntava o que poderia fazer pelos judeus naquela situação de grande angústia e perseguição, e toma a iniciativa de escrever ao Papa, pedindo uma encíclica que pudesse denunciar as perseguições e o sofrimento a que estavam sendo sujeitos, decide-se por sair do mundo e retirar-se para a paz do convento. Num momento em que sua mãe já está idosa, com 83 anos, sua família, como todos os judeus, estão

³¹³ WALTHER, G. *Phänomenologie der Mystik*, Walther Verlag, Olten-Freiburg I, Br, 1955, Apud BELLO, A. A. *Edith Stein o dell'Armonia...*, Op. Cit, p. 48.

³¹⁴ Não me detenho aqui nesta questão e remeto aos trabalhos de SAVIAN FILHO, J. *Experiência mística e filosofia em Edith Stein* (texto não publicado) e *O Toque do Inefável – apontamentos sobre a experiência de Deus em Edith Stein*, Bauru, Edusc, 2000.

desesperados, procurando emigrar, Edith, que tanto se preocupara com a comunidade humana e com a ética, afasta-se deles, para realizar seu caminho pessoal.

Há a meu ver uma grande ambiguidade na sua relação com o povo judeu “ao qual sempre disse pertencer” assim como à sua família. No momento em que os intelectuais, e todas as pessoas que tinham alguma possibilidade de perceber para onde se encaminhava a Alemanha com o nacional-socialismo, e a possibilidade de fazê-lo, emigraram, como Benjamin, Arendt, Einstein e tantos outros, Edith acreditava que estava fazendo algo pelos judeus e pela humanidade dedicando-se à contemplação no mosteiro do Carmelo de Colônia, onde reinava a paz, a tranquilidade e o silêncio.

Até que ponto a fenomenologia contribuiu para esta escolha? A procura da essência com certeza fez parte do seu caminho, permitiu seu olhar para o ontológico do ser humano, e levou-a até a mística, não como uma alternativa à pesquisa racional, mas como um caminho alternativo em direção à Verdade. Mas também a afastou da realidade ôntica, que se apresentava cruel e terrível fora dos muros do Carmelo, dos judeus, de sua família, e de tantos outros perseguidos pelo nacional-socialismo.

O mosteiro é uma instituição total, de entrega e obediência, de contemplação, parte da visão católica como um modo possível de existência, que não existe no Judaísmo. Em 1933, em um momento dramático na história do povo judeu e dos seus familiares e amigos queridos, e de toda humanidade, Edith, que há muito tempo se sentia uma estranha no mundo, opta por sair deste mundo, distanciar-se de todos. No entanto, a realidade está à espreita, e logo à frente, não poderá mais se isolar, sendo capturada pelo ôntico. Edith vive este momento como se fosse sua imolação por toda a humanidade. Mas esta escolha não seria uma falha ética, para com todos os seus e para com esta mesma humanidade? Corroborando este fato, Edith morre como judia, a força do mundo a alcançara. O ontológico existe apenas através do ôntico e, ao retirar-se do mundo, Edith trai os que pretende salvar. Assim escreveu sobre Edith seu grande amigo Franz Kaufmann, ao saber de sua prisão e provável morte na mão dos nazistas:

Edith ingressou nas Carmelitas pela especial devoção que sentia por Santa Teresa, mas também porque queria oferecer sua vida e suas orações, nessa comunidade ascética, pela salvação da humanidade. Teve êxito nesta suprema tarefa?³¹⁵

No fim deste meu percurso com Edith Stein, hoje, 12 de outubro, dia de seu aniversário, fica em mim esta admiração pela sua força intelectual e por sua coerência em busca da Verdade, pelas grandes contribuições de seu trabalho filosófico e penetrante olhar sobre o ser humano, voltado para o ontológico. Suas escolhas, sem dúvida parte do seu *mito-poiesis*, são no entanto ambíguas, na medida em que volta sua costas ao que acontecia ao seu redor, embora atenta aos acontecimentos.

Quase dois meses antes de sua prisão e morte, em 13 de julho de 1942, Edith escreveu sua última peça teatral, pelo aniversário da madre Priora, denominada *Arcanjo São Miguel*. Inicia falando da guerra que se desenrolava ao seu redor, e caracteriza Hitler como Satanás:

ARCANJO SÃO MIGUEL³¹⁶

“Vocês já me conhecem – esta grande espada o diz.
Eu sou o que luta pelo Senhor,
Portanto, quando meu irmão Lúcifer se revelou
Querendo ser igual a Deus
Minha voz retumbou no Céu:
“Quem pode comparar-se a Deus?”
Todos os anjos fieis me seguiram.
Satanás se precipitou no abismo profundo.
Por isso agora também sou o chefe dos exércitos
Que contra Satanás e seus seguidores combatem
Neste horrível guerra mundial,
Que como fogo devorador destrói a *todos os países*.”

A própria possibilidade do indivíduo sustentar o fluxo da sua consciência, depende da oferta do Outro. Não podemos perder de vista que a vida singular de Edith Stein ocorreu inserida em uma comunidade, em uma história familiar, em um povo. Ao mesmo tempo em que criou seu *mito-poiesis* de origem e de fim, ele está enraizado no *mito-poiesis* da sua família, e também é transgeracional. Esta é uma

³¹⁵ Carta de Fritz Kaufmann a Marvin Farber, Evanston, Northwestern University, 9/8/1945, in OCES, Vol. I, p. 1701. (Trad. I. N.)

³¹⁶ “*Arcanjo São Miguel*”, OCES, Vol. V, p.738. (Trad. I. N.)

faceta do Sobornost³¹⁷, a comunidade compreendida no seu sentido ontológico, em que o próprio destino humano nos coloca em comunidade.

Tudo indica que Edith re-significou sua história, apropriando-se de sua questão originária, a questão da verdade do ser, através de suas escolhas singulares, dando um sentido pessoal para sua existência e para o mundo a seu redor, do seu devir. Isto a pôs em contato com a esperança de estar servindo a seu povo, e a toda humanidade, com sua vida e sua morte. Edith buscou dar à sua vida e à sua morte brutal em Auschwitz um sentido, que se relacionava à sua questão originária e a seu *Telos*. Isto é fundamental, nos diz Safra, para que a pessoa possa imaginar ou sonhar sua morte e acolhê-la sem agonia. Este é o sentido último que Safra denomina *teleologia pessoal*, e, juntamente com Arché, organiza nosso mundo imagético.

O sentido da vida de alguém só se revela após sua morte. Assim, somos nós que testemunhamos a existência de Edith em sua finalização e podemos acolher a revelação do sentido da sua vida. A morte revela o rosto definitivo de quem foi Edith Stein. O sentido último da sua vida, vivido como sua utopia final, sua completude, seu valor absoluto ou a face do divino. Mas o sentido último é uma ilusão importante, nos diz Safra, na medida em que a utopia é necessária para a resignificação do cotidiano.

Ao se apropriar de seu sentido ultimo, Edith Stein pôde apropriar-se também da serenidade, acolher o seu destino, integrar a imprevisibilidade do futuro, sustentada pela esperança deste mesmo sentido último. Passa a ter um lugar psíquico-existencial a partir do qual foi possível acolher as diferentes experiências de sua vida com relativa estabilidade e calma, acolhendo a precariedade da condição humana.

Dentre os caminhos espirituais à disposição do ser humano, penso que Edith Stein realizou-se no servir, como um modo de caminhar para além de si, em que o Outro é sua referência fundamental, em que se realizou sua relação pessoal com a Verdade. O conhecimento para ela é amor, e o seu amor pela verdade a levou a estudar as experiências religiosas e a mística. A convivência com o Outro nos abre para a nossa transcendência originária, pela experiência de alteridade que desconstrói nossas concepções e nos coloca para mais além de onde estávamos

³¹⁷ SAFRA, G. *A Po-ética na Clínica Contemporânea*, Aparecida, Idéias e Letras, 2004, p. 39.

antes do encontro. Conhecer para Edith era ato de amor, parte da espiritualização do ser humano, ao reposicionar nossa abertura fundamental para a verdade.

42. Imagem de Sta. Tereza Benedita da Cruz, Edith Stein, na Igreja de Santa Terezinha, Higienópolis, São Paulo. (Arquivo Ilana Novinsky).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“É preciso começar cada dia como uma nova vida”

Neste meu percurso com Edith Stein, procurei me aproximar desta mulher considerada emblemática, vendo-a como uma pessoa fruto da história do seu tempo, da história do povo judeu, da história das mulheres, e da história da sua família. Embora isto tudo seja parte de Edith, esteja nela, e com ela, Edith, como cada um de nós, é muito mais, e está para além do que podemos apreender ou tentar compreender através das nossas análises - históricas, sociológicas ou psicanalíticas. Se o que me chamou a atenção, em primeiro lugar em Edith Stein foi sua trajetória, seu percurso e suas escolhas, algo que me parecia inapreensível e incompreensível, neste momento do percurso, ao final desta escrita, posso dizer que praticamente esta tensão se mantém.

Sua vida se deu entre Jerusalém e Atenas, entre sua origem judaica e sua busca existencial pela verdade, na psicologia e na filosofia, para reencontrar Jerusalém, agora transformada pela experiência do Catolicismo. Jerusalém, revelação e redenção.

Se como nos diz Leo Strauss (1899-1973)³¹⁸, filósofo alemão contemporâneo de Stein, o Ocidente é fruto desta tensão que não pode ser resolvida, entre Jerusalém e Atenas, - nela podemos encontrar um campo fértil para compreendermos também o ser humano que, nas suas aberturas, para cima, para baixo e para os lados - como nos dizia Edith Stein - é atravessado pelo Bem (e pelo Mal), pela Verdade e pelo Belo. Aberturas que nos falam de nossa transcendência, de nossas possibilidades e limites.

O encontro possível com Edith Stein que ao mesmo tempo se mantém tão empaticamente próxima e tão distante em suas escolhas e possibilidades, não deixou de ser muito perturbador e ao mesmo tempo instigante. Como afirmei em vários momentos ao longo desta escrita, Edith Stein é fugidia, nos escapa, e em sua

³¹⁸ STRAUSS, L. “Jerusalem and Athens: some preliminary reflections”, In: STRAUSS, L. *Jewish Philosophy and the Crisis of Modernity - Essays and Lectures in Modern Jewish Thought*, Ed. with an Introduction by Kenneth Hart Green, Albany, State University of New York Press, 1997, pp. 377-405. – Strauss estudou com Husserl e Heidegger, dialogou com os principais pensadores do seu tempo, como Scholem, Gadamer entre outros, saiu da Alemanha, por causa do Nazismo e se fixou em Chicago, EUA.

complexidade espero pelo menos ter conseguido não tê-la traído, procurando vê-la em seus múltiplos aspectos e sob diversos pontos de vista.

Por outro lado, um texto é sempre um diálogo, com aqueles que trazemos dentro de nós. Em primeiro lugar, um diálogo com nós mesmos. Num texto sobre um terceiro, como este, há um cruzamento de vozes: entre todos com quem dialogo, e meu diálogo com Edith. Daí a elaboração do trabalho ter se tornado às vezes complexa visto suas múltiplas vertentes e horizontes. Mas, sem dúvida, foi um encontro importante e transformador pra mim, que dediquei os últimos anos a lê-la e a ouvi-la, pesquisando e estudando, sua época, sua vida, seus trabalhos. Além disso, estive pessoalmente em alguns dos lugares em que viveu à procura de seus traços, o que foi bastante tocante. Agora que o momento do fim deste percurso com Edith se aproxima, percebo que um longo caminho se mantém aberto, em que novas questões se colocam, de modo que poderemos continuar a aprofundar as leituras de seus trabalhos, assim como das questões por ela suscitadas.

Edith Stein viveu num momento particularmente terrível da humanidade, em uma época que nos transformou irremediavelmente, talvez mais que todas as outras, dada a dimensão da *Shoah*, traduzido aqui como “crime contra a Humanidade”. Tempos sombrios que transformaram o ser humano que nunca mais será o mesmo. Tempos de barbárie, em que o horror penetrou em nossas almas. A existência de Edith Stein não teve, certamente, condições favoráveis, nem fáceis.

O mundo descobria, em sua nudez, o mal obscuro que o habita sempre e a sua potência infernal sobre o destino dos homens. Um mal tão grande que parece sem contrapartida. Todo o mal do mundo. Mas esta explosão do mal, parece suscitar uma explosão do bem, o heroísmo em meio ao horror.³¹⁹

Conforme afirmou H. Arendt em 1950:

Não podemos nos dar ao luxo de extrair aquilo que foi bom no passado e simplesmente chamá-lo de nossa herança, deixar de lado o mal e simplesmente considerá-lo um peso morto, que o tempo, por si mesmo, relegará ao esquecimento. A corrente subterrânea da história ocidental veio à luz e usurpou a dignidade de nossa tradição. Essa é a realidade em que vivemos. E é por isso que todos os esforços de escapar do horror do presente, refugiando-se na nostalgia por um

³¹⁹ MIRIBEL, E, de. *Edith Stein 1891-1942: Como Ouro Purificado pelo Fogo*, tradução da Profa. Maria do Carmo Wollny, Aparecida, Editora Santuário, 2001, p. 10.

passado ainda eventualmente intacto ou no antecipado oblívio de um futuro melhor, são vãos.³²⁰

Edith Stein, foi uma daquelas pessoas que - como nos referimos no início deste trabalho, nos deixou uma importante contribuição, não apenas por suas pesquisas teóricas, em diversos campos do conhecimento, mas por sua própria trajetória, marcada por tantas tensões que nos falam da nossa humanidade. Edith Stein nos abre para o que é o humano, para o reconhecimento do humano e das suas condições necessárias, para a ética. Ao mesmo tempo em que demonstra as nossas falhas e ambigüidades.

Sempre em busca - entre Jerusalém e Atenas - Edith abriu-se cada vez mais a Jerusalém, tanto nas suas preocupações com a questão da religiosidade como na sua conversão e adesão à vida de monja. Diante desta trajetória não podemos deixar de senti-la como uma mulher dividida entre a tensão do Judaísmo e do Catolicismo, que marcou sua vida e sua morte.

43. Escultura em homenagem à Edith Stein em Colônia (detalhe). (Foto Ilana Novinsky, 2008)

Sua busca incansável pela verdade, seu doar-se em martírio pelos judeus e por toda a humanidade assim como a ideia de redenção são, com certeza, marcos de sua vida interrompida. Edith acreditava na redenção pelo sofrimento e, na sua adoração pelo coração de Jesus, pretendia partilhar o seu sofrimento, em busca desta redenção. Ao dizer a sua irmã Rosa, ao sair do convento de Echt, quando

³²⁰ “Prefácio”, in: ARENDT, H. *Origens do Totalitarismo, Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo*, Tradução Roberto Raposo, 9ª reimpressão, São Paulo, Companhia das Letras, 2011, p. 13.

eram levadas pelos nazistas: “Venha, vamos com o nosso povo”, procurava consolá-la e encorajá-la no caminho final para a cruz. Mas, enquanto os judeus interpretam o papel de Isaías (53), como aquele que serve através do seu sofrimento a todo povo Judeu, os cristãos identificam o destino de Jesus Cristo como o servidor de Deus.

Como nos explica G. Scholem, o messianismo é um aspecto básico da concepção judaica da história. A principal diferença entre o Judaísmo e o Cristianismo em relação à redenção está no fato de que o conceito messiânico de redenção cristã passou da arena da História para o nível da Psicologia. O processo de redenção e seus efeitos se processam no interior da alma do indivíduo. No Judaísmo, por sua vez, este processo molda a sorte dos próprios poderes divinos, do cosmos como um todo e do processo histórico exterior. Ou seja: o messianismo é uma ocorrência histórica, exterior. Segundo o conceito messiânico judaico, o social, o cósmico, o nacional é que serão redimidos.³²¹ Nisto surge a questão de que a redenção de que nos fala Edith, se oferecendo pelo povo judeu e por toda a Humanidade, parece ter mais o sentido messianico judaico do que propriamente cristão, o que a coloca mais uma vez entre estes dois paradigmas.

Edith Stein emerge, nas linhas e entrelinhas deste estudo, como que desenraizada de sua pátria, a Alemanha, e dividida entre sua origem familiar e cultural judaica e sua adesão ao Catolicismo. Em 1942, pouco antes de morrer, Edith disse a seu amigo Jan H. Nota, SJ³²², que a visitou no Carmelo de Echt, “*eu quero continuar alemã*”, apesar dos nacional-socialistas lhe terem roubado a cidadania, e no final, a própria vida. Podemos, a partir daí, ter uma ideia da violência que foi para ela ser presa em Echt e levada em vagões de carga pela Alemanha, passando pela Silésia, onde viveu sua infância e juventude, por sua cidade natal Breslau, um caminho terrível que sabia ser sem volta.

Foi no Catolicismo que procurou reencontrar suas raízes e dar um sentido a toda experiência dos seus últimos anos de vida: colocar-se de pé e pôr-se em oferta para a redenção do mundo. Mas este mesmo Catolicismo onde buscava raízes, nesta hora não respondeu a seus apelos, e não a resgatou da morte, junto a tantos

³²¹ SCHOLEM, G. *Le Messianismo Juif, Essais sur la Spiritualité du Judaïsme*, Préface, traduction, notes et bibliographie par Bernard Dupuy, Paris, Calman-Lévy, 1974, p. 23.

³²² Professor de Filosofia na Holanda, Canadá e Estados Unidos. NOTA, J.H., SJ. “Edith Stein: Sign of Contradiction, Sign of Reconciliation”, in: HERBSTTRITH, W., O.C.D.(Ed.), *Never Forget- Christian and Jewish Perspectives on Edith Stein*, Washington, DC, ICS Publications, Institute of Carmelite Studies, 1998, p. 121.

outros judeus e não-judeus condenados ao extermínio pela Alemanha nazista e países colaboracionistas.

Ao observarmos as fotografias de Edith Stein - registradas antes e após a sua conversão, assim como aquelas que nos remetem a sua estadia no mosteiro de Colônia - nos chama a atenção a mudança na expressão de seu olhar que parece finalmente apaziguado. Tal constatação corrobora nossa afirmação anterior, de que a sua conversão e ingresso no mosteiro parece realmente ter-lhe dado o sentido tanto perseguido, um sentido para a vida e para a morte.

44. À esquerda Edith Stein em Conferência sobre Sta Elizabetta di Turingia, 30 de maio de 1931. (MAN p. 47)

45. À direita, em 1938, Colônia. (Arquivo Arquivo Ilana Novinsky)

Edith não queria morrer. Tentou de todas as formas sair da Holanda, quando sentiu que o cerco nazista se fechava mas, os nazistas foram mais rápidos na resposta aos bispos holandeses do que os trâmites suíços que só chegaram dois meses após a sua morte. Assim como Edith Stein, milhares de outros judeus assassinados pelos nazistas não queriam ser “sacrificados”, nem queimados em sacrifício. Queriam viver. Os judeus religiosos queriam servir ao seu Deus como judeus vivos, não mortos. Os que rezavam e clamavam por seu nome nos campos de concentração, não estavam se oferecendo em sacrifício a Deus, mas gritando por

piedade! No *Genesis* 22, a história de Isaac que não é sacrificado é o exemplo mais empático contra qualquer forma de sacrifício humano: Deus não quer e não pode pedir o sacrifício.

Embora não possa “empatizar” com Edith Stein em suas escolhas - seja pelo abandono de suas origens, seja pela sua opção de viver enclausurada em um convento, longe de todos os seus mais queridos familiares e amigos, em um meio exclusivamente feminino – Edith é sem dúvida alguém com quem se tem muito a aprender. Seus escritos sobre as mulheres, sobre educação, sobre os limites das teorias científicas e sobre o ser humano, são contribuições importantes que nos ajudam a compreender o mundo em que vivemos, e a nós mesmos. Edith pode representar uma aproximação nas diferenças, não apenas dentro de um diálogo católico - judaico, como querem alguns, mas como uma contribuição ao respeito, à tolerância e à convivência entre toda a Humanidade, como “*a tensão na diferença*”, que caracteriza o mundo contemporâneo.

Ao final deste trabalho, não posso deixar de mencionar a dor que senti ao longo da sua elaboração, ao entrar em contato com a história e os horrores perpetrados. Muitas vezes chorei profundamente, e continuo chorando, por Edith Stein e por todos que sofreram em tempos sombrios, de ontem e de hoje, entre eles vários membros da minha própria família que também morreram nos campos de concentração. Edith pereceu junto com milhões de outros judeus que não conhecemos, de que não sabemos a história, os sonhos e angústias, talentos e ambições. Penso que esta pode ser mais uma das suas contribuições, o seu testemunho, que por sua dimensão pessoal e intelectual, ergue-se como um alerta à Humanidade.

Como em toda experiência clínica, que transforma profundamente o analista ao longo do processo, me vejo também transformada. Fazer este percurso com Edith Stein, me indagou e me surpreendeu, instigando-me a buscar respostas para muitas questões, que dizem respeito ao meu *Arché* e meu *Telos*, e que me reposicionaram frente ao meu sonho último! *Obrigada, Edith!*

46. “Aqui morava Dr. Edith Stein”³²³
 Nasceu 1891.
 Fugiu 1938 /Holanda
 Campo Westerbork 1942
 Assassinada 1942 em *Auschwitz*”.

³²³ Stolpersteine Initiative – Edith Stein – “Pedra em que se tropeça” – “Pedras da Memória”
 Iniciativa do artista alemão, não judeu, Gunter Demnig que coloca estas ‘pedras’ de bronze, desde a década de 1990, em frente às casas das vítimas do Nazismo, por toda a Alemanha.
 Em Freiburg Breisgau existem três pedras: Goethestrasse, 63; Zäsius Strasse 24; Riedberg Strass.
 Também em Colônia, há uma ‘pedra’ em frente ao Convento Carmelita Maria vom Frieden.
 (<http://welcomefisor.blogspot.com/2009/09/stumbling-blocks-stolpersteine.html>)

FONTES

Obras de Edith Stein

- *Obras Completas I. Escritos Autobiográficos y Cartas* - bajo la dirección de J. Urkiza y F. J. Sancho, Vitoria, Madrid, Burgos, Coeditores: Editorial Monte Carmelo, Ediciones El Carmen, Editorial de Espiritualidad, 2002.
- *Obras Completas II. Escritos Filosóficos - Etapa Fenomenológica: 1915-1920.* bajo la dirección de J. Urkiza y F. J. Sancho, Vitoria, Madrid, Burgos, Coeditores: Editorial Monte Carmelo, Ediciones El Carmen, Editorial de Espiritualidad, 2005.
- *Obras Completas III. Escritos Filosóficos – Etapa de Pensamiento Cristiano 1921-1936* – bajo la dirección de J. Urkiza y F.J. Sancho, traducidos del alemán por A. Pérez OCD, J. Mardomingo, C.R.Garrido, Vitoria, Madrid, Burgos, Coeditores: Editorial Monte Carmelo, Ediciones El Carmen, Editorial de Espiritualidad, 2007.
- *Obras Completas IV. Escritos Antropológicos y Pedagógicos - Magisterio de Vida Cristiana, 1926-1933* – bajo la dirección de J. Urkiza y F. J. Sancho, Vitoria, Madrid, Burgos, Editorial Monte Carmelo, Ediciones El Carmen, Editorial de Espiritualidad, 2003.
- *Obras Completas, V. Escritos Espirituales (En el Carmelo Teresiano: 1933-1942)* - bajo la dirección de J. Urkiza y F. J. Sancho, Vitoria, Madrid, Burgos, Coeditores: Editorial Monte Carmelo, Ediciones El Carmen, Editorial de Espiritualidad, 2004.
- *Collected Works of Edith Stein*, Vol. I: “Life in a Jewish Family”, Edited by L. Gelber and Romaeus Leuven. Translated by Josephine Koeppel, Washington, D.C., ICS Publications, 1986.
- *Collected Works of Edith Stein*, Vol. III: “On the Problem of Empathy”, Translated by Waltraut Stein, 3d revised edition. *Collected Works of Edith Stein*, Washington, DC: ICS Publications, 1989.
- *Collected Works of Edith Stein*, Vol. IV: “The Hidden Life”, Edited by L. Gelber and Michael Linssen. Translated by Waltraut Stein, Washington D.C., ICS Publications, 1992.
- *Collected Works of Edith Stein*, Vol. IX: “Finite and Eternal Being: an attempt at an ascent to the meaning of being”, Translated by K. F. Reinhardt, *The Collected Works of Edith Stein*, Washington, DC, ICS Publications, 2002.

- *Dalla Vita di Una Famiglia Ebraica e Altri Scritti Autobiografici* - opere complete di Edith Stein, Roma, Città Nuova, Edizioni OCD; edizione italiana a cura di Angela Ales Bello e Marco Paolinelli, 2007.
- *Come Giunsi al Carmelo di Colonia, IV Domenica di Avvento, 18/12/1938, in Un Contributo alla cronaca del Carmelo di Colonia, in DVFE*, pp. 483-506.
- *Poesia per la Festa di Nozze di Erna Stein e Hans Biberstein*, Appendici, in *DVFE*, pp.509-515.
- *Consacrazione*, Domenica di Passione, 26/3/1939, Appendici, in *DVFE*, p. 516.
- *Testamento*, Appendici, in *DVFE*, pp.517-519.
- *Annotazioni di Erna Biberstein, New York, 1949*. Appendici, in *DVFE*, pp.521-526.
- *Lettere a Roman Ingarden, 1917-1938*, presentazione di Angela Ales Bello, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2001.
- *Pregiere* – a cura di Massimo Angeletti, Roma, Edizioni OCD, 2003.
- *La Lettera Sigillata che Edith Stein Scrisse a S.S.Pio XI Sulla Persecuzione Degli Ebrei in Germania* - Giovanna della Croce (a cura di), Pessano, Mimep-Docete – Padri Carmelitani, 2004.
- *A Mulher, sua missão Segundo a natureza e a graça*, Tradução Alfred J. Keller, Bauru, Edusc, 1999.
- *O Mistério do Natal*. Tradução de Hermano José Cürten, Bauru, Edusc, 1999.
- *A Ciência da Cruz*, São Paulo, Loyola, 1988.
- *Malgré la Nuit. Poésies Completes* – édition bilingue français/allemand, Traduction et Présentation de Cécile Rastoin, Genève, Ad Solem Editions, 2002.
- *La Femme, Cours et Conférences*. Introduction, traduction, annotations et annexes par Marie-Dominique Richard, Paris, Toulouse, Genève, Editions du Cerf, du Carmel, Ad Solem, 2008.

Correspondência (Trad.I.N.)

Cartas de Edith Stein a Roman Ingarden, in LRI:

Carta 6, Freiburg 3/02/1917, p. 33.

Carta 7, Friburgo, 9/2/1917, pp. 37-38.

Carta 28, Breslavia, 19/02/1918, p. 82.

Carta 38, Friburgo, 5/7/1918, p. 105.

Carta 53, Friburgo, 10/10/1918 p. 132.
 Carta 60, Breslavia, 30/11/1918, p. 144.
 Carta 62, sem lugar, 10/12/1918, p. 150.
 Carta 65, Breslavia, 16/9/1919, p. 156.
 Carta 71, sem lugar, 9/10/ 1920, p. 171
 Carta 72, Breslavia, 6/12/1920, p. 174.
 Carta 78, Breslavia, 15/10/1921, p. 188.
 Carta 85, Speyer, 19-6-1924, p. 205.
 Carta 89, Trebnitz, 8/8/1925, p. 213.
 Carta 151, Friburgo-Güterstal, 29/11/1931, p. 317.

Cartas Diversas in OCES, Vol. I: (Trad.I.N.)

Carta 1 a Fritz Kaufmann, Friburgo, 16/8/1916, p. 552.
 Carta 2 a Fritz Kaufmann, Friburgo, 13/12/1916, p. 552.
 Carta 269 a Adelgundis Jaegerschmid e Placida Laubhardt, Speyer, 26/1/1931, p. 910.
 Carta 566 a Petra Brüning, Colônia, 31/10/1938, p. 1286.
 Carta 589, a Ottillia Thannisch, Echt, 26/3/1939, p. 1307.
 Carta 607 a Baptista Pozzi, Echt, 13/11/1939, p. 1327.

Outros Documentos (Trad.I.N.)

Carta de Hedwig Conrad-Martius ao Monsenhor Oesterreicher, Apud HERBSTRITH, W., O.C.D. *Never Forget – Christian and Jewish Perspectives on Edith Stein*, translated for English by Susanne Batzdorff, ICS Publications, Institute of Carmelite Studies, Washington, D.C., 1998, p. 265.
 FOUQUET, V. “Edith Stein: Her Greeting on August 7, 1942 At The Schifferstardt Train Station”, Schifferstardt, 1953, in HERBSTRITH, W. - *Op. Cit.*, p. 264.
 KRICHMALNIK, D. “Edith Stein: A Jew’s Path to Catholicism”, In HERBSTRITH, W., *Op. Cit.* pp. 78-79.
 Documento 54 El Consulado de Suiza a Antonia Engelmann, Amsterdamm, 11/8/1942 in OCES, Vol. I, pp. 1697.

Documento 57 El Consulado de Suiza a Antonia Engelmann, Amsterdam, 9/9/1942 in *OCES*, Vol. I, pp. 1699.

Documento 60 Carta de Fritz Kaufmann a Marvin Farber, Evanstown, Northwestern University, 9/8/1945, in *OCES*, Vol. I, p. 1701.

HUSSERL, E. *Raccomandazione per L'Abilitazione di Edith Stein, di Edmund Husserl*, 6 de fevereiro de 1919, in HERBSTRITH, W. *Edith Stein, vita e testimonianze*, Traduzione del Tedesco a cura della Redazione di Città Nuova Editrice, IV edizione, 1998, p. 77.

Iconografia

1. Edith Stein estudante em Göttingen, verão de 1913. (MAN p.23). P.iv
2. Convento das Dominicanas Sta. Madalena, Hasenpfehlstrasse 32, Speyer, Alemanha. (Arquivo Ilana Novinsky). P.30
3. Brasão em homenagem a querida professora Dr. Edith Stein, que ali viveu entre 1923 e 1931. Martir assassinada em 9.8.1942. Santificada em 11-10-1998. (Arquivo Ilana Novinsky). P.31
4. Quarto onde morou Edith Stein em Speyer, preservado como quarto de meditação. P.31
5. Outro ângulo do quarto onde morou Edith Stein com a Irmã brasileira que me recebeu na ocasião de minha visita. (Arquivo Ilana Novinsky). P.32
6. Exposição sobre a vida de Edith Stein, organizada pelas Irmãs do Convento Sta. Madalena, em Speyer, com as irmãs brasileiras que me acompanharam na visita. (Arquivo Ilana Novinsky). P.32
7. Escultura em homenagem à Edith Stein no pátio do Convento de Sta. Madalena, Speyer. (Arquivo Ilana Novinsky) P.33
8. Praça Edith Stein, Speyer. (Arquivo Ilana Novinsky) P.33
9. Catedral de Speyer com homenagem à Edith Stein. (Arquivo Ilana Novinsky). P.34
10. Roman Ingarden (MUNOZ, sem página). P.47
11. A Família Stein (montagem de 1895) (MAN, p. 9). P.77
12. Edith, 1895. (MAN, p. 9).P.79
13. Edith e Erna (MUNOZ, sem página). P.82

14. Edith Stein com Ilse Gordon, Hamburgo, 1906 (HERBSTSTRITH.W. Never Forget...*Op. Cit.* p. 58). P.86
 15. Edith Stein amava a natureza e fazia longos passeios. Foto provavelmente do verão de 1911, numa excursão a Schneekoppe. (MAN, p. 16). P.88
 16. Quatro irmãs Stein depois de uma partida de tênis. Da esquerda para a direita: Rosa, Erna, Frieda e Edith, em 1913. (MAN, p. 16). P.89
 17. Em 28 de abril de 1911 Edith Stein se matriculou na Universidade de Breslau. (MAN, p.15). P.90
 18. Edmund Husserl (1859-1938). (MAN, p. 18). P.94
 19. Circulo Filosófico de Göttingen: 1912. Da esquerda: Jean Hering, Adolf Reinach, Hans Lipps, Theodor Conrad, Max Scheler, Alexander Koyré, Siegfried Hamburger, Hedwig Martius, Rudolf Clements, Gustav Hübener, Alfred von Sybel. Edith Stein chegaria um ano depois a Göttingen. (MAN, p. 22). P.96
 20. Adolf e Anne Reinach. (MAN, p. 20). P.97
 21. Hospital da Cruz Vermelha Mährisch-Weisskirchen, 1915. (MAN, p. 24). P. 99
 22. Edith Stein em 1921. (MUNOZ, sem página). P.109
 23. Foto de Hans Lipps que Edith manteve em sua escrivaninha. (http://belcikowski.org/la_dormeuse/logique_et_hermeneutique.php) P.111
 24. Hedwig Conrad-Martius e seu esposo Conrad. (HERBSTSTRITH, W. Never Forget...*Op.Cit.*p 267). P.112
 25. Anotação no livro de Batismos de St .Martin em Bergzabern: "...baptizata est Editha Stein, ...quae a Judaismo in religionem catholicam transivit, bene instructa et disposita...". (MAN, p. 37).
- No mesmo documento de batismo se lê, embaixo à esquerda, uma anotação posterior que se refere aos seus votos religiosos no Carmelo. (MAN, p. 37) P.114
26. O vigário geral de Speyer, Josef Schwind, primeiro orientador espiritual de Edith. (MAN, p. 42). P.115
 27. Edith entre suas alunas em Speyer. (s/ data MAN, p. 45) P.116
 28. Livros publicados em 1928 e 1931. (MAN, p. 46). P.117
 29. Edith Stein com alunas em Speyer. (s/ data, MAN, p. 49) P.119
 30. Edith Stein em Speyer (s/ data MAN, p. 49). P.119
 31. Münster, 1932 (MAN, p. 60). P.120

32. Carmelo de Colonia-Lindenthal, Dürener Strasse. Destruído na II GG. (MAN, p. 62). P.127
33. 21 de Abril de 1935, Edith, Irmã Teresa Benedita da Cruz, no dia dos votos da profissão de fé, portando uma coroa de rosas brancas, segundo o uso na época. Foto tirada no jardim interno do mosteiro de Colonia-Lindenthal. (MAN, p. 67). P.130
34. Edith Stein postulante durante a missa solene com seu vestido de noiva de seda branca e com a vela branca, segundo o costume da época. 1938. (MAN p. 65). P.132
35. Carmelo de Echt, Holanda, onde Edith Stein viveu entre 1938 e 1942. Abaixo, a cela que ocupou no Carmelo Echt. (MUÑOZ, sem página). P.133
36. Rosa e Edith Stein no Carmelo de Echt, 1939. (MAN, p. 73). P.134
37. Edith Stein em 1942. (MAN, p. 75). P.136
38. Última foto de Rosa Stein, 1942. (MAN, p.75). P.137
39. Campo de Westerbork onde estiveram Edith e Rosa Stein de passagem para Auschwitz, em Agosto de 1942. (MAN, p.78). P.138
40. Última carta de Edith Stein enviada do campo de concentração.(MIRABEL, s/ p.). P.139
41. O Papa saldando os membros da família de Edith Stein depois da beatificação em Colônia, 1 de maio de 1987. À esquerda Alfred Batzdorff, Susanne Batzdorff, sobrinha de Edith, o Papa João Paulo II. (in Herbrich, W. *Never Forget...Op. Cit.*, p. 48). P.144
42. Imagem de Sta. Tereza Benedita da Cruz, Edith Stein, na Igreja de Santa Terezinha, Higienópolis, São Paulo. (Arquivo Ilana Novinsky). P. 214
43. Escultura em homenagem à Edith Stein em Colonia (detalhe). (Arquivo Ilana Novinsky, 2008). P.217
44. Edith Stein em Conferencia sobre Sta Elizabetha di Turingia, 30 de maio de 1931. (MAN p. 47). P.219
45. Tirada para o passaporte para a viagem a Holanda, feita na clausura, com a porta aberta atrás e sobre a cabeça se vê a cruz na parede branca do corredor, 1938. (MAN, p. 70). P.219
46. Aqui morava Dr. Edith Stein. Nasceu 1891. Fugiu 1938 /Holanda. Campo Westerbork 1942. Assassinada 1942 em Auschwitz".

(<http://velcomefisor.blogspot.com/2009/09/stumbling-blocks-stolpersteine.html>).

P. 221

- Filmografia

- MESZAROS, M. – *LA SETTIMA STANZA* – 1997, título original: Siòdmy Pokòj, 1995, com Maia Morgenstern. Multimedia San Paolo, Srl. Co-produção: Morgan Film (Ita), Euro Film (FRA), Budapest Film Studio (H) e Film Studio Tor (Pol) em colaboração com RAI, Radio Televisione Italiana (RAIUNO), Premio OCIC Veneza 1995. Extras, trailer, entrevista com o crítico cinematográfico Gian Luigi Rondi. DVD. Existe uma versão brasileira disponível na web: http://www.youtube.com/watch?v=wLElbqG6_XY.

Há notícia de um novo filme sobre a vida e espiritualidade de Edith Stein que estaria sendo realizado nos Estados Unidos, com a direção do americano Joshua Sinclair. Em co-produção com a Áustria e Alemanha e distribuição da Universal Pictures, o lançamento está previsto para 2012. (Declarações de Joshua Sinclair ao jornal *Avvenire* de 14/2/2011.)

- VIOLOIN, M. – *EDITH STEIN, 1891-1942 – Itinéraire d'Une Femme en Quête de Vérité*, Figures Spirituelles du XX siècle,. – C.F.R.T., France 2, 2005, Français, Couleur, 26 min. DVD.

- *EDITH STEIN* – Maran Film, Stuttgart, Germany; EWTN, Birmingham, Alabama, USA, 1996, Global Catholic Network, 90 min., color. DVD.

- *Das Breslau der Edith Stein* – Poland, 1997, 70 min, Deutsche Bearbeitung: Film Dresden. – DVD.

Peças de Teatro sobre Edith Stein

Aponte, V. *El Regreso*, mimeo. Venezuela, s/ data.

GIRON, A. *EDITH STEIN*, London, Toronto, Samuel French, Inc. 1988.

Sites

Poesias Bertold Brecht: <http://outraspalavras.arteblog.com.br/263321/Aos-que-virao-depois-de-nos-de-Bertolt-Brecht-por-Vera-Lighia/>.

Edith Stein Archiv: (<http://www.edith-stein-stiftung.org/index.html>).

Edith Stein Foundation: ([HTTP://www.edith-stein-stiftung.org](http://www.edith-stein-stiftung.org))

Grupo Edith Stein, Brasil: <http://gtedithstein.blogspot.com/>

Enciclopédia Judaica: <http://www.jewishencyclopedia.com/>

Sobre Hans Lipps:

http://belcikowski.org/la_dormeuse/logique_et_hermeneutique.php

Sobre entrevista Grão Rabino de Israel Lau:

<http://www.riototal.com.br/comunidade-judaica/juda9d8.htm>.

Sobre a Stolpersteine Initiative:

(<http://velcomefisor.blogspot.com/2009/09/stumbling-blocks-stolpersteine.html>)

BIBLIOGRAFIA

Obras sobre Edith Stein

- ANCELET-HUSTACHE, J. *Convertis du XX Siècle*, Paris/Bruxelles, Notre-Dame, Casterman/Foyer, 1958.
- ANDREWS, M. "Contributions to the Phenomenology of Empathy: Edmund Husserl, Edith Stein e Emmanuel Lévinas", PhD diss. Villanova University, 2002.
- BASEHEART, M. C. *The Encounter of Husserl's Phenomenology and the Philosophy of St. Thomas in Selected Writings of Edith Stein*. Phd.Dissertation, University of Notre Dame, 1960;
- _____. "Edith Stein's Philosophy of Woman and of Women's Education", *Hypatia* 4, pp. 120-131.
- _____. "On Educating Women: The Relevance of Stein" *Continuum* 4 (Summer 1966) pp.197-207.
- BARUKINAMWO, M. *Edith Stein: Pour une Ontologie Dynamique, Ouverte à la Transcendence Totale*. European University Studies, series 23: Theologie, vol. 169. Frankfurt, Peter Lang.
- BATZDORFF, S. *Edith Stein, Ma Tante*, Bruxelle, Ed. Lessius/Racine, 2000.
- BEJAS, A. *La Passiòn Por La Verdad*, 3ed., Buenos Aires, Editorial Bonum, 2005.
- BELLO, A. A. *La Ricerca Della Verità. Dalla Fenomenologia Alla Filosofia Cristiana*, Roma, Città Nouva, 1993.
- _____. *A Fenomenologia do Ser Humano, Traços de uma Filosofia no Feminino*, Tradução de Antonio Angonese, Bauru, Edusc, 2000.
- _____. *Edith Stein – La Passione per la Verità*, Padova, Edizioni Messagero, 2003.
- _____. "A Antropologia Fenomenológica de Edith Stein" in: Do Argumento Ontológico à Ontologia, *Revista Lumen*, dezembro de 2009, vol.15, n. 37, p. 11-22.
- _____. et CHENEAUX, P. *Edith Stein e il Nazismo*, Roma, Città Nouva, 2005.
- _____. Ed altri "Edith Stein, Una Vita per la Verità" in *Quaderni dell'AIES*, Roma, Associazione Italiana Edith Stein, Edizioni OCD, 2005.
- _____. Ed altri *Edith Stein, Lo Spirito e la Santità*, Roma, Edizioni OCD, 2007.
- _____. *Edith Stein o Dell'Armonia, Esistenza, Pensiero, Fede*, Roma, Edizioni Studium, 2009.

- BERKMAN, J.A. (Ed.) *Contemplating Edith Stein*, Notre Dame, University of Notre Dame Press, 2006
- BOEHM, W. *Edith Stein à la Lumière du Ressuscité*, Médiaspaul-Paris, Ed. Pauline-Montréal, 1985.
- _____. ed PEZZELLA, A. M. *Edith Stein, Comunità e Mondo Della Vita, Società, Diritto, Religione*, Città del Vaticano, Lateran University Press, 2008.
- BOUYER, L. *Figure Mystiques Féminines*, Paris, Ed. Du Cerf, 1989.
- BRENNER, R. F. - "Edith Stein: A Reading of Her Feminist Thought" *Studies in Religion/Sciences Religieuses* 23, n. 1, pp. 43-56, 1994.
- CARDELLINI, S. *Filosofia dal Volto Mistico: Edith Stein e Vladimir Soloviev*, Roma, Edizioni OCD, 2004.
- _____. Ed altri *Edith Stein, Donna di Ascolto e dialogo*. Fórum Edith Stein 1, Roma, Edizioni OCD, 2005.
- CARGAS, H. J. *The Unnecessary Problem of Edith Stein* Studies in the Shoah, vol. IV, Laham, New York, London, University Press of America, 1994.
- CERTEAU, M. "A Operação Histórica", In: LE GOFF, J.; NORA, P. *História, Novos Problemas*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976, pp. 17-48.
- COLLINS, J. "Edith Stein and the Advance of Phenomenology", in: *Thought* 17, December 1942, pp. 685-708.
- _____. "Edith Stein as a Phenomenologist", in: *Three Paths in Philosophy*, pp. 85-105, Chicago, Henry Regnery, 1962.
- COURTINE-DENAMY, S. *Trois Femmes Dans de Sombres Temps, Edith Stein, Hannah Arendt, Simone Weil*, Paris, Editions Albin Michel, 2002.
- DOBNER, C. *Il Libro dai Sette Sigilli. Edith Stein: Torah e Vangelo*, Saronno (VA), Editrice Monti, 2001.
- DUBOIS, M. J. "L'Itineraire Philosophique et Spirituel d'Edith Stein", *Revue Thomiste* 73, pp. 181-210..
- FABRÈGUES, J. *Edith Stein : Philosopher, Carmelite, Nun, Holocaust Martyr*. New York, Alba House, 1965.
- FELDMANN, C. *Edith Stein, Judia, Atéia e Monja*, Bauru, Edusc, 2001.
- GABOREIAU, F. "Edith Stein Philosophe", In: *Revue Thomiste*, 88 (1988), p. 87-107, 256-277, 440-459, 589-619. Reprinted Paris: FAC, 1989.
- FERMÍN, F. J. S. Introducción General, Parte 1. "Edith Stein, Formadora Integral de la Persona", In: *Stein, Edith Obras Completas Vol. IV, Escritos Antropológicos y*

- Pedagógicos*, Vitoria, Madrid, Burgos. Coeditores: El Carmen, Espiritualidad, Monte Carmelo, 2003.
- _____. (ed.) *Edith Stein: Antropologia y Dignidad de la Persona Humana* Avila, Universidad de la Mística, 2009.
- FERRER, U. *Para Comprender a Edith Stein. Claves Biográficas, Filosóficas y Espirituales*, Madrid, Biblioteca Palabra, 2008.
- FUCHS-KREIMER, N. "Sister Edith Stein: A Rabbi Reacts" in HERBSTTRITH, W. O.C.D. *Never Forget, Christian and Jewish Perspectives on Edith Stein*, Translated by Susanne Batzdorff, Washington, D.C., ICS Publications, Institute of Carmelite Studies, 1998.
- GARCIA, C. *Edith Stein, Uma Espiritualidad de Frontera*. Burgos, Ed. Monte Carmelo, 1999, 2d. Edición.
- GARCIA, IR. J. T. *Santa Edith Stein: da Universidade aos Altares*, Bauru, Edusc, 1998.
- _____. *Edith Stein e a Formação da Pessoa Humana*, São Paulo, Edições Loyola, 2 ed., sem data.
- GRAEF, H., *The Scholar and the Cross: The Life and Work of Edith Stein*. London, Longmans and Green, 1955
- GREENE, D.K. "In Search of Edith Stein: Beyond Hagiography", in BERKMAN, J.A. (Ed.) *Contemplating Edith Stein*, Notre Dame, University of Notre Dame Press, 2006
- GUILEAD, R. *De la Phenomenologie à la Science de la Croix: L'Intineraire d'Edith Stein*, Philosophes Contemporaines: Textes et Etudes 17. Louvain: Editions Nauwelaerts, 1974.
- HERBSTTRITH, W. O.C.D. *Edith Stein, A Biography*, Translated by Father Bernard Bonowitz, O.C.S.O., San Francisco, Ignatus Press, 1992.
- _____. *Edith Stein, Vita e Testimonianze*, Traduzione dal tedesco a cura della Redazione di Città Nuova Editrice, Roma, Città Nuova, dicembre 1998.
- _____. *Never Forget, Christian and Jewish Perspectives on Edith Stein*, Translated by Susanne Batzdorff, Washington, D.C., ICS Publications, Institute of Carmelite Studies, 1998.
- KALINOWSKI, G. "Edith Stein et Karol Wojtyla sur la personne". *Revue Philosophique de Louvain* 82, pp. 545-561. Reimpresso em *Autour de "Personne et Acte" de Karol Cardinal Wojtyla: Articles et Conférences sur une Rencontre du*

- Thomisme avec la Phenomenology*. Aix-en-Provence: Presses Universitaires d'Aix-Marseille, 1987.
- KOEPCKE, C. *Edith Stein, Ein Leben*. Würzburg: Echter Verlag, 1991.
- KOEPPEL, J. *Edith Stein, Philosopher and Mystic*, Collegeville, MN, Liturgical Pr., 1990.
- MacINTYRE, A. "Edith Stein and Openness to Others" Lecture delivered at the Edith Stein Center, Spalding University, Louisville, KY., 1993, Typescript.
- _____. *A. Edith Stein: A Philosophical Prologue, 1913-1922*, Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2005.
- _____. *Edith Stein: The Philosophical Background*, London & New York, Continuum International Publishing Group, 2006.
- MADDEN, A.M. *Edith Stein and the Education of Women*, Augustinian Themes, Ann Arbor, MI, UMI, Doctoral Dissertation, St Louis University, 1962.
- McALISTER, L.L., "Feminist Saint? Edith Stein's Feminism", Florida International University Occasional Papers in Women's Studies, 1989, p.9.
- _____. "Edith Stein: Essencial Differences" *Philosophy Today* 37 (Spring 1993), pp. 70-77.
- McINERNEY, R. M. "Edith Stein and Thomism" *Carmelite Studies* 4, pp. 74-87.
- MEESTER, C. *Sainte Edith Stein, Quel Diamant!*, Louvain, *Présence du Seigneur*, n.23 –1998.
- MILES, J. A. *Simone de Beauvoir and Edith Stein: A Philosophical Analysis of Feminism*, Ann Arbor, MI: UMI, Doctoral dissertation, Claremont Graduate School, Department of Philosophy, 1991.
- MIRIBEL, E. *Edith Stein-1891-1942: Como Ouro Purificado Pelo Fogo*, Tradução da Profa. Maria do Carmo Wollny, Aparecida, Editora Santuário, SP, 2001.
- MOIX, Y. *Mort et Vie d'Edith Stein*, Paris, Bernard Grasset, 2007.
- MUÑOZ, F.G. *Teresa Benedicta de la Cruz, Edith Stein, Signo de Contradicción* San Pablo, Madrid, 2007.
- NABUCO, M. A. *Edith Stein, Convertida, Carmelita, Mártir*, Petrópolis, Editora Vozes, 1955.
- NEYER, M. A. et MÜLLER, A.U. *Edith Stein, Une Femme dans le Siècle*, Traduit de l'allemande par Françoise Toraille, JC Lattès, 2002.
- _____. *La Beata Edith Stein, Suor Teresa Benedetta della Croce, Immagini e Documenti della sua Vita Roma*, Traduzione di Silvano Giordano, Edizioni o.c.d. 1987

- NOVINSKY, I. "Is conversion possible for a Jew? Reflections on Edith Stein (1891-1942)", Online Proceedings of the Fifteenth World Congress of Jewish Studies, <http://www.jewishstudies.org/ShowDoc.asp?MenuID=49> World Jewish Congress, Jerusalem, August, 2009.
- OBEN, F.M. *An Annotated Edition of Edith Stein's Papers on Woman*, Ann Arbor, MI: University Microfilms, 1979.
- _____. "Edith Stein as Educator", *Thought*, 65, pp. 113-126.
- PAOLINELLI, M. *La Ragione Salvata – Sulla "Filosofia Cristiana" di Edith Stein*, Milano, FrancoAngeli, 2001.
- PAPA JOÃO PAULO II. *Homílias pela Beatificação e pela Canonização de Edith Stein*, in *Em Nome de Deus, em Nome da Igreja, em Nome da Humanidade*, Textos Extraídos do Jornal L'Osservatore Romano, Antonio C.C. Martins e Maria Antonia P.C Figueiredo, Bauru, Coleção Essência, Edusc, 1998.
- PEZZELLA, A. M. *L'Antropologia Filosofica di Edith Stein, Indagine Fenomenologica della Persona Umana*, Roma, Città Nuova, 2003.
- _____. "Sulla Questione Antropologica – E.Stein e E.Husserl – un confronto" In: Shahid, M. e Alfieri, F. (Ed.) *Il Percorso Intellettuale di Edith Stein*, Bari, Edizioni Giuseppe Laterza, 2009. pp. 27- 47.
- POSSELT, T. R. *Edith Stein: Carmelitane Scalze di Arezzo* (Ed.), Brescia, Morseliana, 1952.
- _____. *Edith Stein*, trans. Cecily Hastings and Donald Nicholl, NY, Sheed & Ward, 1952.
- PRZYWARA, E. *Edith Stein et Simone Weil, Essencialisme et Existencialismo – Cahiers Simone Weil t. VI n.3*, Paris, Editions du Cths, 1983.
- RODEHEFFER, J. K. "On Spiritual Maternity: Edith Stein, Aristotle and the Nature of Woman", *American Catholic Philosophical Quarterly* 72 (suppl.), pp. 285-303, 1998.
- RUS, E. "L'Art d'éduquer Selon Edith Stein, Anthropologie, Education, Vie Espirituelle", In: *Cahier d'Études Steinniennes, n. 1*, Paris, Toulouse, Genève, Cerf- Editions du Carmel, Ad Solem, 2008.
- SAFRA, G. *A Estrutura da Pessoa Humana: Estudo de Edith Stein por Gilberto Safra*, DVD, São Paulo, Edições Sobornost, 2007.

- _____. *A Fenomenologia de Edith Stein*, DVD Triplo, São Paulo, Edições Sobornost, 2005.
- _____. *Ser Finito e Ser Eterno*, Curso Completo, DVD, São Paulo, Edições Sobornost, 2003.
- _____. *Uma Clínica e Uma Pedagogia a partir de Edith Stein*, DVD, São Paulo, Edições Sobornost, 2005.
- _____. *O Ser Humano: Corpo, Psique e Espírito, Estudo de Edith Stein por Gilberto Safrá*, DVD, São Paulo, Edições Sobornost, 2006.
- _____. *A Vida em Comunidade, Estudo de Edith Stein por Gilberto Safrá*, DVD, São Paulo, Edições Sobornost, 2007.
- SANTO, M. C. V. *Attualità di Santa Teresa Benedetta della Croce*, Roma Morena, Edizioni OCD, 2004.
- SAVIAN FILHO, J. *O Toque do Inefável: Apontamentos sobre a Experiência de Deus em Edith Stein*, Bauru, Edusc, 2000.
- _____. *Experiência mística e filosofia em Edith Stein*, mimeo.
- SAWICKI, M. *Body, Text and Science: The Literacy of Investigative Practices and the Phenomenology of Edith Stein*, Dordrecht, 1997 – Kluwer Academic Publishers.
- SCAPERLANDA, M. R. *Edith Stein: St. Teresa Benedicta of the Cross*, Huntington, Our Sunday Visitor, 2001.
- SHAHID, M. e ALFIERI, F. (cura di). *Il Percorso Intellettuale di Edith Stein*, Introduzione di Angela Ales Bello, Bari, Edizioni Giuseppe Laterza, 2009.
- VERBILLION, J. *A Critical Analysis of the Educational Theories of Edith Stein*, Dissertation, Loyola University, Typescript.
- VIGONE, L. *Introduzione al Pensiero Filosofico di Edith Stein*, Roma, Città Nuova Editrice, 1991.
- WALTRAUD, H. *Edith Stein: A Biography*, Ignatius Press, 1992.
- WEIBEL, B. *Edith Stein, Prisonnière de l'Amour*, Paris, Pierre Téqui, 1998.

Bibliografia Geral e Auxiliar

- AGAMBEN, G. *Quei Che Resta di Auschwitz, l'Archivio e Testimone* – Turino, Bolatti Boringhieri, 2007, 2a Ed..
- AMATUZZI, M. M. (org.) *Psicologia e Espiritualidade*, São Paulo, Paulus, 2005.
- ARENDT, H. *A Condição Humana*, Introdução de Celso Lafer, São Paulo, Rio de Janeiro, Forense-Universitária, Salamandra Consultório Editorial, Editora da Universidade de São Paulo, 1981.
- _____. *Eichmann em Jerusalém: Um Relato sobre a Banalidade do Mal*, São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- _____. *Homens em Tempos Sombrios*. São Paulo, Cia de Bolso, 2010.
- _____. *Origens do Totalitarismo, Anti-Semitismo, Imperialismo, Totalitarismo*, Tradução de Roberto Raposo, São Paulo, Companhia das Letras, 2011.
- _____. *The Jew as Pariah* – Edited and with an Introduction of Ron H. Feldman – New York, Grove Press, 1978.
- AMÉRY, J. *Par-delà le Crime et le châtiment – Essai pour Surmonter L'insurmontable*, Arles, Babel / Actes Sud, 1995.
- ASHER, A. *A Community under Siege: the Jews of Breslau under Nazism*, Stanford Studies in Jewish History and Culture, Stanford University Press, Stanford, 2007.
- BAEYER-KATTE, W. *Das Zerstörende in der Politik. Eine Psychologie der politischen Grunderintellung*, Heildeberg, Quelle und Mayer, 1958.
- BAUMAN, Z. *Modernidade e Holocausto*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- BELLO, A. A. *Culturas e Religiões, Uma Leitura Fenomenológica*, Edusc, Bauru, 1998.
- _____. *Fenomenologia e Ciências humanas, Psicologia, História e Religião*, Organização e Tradução de Miguel Mahofoud e Marina Massimi, Bauru, Edusc, 2004.
- _____. *Introdução à Fenomenologia*, Tradução de Irmã Jacinta T. Garcia e Miguel Mahfoud, Bauru, Edusc, 2006.
- BENDA, J. *La Trahison des Clercs*, Nouvelle Édition, Paris, Grasset, 1958
- BENJAMIN, W. *The Correspondence of Walter Benjamin*, ed. Gershom Scholem and Theodor Adorno, Chicago, 1994
- BENSOUSSAN, G. *Génocide pour Mémoire*, France, Editions du Felin, 1989.

- BETTELHEIM, B. *Le Coeur Conscient*, Paris, Traduit de l'américain par Laure Casseau, Paris, Éditions Robert Laffont, 1960.
- BLACK, D. M. (ed.) *Psychoanalysis and Religion in the 21st Century*, London and New York, The New Library of Psychoanalysis, Routledge, 2006.
- BLOCH, M. *Apologia da História*, Rio de Janeiro, Zahar, 2002.
- BOSI, E. *O Tempo Vivo da Memória, Ensaios de Psicologia Social*, Cotia, Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, P. *Choses Dites*, Paris, Minuit, 1987, p. 43.
- _____. "L'Illusion Biographique", In : *Actes de La Recherche en Sciences Sociales*, Juin 1986, Paris, pp. 69-72.
- BRAUDEL, F. *A Longa Duração*, São Paulo, Edições Presença, 1982.
- _____. *Choses Dites*, Paris, Minuit, 1987.
- BUBER, M. *Judaïsme*, Paris, Verdier, 1982.
- CARNEIRO, M. L. T. *Holocausto, Crime contra a Humanidade*, São Paulo, Ática, 2002.
- CEYER, M. and BOYER, J. W. (ed.) *Resistance Against the Third Reich, 1933-1990*, Chicago, University of Chicago Press, 1992.
- CERTEAU, M. *Histoire et Psychanalyse entre Science et Fiction*, Paris, Gallimard, 2002.
- COLLOQUE de l'École des Hautes Études em Sciences Sociales: *L'Allemagne Nazie et le Génocide Juif*, Paris, Hautes Études, Gallimard, Le Seuil, 1985.
- COURTINE-DÉNAMY, S. *Hannah Arendt*, Tradução Ludovina Figueiredo, Belfond, Instituto Piaget, 1994.
- DARTIGUES, A. *O que é a Fenomenologia ?* Tradução de Maria José de Almeida, São Paulo, Centauro Editora, 10 edição, 2008.
- DRAÏ, R. *Lettre Ouverte au Cardinal Lustiger sur l'Autre Revisionnisme*. Aix-em-Provence, Editions Alínea, 1989.
- DUPROND, A. "L'Histoire après Freud", In *Revue de l'Enseignement Supérieur*, n.44-45, Paris, 1969, pp. 27-63.
- ERIKSON, E. *Young Man Luther, a Study of Psychanalysis and History*, New York, Norton, 1958
- FACKENHEIM, E. *Penser après Auschwitz*, Collection "La Nuit Surveillée". Paris, Cerf, 1986.

- FELMAN, S. and LAUB, D. *Testimony: Crises of Witnessing in Literature, Psychoanalysis and History*, London, Routledge, 1991.
- FIGUEIREDO, L. C. *As Diversas Faces do Cuidar – Novos Ensaios de Psicanálise Contemporânea*, São Paulo, Escuta, 2009.
- FLEISCHNER, E. *Auschwitz: Beginning of a New Era? Reflections on the Holocaust*, New York, Cathedral Church of the Divine, 1977.
- FINKIELKRAUT, A. et LÉVY, B. *Le Livre et les Livres, Entretiens sur la Laïcité*, Textes reunis et annotés par Gilles Hanus, Lagrasse, Éditions Verdier, 2006.
- FLORENSKY, P. *The Pillar and the Ground of the Truth – an Essay in Orthodox Theodicy in Twelve Letters*, Translated and Annotated by Boris Jakim, with an Introduction by Richard F. Gustafson, New Jersey and Oxfordshire, Princeton University Press, 1997.
- FREUD, S. “Construções em análise” (1937), In *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, vol. XXIII, 1969.
- FRIEDLÄNDER, S. *Reflexions on Nazism – An Essay on Kitsch and Dead*, New York, Harper & Row, 1984.
- _____. (Org.) *Probing the Limits of Representation. Nazism and the Final Solution*, Cambridge, Mss./London, Harvard University Press, 1992.
- _____. *The Years of Presecution, Nazy Germany and the Jews, 1933-1939*, London, Orion Books, 2007.
- GADAMER, H.- G. *Truth And Method.*, Revised ed, Translation Revises by Joel Weinsheimer and Donald Marshall, New York, Continuum, 2004.
- _____. *Philosophical Hermeneutics*, Berkeley, University of California Press, 1977.
- GALIMBERTI, U. *Psyche e Techné. O Homem na Idade da Técnica*. Tradução de José Maria de Almeida, São Paulo, Paulus, 2006.
- GAY, P. *My German Question: Growing Up in Nazi Berlin*, New Haven & London, Yale University Press, 1998.
- _____. *Freud para Historiadores*, São Paulo, Paz e Terra, 1989.
- GILBERT, M. *O Holocausto, Uma Historia dos Judeus da Europa na Segunda Guerra Mundial*, Tradução de S. Feldberg e N. Rozenchan, Ed. Hucitec, 2010.
- GILMAN, S.L. *Inscribing the Other*. Lincoln, University of Nebraska Press, 1991.
- GUINSBOURG, C. *Mitos, Emblemas e Sinais*, São Paulo, Cia das Letras, 1989.
- HELLER, A. *O Cotidiano e a História*, São Paulo, Paz e Terra, 2004.

- HILBERG, R. *Holocauste: Les Sources de l'Histoire*, Paris, Editions Gallimard, 2001.
- HILDEBRAND, A. *The Soul of a Lion*, San Francisco, Ignatious Press, 2000.
- HOFMANNSTHAL, H. von. *Das Schrifttum als geistiger Raum der Nation*, München, Bremer Presse, 1927
- JONAS, H. *Le concept de Dieu après Auschwitz*, Paris, Payot, 1994.
- JESUS, Sta. Teresa de *Livro da vida*, São Paulo, Paulus, 2003.
- JOHNSON, E. A. *La Terreur Nazie, La Gestapo, Les Juifs et Les Allemands ordinaires*, Paris, Albin Michel, 2001.
- KAFKA, A. *La Force du Refus, Philosophes après Auschwitz*, Paris, Ed. Harmattan, 1995.
- LACAN, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1998.
- LAFER, C. "Hanna Arendt: Vida e Obra", Pós-facio In Arendt, H. *Homens em Tempos Sombrios*, São Paulo, Cia de Bolso, 2010.
- LANZMANN, C. *Shoah, le film : des Psychanalistes Écrivent*, Paris, Jacques Grancher, 1990.
- Le GOFF, J. e NORA, P. *História, Novos Problemas* – Rio de Janeiro, Francisco Alves, s/data.
- LEVALLOIS, A. *Une Psychanalyste dans l'Histoire*, Paris, Editions Champagne Première, 2007.
- LEVI, G. "Les Usages de la Biographie", *Histoire et Sciences Sociales, Un Tournant Critique*, Paris, Annales ESC, nov-déc 1989.
- LEVI, P. *Si C'est un Homme*, Paris, Julliard, 1990.
- LÉVINAS, E. *De l'Existence à l'Existant*, Paris, Fontaine, 1947
- _____. *Totalité et Infini - Essai sur l'extériorité*, Paris, Le Livre de Poche, Kluwer Academic, 1971.
- _____. *Ética e Infinito*, Lisboa, Edições 70, 2000.
- LISPECTOR, C. *Um Sopro de Vida*. Rio de Janeiro. Rocco, 1999
- MACK, P. and BARTOW, O. (Ed.). *In Gods Name - Genocide and Religion in the Twentieth Century*, Oxford and New York, Berghahn Books, 2001.
- MASSIMI, M. "A Fonte Autobiográfica como Recurso para a Apreensão do Processo de Elaboração da Experiência na História dos Saberes Psicológicos", *Memorandum*, 20, pp. 1130, 2011. <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a20/massimi05>.

- MORIN, E. *O Mundo Moderno e a Questão Judaica*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.
- _____. “Judeu: adjetivo ou substantivo”, In: *O Mundo Moderno e a Questão Judaica*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007, pp.167-180.
- MORIN-ROTUREAU, E. *1939-1945: Combats des Femmes*, Lyon, Editions Autrement Memories, 2001.
- MOSSE, G. L. *The Crisis of German Ideology - Intellectual Origins of the Third Reich* - New York, The Universal Library, Grosset et Dunlap, 1964.
- NEWMAN, J. *Briefe und Tagebücher bis zum Übertritt zur Kirche*, Theatiner Verlag, München, 1928.
- NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*, Tradução de Paulo César de Souza, São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Assim Falava Zaratustra*, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 2008.
- NOVINSKY, A. “Inquisição e Nazismo, Reflexões e Paralelos”, curso de Pós-Graduação em História Social, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, 2008.
- NOVINSKY, I. “Reflexões Psicanalíticas sobre Tolerância”, *Revista Portuguesa de Psicanálise*, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Psicanálise, 30 (2), Julho a Dezembro de 2010, pp. 91-116.
- _____. “A Phenomenological and Psychoanalytical Approach to Anti-Semitism”, in *Global Anti-Semitism: A Crisis of Modernity*, New Haven, Yale University, (no prelo).
- OSTERREICHER, J. M. *Walls Are Crumbling: Seven Jewish Philosophers Discover Christ*, The Devin Adair Company, N. Y., 1952.
- PARENS, H. and al.(Ed.). *The Future of Prejudice – Psychoanalysis and The Prevention of Prejudice*, Laham, Boulder, New York, Toronto, Plymouth, UK, Rowman & Littlefield Publ. Inc., 2007.
- POIRIÉ, F. *Emmanuel Lévinas: Ensaio e Entrevistas*, Tradução de J.Guinsburg, Marcio Honorio de Godoy e Thiago Blumenthal, São Paulo, Editôra Perspectiva, 2007.
- POLIAKOV, L. *Les Totalitarismes du XXème Siècle*, Paris, Ed. Fayard, 1987.
- PROUST, M. *O Tempo Reencontrado* – Lisboa, Ed. Relógio d’Água, s/d.

- RAHDEN, T. *Jews and Other Germans – Civil Society, Religious Diversity and Urban Politics in Breslau, 1860-1925* - Translated by Marcus Brainard, George L. Moss Series, Madison, Wisconsin, University of Wisconsin Press, 2008.
- RÉMOND, R., (Ed.). *Pour une Histoire Politique*, Paris, Seuil, 1988.
- RINGER, F. K. *O Declínio dos Mandarins Alemães - a Comunidade Acadêmica Alemã 1890-1933*, São Paulo, Edusp 2000.
- SAFRA, G. *A Po-ética na Clínica Contemporânea*, Aparecida, Idéias e Letras, 2004.
- _____. *A Hermenêutica na Situação Clínica, o Desvelar da Singularidade pelo Idioma Pessoal*, São Paulo, Edições Sobornost, 2006.
- _____. *A Face Estética do Self, Teoria e Clínica*, São Paulo, Unimarco, 1999.
- SCHOLEM, G. *De Berlim a Jerusalém, Recordações da Juventude*, São Paulo, Perspectiva, 1991
- _____. *Le Messianisme Juif, Essais sur la Spiritualité du Judaïsme*, Préface, Traduction, Notes et Bibliographie par Bernard Dupuy, Paris, Calman-Lévy, 1974.
- SELIGMANN SILVA, M. – *Auschwitz: História e Memória*, In Pro-Posições, Vol. I, n. 5, Julho 2000, pp. 78-87.
- _____. *O Local da Diferença. Ensaio sobre Memória, Arte, Literatura e Tradução*, Rio de Janeiro, Ed. 34, 2005.
- SMITH, P. "Luther's Early Development in the Light of Psycho-analysis", In *American Journal of Psychology*, 24, pp. 360-377.
- SORLIN, P. *L'Antisemitisme Allemande*, Paris, Flammarion, 1969.
- STERN, F. (Org.) *The Path to Dictatorship 1918-1933, Ten Essays by German Scholars*, New York, Anchor Books, 1966.
- _____. *Politique et Désespoir – Les Ressentiments Contre la Modernité dans l'Allemagne Préhitlérienne*, Paris, Armand Colin, 1961.
- STRAUSS, L. *Jewish Philosophy and the Crisis of Modernity – Essays and Lectures in Modern Jewish Thought*, Edited with an Introduction by Kenneth Hart Green, Albany, State University of New York Press, 1997.
- TORRE, D. *Clarice Lispector, Da Solidão De Não Pertencer à Quarta Dimensão*, São Paulo, Nankin Editorial, 2009.
- TRAVERSO, E. *La Violence Nazie: Une Ideologie Européenne*, Paris, Éditions La Fabrique, 2002.

- _____. *Les Juifs et l'Allemagne – de La “Symbiose Judeo-Allemande” á la Memoire d'Auschwitz*, Paris, Editions La Decouverte, 1993.
- TURNER, F.M. (Org.) *Newman e a Ideia de uma Universidade*, Tradução de Gilson César Cardoso de Souza, Bauru, EDUSC, 2001.
- VIDAL-NAQUET, P. *Les Temps, la Memoire et le Present*, Paris, Editions La Decouverte, 1961.
- _____. *“Les Assassins de la mémoire” Um Eichmann de papier” et Autres Essais sur le Revisionisme*, Paris, La Decouverte, 1987.
- WALTHER, G. *Phänomenologie der Mystik*, Walther Verlag, Olten-Freiburg I, Br, 1955.
- WEBER. M. *Economia e Sociedade*, 2 vols., Editora UNB, 1994 e 1999.
- WEHLER, H - U. *The German Empire 1871-1918*, New York, Berg Publishers, 1989.
- WEIL, S. *A Condição Operária e outros estudos sobre a opressão*, organizadora Ecléia Bosi, Seleção e apresentação de Ecléia Bosi, Tradução de Therezinha Gomes Garcia Langlada, Rio de Janeiro, Editôra Paz e Terra, 1996.
- WEIL, S. *O Enraizamento*, Tradução de Maria Leonor Loureiro, Bauru, EDUSC, 2001.
- WIESEL, E. *Kadish: Histórias do Holocausto*, Empresa Brasileira de Leitura e Comunicação, 1995.
- _____. *Palavras de Estrangeiro*, Tradução Celina Portocarrero, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1984.
- WINNICOTT, W. D. *O Brincar e a Realidade*, Rio de Janeiro, Imago Editôra, 1975.
- _____. *Natureza Humana* – Rio de Janeiro, Imago Editôra, 1990.
- YOUNG-BRUEHL, E. *Hanna Arendt, For the Love of the World*, New Haven and London, Yale University Press, 1982.
- ZWEIG, S. *O Mundo que Eu Vi*. Tradução de Lya Luft, Rio de Janeiro e São Paulo, Editora Record, 1999,
- _____. *The World of Yesterday*, Introduction by H. Zohn, University of Nebraska Press, Lincoln and London, 1964.

- Obra de referência :

Encyclopaedia Judaica. Michael Berenbaum and Fred Skolnik, eds. 2nded. Detroit: Macmillan Reference USA, 2007.

ANEXOS

Anexo I - Principais Acontecimentos da Vida de Edith Stein

12 de outubro de 1891	Nascimento em Breslau no <i>Yom Kipur</i>
10 de julho de 1893	Morre o seu pai, Sigfried Stein
12 de outubro de 1897	Entra na escola Viktoria de Breslau
1906	Crise na adolescência, deixa a escola
1906 - 1907	Estadia com a irmã Else e família em Hamburgo
1908-1911	Retoma os estudos na Oberlyceum da escola Viktoria
1911	<i>Abitur</i> (diploma do fim dos estudos secundários) em Breslau, com distinção.
1911- 1913	Estudos na Universidade de Breslau: alemão, história, psicologia e filosofia.
1913-1915	Estudos na Universidade de Göttingen: filosofia, alemão e história.
Janeiro de 1915	Graduação em Göttingen, com distinção.
1915	Voluntária como enfermeira da Cruz Vermelha alemã no hospital militar de Mährisch-Weisskirchen
1916	Professora suplente em Breslau
1916	Doutorado em Freiburg, com <i>summa cum laude</i>
1916-1918	Assistente do Professor Edmund Husserl em Freiburg
1917	Publicação de <i>Sobre a Empatia</i> , sua tese de doutorado; monografias diversas, tentativas de obtenção de um lugar da universidade
	16 de novembro – morre Adolf Reinach, em Flandres
1918	Participa do Partido Democrático Alemão
1919	Tenta conseguir um lugar na Universidade de Göttingen, Freiburg e Kiel, sem sucesso. Com a República de Weimar, as mulheres passam a ter direito a voto e à igualdade
1920	Crise interior; Casamento de sua irmã Erna com Hans Biberstein

1921	Publicação das obras de A. Reinach preparadas por Edith Stein. Estudo de Teresa d'Ávila
1º de janeiro de 1922	Decide-se pela conversão ao Catolicismo. Batismo e primeira comunhão na igreja paroquial São Martin de Bergzabern
2 de fevereiro	Confirmação na capela privada do bispo de Speyer Publicação de seus trabalhos no <i>Anuário de Filosofia e Investigação Fenomenológica</i> .
1923-1931	Professora no liceu para moças e no Instituto para formação das professoras das irmãs dominicanas de Sta Madalena, Speyer. Traduções e outros escritos. Conferências em simpósios e congressos pedagógicos em Praga, Viena, Salzbourg, Bâle, Paris, Münster, Bendorf
1925	Traduz para o alemão o <i>Diário</i> e as <i>Cartas</i> do Cardeal John Henry Newman; Publica no <i>Anuário</i> seu estudo "Uma Investigação sobre o Estado"
1927	Participa da Associação de Professoras Católicas da Baviera; morte de seu diretor espiritual vigário J. Schwind
1928	Conferências sobre a questão feminina e sobre a educação católica por toda Alemanha e países vizinhos; tradução de <i>De Veritate</i> de Tomás de Aquino.
1929	Publica no <i>Anuário</i> seu estudo comparativo entre Tomás de Aquino e Edmund Husserl
1930	Conferências em Nuremberg, Salzburg, Speyer, Bendorf, Heildeberg sobre a questão feminina
1931	Tenta novamente uma cátedra universitária sem sucesso. Conferências em vários lugares. Publicação do primeiro volume da sua tradução das <i>Quaestiones Disputatae de Veritate</i> , de Tomás de Aquino
1932-1933	Docente no Instituto Alemão de Pedagogia Científica, Münster. Diversas conferências por toda Alemanha e Suíça. Participa do Congresso Internacional Tomista de Juvicy (Paris). Publicação do segundo volume da sua

	tradução de Tomás de Aquino, <i>Quaestiones Disputatae de Veritate</i>
Janeiro de 1933	Hitler chega ao poder, e é ratificado pelas eleições de março
Abril de 1933	Publicação da lei que proíbe a presença de judeus em cargos públicos. Demissão do posto de docente no Instituto
14 de Outubro de 1933	Entra no Carmelo de Colônia.
15 de Abril de 1934	Toma o hábito com o nome de Teresa Benedita da Cruz. Tem permissão para continuar seu estudo <i>Ser Finito e Ser Eterno</i> . Publicação sobre Teresa d'Ávila, entre outras
21 de Abril de 1935	Votos temporários, profissão por três anos
1936	Batismo de sua irmã Rosa
Abril de 1938	Votos definitivos. Morre E. Husserl. Publica artigos sobre a história do Carmelo
31 de Dezembro de 1938	Transferência para o Carmelo de Echt, Holanda
1939	Se oferece pela paz ao Sagrado Coração. Escreve seu Testamento. Sua irmã Rosa chega a Echt. Alemanha invade a Polônia e tem início a Segunda Grande Guerra. Alguns de seus familiares emigram para os Estados Unidos e Colômbia
1940	Holanda é ocupada pelas tropas de Hitler. Tentativa de emigração para a Suíça
1941	Escreve trabalho sobre Dionísio Aeropagita. Começa a escrever <i>A Ciência da Cruz</i> . Seus irmãos Frida e Paul com sua esposa e filha são deportados para o campo de concentração de Theresienstadt, onde morrem em 1942.
Abril de 1942	Rosa e Edith são registradas como judias pela Gestapo
26 de Julho de 1942	Leitura de carta pastoral condenando a deportação dos judeus em todas as igrejas católicas holandesas
2 de Agosto	Represália: prisão de todos os católicos de ascendência judaica, entre eles Edith e Rosa Stein. Transferência para o campo de trânsito de Ameersfoort, depois para o campo de Westerbork

7 de Agosto	Deportação de Westerbork para o Oeste
9 de Agosto	Chegada a Auschwitz; morte na câmara de gás de Birkenau.
1945	Alemanha se rende e termina a guerra. O Carmelo de Colônia inicia as buscas de Edith.
1948	É publicada a primeira biografia de Edith Stein, por M. Teresa Renata Posselt.
1950	Início da publicação de suas obras completas em alemão
1962	Abertura do processo de beatificação de Edith Stein pelo Cardeal Josef Frings, arcebispo de Colônia
1º de Maio de 1897	Beatificação de Edith Stein pelo Papa João Paulo II em Colônia, Alemanha
11 de Outubro 1998	Canonização de Edith Stein pelo Papa João Paulo II, em Roma
1º de Outubro de 1999	O Papa João Paulo II proclama Santa Brigitte da Suécia, Santa Catarina de Sienna e Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein) co-patronas da Europa.

Anexo II – Genealogia de Edith Stein³²⁴

³²⁴ BATZDORFF, S. – *Edith Stein, Ma tante...Op.Cit.*, p.22.

Anexo III – Um Guia Aproximado do Mundo de Edith Stein³²⁵

³²⁵ STEIN, E. *LJF*, p. 549.

Anexo IV – Documento: “Informação da Cruz Vermelha Holandesa sobre a morte de Edith Stein”³²⁶

INFORMATIEBUREAU VAN HET NEDERLANDSCHE ROODE KRUIS

Jan Kwartstraat 3, 's-Gravenhage

Telefoon: 164300

Abteilungsdire
Jüdischer Angelegenheiten

's-Gravenhage, 2.Juni 1958.

Booster Nr.: 100796
Ihr Jahr.vom 16.5.58.

BESCHREIBUNG

Untersuchter, Chef des Abteilungsdes Jüdischer Angelegenheiten
des Informationsdes des Niederländischen Roten Kreuzes, bestätigt
hierdurch, dass laut in den Archiven dieses Büros befindlichen Unterlagen

Edith Teresia Hedwig STEIN

geboren am: 12.Oktober 1891

in: Breslau

letzter Wohnort: Kloster der Karmelitinnen, Naveneststraat 48, Boht
(Holland)

aus rassistischen Gründen und zwar wegen jüdischer Abstammung am
2.August 1942 in Boht verhaftet, über das K.L.Amsterdam (Holland)
am 3.August 1942 ins K.L.Vesterboorn (Holland) eingeliefert und
am 7.August 1942 von K.L.Vesterboorn nach dem K.L.Auschwitz
deportiert wurde.

Obengenannte Person gilt als gestorben am 9.August 1942 *)
in Auschwitz.

Im 16.Februar 1950 ist beim Standesamt in Boht
laut Bekanntgabe im niederländischen Staatsanzeiger gleichen Datums **)
von der amtlichen Kommission od. hoc im niederländischen Justizministerium
Anzeige gemacht worden vom Ableben der in dieser Bescheinigung erwähnten
Person. Sobald die gesetzlich vorgeschriebene dreimonatliche Frist von
diesem Datum an gerechnet verstrichen ist, erfolgt Einspruch vorbehalten,
die Ausstellung der Sterbeurkunde und sind beglaubigte Abschriften beim
obenverwähnten Standesamt erhältlich.

- *) Von Amts wegen auf Grund
Schlussfolgerungen abgemacht.
Am letztgenannten Todesdatum
Individuum + oben beschriebener
Todesdatum nicht übereinstimmend
Modell J. 602

- **) In diesem Staatsanzeiger ist infolge
eines Druckfehlers der 9.August 1942
als Todesdatum angegeben. In der
Sterbeurkunde beim Standesamt ist
aber das richtige Datum eingetragen.

³²⁶ Archive n. 270G, microfilm n. 573 – 14293 e 14375, Yad Vashem, Jerusalém, Israel.